

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

ENTRE PASSADO E FUTURO

Bilinguismo em uma comunidade
trentino-brasileira



0.205.353-6

UFSC-BU

IVETTE MARLI BOSO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
FLORIANÓPOLIS 1991

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGUÍSTICA

ENTRE PASSADO E FUTURO

Bilinguismo em uma comunidade
trentino-brasileira

Dissertação apresentada ao curso de Pós-
Graduação em Letras/Linguística da Uni-
versidade Federal de Santa Catarina como
parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Linguística

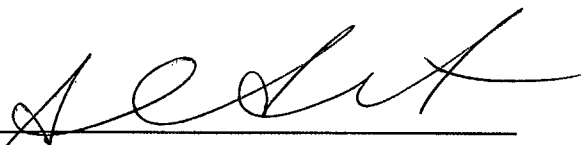
IVETTE MARLI BOSO

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 1992

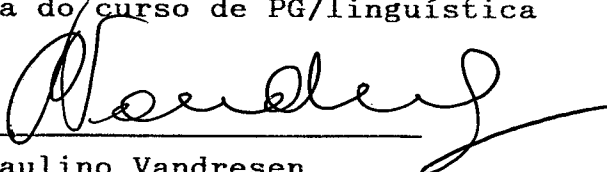
Esta dissertação foi julgada adequada
para a obtenção do grau de

MESTRE EM LINGUÍSTICA

na área de Linguística Aplicada e aprovada
em sua forma final pelo programa de Pós-
Graduação em Letras/Linguística



Alexandra Aikhenvald Angenot
Coordenadora do curso de PG/linguística



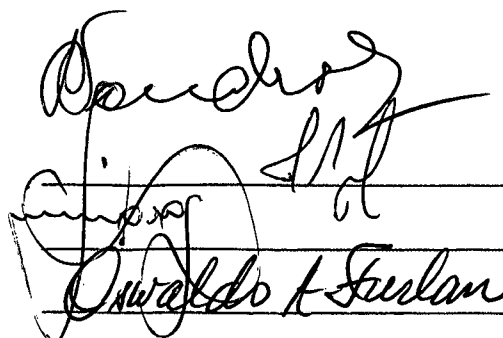
Paulino Vandresen
Orientador

BANCA EXAMINADORA

Dário Pagel

Felício W. Margotti

Oswaldo Furlan



a Renzo

"Como era difícil naquela época! Todos os alunos eram italianos. Eu conversava às vezes em brasileiro com eles e eles respondiam em italiano... mas naquele italiano mal-expressado (...). Muitas vezes tinha que dizer a palavra em italiano e depois em português. Eles falavam "formai" e eu dizia que era "queijo". Às vezes com alguns era bem mais difícil, então eu sentava, falava italiano, depois repetia devagar em brasileiro (...).

E vinha o inspetor (...) e pedia para não falar italiano com os alunos. Incentivava a gente a falar o brasileiro, porque nascemos no Brasil. E a gente pedia às crianças: «Olhem, não se pode falar em italiano, é proibido!» - mas no recreio era a única língua que falavam. Eram chamadas então as mães dos alunos para conversar com o professor. As mães vinham na sala de aula e falavam também em italiano: «Noialtri chi parlen tuti en talian» - diziam as mães e eu respondia em brasileiro". (entrevista registrada com O. Piazza, Nova Trento, Novembro 1990)

AGRADECIMENTOS

Renzo Grosselli

Paulino Vandresen

Andyara Mylla Boso

Maria Teresa Arrigoni

Neusa Boso Zanluca

Afonso Gon

Adilson Tridapalli e Roseleni Giacomelli

e ainda:

Giles Lother Istre

Jean Pierre Angenot

Hilda Vieira

Lorenzo Coveri

os informantes

ÍNDICE GERAL

Capítulo I: DE TRENTO À NOVA TRENTO

1.	<i>Imigração</i>	
1.1	Algumas considerações	11
1.2	Dialetos italianos no Brasil	17
1.3	Italianos e ítalo-brasileiros em SC	20
2.	<i>Língua e dialeto</i>	
2.1	Monolinguismo-bilinguismo	28
2.2	As campanhas de nacionalização	45
2.3	Vida ou morte?	61
3.	<i>A "velha" Trento na Nova Trento</i>	
3.1	Quem chegou	67
3.2	Como eram	74
3.3	Igreja e escola	80
4.	<i>Panorama linguístico de Nova Trento</i>	
4.1	Dialetos trentinos	108
4.2	Classificação dos dialetos trentinos	111
4.3	Dialetos trentinos em Nova Trento	114

Capítulo II: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

1º	Bilinguismo dos pais	142
2º	Bilinguismo dos alunos	153
1º	Uso do dialeto x composição étnica	176

Capítulo III: A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

1. <i>Introdução</i>	181
2. <i>Apresentação e análise dos dados</i>	
2.1 Dados pessoais	189
2.2 Situação linguístico-familiar	199
2.3 Funções	209
2.4 Exposição aos meios de comunicação	221
2.5 Atitudes e opiniões	223

Capítulo IV: O VOCABULÁRIO DIALETAL DE NOVA

TRENTO

1. <i>Introdução</i>	235
2. <i>Fluência do dialeto italiano</i>	237
3. <i>Lista e análise dos vocábulos</i>	239
3.1 Partes do corpo humano	241
3.2 Roupas, calçados	246
3.3 Instrumentos de trabalho	251
3.4 Animais, aves, insetos	255
3.5 Frutas, verduras	257
3.6 Cozinha, casa	260
3.7 Família	264
3.8 Dias, meses, números	267
4. <i>Percentuais de acertos</i>	269
5. <i>Últimas considerações</i>	275

Capítulo V: LÍNGUA E ESCOLA

Estigmatização do dialeto.	
Implicações pedagógicas	283

Apêndice

Bibliografia

ÍNDICE MAPAS

Mapa 1: SC-Zonas de colonização européia	22
Mapa 2: SC-Presença de ítalo-brasileiros	27
Mapa 3: Trentino-Classificação dos dialetos segundo Battisti	112
Mapa 4: Trentino-Classificação dos dialetos segundo Tomasini	113
Mapa 5: NT-Linhas iniciais	130
Mapa 6: NT-Localidades atuais	134
Mapa 7: NT-Bilinguismo dos adultos	152
Mapa 8: NT-Bilinguismo das crianças	180

SUMMARY

This dissertation examines a bilingual community in the south of Brazil, colonized by Italian (Trentino) immigrants from 1875 on. The community, which lives in Nova Trento, Santa Catarina, is in a complex bilingual situation where linguistic behaviour with relation to the language or dialect varies from community to community.

The first and second parts include some historical considerations on Trentino immigration in the south of the country, accompanied by a ethno-linguistic "map" of Nova Trento which shows at what stage of dialect acculturation each of the twenty-four places is.

In the next part, through an analysis of communication networks, the factors responsible for the conservation or the disappearance of the dialect in two distinct areas are identified: in the more bilingualism rural area and in the urban one. There then follows a linguistic treatment which checks the dialect fluidity in each of the groups being examined.

In the conclusion there are some considerations on the "problems" that bilingualism involves, especially those of a psycho-pedagogic nature.

RIASSUNTO

Questa tesi esamina una comunità bilingue del sud del Brasile, colonizzata da immigrati italiani (trentini) sin dal 1875. Si tratta del Comune di Nova Trento, Santa Catarina, che presenta una situazione di bilinguismo complessa, in cui il comportamento linguistico in relazione alla lingua o al dialetto varia a seconda della località.

La prima e seconda parte comprende alcune considerazioni storiche sull'immigrazione trentina nel sud del paese, accompagnate da una "mappa" etnico-linguistica di Nova Trento che mostra in quale fase di acculturamento dialettale si trova ognuna delle ventiquattro località.

Nella parte seguente, attraverso un'analisi delle reti di comunicazione, si identificano i fattori responsabili della conservazione o della sparizione del dialetto in due aree ben distinte: quella rurale con maggior grado di bilinguismo e in quella urbana. Segue una trattazione propriamente linguistica, che verifica la fluidità dialettale di ogni gruppo di informatori.

Nella conclusione vengono fatte alcune considerazioni sui problemi che comporta una situazione di bilinguismo, in particolar modo quelli di carattere psico-pedagogico.

RESUMO

Esta dissertação estuda uma comunidade bilingue do sul do Brasil, colonizada por imigrantes italianos (trentinos) a partir de 1875. Trata-se do município de Nova Trento, Santa Catarina, que apresenta uma configuração bilingue complexa, onde o comportamento linguístico em relação à língua ou ao dialeto varia nas diversas comunidades.

A 1ª e a 2ª partes apresentam algumas considerações históricas sobre a imigração trentina no sul do país, acompanhadas por um "mapeamento" étnico-linguístico de Nova Trento, que demonstra em quais fases de aculturação dialetal se encontra cada uma das suas vinte e quatro localidades.

Na parte seguinte, através da análise das *redes de comunicação*, procuramos identificar quais os fatores responsáveis pela manutenção ou desaparecimento do dialeto italiano em duas áreas distintas: a rural de maior grau de bilinguismo em confronto com a urbana. A esta etapa, segue um estudo propriamente linguístico, que verifica a fluência dialetal em cada grupo de informantes.

Por fim, foram feitas algumas considerações sobre os "problemas" que uma situação bilingue comporta, especialmente aqueles de caráter psico-pedagógico.

INTRODUÇÃO

Morando em Nova Trento, brincando e crescendo nessa cidadezinha, e amando-a, nada se percebe. É saindo, "indo embora" e falando com gente de outros lugares, da cidade grande, gente não-trentina, que se sente que Nova Trento é diferente. Diferente na sua simplicidade, nos hábitos alimentares, nos seus valores, na ingenuidade e, especialmente, na sua língua. Quando um neotrentino abre a boca, reconhece-se imediatamente a sua origem, mesmo quando fala o "brasileiro". O caráter misturado da língua dos descendentes de imigrantes italianos é ali bastante evidente e se dá em todos os níveis.

É convivendo e conversando com pessoas idosas e camponesas de pequenos lugarejos de certos vales do Trentino, que se sente que a gente de Nova Trento é igual. Igual no modo de fazer e de pensar, no de comer e se vestir e, especialmente, no de falar.

São estes aspectos, além da curiosidade e da paixão por certos fatos linguísticos, que me levaram à escolha do tema e do objeto de estudo: o dialeto de Nova Trento. Pensei também na autenticidade da escolha, já que nenhum estudo de

caráter sociolinguístico foi feito até o momento nessa área.

O objetivo geral da minha pesquisa é exatamente este: o de analisar a situação bilingue desse município, fundado e colonizado por imigrantes do norte da Itália, da região do Trentino, a partir de 1875 e que ainda hoje apresenta uma composição étnico-linguística bastante semelhante àquela de origem.

Aparentemente uma empresa simples, não o foi no decorrer das pesquisas e análises. Nova Trento, apesar de pequeno como território e população, apresenta uma configuração linguística complexa, cujo comportamento bilingue varia de grau e função de localidade a localidade. Assim, após uma primeira parte dedicada as considerações de caráter histórico, um dos primeiros objetivos específicos do trabalho foi o de fazer um *mapeamento bilingue* do município, verificando em que nível de aculturação linguística se encontra cada uma de suas 24 localidades. Este passo nos levou a concluir quais as comunidades que mais conservaram o dialeto após 115 anos de colonização e quais, opostamente, apresentam-se nas fases finais de um longo processo de aculturação. Para a composição desse mapa, utilizamos dois procedimentos metodológicos:

a) um confronto entre a composição étnica do início da ocupação das localidades X a composição étnica atual. O primeiro elemento foi colhido em documentos sobre a imigração no município e o segundo, em um recenseamento que fizemos junto à prefeitura e a outros órgãos municipais;

b) um questionário, inspirado em Mackey, aplicado às crianças de origem italiana de todas as escolas do interior do município e do centro urbano.

Estes dois procedimentos forneceram muitas informações sobre a configuração bilingue de cada localidade.

Além de se verificar as áreas de maior concentração de uso do dialeto, outra conclusão a que chegamos nesta etapa do trabalho foi a de determinar que tipos de dialetos trentinos são ali falados, além de identificar as áreas de composição étnico-linguística alemãs, polonesas e "brasileiras".

Num segundo momento, aplicamos outro questionário com o objetivo de avaliar os padrões que determinam a escolha de uma ou de outra língua. Trata-se de um questionário sociolinguístico com base naqueles idealizados por Dorian, Fishman, Gal, Blom e Gumperz, entre outros, que procura explicar o processo de manutenção ou de desaparecimento do

dialeto através da análise das redes de comunicação. Desta vez, a amostra foi composta por dois grupos de informantes: um da área rural de maior influência bilingue e o outro, da área urbana. A análise dos fatores que levam ao uso de um ou de outro código em diferentes situações mostrou que a escolha linguística não é feita pela decisão arbitrária do falante, mas depende de fatores sociais.

Por fim, foram aplicadas listas de palavras, com o objetivo de medir - em número de acertos - a competência linguística de cada grupo de falantes no campo do vocabulário dialetal. Para a verificação dos acertos, servimo-nos de um confronto das respostas dos nossos informantes neotrentinos com aquelas de alguns informantes trentinos, já que as mesmas listas de palavras aplicadas em Nova Trento foram reaplicadas nas localidades de Besenello, Telve e Vigolo-Vattaro, localidades que deram um enorme número de imigrantes a Santa Catarina. Além do número de acertos, este confronto nos permitiu outras informações, como as de verificar: termos ainda usados em Nova Trento e que já perderam o seu uso na Itália; a fidelidade em relação a língua de origem; o processo consciente da mudança linguística; os empréstimos ou adaptações.

Concluindo, fizemos algumas considerações sobre alguns problemas, especialmente de caráter pedagógico, que uma situação bilingue comporta. Através da análise de redações de crianças e de entrevistas com professores, verificamos o quanto é evidente o caráter "misturado" da língua desses pequenos bilingues quando falam o português e o quanto, por esse motivo, eles são alvo de incompreensão e de ridicularização. A estigmatização do dialeto por parte dos colegas na escola e a incapacidade de análise dos problemas de interferências linguísticas por parte dos educadores é um fato que existe, que deve ser divulgado e resolvido. A problemática de uma situação de culturas e línguas em contato, como é o caso daquela de Nova Trento, precisa ser estudada, a fim de não permitir que a interferência ou que o domínio de duas línguas sejam vistos ou sentidos em modo negativo, especialmente no campo da alfabetização.

CAPÍTULO I: DE TRENTO À NOVA TRENTO

1. Imigração

1.1 Algumas considerações

Não existe uma "raça" brasileira. Existe sim uma população brasileira resultado da miscigenação do indígena (nativo) com o português vindo na época do "descobrimento", com o negro africano do período da escravidão e com o imigrante europeu vindo no final do século passado e início deste. Da mesma forma, pode-se dizer que não existe uma única língua brasileira. À parte as variantes regionais e sociais do próprio português, a presença destas diversas etnias resultou num quadro variado de línguas, falares e dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial. É o caso das línguas

índigenas no norte, centro-oeste e sul do país¹ ou dos inúmeros dialetos europeus (italianos, alemães, e eslavos) no sudeste e, em particular, no sul. Línguas e dialetos que vivem com o português em uma situação de contato e de confronto. E de mudança. É um processo natural: duas línguas que coexistem em uma mesma comunidade se interrelacionam e se transformam.

Dos grupos étnico-linguísticos europeus, um dos mais significativos em contato com o brasileiro é o italiano. Basta pensar que, do início do século passado a metade deste, o Brasil recebeu em torno de 5 milhões de imigrantes, dos quais 1,5 milhões eram italianos.²

São vários e complexos os fatores que instigaram os movimentos emigratórios europeus.³

1 Quando iniciou a colonização portuguesa no Brasil, existiam em todo o território centenas de línguas indígenas. E segundo algumas estatísticas de antropólogos e linguistas, ainda hoje se falam de 150 a 170 línguas indígenas no território nacional, especialmente na Bacia Amazônica, usadas por uma população de aproximadamente 200.000 índios, cit. Vandresen: "Contatti linguistici in Brasile-tedesco, italiano e portoghese" in *Parallela 3*, Atti del 4º Incontro italo-austriaco dei linguisti a Vienna, GNV, Vienna, 1986.

2 J. F. Carneiro: *Imigração e Colonização no Brasil*, Faculdade Nacional de Filosofia, RJ, 1950. Carneiro, em uma estatística que compreende os anos de 1819 a 1947, apresenta um número total de imigrantes de 4.903.991, dos quais 1.513.151 italianos.

3 Sobre as causas do processo da emigração europeia e, especialmente, italiana ver: E. Sori: *L'emigrazione italiana dall'Unità alla seconda guerra mondiale*, Il Mulino, Milano, 1979; A. Franzina: *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX*, Marsilio, Padova, 1976; R. M. Grosselli: *Vincere o Morire. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte I: Santa Catarina 1875-1900*, Provincia Autonoma di Trento, Trento, 1986 (Trad. port. Mioranza e Luques)

Entre eles está o advento do sistema capitalista de produção, com consequentes mudanças no sistema econômico e social. E na Itália, especialmente no norte, cuja sociedade era essencialmente camponesa, os sintomas do capitalismo não entraram em termos positivos de industrialização - como em outras regiões da Europa - mas em termos negativos de crise de um sistema econômico, político, ético e moral. De um lado havia o processo econômico que induzia à industrialização; do outro, a tentativa de preservação da estrutura camponesa, onde a célula econômica era a família e o seu guia a Igreja Católica.⁴ Havia grande dificuldade de inserimento nesse novo sistema, pois o que ele propunha era uma brusca escolha entre a antiga vida de camponês e a urbanização e consequente proletarização, ou seja, uma transformação de força agrícola independente em força de trabalho para a indústria.

A crise consequente do início do sistema capitalista, ainda na região norte da Itália, juntam-se outras, primeiro políticas (constantes conflitos durante o processo de unificação) e por fim naturais (epidemias da videira em 1851 e do

4 Sobre o tema ver R. Grosselli: "O mundo que deixaram" in *Vencer ou Morrer. Camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras* (trad. Mioranza e Luques), UFSC, 1987, pp.15-22.

bicho-da-seda em 1856 e 1857, que eram os principais eixos econômicos do norte, especialmente do Trentino).

A estes fatores acrescenta-se o super povoamento da região com consequências drásticas como: mão-de-obra excedente, baixo nível econômico da população rural, falta de capital, baixa da produção, falta de trabalho.

Diante desse quadro, o interesse do governo brasileiro na introdução do elemento europeu no país encontrou resposta fácil. Da mesma forma, o camponês norte-italiano encontrou uma solução para não se submeter ao novo sistema; uma "solução camponesa" - no dizer de Grosselli - "... não procurou mudar a sociedade, mas mudou de sociedade; transferiu-se para a América, onde procurou e, em parte conseguiu, reconstruir um novo núcleo social segundo o modelo daquele deixado na pátria."⁵

Para o Brasil⁶ vieram várias "classes" de imigrantes:

a) O operário agrícola, que veio suprir a falta de mão-de-obra nas fazendas de café e de cana-de-açúcar em São Paulo e Espírito Santo,

5 Idem, ibidem.

6 Sobre as causas da imigração no Brasil ver: J. F. Carneiro, op. cit; O. Manfrói: *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Implicações Econômicas, Políticas e Culturais*, GRAFOSUL/ IEL/DAC/SEC, Porto Alegre, 1975.

devido à extinção do tráfico de escravos e à expansão da cafeicultura;

b) O operário urbano (artesãos, barbeiros, marceneiros, etc.) para os pequenos centros urbanos;

c) E, principalmente, o colono propriamente dito.⁷

Este último é o grupo que nos interessa neste estudo, pois foi o imigrante-colono que se destinou ao sul, onde a preocupação do governo brasileiro era a de colonizar: colonizar entendamos não no sentido europeu que envolve dominação política, mas no sentido de ocupação das terras devolutas e produção de gêneros para o mercado interno que começava a se constituir. Essa classe de imigrantes, já bastante ligada à terra, à tradição e à Igreja, transportou tudo para cá onde, devido à hostilidade e dificuldades encontradas no novo lugar e às decepções das promessas falsas dos colonizadores, agarrou-se ainda mais a tais valores, especialmente à religião. Este fato é relevante, pois veremos que a Igreja teve importante função na manutenção inicial dos dialetos e, em particular, na introdução da língua

7 Deve-se ainda acrescentar um outro tipo de imigrante italiano, mais recente, que envolve, de um lado, alguns núcleos coloniais fundados após a Segunda Guerra (como Pedrinhas, em SP) e, de outro, grupos de técnicos profissionais e gerentes de multinacionais (como a FIAT em Minas).

italiana oficial, principalmente através de sua atuação no campo escolástico.

Das observações feitas, o que temos que ter em maior consideração é que a região que mandou mais imigrantes ao Brasil foi o norte da Itália, destinando-os ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Disto pode-se afirmar que os dialetos italianos falados no Brasil são, na sua maioria, de tipo vêneto, trentino, lombardo e friulano. No Brasil entrou também um elevado numero de imigrantes da Itália central e meridional, especialmente entre os anos de 1900 a 1910. Estes, porém, ao que parece, preferiram, ao invés do trabalho nas fazendas, os centros urbanos, onde o processo de aculturação foi mais rápido.⁸

⁸ Sobre a composição regional italiana na imigração brasileira ver Commissariato Generale dell'Emigrazione *"Annuario Statistico dell'Emigrazione Italiana dal 1876 al 1925"*, Roma, 1926 in R. M. Grosselli: *Da Schiavi Bianchi a Coloni. Un Progetto per le Fazendas, Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane, Parte IV*, Provincia Autonoma di Trento, Trento, 1991, p. 149.

1.2 Dialetos italianos no Brasil

Em linhas gerais, no que se refere à presença dos dialetos italianos no Brasil, pode-se traçar o seguinte panorama:⁹

a) Dialetos italianos persistem principalmente no RS e em SC nas áreas de antiga colonização e nas áreas de ocupação posterior por descendentes dos primeiros imigrantes. No RS existe a grande área do sudeste, a RCI (Região de Colonização Italiana) como nomina Mioranza, talvez a única que parece apresentar um futuro bastante promissor à "Koiné" italiana ali falada. Trata-se de uma zona coesa e vasta, onde o dialeto se tornou língua de vasto uso e já deu seus primeiros passos como língua de cultura: início de uma literatura dialetal, publicação de um dicionário vêneto-português, transmissão radiofônica, jornal, etc. Santa Catarina, por sua vez, apresenta três áreas separadas umas das outras, em meio a zonas alemãs e brasileiras. Esta distribuição, se por um lado, devido ao isolamento, é favorável à conservação do dialeto, por outro é desfavorável pois não permite o relacionamento com pessoas de mesma origem étnica e consequente expansão da língua.

⁹ Panorama dos dialetos no Brasil com base em C. Mioranza: "O futuro dos dialetos italianos no Brasil" in L. A. de Boni (org.): *A Presença Italiana no Brasil*, vol II, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 595-601.

b) Também no Paraná são falados dialetos nas áreas da antiga colonização e de posteriores movimentos de expansão, excetuando-se porém aquelas áreas ocupadas ulteriormente por descendentes de imigrantes italianos oriundos de São Paulo.

c) No Espírito Santo, os dialetos italianos já perderam bastante sua pujança inicial, mas mesmo assim existem algumas poucas comunidades - áreas de colonização - onde são falados.

d) Em São Paulo, os imigrantes italianos dirigidos aos centros urbanos já perderam seu dialeto. Aqui, o processo de aculturação, ao contrário das colônias do sul, foi rápido. As causas dessa perda são várias. Entre elas, está a grande mobilidade geográfica destes imigrantes. A relação conflituosa entre os fazendeiros e os colonos nesta região fez com que milhares destes se deslocassem em todo o território a cada ano, em busca de melhores condições humanas e de trabalho. Esse fenômeno era desfavorável a qualquer tipo de conservação da cultura de origem, no sentido que impedia a formação de grupos regionais homogêneos. Aliado a essa grande mobilidade, está o rápido processo de urbanização do estado, com a contínua formação de cidades de pequena e média dimensão. Ainda existem, porém, pequenos grupos no interior, como as duas comunidades trentinas de Piracicaba,

onde a tradição e o dialeto permanecem bastante enraizados. Há ainda comunidades como a de Pedrinhas Paulista, mas que são fruto de uma imigração mais recente, após 1950.

e) Tem-se ainda notícias de algumas poucas comunidades no Mato Grosso, Rondônia e Acre, resultado de expansões do sul, onde se falam dialetos italianos. Mas não conhecemos nenhum estudo a respeito.

Com base nesse panorama exposto¹⁰, é possível traçar algumas considerações em relação aos dialetos italianos ainda em vigor no Brasil:

- O predomínio é, sem dúvida, dos dialetos vênéticos, devido especialmente à RCI;

- Em grande parte das localidades não se fala um único dialeto, mas uma koiné originada da fusão de vários dialetos e sub-dialetos;

- Em algumas comunidades, porém, encontram-se dialetos específicos de uma só região; cito Nova Trento e Rodeio (SC), Santa Teresa (ES), Santa Maria do Novo Tyrol (PR), e Santana e Santa Olímpia (Piracicaba-SP), onde se fala um dialeto da região do Trentino, norte da Itália. O mesmo ocorre em algumas pequenas localidades do RS onde, além do trentino, encontram-se ilhas dialetais lombardas e friulanas.

10 Idem, ibidem.

1.3 Italianos e italo-brasileiros em S.C.¹¹

Quando começou a imigração italiana de massa em Santa Catarina¹², já existiam colônias em funcionamento, formadas por imigrantes alemães.¹³

O nordeste de SC foi a primeira grande área de concentração de italianos. A entrada maciça dos imigrantes deu-se por volta dos anos 1875-80, sendo colocados nas então colônias de Blumenau e Itajaí-Príncipe D. Pedro (Brusque), juntamente com os imigrantes alemães. Ainda hoje, apesar de muitos terem penetrado para o interior ou para o norte do estado, a região possui várias comunidades com um alto percentual de italo-brasileiros como é o caso de Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros, Nova Trento e Botuverá.

Na segunda área, ao sul, cuja colonização começou a partir de 1877 com a transferência de

11 Sobre a imigração italiana em Santa Catarina ver: W. F. Piazza: *A colonização de Santa Catarina*, BRDES, Florianópolis, 1982; R. M. Grosselli *Vencer ou Morrer*, op cit; L. A. Boiteux: *Primeira página da colonização italiana em S. Catarina*, Florianópolis, 1929; J. A. de Mattos: *Colonização do Estado de Santa Catarina. Dados históricos e estatísticos (1640-1916)*, Florianópolis, 1917.

12 Antes da chamada "grande imigração italiana" em Santa Catarina, teve, por volta de 1836, uma tentativa de formação de uma colônia, a *Nova Itália*, localizada há alguns quilômetros de Nova Trento. Mas essa colônia teve vida muito breve e atormentada. Sobre a Nova Itália ver R. M. Grosselli, *Vencer ou...*, op. cit. pp. 302-303.

13 A grande imigração alemã ao Brasil começou por volta de 1824 e continuou ativa até 1870, data de unificação da Alemanha. Entre 1871 a 75, houve um significativo fluxo de imigrantes de língua eslava no sul do país, especialmente poloneses e, após este período, iniciou-se a entrada dos italianos. Em números, este último grupo corresponde a segunda maior imigração no Brasil após a portuguesa - Vandresen, *Contatti* ... op. cit.

imigrantes que chegavam desenfreadamente ao vale do Itajaí, originaram-se outras colônias italianas, entre elas: Azambuja, Treze de Maio, Nova Veneza e Grão Pará. A partir delas, os grupos de colonos foram se expandindo, ocupando outros municípios como Urussanga e Orleães e mais para o sul como Timbé do Sul, Turvo e Jacinto Machado; outros ainda reimigraram para o RS ou mesmo para fora do Brasil.

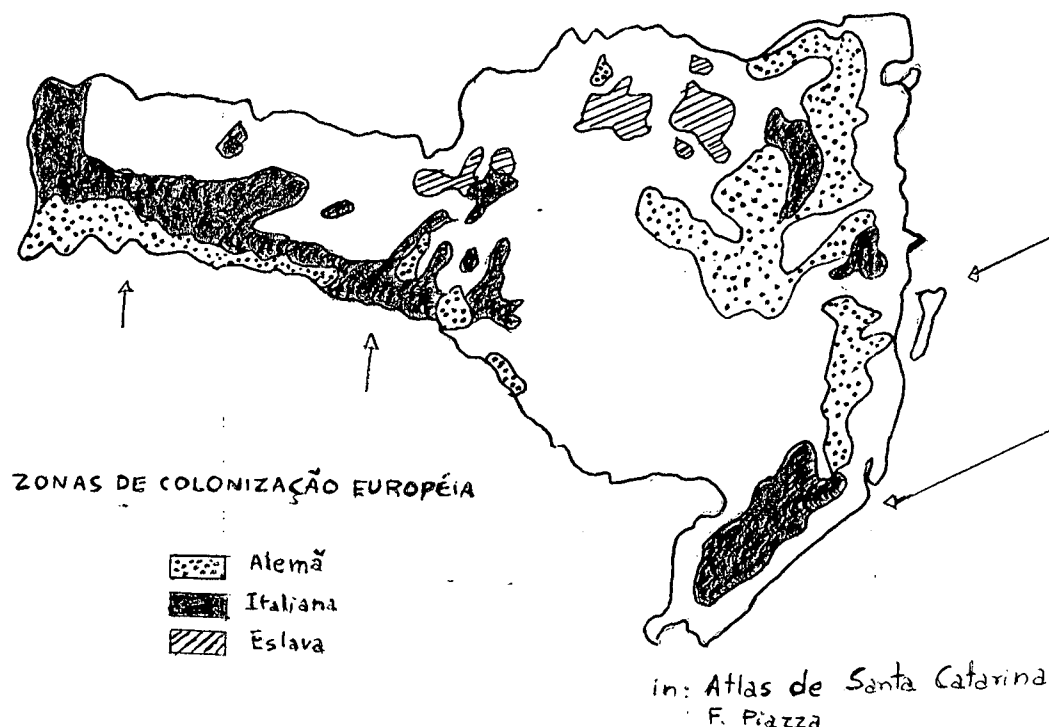
Terminada a colonização dessa área e com quase todo o litoral já povoado, restava a preocupação do governo em ocupar as terras do planalto. E tal ocupação, a partir de 1910, não se fez com imigrantes vindos diretamente da Europa, mas com o deslocamento de excedentes populacionais das antigas colônias italianas, alemãs e polonesas do Paraná, de algumas colônias de Santa Catarina e especialmente do Rio Grande do Sul.¹⁴ Os italo-teuto-brasileiros, chegando nessa área do estado, ocuparam as terras ao longo do rio Uruguai e depois avançaram para o norte: os teutos fixaram-se mais próximos à fronteira com o RS no Vale do Uruguai e os italos penetraram mais para o norte, passando inclusive a fronteira do PR.

O estado de Santa Catarina, quanto à entrada de elemento europeu na época da grande imigração e

14 Exceção faz-se uma leva de cerca de 1.500 teuto-russos provenientes do sul da Rússia, desalojados pela revolução Bolchevista.

primeiros deslocamentos, pode assim ser representado:

Mapa1: Imigração européia em SC



De cada área, destacam-se hoje muitos municípios cujo percentual de italo-brasileiros é ainda bastante elevado. Vejamos os principais, com respectiva composição étnica¹⁵ (Obs. Enumeramos somente os municípios que apresentam o número de

¹⁵ Os percentuais referentes à composição étnica dos municípios são resultado de pesquisas realizadas junto às Secretarias de Educação e às Prefeituras Municipais do estado, por professores de um projeto organizado pelo Departamento de línguas estrangeiras da UFSC/INEP, em 1989, chamado "Estudo do Bilinguismo no Estado de Santa Catarina". Tais dados encontram-se compilados in I. M. Boso: *Análise Contrastiva Português/Italiano. Dificuldades do Aluno Brasileiro na Aprendizagem do Italiano*, UFSC/CNPq, Fpolis, 1989 (Datilografado).

italo-brasileiros acima de 40% de sua população total) :

Iª área: Municípios pertencentes às ex-colônias de Brusque e Blumenau e arredores

MUNICIPIO	POP.	ITALOS	TEUTOS	LUSOS	ESLAVOS
Agronômica	4.550	50%	45%	1%	4%
Ascurra	10.000	90%	-	-	-
Benedito Novo	12.000	40%	48%	1,5%	10%
Botuverá	5.000	90%	2%	-	-
Laurentino	4.000	90%	1%	9%	-
Nova Trento	10.000	85%	6%	2%	7%
Rio do Oeste	8.000	60%	15%	5%	20%
Rio dos Cedros	8.500	60%	30%	-	5%
Rodeio	10.000	90%	10%	-	-
Taió ¹⁶	21.000				
Timbó	22.000	45%	50%	1%	1%

IIª área: Municípios pertencentes às ex-colônias Azambuja, Grão-Pará e Nova Veneza

16 Não possuímos dados exatos a respeito de Taió, mas em torno de 50 a 60% de sua população é formada por italo-brasileiros.

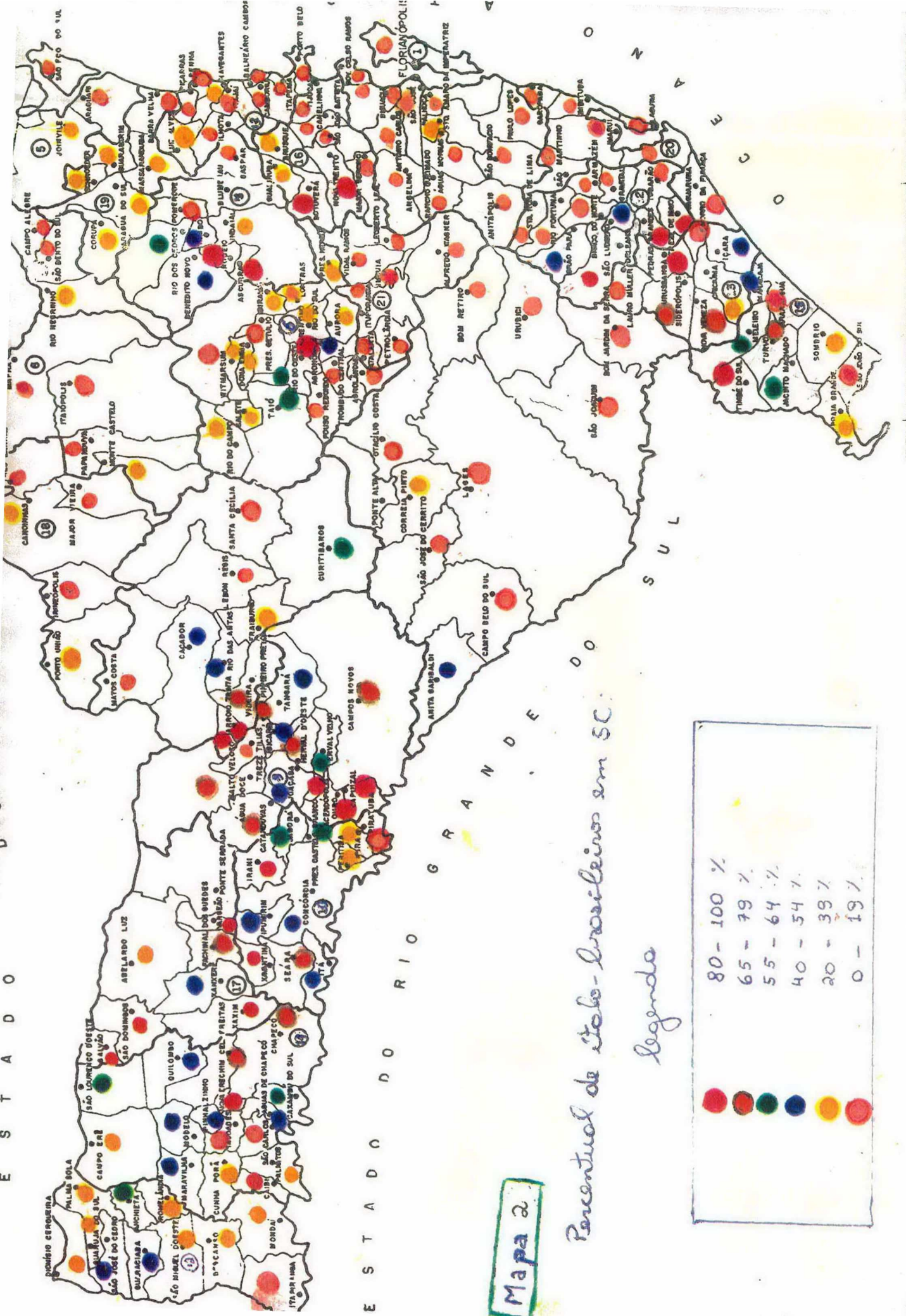
MUNICIPIO	POP.	ITALOS	TEUTOS	LUSOS	ESLAVOS
Criciúma	184.600	40%	15%	30%	10%
Grão Pará	8.000	40%	44%	-	-
Içara	35.000	40%	2%	50%	7%
Jacinto Mach.	13.000	55%	2%	40%	2%
Maracajá	4.200	50%	-	-	-
Meleiro	11.000	60%	10%	30%	-
Nova Veneza	12.000	75%	15%	10%	-
Orleães	13.400	80%	4%	3%	2%
Pedras Grandes	7.000	90%	-	-	-
São Ludgero	7.500	40%	50%	-	-
Siderópolis	13.400	65%	-	25%	-
Timbé do Sul	9.000	80%	10%	-	2%
Treze de Maio	6.800	90%	-	-	-
Turvo	15.000	70%	5%	25%	-
Urussanga	35.000	80%	-	-	-

IIIa área: Médio e extremo-oeste do estado

MUNICÍPIO	POP.	ITALOS	TEUTOS	LUSOS	ESLAVOS
Abelardo Luz	20.120	40%	1%	55%	3%
Água Doce	10.000	70%	20%	10%	-
Águas de Chap.	8.500	45%	35%	-	-
Anchieta	12.500	55%	25%	5%	5%
Anita Garibal.	15.770	50%	-	40%	-
Arroio Trinta	3.500	97%	1%	1%	-

MUNICÍPIO	POP.	ITALOS	TEUTOS	LUSOS	ESLAVOS
Caçador	75.000	40%	17%	20%	7%
Caibi	9.000	90%	5%	-	5%
Campos Novos	60.000	66%	16%	0,5%	1%
Capinzal	20.000	80%	8%	-	2%
Catanduvas	12.500	65%	20%	-	15%
Caxambú do Sul	11.870	56%	8%	33%	1%
Chapecó	120.000	70%	10%	-	1%
Concórdia	70.000	45%	45%	1%	1%
Cor. Freitas	24.000	70%	8%	1%	8%
Curitibanos	53.700	55%	15%	10%	5%
Erval d'Oeste	26.000	70%	-	-	-
Erval Velho	5.100	60%	5%	-	2%
Faxinal dos G.	10.400	70%	5%	23%	1%
Galvão	9.000	70%	5%	3%	2%
Guaraciaba	15.000	50%	40%	9%	1%
Ibicaré	4.200	40%	30%	29%	1%
Ipumirim	7.500	50%	35%	7%	5%
Irani	10.500	80%	8%	-	1%
Itá	10.500	50%	50%	-	-
Jaborá	7.000	60%	20%	2%	3%
Joaçaba	30.000	50%	40%	-	8%
Lacerdópolis	2.120	90%	10%	-	-
Maravilha	35.000	40%	50%	8%	1%
Modelo	20.000	45%	45%	-	5%
Nova Erechim	4.600	80%	9%	-	9%
Ouro	6.850	90%	-	-	-

MUNICÍPIO	POP.	ITALOS	TEUTOS	LUSOS	ESLAVOS
Pinhalzinho	15.000	40%	45%	3%	-
Pinheiro Preto	3.600	70%	30%	3%	7%
Pres.Cast.Bra.	1.900	55%	35%	10%	-
Quilombo	25.000	40%	25%	5%	5%
Rio das Antas	6.000	45%	40%	5%	5%
S.José Cedro	22.000	40%	40%	2%	1%
S.Lour. Oeste	29.000	55%	6%	28%	-
Salto Veloso	5.000	92%	4%	1%	3%
São Domingos	19.000	70%	10%	-	20%
Seara	23.100	70%	25%	-	4%
Tangará	14.000	40%	30%	20%	5%
Vargeão	2.850	90%	10%	-	-
Videira	34.500	70%	10%	15%	10%
Xanxerê	46.000	50%	20%	10%	10%
Xavantina	6.500	87%	1%	-	4%
Xaxim	42.000	80%	8%	-	5%



Outro dado interessante que se pode extrair das informações obtidas através das Prefeituras Municipais e das Coordenadorias de Educação é que, em várias dessas localidades acima enumeradas, certas escolas enfrentam problemas na fase de alfabetização, pois recebem crianças que ainda não falam o português com fluência por terem tido como língua materna um dialeto italiano. Trata-se de comunidades pequenas, na sua maioria rurais, em que há forte conservação do dialeto, língua prevalentemente falada no âmbito familiar. Entre estes municípios estão: Botuverá, Rio dos Cedros, Turvo, Nova Veneza, Vargeão, Xavantina, Xaxim, Lacerdópolis e Ouro.

2. Língua e dialeto

2.1 Monolinguismo-Bilinguismo-Monolinguismo

O imigrante italiano, chegando em Santa Catarina, teve que enfrentar muitas dificuldades e, entre elas, não ocupando um plano secundário, está a dificuldade linguística. Ele se encontrou diante de um profundo conflito: por um lado, existia a

necessidade de permanecer ancorado aos próprios modelos de referimento; por outro, havia necessidade de aprender as normas desta nova terra estranha e, de certa forma, hostil, pois os seus modelos ali se mostravam inadequados e ineficientes. A língua participou plenamente dessa tensão entre a bagagem cultural de origem, em grande parte então inútil, e aquela nova, difícil de ser assimilada, especialmente por quem não era mais jovem.¹⁷

No início da ocupação, esse conflito foi bastante forte, verificando-se um fechamento quase que total dos grupos étnicos em suas próprias comunidades e um apego excessivo aos valores de origem - único ponto seguro de referência no momento. "Viviam em comunidades baseadas em leis incertas, com os limites pouco estáveis. Isolados nas florestas, sem estruturas sociais e políticas com as quais identificarem-se ou orientarem-se (...), os colonos se apegaram ao seu passado".¹⁸

O imigrante já possuía um sentimento étnico de caráter conservador mas, sem dúvida, as dificuldades de adaptação aqui encontradas (a realidade era bem diferente do que diziam as

17 Flavia Ursini: "Emigrazione e lingua: il veneto in Messico" in Meo Zilio (org.): *Presenza, Cultura, Lingua e Tradizioni dei veneti nel mondo. Parte I: America Latina. Prime inchieste e documenti*. Centro Interuniversitario di Studi Veneto, Regione Veneto, 1987.

18 R. M. Grosselli, *Vencer ou morrer*, op cit, p 442.

promessas dos colonizadores) reforçaram nele a atitude de defesa dos próprios valores e ao mesmo tempo fez com que rejeitasse qualquer outro valor diferente do seu. Valores como língua, religião, educação, costumes vieram com o imigrante e foram conservados intactos por longo período. "No interior de sua comunidade precisava encontrar uma coesão sem limites. O bem estava dentro dos próprios confins étnicos; o mal, todo ou quase todo, fora".¹⁹ Esse fechamento dentro das próprias fronteiras étnicas que caracterizou o primeiro momento do processo de integração do imigrante na maioria das vezes não se tratou de uma escolha voluntária, mas de uma consequência lógica do isolamento geográfico em que foi colocado. A inexistência ou o estado precário das poucas estradas, a falta de energia elétrica e de meios de comunicação, uma atividade econômica independente baseada na agricultura de subsistência²⁰ caracterizaram os primeiros anos com o predomínio absoluto dos dialetos italianos.

Num relatório apresentado em 03/01/1870 ao então presidente da Província de Santa Catarina

19 Idem, ibidem.

20 "A agricultura de subsistência traz como consequência um duplo isolamento: da área italiana com as outras áreas; da área italiana no interior de si mesma devido as difíceis vias de comunicação" - V. Frosi e C. Mioranza: *Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*, Movimento, Caxias do Sul, 1975.

Araujo Lima, o 2º vice-presidente Fonseca Galvão²¹ fala das diversas causas que retardaram o desenvolvimento dos núcleos coloniais. Algumas dessas, segundo o relatório, foram já desfeitas pelo tempo, outras, porém, ainda persistem, das quais são as principais: a "falta de vias de comunicação" e o "exclusivismo" da raça, que isolam o colono da cidade. Tais causas são assim fortes que "existem filhos de colonos, nascidos na Província, que ignoram a nossa língua. Algumas colônias são uma espécie de estado no estado, os habitantes conservam a sua língua, as suas tradições, os seus usos e costumes (...), são todos estrangeiros, e não conhecem o país". E mais adiante: "Situados na floresta (...) não existe troca de idéias nem ocorre a fusão de raças".

Pode-se dizer que inicialmente não existiu em absoluto uma integração com a sociedade brasileira, mas uma simples transferência: o processo foi de translação. Através do modelo italiano toma forma uma sociedade conservadora, baseada na livre atividade camponesa.²² Eram poucos os contatos do

21. Relatório Apresentado pelo 2º vice-presidente de SC Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão ao presidente André Cordeiro de Araujo Lima em 03/01/1870, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

22. V. Frosi: "I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: Prevalenza del dialetto veneto" in V. Lo Cascio: *L'Italiano in America Latina*, Felice le Monnier, Firenze, 1987, pp. 136-163.

imigrante italiano com elementos de outra etnia. No início do século, 20 ou 30 anos após a grande entrada dos imigrantes, eram raríssimos os casos de casamento entre colonos italianos com colonos alemães, por exemplo. Em um levantamento nos livros de matrimônio da Paróquia de Brusque entre os anos de 1876 a 1891, Grosselli²³ verifica que, de 1.291 pessoas que contraíram matrimônio, 1.220 o fizeram com conterrâneos e somente 71 com pessoas de outras etnias (5,49% sobre o total). Como se vê, a preferência era enorme por parceiros de mesma origem étnica - sendo realizados inclusive casamentos entre parentes - fator importante para a perpetuação do dialeto nas novas famílias que iam se formando.

Outro fator que desempenhou um papel fundamental na conservação da língua dos imigrantes foi a atividade religiosa e social da Igreja.²⁴ Os padres enviados às comunidades logo nos primeiros anos da colonização usavam a língua da pátria dos colonos, mesmo quando de origem não italiana.²⁵ As

23 R. M. Grosselli, *Vencer ou Morrer*, op. cit., pp. 432-444.

24 Sobre a função e importância da Igreja e do padre ver: V. Frosi e C. Mioranza, op. cit. pp. 73-75; R. M. Grosselli, op. cit. pp. 444-464; L. A. de Boni: "O catolicismo da Imigração: do Triunfo à Crise", in RS: *Imigração & Colonização*, Porto Alegre, 1980, pp. 235-237.

25 Assim, os Capuchinhos franceses que foram nas colônias italianas do RS em torno de 1896, primeiro passaram um período na Itália para aprenderem a língua; ou, ainda, os Franciscanos alemães em Rodeio que logo se interessaram em aprender o dialeto italiano dos colonos.

orações eram em italiano, como também os cantos e os livros litúrgicos. Isto até mais ou menos a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que gerou a proibição de uso de línguas estrangeiras (italiana, alemã e japonesa). Além do mais, era o clero que mantinha na época os maiores vínculos com a Itália.²⁶ E sendo os colonos italianos em seu apego às tradições sobretudo católicos, foi através da Igreja que afirmaram sua identidade cultural. Abandonados por todos, a religião era o único refúgio. As capelas - construídas em número exagerado pelos imigrantes - passaram a ser os centros em torno dos quais giravam as famílias. Além de responder às necessidades espirituais, o colono buscava ali o lugar de relacionamento social. "A capela se mostrou, logo, não somente lugar de culto, mas de encontro da sociedade, de relações sociais. Já de início os imigrantes construíram as suas igrejinhas e em torno o cemitério, a «bodega», o lugar para jogar «bocce», a mercearia, a escola. Este conjunto de lugares públicos se tornou o ponto base de referência de toda a coletividade rural e a capela o seu núcleo de coesão vital; este se constituiu em um singular elemento de preservação e defesa da identidade

26 R. Costa: "La letteratura dialettale italiana: ritratto di una cultura in AA.VV. *EUROAMERICANI*, nº 3, Fondazione Giovanni Agnelli, Torino, 1987, pp. 265-286.

cultural do grupo (...) e, no mesmo momento, o fator que favoreceu, por um lado, a persistência da fala dialetal em detrimento do português e, por outro, o cruzamento entre os vários dialetos italianos".²⁷ É claro que a Igreja tinha como principal função a atividade religiosa (que foi importante naquela fase problemática e carente da vida do imigrante, onde a fé ou as promessas da religião lhe davam forças para vencer as dificuldades), mas junto com esta, exercia uma função social: servia de centro de encontro da comunidade. Depois de horas de trabalho massacrante na floresta ou na roça, o "povo de Deus" se reunia na igrejinha. Ao lado das orações, trocavam-se opiniões, conselhos, diálogos. E a comunidade cimentava assim a sua identidade.²⁸

Papel preponderante na manutenção inicial da identidade cultural foi também a escola: primeiro pela sua ausência, depois porque a alfabetização e o ensino foram feitos, inicialmente, em língua italiana, pelos religiosos ou pelos próprios imigrantes.

A. Trento, em um anuário sobre as escolas italianas no exterior²⁹, elaborou uma tabela para

27 V. Frosi: "I dialetti italiani..." in V. Lo Cascio, op. cit., p. 144-5.

28 R. M. Grosselli, *Vencer ou ...* op cit, p 449.

29 A. Trento: "Annuario delle scuole italiane all'estero" cit. P. Petrone: "Italianos e descendentes do Brasil: Escola e língua" in

os anos de 1908 a 1930 sobre as escolas primárias italianas no Brasil, Argentina e Estados Unidos. Verifica-se que nesse período é o Brasil que conta com o menor número de escolas, tendo em 1913, em todo o país, somente 396 (número que em 1930, com as campanhas de nacionalização, baixa para 167). Esses estabelecimentos se distribuíam pelos estados de SP, RS, SC e, secundariamente, ES. "Em SC, fato dos mais significativos, verificou-se uma presença não descurável de escolas italianas no Vale do Itajaí (...). Segundo o Relatório do então Prefeito de Blumenau, para o ano de 1905, em um total de 112 escolas que na época existiam no município, em mais de 16%, ou seja, 18 escolas, lecionava-se em língua italiana".³⁰ Para o mesmo *Anno Scolastico* de 1905-1906, encontra-se porém uma outra estatística que fala que em "todo o Estado de SC as escolas italianas totalizariam 32, das quais somente 8 no Vale do Itajaí".³¹

Ao lado desse limitadíssimo número de estabelecimentos escolares, acrescenta-se que, se o número de analfabetos entre os filhos dos imigrantes italianos era elevado, isso se deve também à falta de interesse da sua família, ou

L. A. de Boni (org.): *A Presença Italiana no Brasil*, op. cit. pp. 603-626.

30 P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p. 609.

31 B. Pellizzetti: "Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional in P. Petrone, idem, pp. 609-610.

melhor, "aparente" falta de interesse, pois por detrás dessa atitude estava a necessidade da ajuda do filho no duro trabalho da roça e a impossibilidade material de deixá-lo estudar.

O governo provincial de SC não mostrava muito interesse em relação ao ensino do imigrante, nem em construir escolas públicas, mas tinha o poder de decisão sobre as escolas e permitia, assim, o funcionamento de estabelecimentos privados dirigidos pelos próprios imigrantes, por aqueles que possuíam um pouco de instrução ou prática didática aprendida no país de origem. O ensino primário e secundário, aliás, desde o início do Império competia às Províncias. Com o Ato Adicional de 1834, o sistema de ensino foi entregue à responsabilidade das diversas Províncias do país que, como tinham poucos recursos, permitiam a criação de escolas privadas. Em SC, por exemplo, em 1867 - antes da grande entrada de imigrantes italianos - consta a existência de 14 escolas particulares.³²

Com a chegada dos imigrantes, as escolas particulares passaram a crescer ano após ano. O

32 N. A. Fiori: *Aspectos da Evolução do Ensino Público*, Edeme, Florianópolis, 1975, p. 44. Fiori acrescenta, porém, que esse número, na realidade, era bem mais alto, pois muitas escolas funcionavam clandestinamente, especialmente aquelas nas zonas de colonização alemã, já que a Lei 382 de 1854 exigia que os professores fossem católicos, *idem*, p. 45.

primeiro estímulo foi a reforma de 1868, onde tais escolas passaram a funcionar legalmente, estabelecendo a liberdade de ensino e o segundo, principal, foi que a partir de 1879 o Governo Provincial começou a dar uma subvenção anual a essas escolas. Assim, em 1888, havia no Estado 117 escolas primárias públicas e 12 primárias particulares subvencionadas, favorecendo o uso da língua estrangeira.³³

Em SC, contudo, ao contrário do que ocorre em relação às escolas alemãs, são poucos os dados sobre o funcionamento das escolas italianas. Lenard³⁴ atribui essa falta de documentação ao fato de a escola italiana nunca ter sido verdadeiramente autônoma. "Havia uma Associação de professores alemães, o *Deutscher Schulverein für Santa Catarina*, que publicava o próprio jornal. Em 1912, por ocasião de uma de suas assembléias, chegou a reunir nada menos de 173 professores particulares. Mas tudo isso, como indica o próprio nome da associação, dizia só respeito aos professores particulares das escolas alemãs. As italianas faziam parte da própria organização religiosa (...)" Sabe-se que as escolas italianas de SC eram modestas e sempre com um número muito baixo de

33 Idem, p. 45 e 69.

34 A. Lenard: *Lealdade Linguística em Rodeio (SC)*, dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1976, p. 120

alunos. No ano escolar de 1905-1906, por exemplo, a média de alunos nas escolas dos imigrantes italianos de SP era de 66, sendo 69 no RS, 75 no PR, 50 no ES e 47 em SC, enquanto que a média geral para as escolas italianas em todo o Brasil era de 64 alunos.³⁵ "A esmagadora maioria dessas escolas teve vida efêmera. Durante algumas décadas, em particular até a Grande Guerra de 1914, aparentemente o quadro escolar mantinha-se relativamente estável.³⁶ Tratava-se, entretanto, de uma estabilidade ilusória, dado que ao mesmo tempo em que surgiam novas escolas, ao sabor de iniciativas individuais, outras tantas fechavam suas portas (...), fato revelador da relativa fragilidade das condições que permitiam sua existência".³⁷

Além das iniciativas privadas, papel preponderante no campo da instrução, e da religião, foi o da obra das congregações e ordens religiosas européias. A contribuição italiana, em particular, teve uma significativa importância. O maior direcionamento dos religiosos italianos neste campo foi na fundação de colégios de estudos superiores no Brasil, com exceção nas regiões de colonização

35 P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p. 611.

36 Em 1888, SC contava com 117 escolas públicas e com 4.292 alunos; em 1906, 117 escolas, com 4.970 alunos; em 1909, 177 escolas, com 6.707 alunos. in Fiori, op. cit. p. 63.

37 P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p. 611.

do sul, onde a Igreja administrou escolas primárias, acessíveis à classe camponesa. Nesse sentido, destacam-se especialmente os Capuchinhos, que criaram um elevado número de escolas em SP e no sul do país.³⁸

Santa Catarina, juntamente com o Rio Grande do Sul, foi o estado onde o número de escolas italianas mantidas por religiosos mostrou-se mais expressivo, desenvolvendo um papel preponderante na manutenção da identidade cultural dos imigrantes, inclusive no que se refere à língua. Dos 2 estabelecimentos escolares mantidos por religiosos nas áreas de colonização italiana em SC em 1921 (6,1% do total), passou-se a 31 (55,4% sobre o total) em 1930.³⁹

Apesar das iniciativas provinciais, particulares ou religiosas, ainda era insignificante o número de escolas em SC. Pode-se dizer que nos primeiros 25 anos os colonos italianos ficaram praticamente sem instrução.

Houve ainda o estímulo do Governo estrangeiro na criação de escolas nas zonas de colonização do sul. O Príncipe Gherardo Pio de Savoia, ao visitar as colônias italianas de SC em 1899, "ficou chocado

³⁸ J. O. Beozzo: "Il clero italiano in Brasile" in AA.VV. *EUROAMERICANI*, op. cit. pp. 220-244.

³⁹ A. Trento: *Là dov'è la raccolta del caffè. L'emigrazione italiana in Brasile 1875-1940*, Antenore, Padova, 1984, p.278.

com o grau de analfabetismo dos colonos e seus filhos. Graças ao seu relatório, o governo da Itália começou a financiar a instrução para os descendentes italianos. Em 1902 eram 20 as escolas italianas. O governo enviava dinheiro para o professor e livros para os alunos. Anos depois, já eram 42, sendo as escolas 22 no sul e 20 no norte do Estado"(de SC).⁴⁰ Tais estabelecimentos, porém, tiveram vida breve pois, com a declaração de guerra à Alemanha, as escolas estrangeiras do país foram suprimidas.

Mas, ao que se sabe, parece que no nosso estado esse estímulo do Governo italiano na criação e manutenção de tais estabelecimentos nas colônias não foi expressivo, principalmente se comparado com a ajuda do Governo alemão. Carlo Parlagreco⁴¹, escrevendo no início do século sobre as escolas para os imigrantes, diz que até então ainda não se percebia a ação do Governo italiano, o qual intervém somente com ténues subsídios, às vezes insignificantes, quando as vê funcionarem regularmente. O interesse das autoridades italianas se faz mais vivo somente por volta dos anos 30, época do fascismo, com o intuito de, através das

40 Pe. J. L. Dall'Alba: "Imigrantes Italianos em Santa Catarina" in L. A. de Boni, op. cit. p 166.

41 C. Parlagreco cit. P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p.616.

escolas, difundir o sentimento de "italianidade" para reativar o espírito nacional e patriótico. Contudo, devido às características dos grupos de emigrados no sul do país, especialmente nas áreas rurais - na maioria formados por camponeses e analfabetos isolados nas florestas - essa intervenção se reduziu a tentativas miseráveis. O esforço para uma maior penetração cultural italiana no Brasil se fez sentir particularmente através da sociedade *Dante Alighieri*, que criou vários institutos italo-brasileiros de cultura, a maioria nos grandes centros. Nos anos 20, por exemplo, a Dante Alighieri possuía 20 bibliotecas e 15 comitês.⁴² Além desta instituição, contribuiu também para a difusão do espírito nacional a *Italica Gens*, através da ação dos religiosos.⁴³ Os temas debatidos com maior vigor pela revista de mesmo nome, *Italica Gens* (1910-1916), eram aqueles relacionados à escola, à colonização agrícola e aos emigrados italianos. Quanto aos assuntos que diziam respeito às escolas, eles se relacionavam mais a um vago desejo de expansão da cultura italiana no exterior do que a uma análise do que era possível

42 A. Trento, op. cit. pp. 270-271.

43 A *Italica Gens* era uma Federação criada através da iniciativa da *Associazione Nazionale* para auxiliar os missionários italianos na assistência aos emigrados transoceânicos. Fundada em Torino em 1908, com sua ajuda mirava fundamentalmente a atividade dos missionários no sentido patriótico.

fazer ou do que melhor respondia às exigências dos emigrados (essa preservação a todo custo da língua e da cultura italiana, não satisfaz os objetivos, resultando frequentemente uma falta de motivação por parte do imigrante).⁴⁴

Mas no mesmo período em que começa a aumentar a atividade do Governo italiano, por outro lado o Governo brasileiro passa a intervir duramente com as campanhas de nacionalização, especialmente nas escolas, que são obrigadas a utilizar somente a língua portuguesa. Esse período pode ser considerado um marco na fase de aculturação linguística do nosso imigrante. Tem-se presente que a língua italiana já nas primeiras décadas da colonização não ocupava um lugar privilegiado; quase não era utilizada pelos colonos e, mais tarde, desconhecida pelos seus filhos. A língua oficial pertencia somente a pequenos grupos como ao clero, aos comerciantes ou pessoas ligadas a atividades urbanas. Entre os imigrantes camponeses era o dialeto que plantava suas raízes, mesmo porque, inclusive na Itália, poucos deles sabiam utilizar fluentemente o idioma italiano. "Segundo De Mauro e Lodi, por ocasião da unificação da Itália (época da grande emigração ao sul do

44 G. Rosoli in *Studi Emigrazioni*, nº 66, Centro Studi Emigrazione, Roma, 1982, p. 239.

Brasil), o italiano literário estava ao alcance de apenas 600.000 num total de 25.000.000 de habitantes. Para 98% da população, o italiano era uma língua estrangeira. Dos que o conheciam, 400.000 viviam na Toscana e 70.000 em Roma; nas demais partes do país, tão somente uma pessoa em mil sabia empregar o italiano.⁴⁵

Assim, mesmo sendo o italiano a língua utilizada nas escolas dos imigrantes, era o dialeto - língua da maioria - que tomava cada vez mais espaço. A falta inicial de escolas nacionais também contribuiu muito para a vitória do dialeto sobre a língua portuguesa, permanecendo, por longo período, o instrumento de comunicação mais em voga nas colônias. Essa falta fez com que muitos dos descendentes de primeira geração fossem alfabetizados pelos próprios pais ou por professores de mesma origem improvisados. Com o passar das gerações, assim, o italiano ia cada vez mais se distanciando. Se uma língua de origem tinha que sobreviver, essa língua era o dialeto.⁴⁶

Se o dialeto, porém, tomava inicialmente o espaço da língua italiana ou da nacional, com o passar dos anos passou também a perder tal espaço para o português. Uma nova fase começa então a

45 T. de Mauro e M. Lodi : "Língua e dialetti" cit. P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p. 604.

46 R. Costa in AA.VV. *EUROAMERICANI*, op. cit. p. 270.

surgir no processo de aculturação linguística nas áreas de colonização, separando a zona rural da urbana: enquanto naquela os imigrantes continuavam "inaculturados", vivendo em torno de suas tradições, de sua capela, de seu dialeto em virtude do isolamento, nesta começa-se a observar uma fase de crescente integração à nova sociedade, de adaptação e de substituição de valores e o código linguístico-dialetal vai, aos poucos, sendo substituído pela língua nacional. São vários os fatores, sempre ligados ao processo sócio-econômico e político das comunidades, que contribuíram para a evolução desse fato linguístico.

O primeiro deles é, sem dúvida, a passagem de uma economia de subsistência para uma economia baseada no comércio e na indústria⁴⁷, que projetou as áreas urbanas de imigração no cenário estadual, levando o imigrante a ter relações mais abertas com pessoas de outros lugares e, conseqüentemente, ao uso mais frequente do idioma nacional. Essa mudança no sistema econômico se deu a partir dos anos 1940-50, ao lado da melhoria dos sistemas de comunicação, da introdução de meios de transportes e da eletrificação nos pequenos centros urbanos e

47 V. Frosi e C. Mioranza: "Comunicação linguística na região de colonização italiana" in AA.VV. *Imigração Italiana: Estudos. Anais do I e II Fórum de Estudos Italo-Brasileiros*, UCS/EST, Caxias do Sul, 1979, pp. 97-104.

consequente aparecimento da televisão, rádio e maior circulação de jornais. "Os anos da guerra trouxeram à República da América do Sul uma prosperidade antes ignorada; e os anos sucessivos viram o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Como no resto da América Latina, também aqui as comunidades, que por algumas décadas tinham mantido o dialeto e as outras tradições do país, começaram sempre mais a abrir-se à cultura - e assim à língua - do País hóspede".⁴⁸

Além destes, há outro fator importante, de caráter histórico-político, que influenciou a penetração do português nos centros urbanos, especialmente durante a Era de Vargas: a preocupação com a "nacionalização" do país.

2.2 As campanhas de nacionalização

Nas áreas coloniais de Santa Catarina, como vimos anteriormente, predominavam as escolas particulares, que se caracterizavam "por transmitir valores culturais básicos das comunidades a que serviam e ministravam o ensino em língua não

48 R. Costa in AA.VV. *EUROAMERICANI*, op. cit. p.268.

vernacula - geralmente alemão ou italiano".⁴⁹ A atuação desses estabelecimentos de ensino estimulava no Governo a preocupação de que se pudesse formar uma "nacionalidade estrangeira em uma certa área do país", como se expressa em um relatório⁵⁰ de 1886 o então Presidente da Província. Nesse ano, assim, surge a primeira resolução governamental para estimular o ensino da língua vernacula nas zonas de imigração. Trata-se de uma determinação que concede a subvenção somente às escolas que introduzissem o idioma português e comesçassem a ministrar o ensino em tal língua. "Essa tomada de posição governamental era plenamente justificada do ponto de vista ideológico-político, mas causava sérios transtornos à atuação pedagógica dos docentes pois, diante dos recursos didáticos da época, era quase que impossível alfabetizar no idioma português crianças que somente se comunicavam em língua vernacula".⁵¹ A respeito, em outro relatório⁵², o Presidente da Província assim se manifesta: "A lei provincial (...) determinou que não se desse subvenção a

49 N. A. Fiori, op. cit. p. 77.

50 *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de SC na 12ª sessão da 26a. legislatura pelo Presidente Francisco José Rocha em 21/07/1886*, Typ. Conservador, Desterro, 1886, p. 199 (Arquivo do Estado).

51 N. A. Fiori, op. cit. p. 79.

52 *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de SC na 22ª sessão da sua 26a. legislatura pelo Pres. F. J. da Rocha em 11/10/1887*, Typ. União, 1888, p. 311 (Arquivo do Estado).

escolas nas quais não se ensinasse o idioma nacional; mas os professores alegam que não o podem ensinar senão depois que os alunos conheçam o idioma de seus pais a fim de aprenderem o nacional por meio da tradução. Sucede, porém, que por esse sistema, nunca eles o aprendem, porque logo que os pais os consideram aptos em leitura e escrita de seu idioma, os retiram da escola para empregá-los como auxiliares nos serviços de sua profissão, e os mais abastados os enviam para a Europa, onde completam a educação que lhes é destinada".

Havia uma aversão natural nas áreas de colonização no que se referia às medidas de nacionalização do ensino. Isso não por aversão à cultura nacional em si, mas simplesmente porque não a conheciam.⁵³ É somente em 1910 com o Governo Vidal Ramos, que começa a se efetuar uma reforma radical na instrução pública voltada à realidade de Santa Catarina. Reforma que começa com a contratação do prof. paulista Orestes Guimarães para "coordenar, ou talvez seria melhor dizer, iniciar a educação publica organizada"⁵⁴. Das atividades desenvolvidas por Guimarães, estava incluído o plano de nacionalização do ensino, que começou com uma ação indireta, ou seja, com a

53 J. Monteiro: *Nacionalização do ensino. Uma contribuição à História da Educação*, UFSC, Florianópolis, 1984, p.13.

54 Idem, p. 25-26..

criação de escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira, e depois mais diretamente com a implantação de leis, como a de 1914, do Regulamento Geral de Instrução Pública.⁵⁵ No seu artigo 129, encontra-se expressa a obrigação das escolas financiadas pelos cofres públicos de ministrar as aulas sempre em língua portuguesa.⁵⁶ O artigo seguinte determina que as escolas particulares são obrigadas a franquear a visita a qualquer autoridade escolar e enviar os programas das disciplinas ao diretor da instrução. E ainda, nos artigos 131 e 134, são fixadas - além da retirada da subvenção - as multas para as escolas no caso de não obediência ao fixado nos artigos 129 e 130.

No que diz respeito à nacionalização, apesar de tudo, as medidas de Guimarães pareceram bastante liberais. Esse regulamento de 1914 não acabava de vez com todas as escolas particulares de língua estrangeira que existiam no estado devido a insuficiência do sistema educacional público. Afirmava, como se confere no artigo 129, que o ensino deveria ser ministrado em vernáculo *somente*

55 Inspetoria de Instrução Pública: *Regulamento Geral da Instrução Pública*, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1914, p. 25.

56 Art. 129: "O ensino particular poderá ser exercido livremente, salvo quando for subsidiado pelos cofres públicos, quer estadual, quer municipal.

Parágrafo único - Neste caso, devera ser sempre ministrado na linguagem vernácula", idem, ibidem.

nas escolas subsidiadas pelo Governo, podendo ser exercido livremente nas outras. Talvez Guimarães tivesse consciência de que em SC não se podia "dispensar a ajuda que as chamadas «escolas estrangeiras» davam ao ensino do Estado, no sentido de alfabetizar o maior número possível de crianças catarinenses".⁵⁷ Consta que o índice de alfabetização era o mais elevado exatamente nas áreas onde funcionavam tais escolas. Segundo uma estatística da Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, de uma população na época de 282.100 habitantes, 80% eram analfabetos sendo que, entre todos os municípios do Estado, os mais elevados índices de alfabetização se encontravam em Joinville (43%), Blumenau (40%), Campo Alegre (32%), *Nova Trento* (26%) e Florianópolis (23%)⁵⁸, ou seja, em municípios habitados por contingentes populacionais de origem estrangeira. Quanto aos professores de outra nacionalidade, o Regulamento de 1914 consentia que continuassem a lecionar, "uma vez que dessem prova de habilitação profissional e demonstrassem domínio da língua vernácula".⁵⁹

57 A. Lenard, op. cit. p. 125.

58 N. A. Fiori, op. cit. pp. 116-117. Esse estudo usa o conceito «alfabetização» como «saber ler», não distinguindo se na língua vernácula ou na estrangeira - nota da autora, idem, ibidem.

59 A. Lenard, op. cit. p. 126.

Com a participação do Brasil na 1ª Guerra, o processo de nacionalização foi reativado com maior vigor, pois o Governo da União começou a sofrer pressão no sentido de interferir no ensino primário do sul do país, que era até então responsabilidade das Províncias. E como os estados do sul, tendo recebido enormes contingentes populacionais de estrangeiros sentiam-se impotentes diante de tal responsabilidade, foi criado em 1918 um decreto⁶⁰ que possibilitava à União subvencionar escolas primárias para as populações nas chamadas «zonas de nacionalização». Essas escolas passaram a ser fiscalizadas pelo Governo Federal mediante a atuação de um Inspetor Federal de Escolas Subvencionadas pela União.⁶¹

Assim, em 1919 é criada em SC a Inspetoria de Nacionalização do Ensino, sendo nomeado inspetor o Prof. O. Guimarães, com a nova função de fiscalizar o ensino (cargo exercido por ele até 1931, ocasião de sua morte). Apesar dessa medida, foi, sem dúvida, somente a partir de 1930 que o Governo Federal implantou, motivado pelos acontecimentos internacionais, uma estrutura capaz de atuar com rigidez no campo da nacionalização do ensino. As concepções sociais e políticas do chamado Estado

60 Decreto nº 13.014 de 04/05/1918 in Fiori, op. cit. p. 127.

61 N. A. Fiori, ibidem.

Novo - regime unitário e autoritário - davam especial importância à unidade nacional. Os estados e municípios que haviam recebido uma significativa autonomia no que concerne a organização do ensino passam, a partir da Carta Constitucional de 1934, a depender da União. Cabe agora ao Governo Federal traçar as Diretrizes da Educação em todo o país e aos estados "manter seus sistemas educacionais em harmonia com as diretrizes gerais estabelecidas pela União"⁶² - dimensão bem diferente dos princípios liberais da constituição anterior. Segundo a nova ideologia oficial, o "país precisava de «um só corpo e um só pensamento», não se podendo admitir «quistos alienigenas» que, pelas suas características culturais e com as suas línguas, ferissem essa unidade".⁶³ E como no sul do país os grupos étnicos conservavam ainda bastante forte os seus traços culturais - que iam contra o conceito de unidade nacional - iniciou-se, principalmente nessa região, uma rígida política de nacionalização, cujo alvo principal era a escola, considerada desde sempre um grande instrumento ideológico. Dessa forma, surge em SC a «Reforma Trindade» (idealizada por L. Sanches Bezerra da Trindade) que, no tocante à nacionalização do

62 Idem, p. 147.

63 A. Lenard, op. cit. p. 131.

ensino, "procurou estimular a fiscalização exercida pelos inspetores escolares nas áreas de colonização estrangeira do Estado".⁶⁴ Segundo as coordenadas ditadas pelo governo do Estado Novo, em SC surgiram nos anos de 1938 e 1939 vários decretos-lei, legislando sobre a nacionalização. Destes, foi sem dúvida o mais relevante o nº 88 de 31/03/1938 que, além de prescrever a criação de um ambiente de «brasilidade» em todos os estabelecimentos escolares e a adoção da língua nacional, exigia que todas as escolas se declarassem. Com este interventio, atingia-se o ponto-chave da dificuldade no processo de nacionalização em SC: as escolas particulares. Já nos artigos 1º e 2º do decreto fica explícito que o maior interesse e o controle sobre essas instituições.⁶⁵ Mais adiante, no art. 4º, vêm enumerados os documentos necessários para o pedido de licença das escolas, sendo que entre eles constam:

"-Prova de serem brasileiros natos os professores de Língua Nacional, Geografia, História

64 J. Monteiro, op. cit., p. 59. O inspetor responsável pela fiscalização do ensino em SC era nessa época J. dos Santos Areão, substituto de Guimarães.

65 Art. 1º: "Os estabelecimentos particulares de ensino primário reger-se-ão no Estado, pelas normas deste decreto-lei;

Art. 2º: "Nenhum estabelecimento particular poderá funcionar, no Estado, sem prévia licença da Secretaria do Interior e Justiça" in Decreto-lei nº 88, idem, ibidem.

da Civilização e do Brasil e de Educação Moral e Cívica, em todos os cursos;

-prova de que o diretor, ou responsável e os demais professores são brasileiros natos ou naturalizados;

-declaração expressa do responsável de que o estabelecimento não é nem será mantido, nem subvencionado por instituições ou governo estrangeiros".⁶⁶

Foi esse artigo que deu possibilidades ao governo de fechar grande número de escolas particulares já existentes e em pleno funcionamento no Estado. Em 1938, foram indeferidos, "somente nas áreas de colonização estrangeira do Estado, quarenta e oito requerimentos de escolas particulares solicitando licença para funcionar, conforme exigências do decreto-lei nº 88. Além destas escolas que automaticamente foram interditadas, mais de duas dezenas de outras não requereram licença junto ao Departamento de Educação, fechando espontaneamente suas portas".⁶⁷

O art. 7º do mesmo decreto também tem forte relação com a política de nacionalização nas áreas de imigração. Entre outras diretivas, enumera certas obrigações das escolas particulares como:

66 Decreto-lei nº 88 in J. Monteiro, op. cit. pp. 61-62.

67 Trecho de uma entrevista com o Inspetor responsável pela nacionalização em SC J. Areão in J. Monteiro, idem, p. 62.

"dar em língua vernácula todas as aulas dos cursos pré-primário, primário e complementar, inclusive a educação física; adotar os livros aprovados oficialmente; usar exclusivamente a língua nacional, quer na escrituração, quer em tabuletas, placas, cartas e avisos, instruções ou dísticos; ter sempre ensaiados os hinos oficiais, homenagear aos sábados a Bandeira Nacional, conforme se pratica nos estabelecimentos oficiais; receber e acatar as autoridades escolares; organizar uma biblioteca de obras nacionais para os alunos e apresentar anualmente ao Departamento de Educação um relatório das atividades desenvolvidas".⁶⁸ No art. 82, ainda, o legislador lembrava que os mapas, fotografias e estampas deveriam apresentar, acima de qualquer coisa, o caráter de «brasilidade», obrigando a colocação da Bandeira Nacional em todas as salas de aula.⁶⁹ Com essa resolução, a campanha de nacionalização começa a mostrar certos resultados «positivos» nas áreas de colonização, seja pelas novas escolas criadas, seja pelas transformações introduzidas no corpo docente e dirigente, seja pela fiscalização dos inspetores e, principalmente, pela influência exercida junto às crianças em idade escolar. Outro dispositivo legal

68 Art. 79 do Decreto-lei nº 38 in J. Monteiro, op. cit. p. 63.

69 Idem, ibidem.

que deve ser lembrado é o decreto-lei nº 124 que cria no Estado a Inspetoria Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino, com a finalidade de "tornar efetivas as exigências do Decreto-lei nº 88".⁷⁰ Entre as realizações desta Inspetoria nas áreas coloniais destaca-se a criação nas escolas catarinenses das «Ligas pró-Língua Nacional», que exerciam pressão junto aos alunos no sentido de divulgar o respeito à língua pátria. Além de proibir o uso de línguas ou dialetos estrangeiros, a «Liga» obrigava as crianças descendentes de europeus a um «dever de honra» de falarem entre si somente o português, como sinal de «lealdade» à nova pátria.

Um último decreto-lei importante relacionado à questão da nacionalização do ensino é o nº 301⁷¹ que, além de estabelecer a obrigatoriedade do ensino primário, cria o registro do censo escolar, a fim de controlar não somente as matrículas, mas especialmente a frequência escolar dos alunos - quanto mais frequentavam a escola, maior seria o contato com a língua nacional. Isto porque verificou-se que nas áreas coloniais era muito comum a evasão escolar de crianças menores de

70 Santa Catarina: Decreto-lei nº 124 de 18 de junho de 1938 in *Coleção de Decretos-leis de 1938*, op. cit.

71 Santa Catarina: Decreto-lei nº 301 de 24 de fevereiro de 1939 in *Coleção de Decretos-lei de 1939*, p. 58.

quatorze anos para auxiliar nas atividades dos pais. Com esse dispositivo, constatada a infração contra a obrigatoriedade do ensino primário, cabia ao inspetor escolar aplicar uma multa aos pais ou aos responsáveis pela criança.⁷²

Os esquemas de nacionalização se tornaram ainda mais rígidos em 1942, com a participação do Brasil na Guerra ao lado dos aliados e contra os países do Eixo: Alemanha, Japão e Itália. Os jornais se «abrasileiram» e as escolas onde se ensinava em língua estrangeira fecham definitivamente. Qualquer idioma estrangeiro é proibido de ser falado inclusive nas ruas. A política de nacionalização desse período, com um regime severo de controle e com o português então como única língua de ensino atingiu, para a classe dominante, seus objetivos. Consta em um relatório⁷³ que um professor norte-americano, da *Columbia University*, visitando em 1941 as zonas coloniais de Santa Catarina e, retornando às mesmas áreas alguns anos depois, registra assim suas impressões a respeito das mudanças ocorridas:

"Aonde fui? Que vi? Que mudanças se verificaram? Percorri *Nova Trento*, Brusque, Itajaí,

72 J. Monteiro, op. cit. p. 69.

73 "Relatório do Deputado Elpidio Barbosa sobre o sector educacional catarinense no periodo de 1940-1950" in N. A. Fiori, op. cit. pp. 171-172.

Timbó, Rodeio, Ibirama, Rio do Sul, Indaial, Blumenau e ainda vários povoados do interior. Visitei as mesmas escolas e falei com várias das mesmas pessoas (...). Algumas dessas pessoas sentiam amargura aos erros que, individualmente, haviam sido praticados antes da política de reeducação, adotada em lugar de métodos policiais punitivos, que funcionários e alguns militares tinham posto em prática. Falei também com professores e estudantes. Concluí, de tudo, pela mais chocante transformação de uma área (que fora, abertamente, de outro país), em um típico Estado Brasileiro (...). Penso que o problema da assimilação foi resolvido".

Tal conclusão, no entanto, parece não conferir totalmente com a realidade das áreas rurais de colonização italiana ou alemã do Estado. Todas as campanhas de nacionalização, em particular as de 1937 a 45, pareciam ter decretado a morte do bilinguismo nessas zonas. E as autoridades responsáveis, através das crescentes proibições e medidas em favor da língua nacional, pensavam, realmente ter conseguido a vitória. Mas na verdade o que aconteceu foi somente o corte da língua estrangeira na sala de aula, sendo que nas famílias e na rua, embora algumas restrições ou pequena diminuição decorrente de medos e outras crenças

tenham se manifestado, os dialetos continuaram a ser falados. Em um aspecto, pelo menos, temos certeza que essa preocupação do Governo em nacionalizar o ensino no sul foi importantíssimo: fez aumentar significativamente o número de escolas. Santa Catarina apresentava em 1937 a menor taxa de crianças de 7 a 11 anos sem frequência escolar (a porcentagem pela qual se exprimia esse déficit era pouco superior a 9% em média nesse estado, sendo de mais de 40% para todo o país).⁷⁴

Por outro lado, porém, essas campanhas trouxeram consigo uma séria consequência negativa sobre a cultura dos imigrantes: ao processo de identidade do italiano ou do alemão, acrescentou-se um elemento de inferioridade psicológica diante do país que proibia a liberdade de expressão linguística dessa parte da população que não possuía ainda uma bagagem suficiente da cultura e da língua portuguesa.⁷⁵ Mais do que as campanhas de nacionalização em si, foi esse sentimento de inferioridade em relação à língua materna o maior responsável pela diminuição da identidade linguística dialetal em favor do português, agora única língua da escola, língua de prestígio. Talvez essa idéia de inferioridade do dialeto,

74 Brasil. Mec. Organização do ensino primário e normal in N. A. Fiori, idem, pp. 1, 11-12.

75 R. Costa in AA.VV. *EUROAMERICANI*, op. cit. p. 267.

especialmente nas áreas de colonização italiana, era algo já presente, quase sempre inconsciente, na bagagem do imigrante, pois mesmo na Itália existia em uma parte da população a idéia de que o uso do dialeto seria traço próprio das categorias sócio-econômicas subalternas e o italiano, privilégio das elites. A este particular acrescentam-se as condições em que viveram os nossos imigrantes. Deixar o dialeto, então, representava alguma coisa associada à idéia de ascensão social, que por si só implicava na valorização do português.⁷⁶ Com o processo de nacionalização, o "imigrante que nem sempre disfarçava a vergonha de empregar o dialeto, quer face ao italiano, quer face ao português, e que não raro transmitiu esse sentimento aos descendentes, agora via-se psicologicamente atingido por outros problemas envolvendo a noção de brasilidade com o falar brasileiro, com o emprego do dialeto ou do italiano, com a idéia - especialmente durante a guerra - de quinta coluna, de traidor do país, associada à fascista".⁷⁷

Em consequência a esses fatores, associados a outros de caráter sócio-econômico (como o crescimento e a urbanização das áreas de colonização), assistiu-se no decorrer de 70 anos a

76 P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. p.607.

77 Idem, p. 620.

uma mudança gradual do ensino dado exclusivamente em língua estrangeira, ao ensino parcialmente em língua nacional para se chegar, enfim, ao ensino exclusivo em português. Processo que no decorrer de tantos anos não se fez sentir somente nas escolas, mas também em outros ambientes o dialeto começou a seguir o mesmo caminho: monolinguismo dialetal - bilinguismo - monolinguismo português. Ciro Mioranza⁷⁸ fala desse processo sofrido pelo dialeto nos termos de *superstrato* - *adstrato* - *substrato*.⁺ no início da colonização, o dialeto italiano, não convivendo com o português, predominava em uma situação de superstrato. A partir do momento em que as colônias italianas passam a abrir as relações com o mercado externo, os dois sistemas linguísticos convivem lado a lado e a situação do dialeto muda para a condição de adstrato. "O imigrante passa a se integrar no novo país, tendo a consciência de que era um estrangeiro e de que precisa não sê-lo - e o processo de aculturação se acelera". Na última etapa, iniciada por volta dos anos 70, que corresponde também à fase atual, "o descendente pode ser considerado totalmente integrado e aculturado", sendo que o dialeto persiste somente em algumas zonas, mas em situação de substrato, sofrendo todo e qualquer tipo de

78 C. Mioranza in L. A. de Boni. op. cit. pp.595-601.

influência do português, língua completamente dominante. "Essa é uma linha de pensamento que leva a afirmar que, em breve espaço de tempo, os dialetos deixarão de existir como sistema de comunicação. Pode-se contudo traçar outras linhas ou hipóteses que possam conferir outro futuro para os dialetos italianos".⁷⁹

2.3 Vida ou morte?

Como coloca Mioranza, pode-se traçar várias hipóteses para o futuro dos dialetos italianos no sul do Brasil. Mas quaisquer que sejam, são sempre duas as soluções para uma situação de línguas em contato: conservação de ambas ou desaparecimento de uma delas. Em outras palavras, ou uma situação de bilinguismo com a manutenção do dialeto convivendo lado a lado com a língua oficial, ou o desaparecimento de um dos sistemas - e, neste caso, do dialeto por se tratar de uma língua de uso minoritário.

Gumperz⁸⁰ defende que não existem bases teóricas que sustentem que as comunidades

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

⁸⁰ J. Gumperz: *Types of Linguistic communities*. *Anthropological Linguistic*, 1972, pp. 428-440.

linguísticas devam ser absolutamente monolíngues - e prova disto é a existência das comunidades bilingues alemãs e italianas do sul do Brasil. Contudo, temos que ter em consideração que o bilinguismo existente aqui é geralmente instável e, na maioria dos casos, caminha lentamente para o monolíngüismo. Uma maneira de se conferir isto é através do estabelecimento da «configuração dos domínios discursivos»⁸¹ de cada uma das línguas, ou seja, em quais situações é usada uma e outra língua. E parece que a configuração do dialeto, na maioria das comunidades, é cada vez menor com o passar das gerações. Ele tende a prevalecer somente no ambiente familiar de zonas rurais e fechadas. E é, muitas vezes, justamente esse aspecto de transmissão da herança cultural no interno da família o último impulso de preservação do dialeto italiano em muitas comunidades. O uso da língua na família é fator decisivo. É aliás esta uma das três soluções apontadas por Mioranza que possam garantir futuro aos dialetos italianos.⁸²

Há linguistas, porém, que já estão convencidos de que não há futuro para a conservação

81 F. Tarallo e T. Alkmin. *Falares crioulos. Línguas em contato*. Ática, São Paulo, 1987, p. 75.

82 As outras duas são: transformar o dialeto em língua de mercado ou em língua de cultura - ambas soluções não válidas para a realidade das áreas italianas de SC. Já no RS essas tentativas estão dando resultado positivo pois a área italiana ali é grande e homogênea.

do bilinguismo nas comunidades de colonização européia no Brasil. Levi Mattoso⁸³, por exemplo, diz que uma comunidade bilingue auto-suficiente não tem razão de existir, já que nessas áreas as pessoas podem sobreviver perfeitamente utilizando-se apenas de uma das línguas. Isso já não ocorreria nas zonas fronteiriças como o sul do Brasil com o Paraguai, Uruguai e a Argentina, onde sempre existirá o contato linguístico do qual resulta um bilinguismo constante.

Além de uma crescente tendência ao uso do português, o que se observa em muitas comunidades bilingues é que os dialetos estão passando por um processo de mudança devido ao contato com a língua nacional e a falta de uma ação de reforço e de normativismo linguístico.

Por outro lado, tem-se observado também que nos últimos anos está renascendo o interesse pela língua e pela cultura italiana. Com a comemoração do centenário da imigração em 1975, iniciou-se um processo de «redescoberta das raízes», ao lado de uma mudança positiva da imagem da Itália para o descendente imigrante, devido o rápido salto econômico deste país na década de 70. "A quinta potência de hoje é diferente da «italieta» de fins

83 M. Levi Mattoso in UFRGS/Instituto de Letras/Centro Linguística Aplicada: *Publicação Interna do 12 Encontro sobre Bilinguismo no sul do Brasil*, UFRGS, 1982, pp. 110-133.

do século passado (...). Para os imigrantes que ainda conservavam um pouco da brasa sobre as cinzas, a autoconfiança retornava a partir da sistemática revalorização do grupo étnico-cultural a que sentiam pertencer".⁸⁴ Sinal dessa valorização é o renascer do interesse pela língua italiana, implantada em várias escolas como língua estrangeira, a criação de associações culturais italianas nos centros de colonização, a fila nos Consulados em busca da dupla cidadania, as crescentes pesquisas no campo da imigração, a criação de corais dialetais, etc. Está se formando uma consciência de «ser italiano», de conservação dos traços culturais. E a língua é sentida como reminiscência histórica do passado de famílias e grupos e como fator essencial para a conservação das tradições.⁸⁵

Diante desses fatos, resta sempre a nossa dúvida inicial: qual o futuro dos dialetos italianos em Santa Catarina? Desaparecimento ou conservação da situação de bilinguismo?

A nossa hipótese é de que estamos nas etapas finais de um longo processo de desaparecimento gradual do dialeto. Mas como neste campo é muito perigoso fazer generalizações, tomamos como objeto

84 P. Petrone in L. A. de Boni, op. cit. pp. 624 e 621.

85 R. Costa in AA.VV. *EUROAMERICANI*, op. cit. p. 267.

de estudo o município de Nova Trento⁸⁶, cuja situação linguística, no geral, é a seguinte:

a) *Na área urbana*: o dialeto é restrito à geração adulta e seu uso é passivo, ou seja, apesar de conhecido por parte da população, as situações de uso são pouquíssimas;

b) *Em algumas áreas rurais*: o uso e a competência de ambos os sistemas é ativo nos falantes adultos (embora com tendências ao maior uso do português), sendo que a geração das crianças, apesar de compreender o dialeto, utiliza somente o português;

c) *Em outras comunidades rurais*: adultos e crianças são bilíngues ativos, sendo que a geração dos avós, inclusive, apresenta maior desenvoltura no falar dialetal do que no brasileiro.

86 O município de Nova Trento localiza-se no vale do Rio Tijucas, a 76 km da capital catarinense. Possui uma área de 431 km², distribuídos em 42 comunidades rurais. Conta com uma população de 9.250 habitantes (censo de 1988), com uma densidade de 24 hab/km². A sua população rural, embora com elevada taxa de diminuição nos últimos anos, é representada por 60% da população total, o que caracteriza o município como de base econômica agrícola, cujo destaque é a plantação do fumo, mandioca, milho e uva, além da extração da madeira. Nova Trento tem limites territoriais com: Botuverá e Brusque ao norte; Major Gercino e São João Batista ao sul; São João Batista e Canelinha a leste; Leoberto Leal e Vidal Ramos a oeste. A totalidade do município é caracterizada por um relevo ondulado, entrecortado por vales. É banhado pela bacia do rio Alto Braço, que apresenta vários afluentes, entre eles: Ribeirão Alferes, Rio do Braço, Veado, da Onça, Capivaras, Lageado. Nova Trento integra a micro-região dos Vales do Tijucas e Itajaí-Mirim, cuja sede é Brusque e faz parte da Associação dos Municípios da Grande Florianópolis - Fontes: *PIDSE: Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico. Diagnóstico Municipal de Nova Trento*, SEPLAN/ SEICT/GEAG-SC, Florianópolis, 1990; Prefeitura Municipal de Nova Trento.

Todas estas suposições, porém, serão desenvolvidas e confirmadas ou não no decorrer dos resultados da pesquisa de campo realizada mais adiante. O que sublinhamos neste momento é que a situação de comunidades com línguas em contato não é tão simples quanto parece. Considerado no seu todo, o fenômeno do bilinguismo em um único município pode assumir diferentes fisionomias segundo a área linguística a que se refere. Em decorrência, um dos objetivos desta pesquisa é justamente fazer um mapeamento linguístico da cidade de Nova Trento, representando a composição étnico-linguística de cada comunidade, detectando a(s) área(s) de maior índice de falantes bilingues português/italiano. Como primeiro passo, seguem alguns aspectos históricos e sócio-culturais relevantes ao conhecimento das áreas em que serão aplicados os questionários da pesquisa de campo.

3. A velha Trento na Nova Trento

3.1 Quem chegou

Nova Trento era um dos núcleos coloniais italianos da colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, fundada em 1860, cuja sede se denominava Brusque, distante 30 km. Inicialmente, esse núcleo era conhecido por Tijucas (localiza-se na bacia do rio Tijucas), depois Alferes (afluente do rio do Braço, que o atravessa) ou ainda *Seghe*⁸⁷ (pois existiu no lugar, por volta de 1840, uma serraria implantada por uma família de genoveses)⁸⁸. Transformado em distrito em 1875, passou a receber grandes levadas de imigrantes, especialmente trentinos, o que deu origem ao seu nome atual. Os primeiros que chegaram foram 20 famílias originárias a maioria da Valsugana (Trentino) e algumas de Monza (Lombardia), sendo colocadas provisoriamente em barracões na linha Morro da Onça.⁸⁹

Em janeiro de 1876 estavam estabelecidas em seus lotes, a 16 km da atual sede do município, "seguindo da linha Pomerania, em Brusque, até a

87 *Seghe* quer dizer serraria, em italiano.

88 A. Ganarini: *Notizie di Brusque e Nuova Trento ossia delle colonie Itajahy e Príncipe Don Pedro nella provincia di S. Cattarina*, G. B. Monauni, Trento, 1880, p. 14 (Tais genoveses abandonaram o lugar por causa dos constantes ataques dos Bugres).

89 Idem, p. 9.

linha Tirol" (provavelmente na localização atual de Claraíba). Depois vieram outros italianos, que se estabeleceram na linha Lombardia - eram quase todos desta região da Itália.⁹⁰ Junto com estes vieram também alguns "francezes (sic) solteiros".⁹¹

Em março do mesmo ano, com o navio francês *Kauban* chegam ao porto de Desterro 416 imigrantes tirolezes⁹² e em setembro, com o vapor *Werneck*, mais 700 italianos de diversas procedências, todos destinados ao distrito de Nova Trento.⁹³

Entre 1877 e 78, devido a uma grande seca no nordeste brasileiro que levou à morte milhares de pessoas, o Governo mandou para o sul cerca de 30.000 nordestinos, sendo que algumas dessas famílias foram colocadas também em Nova Trento.⁹⁴

De 1876 a 1880 entraram ainda nessas terras outros grandes grupos de imigrantes, na maioria «tirolezes». Em uma estatística⁹⁵ de 1880 sobre Nova Trento encontramos os seguintes dados:

90 W. F. Piazza: *Nova Trento*, Florianópolis, 1950.

91 L. Borinelli: "Memória" in W. F. Piazza, op. cit. pp. 159-164.

92 Os imigrantes do Trentino se diziam tirolezes pois a região, até o final da 1ª Guerra, pertenceu à Áustria.

93 W. F. Piazza, op. cit. p. 22.

94 Archivio Comunale di Meano: "Envelope 336, vários 1870-1879", datado 26/09/77.

95 A. Ganarini: "Statistica, Appendice III" in *Notizie...*, op. cit., p. 91.

Nacionalidade	No distrito de N.Trento	Em outros distrit. da colônia Brusque	Total
Italianos	469	1.716	2.185
Tirolezes	1.205	614	1.819
Alemães	108	888	996
Franceses	13	24	37
Espanhóis	2	0	2
Poloneses	0	45	45
Brasileiros	624	2.429	3.071
Soma	2.439	5.824	8.263

E a vinda de imigrantes não parou por aqui. Em 1888 e 89 vieram os primeiros poloneses, junto com algumas famílias de russos brancos e de alemães.⁹⁶ Em abril de 1899 foram feitos outros barracões nas localidades de Salto e Bonito para novos colonos, na maioria polacos.⁹⁷

Assim ia se constituindo a população de Nova Trento, com uma miscelânea de nacionalidades e culturas, mas sempre com a predominância do elemento trentino (ou tirolês). "Muitos dos colonos são trentinos, do qual se originou o nome Nova Trento; mas existem ainda vênnetos, lombardos e também polacos, que são os mais distantes da nossa residência (refere-se à residência dos Jesuítas, no centro do distrito). Aqui e acolá se encontram

96 W. F. Piazza, op. cit. p. 22.

97 H. C. Boiteux: *Nova Trento*, Rio de Janeiro, 1929, p. 11.

também alguns brasileiros, mas em pequeno número".⁹⁸ O imigrante de origem italiana, junto com alguns brasileiros, ocupou o centro do núcleo colonial e mais da metade da área total que o compreendia; os de origem polonesa se localizaram nos vales do Alto Braço, especialmente nas zonas mais altas e com eles se confundiram os russos; os nordestinos, na altura do médio curso do rio do Braço, entre Lageado e Bonito; os de origem germânica, por sua vez, estabeleceram-se parte na linha de Claraíba, sofrendo forte mescla com o elemento italiano e brasileiro, parte na localidade de Vargedo, miscigenando-se mais tarde com o elemento vindo do planalto lageano.⁹⁹

Inicialmente os imigrantes foram colocados em meio à floresta, quase que abandonados. Ganarini, em 1880, escreve em suas *Notícias*¹⁰⁰ que em todos os lugares girava a mesma "monotomia de selva", que impedia de ver a configuração do município, e uma grande tristeza, à qual se juntavam os gritos de animais. Por isso, muitas famílias retornaram à sua terra "por não ter resistido ao pânico de se encontrar em lugar tão solitário". Além da selva, o território era bastante acidentado, aumentando o

98 "Nuova Trento nel Brasile" in *Voce Cattolica*, Trento, 07/07/1905.

99 W. F. Piazza, op. cit. p.23.

100 A. Ganarini, op. cit. p. 17.

isolamento (sem falar que algumas linhas coloniais se localizavam a até 30 km de distância do centro) e a única estrada «*carrozzabile*» era a que ligava o distrito com Brusque, através do Morro da Onça.¹⁰¹ As estradas do interior eram poucas, estreitíssimas e não eram cuidadas. Esta falta de vias de comunicação fez com que muitos outros colonos abandonassem Nova Trento.¹⁰²

O isolamento geográfico, contudo, se analisado sob um outro ponto de vista, foi importante no sentido que levou a uma forte tendência de conservação de uma tradição familiar e cultural, possibilitando a existência de uma variedade dialetal por um longo período.

Mas o núcleo colonial de Nova Trento, não obstante, começou após alguns anos a se desenvolver.¹⁰³ Um centro urbano, ainda que pequeno, dava sinal de crescimento nas margens do rio do Braço. Foi este rio, aliás, o seu maior fator de desenvolvimento econômico pois, sendo navegável, permitia a comunicação com Tijucas, centro exportador de seus produtos agrícolas. Casas de comércio e pequenas indústrias apareciam. Também engenhos proliferavam, por ser uma região bem

101 Idem, p. 11.

102 H. C. Boiteux, op. cit. p.25.

103 Para uma análise do processo de crescimento inicial de Nova Trento ver: R. M. Grosselli, *Vencer ou ...*, op. cit. pp. 483-490.

servida de água. "Moinhos para milho e para mandioca, serrarias, aparelhagens para trabalhar a cana obtendo o açúcar ou cachaça tinham surgido no distrito com uma rapidez notável, desde que se pense que o núcleo contava com pouquíssimos anos. O próprio centro urbano de Nova Trento começava a competir com o de Brusque, que tinha 15 anos mais (...). O Presidente F. J. da Rocha reconheceu em Nova Trento um dos pontos de mais luminoso futuro da Província. Era Nova Trento a «sede moral» da colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro, não Brusque".¹⁰⁴ Em 1888, existiam já 30 estabelecimentos para fabricação da farinha de mandioca e 24 para o açúcar, 24 alambiques, 16 moinhos de fubá, 2 para o arroz, 9 estabelecimentos para a produção de telha e tijolos, 1 para louça de barro, 1 fábrica de cadeiras de palha, 2 de móveis, 1 de cerveja, 1 de carroças, 2 tanoarias, 2 alfaiatarias, 10 serrarias, 10 marcenarias, 3 sapatarias, 1 farmácia, 2 padarias.¹⁰⁵ Em 1890, inaugurava a estrada que o ligava com Tijucas.

Outro sinal de crescimento foi o rápido aumento da população:

104 Idem, p. 485.

105 H. C. Boiteux, op. cit. p. 53.

1880	2.439 habitantes	
1885	2.519	"
1887	3.024	"
1890	4.300	"
1891	4.011	"
1900 ¹⁰⁶	5.817	"

O núcleo colonial de Nova Trento, tanto em termos econômicos como geográficos, parou de progredir entre os anos 1910 e 20. Com o empobrecimento das terras e consequente superpopulação em relação às diminutas capacidades produtivas, no início do século consistentes núcleos de população começaram a se deslocar para Brusque e para Blumenau. Depois para o Rio Grande do Sul e Paraná e, por fim, para a Argentina. Em 1916, o município contava com 7.500 hab. e em 1920, com 6.453. As pequenas indústrias pararam as atividades e o comércio se deslocou em grande parte para Brusque.¹⁰⁷ O próspero futuro do núcleo colonial de Nova Trento começava a mudar de face.

106 Em outra fonte, consta em 1900, 8.000 habitantes in R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit. p. 489.

107 Idem, p. 490.

3.2 Como eram

Dos imigrantes vindos à Nova Trento, a grande maioria era formada por colonos. O restante, em torno de 15 ou 20%, era constituído por artesãos, operários, comerciantes que, ou se situaram no núcleo urbano ou se transformaram em colonos (que não era difícil para eles, pois a família de todos tinha sido, no passado, camponesa) ou, como ocorreu com muitos, reemigraram para outra colônia não rural.

Outro dado que nos parece aqui importante é quanto à instrução dos imigrantes. Segundo uma estatística de 1880, no Trentino os analfabetos acima de 6 anos eram em um percentual de 12,07% entre os homens e de 16,32% entre as mulheres¹⁰⁸, o que nos leva a concluir que, dos imigrantes trentinos estabelecidos em Nova Trento, em torno de 15% eram analfabetos. Nas províncias vênetas e lombardas, das quais vieram muitos para Nova Trento, o percentual de analfabetos era ainda mais elevado, pois o percentual total para o norte da Itália era de 54,2%.¹⁰⁹ Embora seja relativamente alto o percentual dos trentinos alfabetizados, a grande maioria destes colonos não sabia falar

108 E. Leonardi: "La scuola elementare trentina" in R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit. p. 222.

109 Bernoni in A. Lenard, op. cit. p. 145. De qualquer forma, esse índice de analfabetismo, embora alto, é sempre muito menos elevado que no resto da Itália: 74,7% no centro e 84,1% no sul.

fluentemente ou escrever em italiano gramatical. Eram alfabetizados mas, provavelmente, em dialeto.¹¹⁰ Respondendo a um questionário sobre os assuntos da colônia Itajaí-Príncipe D. Pedro, escreve Ganarini¹¹¹: "Os alemães sabem quase todos ler e escrever; entre os italianos, a metade e entre os brasileiros, apenas um décimo". O italiano era língua usada somente em algumas esferas públicas como no comércio e na administração. Disto resultava a grande dificuldade linguística inicial, não somente com relação aos grupos de outras etnias, mas às vezes surgiam incompreensões até mesmo entre os italianos devido as diferenças dialetais. Conta Ganarini que entre as primeiras famílias estabelecidas, aquelas de Valsugana e Monza, houve grandes problemas de comunicação verbal. "Era coisa curiosa de se ver como aqueles de Monza, não entendendo o modo de falar daqueles de Valsugana, pensavam que eles fossem alemães, e os de Valsugana pensavam que fossem alemães os «monzeses». Também em Brusque não tinha modo de

110 C. Matteucci afirma que nas escolas italianas da época os próprios mestres usavam o dialeto in A. Lenard, idem, p. 144.

111 P. Ganarini: Questionário sobre assuntos da colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro em 12/05/1883 in *Correspondência dos arcebispos e vigários com a Pres. da Província 1878/1883*, Arquivo Público do Estado de SC, Florianópolis.

fazer-se entender, porque não existia ainda nenhuma prática com o português, que é tão fácil."¹¹²

Além das dificuldades linguísticas, o relacionamento dos imigrantes italianos com outros grupos foi bastante fechado nos primeiros tempos. Dispersos em um lugar estranho e isolado, sem nenhuma estrutura, o imigrante italiano sentia que estava em jogo a sua identidade étnica e o único modo de preservá-la era afastá-la de contaminações com outras culturas. Grosselli¹¹³, analisando os casamentos entre os imigrantes, verifica que, além de uma forte separação étnica, havia uma escala de valores: os italianos pareciam recear menos a confusão étnica com os brasileiros do que com os alemães. Os brasileiros eram vistos como pessoas sem amor para com a família e a agricultura, mas com os alemães existiam outras diferenças mais acentuadas como a língua e, o que é mais grave, a religião. Outra observação de Grosselli importante ao nosso estudo em Nova Trento é que, entre os italianos das várias regiões, parece que era o trentino o que tinha maior consciência de defesa da identidade cultural, mostrando-se mais severo ao isolamento: "De acordo com a lógica, é possível sustentar que as comunidades mais abertas fossem as

¹¹² A. Ganarini: *Notizie di Brusque e Nuova Trento...* op. cit. p.9.

¹¹³ R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit, pp. 432-444.

menos cōscias do próprio patrimônio cultural, menos decididas e menos capazes em defendê-lo e, possivelmente, generalizá-lo em seus confins. Segundo a lógica, porém, é também possível afirmar que as comunidades mais fechadas fossem as mais expostas à corrosão de valores estranhos, atemorizadas e prontas a defender rigidamente sua identidade. Permanece a suspeita de que a comunidade trentina fosse uma comunidade extremamente fechada, extremamente atenta à não confusão".¹¹⁴ E esse isolamento inicial foi fundamental para a sobrevivência da língua dos imigrantes.

Outro fator importante que se pode assinalar em Nova Trento e que acentua a separação entre os grupos diversos é o critério de ocupação de terras adotado. Um critério que, de certa forma, respeitou a identidade étnico-linguística: não houve uma demarcação rígida dos lugares a serem ocupados; à medida que os grupos de imigrantes chegavam, eles próprios escolhiam «livremente» os seus lotes nas linhas previamente demarcadas. Esse esquema permitia que famílias de uma região habitassem ao lado de outras da mesma região, formando assim, desde o início, uma comunidade linguística mais ou menos homogênea, evitando a rápida interinfluência

114 Idem, p. 444.

de dialetos ou de línguas. Situação bem diferente, por exemplo, da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. Ali, a forma de distribuição de terras e povoamento foi muito mais sistemática por parte dos órgãos oficiais, observando-se rigidamente o esquema de linhas ou travessões.¹¹⁵ Cada família ou grupo que chegava era colocado em um lote já estabelecido, seguindo sistematicamente o critério geográfico de povoamento da região na direção sul-norte. "Esta modalidade de distribuição das terras destinadas aos imigrantes, sem a preocupação de agrupá-los na RCI segundo a sua origem regional ou provincial, teve fortes consequências linguísticas no sentido que, desde o início da colonização, realizaram-se cruzamentos interdialetais (...). Grupos de falantes diferentes se estabeleceram em uma mesma linha e deram origem a uma comunidade linguística heterogênea."¹¹⁶ Em Nova Trento, ao contrário, houve maior liberdade na escolha dos lotes. O próprio contrato de «Fundação da Colônia, distribuição dos terrenos e condições da propriedade», no seu art. 6º, confirma que os colonos na sua chegada poderão escolher livremente o lote que preferirem, contanto

115 «Linhas» ou «travessões» é a estrada em cuja esquerda ou direita se dispõem duas séries de lotes, em sucessão paralela.

116 V. Frosi: "Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana" in Meo Zilio (org.), *Prezenza, cultura...* op. cit. pp. 217-218.

que pagassem o preço estabelecido segundo a sua classificação.¹¹⁷

Além disto, a separação entre o elemento trentino com o brasileiro ou alemão não se justificava somente nas diferenças de língua, de religião e de hábitos culturais. O elemento «estrangeiro» (=não-tirolês) representava ainda, para o nosso colono, a autoridade, o poder político e econômico. Quando em 1884 foi criado o Distrito Policial de Nova Trento, foi nomeado delegado de polícia Hyppolito E. Boiteux e como 1º, 2º e 3º suplentes: João S. Schutel, José Bozzano e Otto Husadel.¹¹⁸ Entre eles, como se vê, nenhum trentino. Criado o Distrito de Paz, em 1891, é nomeado juiz H. Boiteux e escrivão Chrispim J. Martins. Também aqui não entravam os tirolezes. Isso sem falar na administração. Quanto a esta, a administração provincial não queria deixar o poder local em mãos de estrangeiros, fato que retardou a sua emancipação (Nova Trento é transformado em município somente em 1892). Em razão disto, quando em 1883 o presidente Gama Rosa visitou Nova Trento, em torno de 40 trentinos solicitaram espontaneamente a cidadania brasileira - um

117 "Fondazione delle colonie, distribuzione dei terreni e condizione delle proprietà" in A. Ganarini: *Notizie di...* op. cit. Appendice I, p. 81.

118 H. C. Boiteux, op. cit, p.25.

primeiro passo de abandono da própria identidade cultural.

3.3 Igreja e Escola

"Os colonos aqui, como lhes dirá o portador desta minha carta, estão no geral muito bem, depois de ter aqui passado já algum tempo, mas todos sem exceção se lamentam porque falta instrução em todos os modos".¹¹⁹

Entre muitas das promessas feitas aos imigrantes estava também a da educação escolar. Mas o interesse oficial do Governo brasileiro em dar escolas às colônias não foi em nenhum momento significativo. Solicitações de escolas nos primeiros anos das colônias trentinas eram comuns. Pode-se dizer que tais pedidos vinham logo após aqueles de padres e médicos. Como o poder público tardou bastante para dar respostas às solicitações, em muitas vezes nas colônias italianas do estado eram as associações particulares ou religiosas que davam os primeiros passos para a criação de

¹¹⁹ Pe. A. Finotti in *La Voce Cattolica* de 10/08/1878 (La Voce Cattolica era um jornal pertencente à Cúria de Trento que dava um espaço às correspondências do exterior informando sobre coisas das colônias).

escolas. Muitas outras , eram os próprios colonos que a construíam e elegiam entre eles um professor. Assim surge a primeira escola de Nova Trento, por volta de 1876, no lote nº 2 da linha Lombardia. Era uma casa muito pequena, "tapada ao redor de barro e coberta de folhas de palha"¹²⁰, sendo nomeado professor Edoardo Dalmaso, um dos que sabiam entre eles ler e escrever.

Faltam notícias completas sobre o início da instrução escolar em Nova Trento, mas de uma coisa estamos seguros: de que foi bastante deficitária. Alguns dados, contudo, conseguimos encontrar em documentos da época. Conta Ganarini¹²¹ que em 1878 havia na colônia 7 escolas para os italianos. Diz ainda que esperava que no ano seguinte duplicasse esse número, já que o Governo ajudava "suficientemente os colonos nos primeiros anos" - o que não corresponde totalmente com a realidade. Sabe-se que as províncias do país, responsáveis pela educação escolar desde 1834, não tinham recursos disponíveis à educação (fator que levou a provincia de SC, por exemplo, a permitir a criação de escolas particulares). O número apresentado por Ganarini não é porém muito significativo por não especificar em qual área se localizam tais escolas,

120 L. Borinelli: "Memória" in W. F. Piazza, op. cit. p. 160.

121 A. Ganarini in *La Voce Cattolica* de 14/02/1878.

pois além de Nova Trento, a colônia possuía outros núcleos italianos como o de Porto Franco (hoje Botuverá). Mais preciso é outro artigo do mesmo ano e do mesmo jornal¹²² que fala de 32 pequenas escolas em toda a colônia, sendo 5 no distrito de Nova Trento. Não consta nesse documento, mas sem dúvida em todas as 5 escolas se ensinava somente em italiano ou em dialeto, uma vez que se localizavam todas em zonas do interior do distrito onde os colonos falavam somente a língua materna (a 1ª escola no centro do distrito e com professor brasileiro é fundada em data posterior a esta notícia). Em 1879, encontramos notícias¹²³ da existência de 6 escolas particulares mistas em Nova Trento, com 126 alunos. Apesar de serem particulares, eram em parte subvencionadas pelo governo, permitindo assim que os filhos dos colonos estudassem. Além disso, outra vantagem das escolas particulares era que os próprios imigrantes podiam escolher o professor, o que equivale dizer, escolher um entre eles, que falava a mesma língua. E a direção da Província estava ciente deste fato. Em um relatório¹²⁴ apresentado à Assembléia

122 Pe. Cybeo in *La Voce Cattolica* de 06/08/1878, cit. R. M. Grosselli, *Vencer ou...* p. 387.

123 Pe. Ganarini: "Questionário sobre assuntos da colônia..." in *Correspondência...*, op. cit.

124 "Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de SC na 2ª sessão da 26ª legislatura pelo pres. Francisco José da

Legislativa em 1887, o então presidente F. J. da Rocha afirma que estabelecer professores nacionais nos núcleos coloniais significa pagar instrução que não se realiza. Além de serem raros - continua - os professores nacionais que falem os idiomas dos imigrantes ou que ao menos compreendam os alunos, os imigrantes só têm confiança nos professores da nacionalidade deles; quando estes não existem, colocam um professor qualquer que lhes pareça o mais competente. Preferem ao ensinamento nacional gratuito este outro, mesmo se isso lhes custe a mensalidade (mensalidade provisória, vale dizer, porque apenas criadas, as escolas particulares logo pediam a subvensão que a Lei Provincial autorizava sob certas condições). O relatório acima termina afirmando que esse tipo de «exclusivismo» linguístico (o de escolher o professor entre eles) é um enorme erro do imigrante, mas é uma deplorável realidade sem "conectivos".

A educação escolar em Nova Trento poderia ter tido, segundo os números apresentados, um futuro promissor entre as outras colônias italianas de SC, pois era uma das poucas que já no ano seguinte à entrada dos imigrantes contava com várias escolas.

A História, porém, dá as suas vira-voltas. Em 1881, com a emancipação da colônia Itajai-Príncipe Dom Pedro, os imigrantes entram em um período bastante crítico, desprovidos agora do auxílio financeiro do Governo Provincial. E a fim de diminuir ainda mais os gastos, aos núcleos coloniais vêem interrompido os financiamentos às escolas. Este passo significou a imediata diminuição do número de estabelecimentos escolares em todo o estado e, em Nova Trento, a morte de todos os 5 ou 6 existentes. De fato, isto nos permite entender porque Ganarini¹²⁵, respondendo a questões relativas à educação em Nova Trento, aponta em 1879 um número de 6 escolas e mais adiante, fala que em 1882 não existia *nenhuma*. Todas as escolas particulares morreram nesse ano, mesmo se o distrito apresentava em torno de 190 crianças em idade escolar. No ano seguinte, houve uma iniciativa de reintrodução de uma escola particular através do professor Antônio José de Oliveira, mas tal escola teve uma vida brevíssima.¹²⁶ Sem a ajuda do governo, os colonos

125 Pe. Ganarini in *Correspondência...*, op. cit.

126 Conta-se que pouco após sua criação, por ocasião da visita do pres. da Prov. Gama Rosa a Nova Trento, H. Boiteux pede a atenção dessa autoridade para a falta de um estabelecimento de instrução primária na sede do distrito. Respondendo ao seu pedido, Gama Rosa prontificou-se a subvencionar o próprio Antônio de Oliveira para dirigir tal escola. Contudo, meses depois, o mesmo presidente, "sob o pretexto de existência de irregularidade na direção e

não tinham condições de sozinhos sustentarem os custos relativos à sua manutenção e ao pagamento do professor. Sempre no mesmo questionário, Ganarini¹²⁷ expressa claramente essa necessidade: "Nesta ex-colônia, por causa da pobreza dos colonos, seria necessário subvencionar alguns professores particulares para a localidade mais populada. Nova Trento, com 3.000 habitantes, não possui nem sequer uma escola (...). Se se subvencionasse estes professores particulares com 15 ou 20 mil réis mensais como antigamente fazia o governo geral, não estaríamos ameaçados por um município de mais de dois terços analfabeto".

Além disso, a dificuldade e atraso na criação de sedes escolares nas colônias pode ter outras explicações. É preciso compreender que os imigrantes, por um lado, não eram dotados de grande cultura escolar e, por outro lado, estavam habituados a ver a escola como uma instituição imposta pelas autoridades à comunidade, e não como uma iniciativa própria da classe camponesa. Era uma coisa desconhecida para os colonos terem que dar conta da instrução formal dos filhos. A mudança de papéis no estado brasileiro dificultou a organização deles nesse sentido. O único tipo de

funcionamento da referida escola, mandou suspender a subvenção".
cit. Boiteux in W. F. Piazza, op. cit. p. 75.

127 Pe. Ganarini in *Correspondência...* op. cit. p. 16.

instrução que sobreviveu então nesses anos foi uma casa de missionários que se "dedicava com zelo" à educação religiosa dos menores e adultos do distrito de Nova Trento.¹²⁸ Foram os missionários, aliás, que organizaram ali inicialmente a vida dos imigrantes.

Em 1879, os jesuitas se estabeleceram em Nova Trento, antes mesmo que em qualquer outra colônia italiana, representando desde cedo o único apoio dos católicos imigrantes. Abandonados na floresta, a religião era o único refúgio e o sacerdote o único guia, sendo ele a pessoa que ditava as regras da nova sociedade. Nova Trento, devido a grande religiosidade e as condições especiais de abandono dos imigrantes, era, aliás, o lugar perfeito para a ação dos missionários. Em 1880, por exemplo, quando não havia sequer uma estrada, os fiéis haviam construído já 1 igreja matriz, 6 capelas de barro e 9 outras de argila e madeira, e 10 cemitérios para os católicos.¹²⁹ Sobre os religiosos em Nova Trento encontramos em um jornal trentino da época¹³⁰: "No que diz respeito à religião, então, os nossos colonos estão muito pior que na nossa região;

128 Idem, ibidem.

129 A. Ganarini: "Statistica", Appendice III in *Notizie di...* op. cit. p. 91. Consta ainda em Ganarini a existência de mais 2 cemitérios e de uma casa de oração para os 125 protestantes que existiam então em Nova Trento.

130 *Il popolo Trentino* de 29/06/1889, op. cit.

exceção é feita em Nova Trento, onde há vários anos existe uma casa de Missões de jesuítas da província romana. Por esta razão, Nova Trento pode se considerar um oásis feliz, onde graças ao espírito religioso daqueles excelentes missionários, o espírito religioso dos nossos trentinos é mantido vivo, a ponto de parecer uma das melhores localidades do Trentino lá (no Brasil) transplantada".

Foram as iniciativas dos religiosos que revitalizaram muitas das estruturas sociais, seja na colônia Brusque-Príncipe D. Pedro, seja na colônia Blumenau. Em Nova Trento, os exemplos nesse sentido são muitos. Com o auxílio dos jesuítas e das irmãs nasceram (sem falar no enorme número de capelas): o hospital, uma cooperativa agrícola, a indústria da seda, a banda musical, pontes, estradas e várias escolas. A escola era, aliás, após a Igreja, a estrutura que mais interessava aos religiosos.

Os jesuítas e os franciscanos em SC, especialmente nas comunidades trentinas, multiplicaram com o auxílio da população o número de escolas encontradas nos vales. Eram muitas vezes as próprias capelas que se transformavam em salas escolares.¹³¹ É claro que por detrás dessa atitude

131 R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit. pp. 455-456.

existiam outras intenções. Mais do que o interesse pela educação dos colonos em si, existia um interesse político de «italianização» dos imigrantes tirolezes de fala trentina. A maioria das atividades culturais dos jesuítas tinha em vista esse interesse de difusão da cultura e, especialmente, da língua italiana. Os jesuítas eram italianos e, portanto, contra a cultura e a língua dos trentinos. Assim, em Nova Trento, por exemplo, os padres fundaram no início do século uma companhia filodramática e edificaram um teatrinho no pátio da residência deles com a finalidade explícita de "dar ao nosso povo um honesto divertimento e, junto, para que os colonos falassem melhor a língua pátria, que frequentemente confundiam com o dialeto".¹³² Os jesuítas pregavam que, "depois da religião, o bem mais sacro que possui um povo é a sua língua, e quem defende uma e outra, pode, com direito, esperar a aprovação daqueles que possuem ainda um coração para Deus e para o país que os viu nascer e que lhes ensinou a balbuciar as primeiras palavras".¹³³

Mas as atividades do clero, além desse interesse, permaneciam sempre dentro de um horizonte bastante preciso: o de solidificar a

¹³² P. Cybeo : "*Nuova Trento...*" op. cit.

¹³³ Correspondência de um particular de SC: "Lettere Brasiliane" in *Il Popolo Trentino* de 29/06/1889, cit.

hegemonia do ideal católico na sociedade camponesa. Por isso se as escolas de Rodeio dirigidas pelos franciscanos (alemães) e as de Nova Trento pelos jesuítas (italianos) previam o ensino de matérias como língua materna, religião, aritmética, geografia, etc., enfatizavam sempre o aspecto sacro. Dos livros escolhidos, a metade era de conteúdo religioso.¹³⁴

Não queremos colocar aqui em discussão a atividade das estruturas eclesiais daquela época, mas em um sentido a presença delas foi sem dúvida importante: é em decorrência de suas atividades que as colônias deveram grande parte de suas escolas. Em Rodeio, por exemplo, antes da chegada dos franciscanos alemães, a zona contava com 6 escolas. Sob a direção desses frades, em pouquíssimo tempo foram criadas 15, das quais 12 italianas.¹³⁵

Em Nova Trento, além das iniciativas dos jesuítas, a que já acenamos, surgiram iniciativas também da classe dos comerciantes na sede do distrito. Nesse sentido, através especialmente das influências de H. C. Boiteux¹³⁶, é criada em 10/07/1885 uma escola mista de ensino primário, sendo nomeada professora Inês de Castro e Silva Sá

134 R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit. p. 457.

135 Idem, p. 456.

136 W. F. Piazza, op. cit. p. 75.

Lobão. É esta a primeira iniciativa de instrução pública em português na sede do distrito, contando logo nos primeiros meses com 115 alunos (provavelmente filhos dos comerciantes, dos dirigentes e dos nacionais ali estabelecidos).

Em 1887, devido ao rápido crescimento do número de alunos, é criada uma outra escola pública na sede, desta vez só masculina, cujo diretor era o professor Virginio Fantini. Quanto a esta escola, apesar de não termos documentos que o afirmem, provavelmente o ensino era feito em italiano, pois este professor era italiano. Também nas escolas mantidas pelos religiosos grande parte das aulas era ministrada nessa língua, pois Nova Trento contava com "bons professores" dessa nacionalidade. Nos primeiros anos deste século, o município possuía 8 escolas: 4 governativas e 4 paroquiais. "As governativas são naturalmente mantidas pelo governo brasileiro, as paroquiais pelo bispo; duas destas são dirigidas por freiras e duas por bons professores italianos".¹³⁷

O ensino da língua italiana - sempre dentro do intuito de «italianização» que o governo italiano propagava através da atividade dos religiosos - era, mais que estimulado, imposto. "Monsenhor bispo na sua sede Pastoral, no que se

137 Pe. Cybeo: "Nuova Trento...in *L'Italica Gens*, cit. p. 439.

refere às escolas, *ordena* que nelas, junto com a língua nacional, ou seja, o português, se ensine também o italiano".¹³⁸

Inicialmente o ensino era ministrado quase que exclusivamente nessa língua nas colônias. No início do século, passa a ser parte em italiano, parte em português. Mas que tipo de italiano era utilizado nas escolas? Lenard¹³⁹, tentando dar uma resposta a tal indagação, coloca que é provável que a situação aqui não fosse diferente da situação linguística das escolas na Itália do século passado: a língua escrita se aproximava do italiano literário, enquanto que na parte oral se utilizava o dialeto. Essa hipótese é em parte questionável na situação de Nova Trento, já que os jesuitas não eram trentinos e visavam propagar a italianização da língua; mas por outro lado pode ser válida nas duas escolas paroquiais dirigidas pelas freiras que, como coloca o mesmo artigo de *L'Italica Gens*¹⁴⁰, as professoras há "alguns poucos anos atrás, não eram que simples camponesas italianas". Corria voz, inclusive - continua o jornal - que as freiras de Nova Trento não eram aptas para ensinar, a não ser as crianças dos primeiros anos do primário. No mesmo artigo é ainda expressa a grande

138 Idem, *ibidem*.

139 A. Lenard, *op. cit.* p.13.

140 Pe. Cybeo: "Nuova Trento"... in *L'Italica Gens*, *cit.* p. 439.

necessidade de material escolar: "Devo aqui notar que temos grande escassês de livros escolásticos italianos, enquanto os governos da Áustria e da Alemanha os forneciam às escolas alemãs".

A escola alemã foi desde sempre melhor subsidiada. O governo alemão, desde o início da criação dos estabelecimentos de ensino, enviava material didático, professores e auxílios financeiros. Já a Áustria, à qual estavam politicamente ligados os imigrantes tirolezes até 1919, encontrando-se em sérias dificuldades políticas decorrentes de suas minorias de etnia italiana, desinteressava-se progressivamente pelos seus cidadãos em terra brasileira.¹⁴¹ Os colonos trentinos foram quase que esquecidos. Em SC, tem-se notícia da tênue voz das autoridades austriacas somente em uma ocasião, por volta dos primeiros anos do século. Mas isto ocorreu porque a iniciativa partiu dos colonos austriacos de língua italiana e dos padres franciscanos alemães de Rodeio, que declararam existir um nacionalismo italiano em alguns grupos de colonos austriacos da colônia Blumenau e parecia até que os consulados italianos haviam mandado financiamento para as escolas coloniais.¹⁴² Em vista disso, o Consulado

141 A. Lenard, op. cit. p.136.

142 R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit, p.430.

austriaco de Curitiba manda uma caixa de livros. Ainda naqueles anos, há notícias também da visita de um cônsul austriaco, Carlo Bertoni, à ex-colônia Blumenau. E além de Rio dos Cedros e Rodeio, tem-se notícia de sua passagem por Nova Trento.¹⁴³

De outras intervenções do consulado austriaco às colônias tirolezes não se sabe mais nada. Algumas vezes foi o próprio consulado italiano que se interessou por elas. A fim de divulgar o conceito de italianidade entre a população trentina, os nacionalistas italianos procuraram manter contatos com a pátria e com as suas autoridades. Sabe-se, assim, que em agosto de 1909, Adelchi Gazzurelli, cônsul da Itália, tendo que visitar as numerosas colônias de Santa Catarina, quis antes de qualquer outra visita, "honrar com sua presença Nova Trento" e "demonstrou muito interesse para que o estudo da língua italiana ali progredisse cada vez mais".¹⁴⁴

A ação das autoridades italianas nas colônias trentinas de SC se fez sentir especialmente no âmbito escolar. Foram fundadas algumas escolas em parte financiadas pelos consulados italianos, que enviavam livros e outros materiais e participavam das despesas de pagamento dos professores, "com a

143 Idem, p. 431.

144 Pe. Cybeo: "Nuova Trento"... in *L'Italica Gens*, cit. p. 441.

condição que fosse ensinado o italiano e talvez um certo amor pátrio".¹⁴⁵ Também Nova Trento dessa forma recebeu muitos livros italianos. Consta que Pe. Cybeo¹⁴⁶, que residia ali, ofereceu uma centena destes livros também ao Pe. Lucínio Korte, que trabalhava em Rodeio. Mas o frade alemão qualificou os livros como "suspeitos, por sua moral nitidamente leiga e pelo espírito anti-eclesiástico".¹⁴⁷ Cybeo, com maior praticidade e sendo italiano, responde à Korte que, apesar da bandeira italiana estar estampada em tais livros, pode facilmente ser rasgada.¹⁴⁸ Parece que também as autoridades austriacas começaram nesses anos a enviar livros e certo subsídio em dinheiro, segundo o que declara Cybeo em uma carta à Fulgenzio.¹⁴⁹ Mas tais subsídios foram pouquíssimos e terminaram, provavelmente, com a primeira guerra e passagem da região do Trentino à Itália.

145 R. M. Grosselli, *Vencer ou...* op. cit. p. 431.

146 Pe. Giovanni Maria Cybeo, em sua missão, percorreu inúmeras colônias de SC, RS, RJ e PR. Em 1876, junto com Pe. Andreassi, visitou também Nova Trento. Dois anos depois, voltou para Nova Trento com o seu superior Pe. Augusto Servanzi e o Irmão Purgatório, fundando ali a sua residência definitiva. Mantinha contato com jornais italianos sobre a situação da colônia. Morreu em 1925, com 88 anos de idade in *Notizie della Provincia Romana*, 1925, pp. 40-43.

147 Carta de Pe. L. Korte ao Pe. G. Fulgenzio datada 1914 in R. M. Grosselli, *Vencer ou...* idem, ibidem.

148 Carta de Cybeo à Korte datada 22/11/1915 in R. M. Grosselli, idem, ibidem.

149 R. M. Grosselli. idem, ibidem.

Quanto aos auxílios do governo italiano à instrução dos imigrantes nas escolas paroquiais havia entre os missionários certas suspeitas. A relação do Estado liberal italiano com a Igreja católica estava se deteriorando nesses anos. Havia uma grossa contraposição entre a Santa Sé e o Regime Italiano, o qual pretendia que a ação do clero entre os imigrantes fosse enquadrada aos programas do Estado. Nos registros do Tombo de Nova Trento, referente aos períodos de 1908-1915 e 1916-1926, consta uma carta do bispo às escolas paroquiais do município, chamando a atenção delas para que observassem escrupulosamente o que estava estabelecido na pastoral de 12 de outubro de 1910. Coloca que é preferível renunciar a qualquer subvenção de governos estrangeiros do que sacrificar a independência das escolas e do ensinamento religioso. "Não permitamos que o governo italiano, inimigo declarado da Igreja e do Papa, tenha a mínima jurisdição sobre as escolas das freiras". E proíbe, ainda, que estas aceitem qualquer tipo de contribuição que não tenha sido estabelecida por ele.¹⁵⁰

150 H. P. Evarisio: "Carta do bispo João Bucker" in *Registros do Tombo - NT 1808-1915*, Nova Trento, Paróquia Municipal.

O governo italiano, através da *Associazione Nazionale*¹⁵¹, recomeça após a 1ª guerra a mostrar interesse no que se refere às escolas dos imigrantes. Antes de pôr em prática qualquer tipo de intervenção, porém, era necessário ter informações detalhadas sobre todos os estabelecimentos escolares italianos no exterior. Assim, em 1921 e 22, o Ministério do Exterior pede às Embaixadas e aos Consulados italianos dados completos sobre os locais e sobre o funcionamento das tais instituições, a fim de verificar o possível ensinamento da língua italiana¹⁵². Nos registros do Tombo de Nova Trento¹⁵³, consta que em 1926 chegou uma licença do bispo diocesano para que fosse enviado ao Consulado italiano o «*Diario Scolastico*» das escolas paroquiais a título provisório, sendo que convinha "usar a máxima cautela para evitar qualquer suspeita, sempre mais ou menos perigosa, contra as nossas escolas paroquiais". Manda-se tal diário "pelo subsídio que se recebe pelo fato de se ensinar também a língua italiana".¹⁵⁴ A cautela era necessária porque, além

151 Associação de assistência aos missionários italianos no exterior, cujo principal objetivo era o de influenciar a atividade dos sacerdotes no sentido patriótico. É essa associação que conduzia a revista *Italica Gens*.

152 G. Rosoli in *Studi Emigrazione*, op. cit. pp. 242-243.

153 *Registros do Tombo*, op. cit., datado 15/09/1926, p. 26.

154 Não consta nos registros se a língua italiana era nessa época ensinada como língua materna ou estrangeira, ou quais matérias eram ensinadas em italiano.

dos dados normais sobre as escolas, pedia-se onde era ensinada a língua italiana e com qual forma didática, qual a importância das escolas religiosas para a conservação do sentimento italiano e quais as providências financeiras e morais necessárias para intensificar a obra e a difusão dessas escolas que espalhavam a propaganda cultural italiana.¹⁵⁵ E o Brasil, entre todos os países da América Latina, era visto como o mais apropriado para a implantação de uma política escolar de manutenção do sentimento nacional italiano. Em um país assim, onde a instrução escolar primária se tornou obrigatória só em 1921, tornava-se possível aproveitar a fragilidade do sistema escolástico local para implantar uma política de máxima presença e propaganda cultural entre os emigrados.¹⁵⁶

O reascender do interesse do governo fascista, junto com os acontecimentos políticos internacionais do momento, suscitam reações do governo brasileiro, aumentando também nessas áreas a sua campanha de nacionalização. Além de mandar gratuitamente após a 1ª guerra um número enorme de cartilhas e livros de leitura, de geografia e história em português, torna mais dura a fiscalização e punição às escolas que continuam

155 "Circolare del Ministero degli Affari Esteri nº 19376 de 05/04/1922" in G. Rosoli, op. cit.

156 G. Rosoli, idem, pp. 225-252.

«estrangeiras». No livro do Tombo de Nova Trento, encontramos duas passagens que são reflexos evidentes das preocupações nacionalizantes do governo brasileiro. A primeira, datada 1915, declara a necessidade de rezar em vernáculo, pois frequentam a Igreja também "nacionais", sendo que "nas escolas religiosas não se ensina so em português, mas sobretudo em português".¹⁵⁷ Na segunda, referente aos anos de 1930-38¹⁵⁸, consta que o vigário de Nova Trento, que era italiano, não podia mais ser diretor da escola enquanto não se naturalizasse. O bispo sugere então que uma freira tome a direção dessa escola paroquial na sede.

Nesses anos, o ensino da língua italiana começava a desaparecer em Nova Trento, com o consequente aumento do número de alunos nas escolas públicas. Apesar de ter sido inicialmente recebida com certa reserva e desconfiança, a escola publica adquiria cada vez maior importância, pois dava ao imigrante a possibilidade de aprender o português, instrumento de comunicação que se demonstrava sempre mais indispensável. A rápida difusão da escola publica¹⁵⁹ não se deu somente por causa de sua necessidade ao imigrante, mas principalmente

157 *Registros do Tombo*, op. cit., pp. 5-6.

158 Idem, ibidem.

159 Em 16 anos; em Nova Trento as escolas públicas quadruplicaram o seu número: 4 em 1910 e 16 em 1926, das quais 4 municipais e 12 estatais.

porque era inteiramente gratuita, inclusive no que se refere aos livros e ao material didático. Aliado à «barateza», estava ainda uma certa indiferença de setores de imigrantes com relação à sua herança cultural. É o que se pode constatar no trecho abaixo que, embora se refira à escola pública teuto-brasileira, serve também à realidade italo-brasileira: "Em primeiro lugar, há infelizmente grande número de pais alemães que em vez de matricularem seus filhos numa escola alemã pondo-os em contato com a língua, história e costumes da Alemanha, mandam-os à escola pública gratuita somente por causa da sua barateza. É possível que para alguns seja difícil pagar a taxa da escola particular, mas nesses casos achar-se-ia geralmente uma solução. Muito mais frequente, porém, é a indiferença com relação à herança germânica, que leva os pais a afastarem seus filhos da escola alemã. «Estamos no Brasil», diziam eles, ou «nós somos brasileiros» e por isso, seria necessário cultivar o português, ao passo que o alemão não teria valor. Como se o fato de vivermos no Brasil e sermos brasileiros, impedisse a conservação de traços culturais germânicos. Continua sendo um fato contestável que o abandono da língua e dos costumes

germânicos signifique um empobrecimento espiritual".¹⁶⁰

Sinais das campanhas de nacionalização do governo brasileiro se fizeram sentir também em Nova Trento. Conta uma ex-professora¹⁶¹ de Nova Trento que, quando criança, por volta dos anos 40, apesar de estudar em uma escola dirigida pelas freiras, as professoras afixaram nas salas de aula e nos corredores cartazes que diziam: "Falar a língua nacional não é uma prenda, mas um dever". Conta ainda que era ameaçado de prisão o professor que falasse na escola em dialeto. E as crianças viviam com medo, sem saber exatamente porque não podiam falar a língua que se falava em casa. O seu professor elegeu ainda um aluno-fiscal, que anotava o nome dos colegas que falavam em dialeto na hora do recreio ou na rua, o qual recebia depois o devido castigo. "Eu lembro - continua a entrevistada - que nossa mãe sempre dizia: «*Dai, ste brave, no ste parlar en talian*»".

A partir do final da década de 30, o número de alunos passou a aumentar progressivamente nas

160 H. Jahre in E. Willems: *A aculturação dos Alemães no Brasil*, Brasileira, São Paulo, 1980, pp. 293-294.

161 Entrevista registrada com O. Piazza, 61 anos, Nova Trento, novembro/1990.

escolas públicas de Nova Trento, como demonstra o quadro a seguir:¹⁶²

Anos	Frequência média	Entidade Mantenedora		
		Estadual	Municipal	Particular
1938	938	565	213	160
1939	986	613	226	147
1940	961	521	246	194
1941	1.001	554	222	226
1942	1.037	594	246	197
1943	1.127	629	266	232
1944	1.109	636	273	200
1945	1.201	685	281	235
1946	1.273	853	142	278
1947	1.163	945	146	72
1948	1.293	1.147	124	22

A escola representava no meio dos imigrantes um dos fatores fundamentais de assimilação cultural e um estreito relacionamento com o fenômeno do bilinguismo. Com a ausência quase que total de escolas nacionais quando as comunidades estavam ainda em vias de organização, o país perdeu a

¹⁶² Tabela sobre o movimento do ensino primário em Nova Trento entre os anos de 1938 a 1948 in W. F. Piazza, op. cit. p.76. (Das escolas mantidas pelo Estado, esta incluído provavelmente o Grupo Escolar Lacerda Coutinho, hoje Colégio Estadual Francisco Mazzola, o maior na sede do município. Não consta, porém, na tabela o Juvenato São José, mantido pela Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição para preparação de jovens destinadas à vida religiosa).

oportunidade de uma rápida e fácil integração do imigrante. Introduzindo a escola vernácula muito mais tarde, a dificuldade em «nacionalizar» o imigrante foi maior, e os resultados bem mais lentos, pois o dialeto já se interiorizara em seus filhos. Em torno de 1960, em muitas comunidades de Nova Trento as crianças não conheciam ainda a língua portuguesa. Conta-nos na mesma entrevista a ex-professora¹⁶³ de escola primária que "recebia os alunos que precisava ensinar até os números em português. Como era difícil naquela época! Todos os alunos eram italianos. Eu conversava às vezes em brasileiro com eles e eles respondiam em italiano...mas naquele italiano mal-expressado (refere-se ao dialeto) (...). Muitas vezes tinha que dizer a palavra em italiano e depois em português. Eles falavam «formai» e eu dizia que era «queijo». (...) Às vezes com alguns era bem mais difícil, então eu sentava, falava italiano, depois repetia devagar em brasileiro". Conta ainda das visitas de um certo inspetor, Jose Vieira Corte, "que pedia para não falar italiano com os alunos. Incentivava a gente a falar o brasileiro, porque nascemos no Brasil. E a gente pedia às crianças: «Olhem, não se pode falar em italiano, é proibido!», mas no recreio era a única língua que

163 Entrevista registrada com O. Piazza, cit.


falavam. Eram chamadas então as mães dos alunos para conversarem com o professor. As mães vinham na sala de aula e falavam também em italiano: «*Noialtri chi parlen tuti en talian*» - diziam as mães e eu respondia em brasileiro" (...)

Ainda sobre a dificuldade das crianças de Nova Trento na aprendizagem do português nos fala uma outra professora¹⁶⁴, que trabalhou com alfabetização entre os anos de 1956 e 1982. Conta que na Ponta Fina Sul, onde lecionava, no início "não tinha uma família que falava português em casa. As crianças vinham à aula sem nenhuma noção, falando só o italiano. Precisava muito trabalho: eu falava brasileiro e depois eles foram indo aprendendo com muito trabalho. Muitas coisas eles me perguntavam: «Professora, *parla per talian*» - eles diziam - «*'nsegna en talian*». Ai eu explicava a matéria em italiano. Inclusive a matemática que era coisa mais difícil pra eles, eu explicava em italiano o que é que queria dizer. (...) No 1º ano tinha que falar tudo em italiano. Depois, os que já estavam na escola, vamos dizer, os do ano anterior que já estavam na 2ª série, eles já sabiam, então ajudavam os que entravam novos. (...) A maior

164 Entrevista registrada com R. Poli de Souza, Nova Trento, novembro/1990. (A localidade de Ponta Fina pertence à Nova Trento, localizando-se próxima à divisa com o município de São João Batista).

dificuldade estava nas palavras novas. Sempre surgem palavras novas nas lições, então, principalmente nas leituras, a gente tinha que explicar tudo que queria dizer, porque eles não entendiam. O problema era que em casa não se falava português, nem no recreio. A gente proibia eles de falarem italiano, tanto eu como a outra professora, que a diferença entre uma escola e outra era de dois km. (...) Brigar com eles? Como? Também como a gente eles foram acostumados assim".

Se a escola brasileira tivesse agido no início da colônia, antes de dar tempo ao colono de se organizar e de transportar a sua cultura, o dialeto provavelmente teria desaparecido na segunda ou na terceira geração. É o que ocorre, por exemplo, nas comunidades italianas dos países anglo-saxões. As pesquisas realizadas nesses países mostram que o itinerário mais comum é o que conduz à total assimilação linguística no giro de três gerações. A primeira geração amplia a própria competência aprendendo a língua nova no ambiente de trabalho - que não podia ocorrer nas comunidades italianas de SC pois viveram durante longos anos no isolamento da floresta; a segunda geração usa as duas línguas, apresentando já como dominante a do novo país, que aprende no ambiente social e principalmente na escola; a terceira quase não



compreende mais a língua dos avós e se exprime somente na nova língua.¹⁶⁵ Essa evolução ocorreu nos E.U.A., no Canadá, na Austrália, e em outros países anglo-saxões. Fala-se aí de uma progressiva e rápida afirmação de um bilinguismo instável, que já na terceira geração se traduz em um monolinguismo na nova língua. Isto devido principalmente a dois fatores presentes no processo de assimilação atual: o progresso e a escola. Os imigrantes italianos, ao chegarem nessas terras, encontraram um país já formado e um sistema escolar já organizado, de modo que a integração à nova realidade e a assimilação linguística se deu de forma rápida e natural. Nessa situação, era necessário adequar-se logo ao novo sistema.

Falando-se em América Latina, o processo de aculturação aconteceu - ou melhor, está acontecendo - de forma muito mais lenta, onde em muitas comunidades a 4ª, 5ª e, em alguns casos, a 6ª geração ainda mantém a língua de origem. Isso se deve especialmente ao fato de que os imigrantes ao chegarem, por exemplo, ao sul do Brasil, eram «*contadini italiani*» e continuaram sendo durante mais de meio século. Colocados em meio à floresta, sem nenhuma estrutura, continuaram tenazmente

165 F. Ursini in Meo Zilio (org.) *Presenza, cultura...* op. cit. p.266.

ligados aos valores trazidos na mala. Após as dificuldades iniciais, e como as iniciativas de «nacionalização» por parte do novo país se processavam em modo muito lento, os imigrantes formaram aqui uma sociedade do tipo italiana, com seus costumes, seus valores, sua língua. Por mais de meio século não sentiram a necessidade de se adequarem a nova realidade, pois de novidade tinha somente o ambiente. Muitos dos filhos dos imigrantes que foram à Nova Trento, por exemplo, não chegaram a dominar a língua portuguesa e muitos de seus netos a aprenderam somente na fase escolar ou na fase adulta.

Depois dessa inicial e longa homogeneidade linguística, com o crescimento da comunidade e formação de um pequeno núcleo urbano, começam a aparecer extratificações, a ampliarem-se lenta mas progressivamente as relações com o externo da comunidade, abrindo o espaço aos contatos com a língua nacional. As escolas públicas aumentam e as particulares e paroquiais - junto com as campanhas de nacionalização que o governo brasileiro enrijeceu a partir de 45 - ou desapareceram ou passaram a ensinar em vernáculo. Também a Igreja, forte fator de transmissão de valores, adaptou-se à nova língua.

Com os contatos cada vez mais constantes com a língua brasileira, processou-se uma progressiva mudança em termos de escolha de código, principalmente no interno da comunidade linguística urbana.¹⁶⁶ Também progressivo mas muito mais lento é o processo de aculturação nas zonas rurais, sendo que hoje em algumas comunidades do interior de Nova Trento há crianças que ainda tem o dialeto italiano como língua materna e muitos grupos, mesmo na fase adulta, não tem suficiente proficiência linguística em português.

A inexistência durante os primeiros anos de escolas vernáculas ou a existência de escolas em língua estrangeira, aliadas ao lento processo de mescla cultural devido ao isolamento e às falhas no processo atual de ensino, se de um lado se traduzem nas dificuldades de aprendizagem do português, por outro, constituem as causas principais da conservação hoje em dia do dialeto; se por um lado existe em algumas áreas um certo isolamento socio-cultural em relação ao grupo dominante¹⁶⁷, por

166 "Quando lecionava (por volta de 1960) as crianças entravam na escola e não falavam nada, nada em brasileiro. Agora, não! A professora de hoje não tem trabalho: as crianças passam por um jardim de infância e as famílias são mais *socializadas* (sic). Elas já falam mais o brasileiro e tem mais contato com a cidade. Hoje em dia o professor não passa trabalho" - Entrevista com R. Polí de Souza, cit.

167 "Aquilo que cem anos atrás era isolamento geográfico, tende a se transformar hoje em isolamento social" - A. Lenard, op. cit.

outro, instalou-se nessas áreas um biculturalismo e um bilinguismo bastante estável.

4. Panorama linguístico de Nova Trento

4.1 Dialetos Trentinos

A formação dialetal da região do Trentino está estreitamente relacionada com as suas condições geográficas: a distribuição dos vales e a posição dos rios foram importantes para os agrupamentos humanos, enquanto que as cadeias de montanhas constituíram barreiras naturais para salvaguardar as diferenças dialetais.¹⁶⁸ Essas condições geográficas tiveram importância decisiva na evolução dos dialetos e, ainda hoje, são as montanhas e rios que em grande parte determinam os confins linguísticos. C. Battisti¹⁶⁹ afirma que, de

168 A região do Trentino pertence a uma vasta zona dos Alpes Orientais no norte da Itália, formando um amplo arco alpino de 6.212 km². Seu relevo é marcado por altas montanhas, inúmeras correntes fluviais e lagos e vales sinuosos. Entre os principais vales estão: Val di Non, Val di Fassa, Val di Fiemme, Val di Sole, Valsugana, Valli Giudicarie e Val Lagarina; entre os principais rios: Adige, Sarca, Brenta, Avisio e Noce.

169 C. Battisti: "La distribuzione dei dialetti trentini" in *Atti del Convegno sui dialetti del Trentino 17-18-19 Ottobre 1969*.

modo geral, a cada vale secundário de uma certa importância corresponde um tipo dialetal mais ou menos diferente dos vizinhos, enquanto que ao longo curso dos rios como o *Avisio*, do *Noce* ou do *Sarca*, formaram-se espécies de sub-dialetos que se desenvolveram em torno de antigos centros administrativos e políticos.

Além do relevo, outro fator importante na formação dialetal do Trentino é a História da região. Situada na grande vale do rio *Adige*, Trento serviu durante séculos como caminho para os povos que do centro da Europa atravessavam a Península Itálica de norte a sul. Muitos povos antigos passaram por aí deixando vários traços, entre eles povos bárbaros como os gotos, longobardos e bávaros após a ocupação romana. Destes, no que se refere à formação dialetal, foram os longobardos durante os séculos VI a VIII que deixaram maiores influências.

Também fatores políticos contribuíram para a evolução dos dialetos trentinos. Basta pensar que Trento durante séculos teve contatos contínuos com grandes centros do vêneto, especialmente com Padova e Verona e com cidades da Lombardia: lembrando ainda que a região, começando pelos primeiros séculos do segundo milênio até o começo deste

século, ficou estritamente ligada a Europa continental de fala alemã, pertencendo diretamente ao Império austro-ungárico do começo do XIX século ao fim da Primeira Guerra Mundial.

Foram assim se formando situações dialetais particulares. G. Devoto¹⁷⁰ define o Trentino como uma região ainda hoje "não-fechada" entre as suas montanhas, mas aberta a diversas correntes de latinidade: a bresciana-lombarda, a veronese-vêneta e a transalpina-ladina. "No final do império romano essas três correntes tinham uma importância equilibrada; depois, começou a perder força a ladina; depois a lombarda; enfim, o Trentino cada dia que passa está se tornando uma região das «Venezas»".¹⁷¹

Uma questão bem particular dos dialetos trentinos é que na maior parte das áreas apresenta-se uma nítida divisão entre um e outro. É claro que ocorrem casos em que um dialeto penetra no outro, mas na maioria dos casos a fronteira é bem evidente, coincidindo geralmente com as fronteiras históricas ou geográficas, tanto que os próprios

170 G. Devoto: "Stato attuale dei problemi relativi ai dialetti italiani", idem, p. 7.

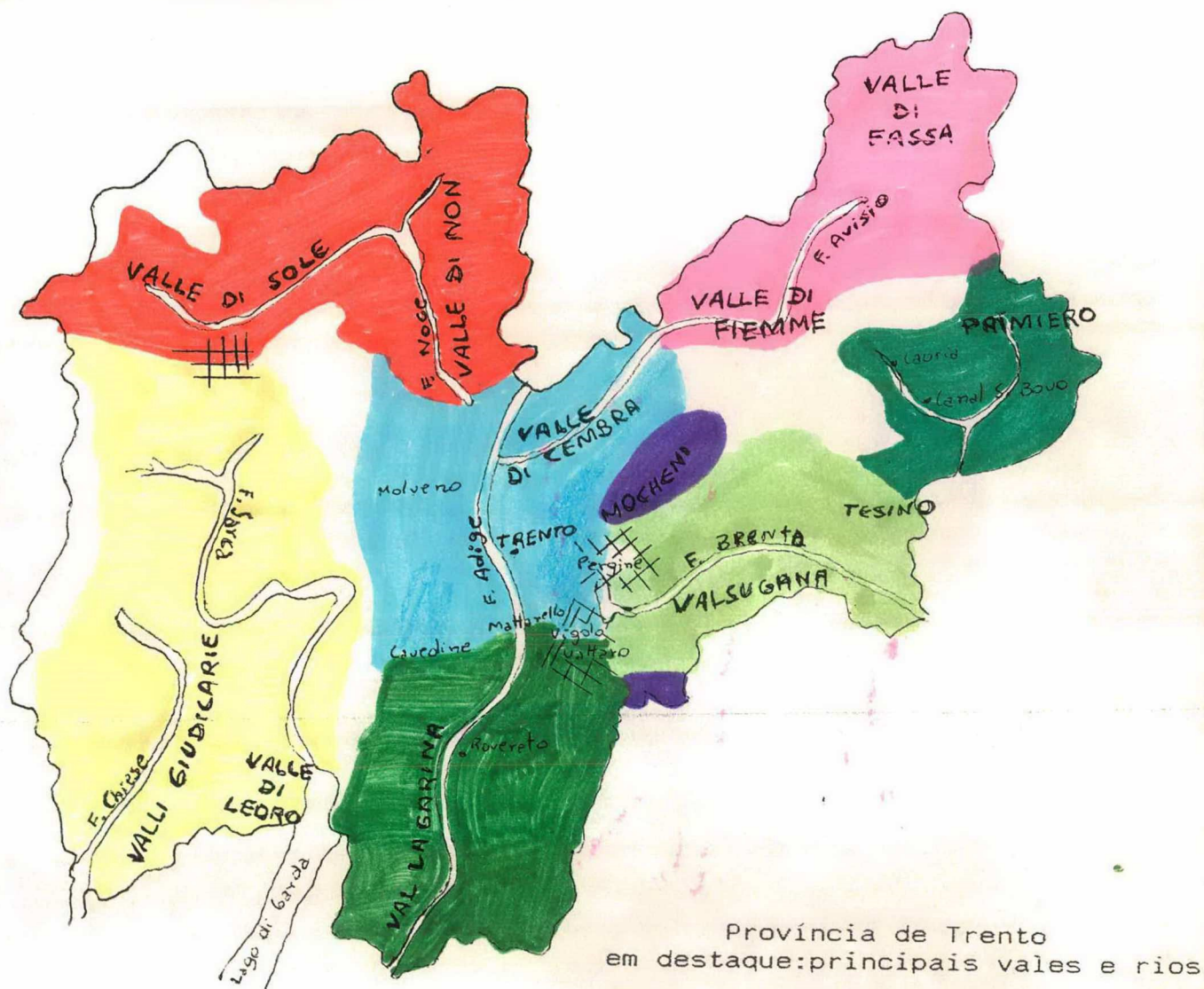
171 Vários linguistas classificam, inclusive, o dialeto trentino como uma variação do vêneta. De fato, toda a parte da vale Lagarina (Rovereto e arredores) e da Valsugana possui um dialeto de base veronesa e vicentina-padovana, respectivamente.

falantes geralmente têm consciência desse fenômeno.¹⁷²

4.2 Classificação dos dialetos trentinos

São várias as classificações dos dialetos trentinos. Para nosso estudo, apresentamos duas delas baseadas nos dois grandes estudiosos desses dialetos: C. Battisti e G. Tomasini que, no geral, apresentam divisões concordantes em muitos aspectos, como veremos nos mapas a seguir:

172 G. Tomasini: "I dialetti trentini" in *Convegno per la preparazione della carta dei dialetti Italiani 16-17 maggio 1964*, Samperi, Messina, 1965, p.93.



LADINO E SEMI-LADINO

- com crescentes influências vênetas (Fassa e Fiemme)
- com crescentes influências lombardas (Non e Sole)

PREDOMINANTEMENTE VÊNETO

- com características feitrinas (Primiero e Caoria)
- com características bassaneses-vicentinas (Valsugana e Tesino)
- de tipo veronese (Lagarina)

PREDOMINANTEMENTE LOMBARDO

- de tipo bresciano (Ledro e bacias do Chiese e do Sarca)

CENTRAL VÊNETO-LOMBARDO

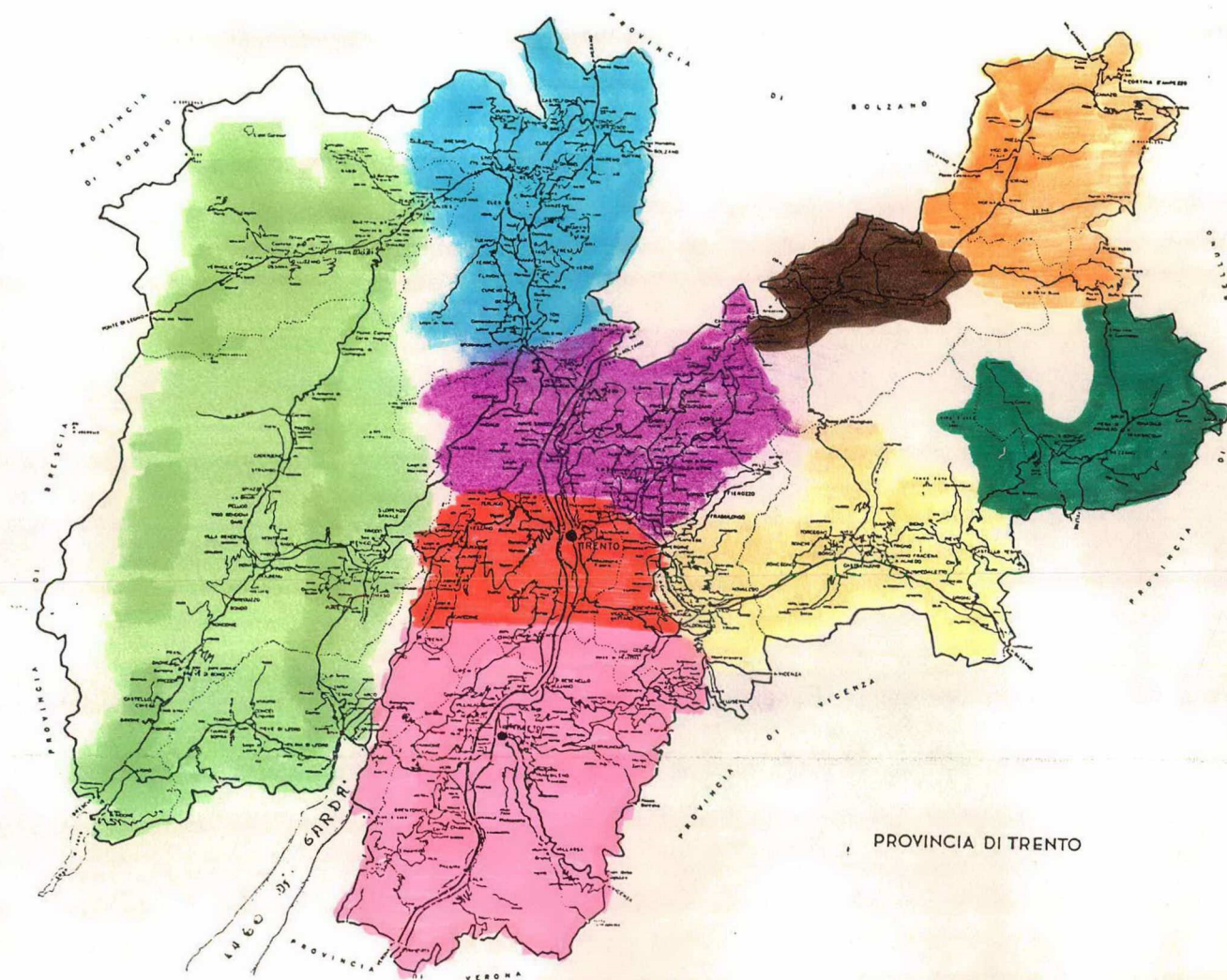
- de tipo trentino (Vale do Adige de Mattarello aos confins linguísticos com Cembra; Vezzano, com o planalto de Molveno e a vale de Cavedine; a região de Pergine)

* Acrescentamos:

- zona de forte influência alemã
- área de contato

Mapa 4:

CLASSIFICAÇÃO DOS DIALETOS TRENTINOS CONFORME G. TOMASINI



LOMBRADO OU OCIDENTAL

Giudicarie e Alta Val di Sole

TRENTINO OU CENTRAL

a) ao sul de Mattarello e Vigo Cavedine
b) ao norte dessa isoglossa com a sub-divisão:
falar urbano
falar rural

ORIENTAL

de tipo vicentino-bassanese (Valsugana)
de tipo feltrino (Primiero, Canal San Bovo)
com marcas venetas sobre uma base trentina (Fiemme)

TRENTINO LADINO

Val di Non

LADINO

Fassa

Apesar de pequenas discordâncias em alguns pontos, especialmente nos vales de *Non* e *Sole*, Tomasiní apresenta uma classificação bastante semelhante à de Battisti. Para completar, apontamos ainda a presença de algumas pequenas áreas com forte influência germânica (ver mapa divisão C. Battisti) como a *Val dei Mocheni*, com verdadeiras ilhas teuto-italianas (*Palù del Fersina*, *Fierozzo*, *Frassilongo*) e *Luserna*, que confina com o Vêneto, onde se conservam as últimas reminiscências de dialetos do grupo bavaro-austriaco, ao qual pertencia. Acrescentamos ainda (ver mapa divisão C. Battisti) algumas áreas em que ocorre forte contato dialetal.

4.3 Dialetos trentinos em Nova Trento

As classificações dos dialetos apresentadas acima têm fundamental importância no estudo sócio-linguístico de Nova Trento, já que a composição desse município é predominantemente de origem trentina. Para dados mais precisos referentes a sua

composição étnica, apresentamos uma estatística que tem por base a lista das famílias que emigraram a Nova Trento enumeradas por Grosselli.¹⁷³ O autor relaciona o nome e a origem de tais famílias, com respectiva localização dos lotes ali ocupados. Baseados no dado apresentado «origem dos colonos», chegamos aos seguintes números: Das 679 famílias de ocupantes, 495 eram italianas, 75 de origem «brasileira» (luso-brasileira), 69 de outra origem diferente destas (na maioria alemães e poloneses) e 40 são indicados como de origem desconhecida ou duvidosa (podendo ser italianos ou não). Visualizando esses números em percentuais temos:

Italianos	Luso-bras.	Outros	?
72,9%	11%	10,2%	5,9%

Quadro mais interessante, porém, para o nosso estudo é o que segue, que mostra a classificação dos 72,9% dos italianos presentes acima. Assim, das 495 famílias de imigrantes italianos localizadas em Nova Trento, 372 eram do *Trentino*, 51 do *Veneto* (a

173 R. M. Grosselli: listas referentes ao "Distrito de Nova Trento" in *Vencer ou Morrer...*, op. cit. pp. 495-535. (Essa listagem foi formulada através de dados colhidos em livros contábeis e outros documentos relativos à Colônia Itajai e Príncipe D. Pedro do acervo do Arquivo da Sociedade Amigos de Brusque, referentes aos anos de 1887 e 1895).

maioria de *Verona*; outros de *Belluno*, *Treviso* e *Vicenza*), 38 da *Lombardia* (especialmente de *Milano* e *Mantova*; algumas de *Cremona* e *Bergamo*) e 34 de outras regiões da Itália (*Toscana*, *Emília Romagna*, *Piemonte*, *Val d'Aosta*, *Alto Adige*). Em percentuais, temos:

Trentinos	Vênéticos	Lombardos	Outros
75,2%	10,3%	7,7%	6,9%

De acordo com os índices acima indicados, vê-se, sem dúvida, a representatividade do grupo étnico trentino na formação do então distrito colonial de Nova Trento. Mesmo em número absoluto, ou seja, em relação ao número total dos ocupantes, os trentinos representam a maioria, num percentual de 54,9%. Acrescenta-se ainda que, além do número citado, Grosselli¹⁷⁴ relaciona fora da sua «lista» outros nomes de italianos que se destinaram à Nova Trento; trata-se de 78 nomes, dos quais 49 trentinos, 14 vênéticos, 6 lombardos, 1 «ambíguo» e 8 de origem desconhecida. Mais um índice que confirma a representatividade do grupo de proveniência trentina.

174 Idem, pp. 533-534.

Através dos dados acima, sob o ponto de vista linguístico, podemos afirmar que o dialeto italiano falado em Nova Trento hoje é, predominantemente, de base trentina. Mas é ainda muito vago usar o termo «trentino», quando vimos em Battisti e Tomasini que essa região possui vários sub-dialetos de bases diversas como a vêneta, a lombarda, a ladina. Voltando assim ao dado «origem do imigrante» nas listas de Grosselli, formulamos um outro dado que nos dá agora a proveniência dos trentinos: dos 372 ocupantes (ou famílias de ocupantes) trentinos, 158 eram oriundos da *Valsugana* (a maioria de *Borgo Valsugana*, de *Roncegno* e de *Grigno*), 144 da *Val Lagarina* (a maior parte de *Besenello*, de *Calliano*, de *Nomi* e de *Vallarsa*, seguidos por *Rovereto* e *Pomarolo*), 28 da localidade de *Vigolo-Vattaro* e 42 de outras localidades do Trentino (Trento e arredores). Em percentuais:

<i>Valsugana</i>	<i>Val Lagarina</i>	<i>Vigolo</i>	Outros
42,5%	38,7%	7,5%	11,3%

Podemos agora reformular a hipótese acima referente ao aspecto linguístico: formaram-se em Nova Trento essencialmente dois «tipos» de dialetos: o valsuganoto (da *Valsugana*) e o

roveretano (da *Val Lagarina*). Dois sub-dialetos que, mais que trentinos, podem ser considerados vêneto-trentinos segundo as classificações de Battisti e Tomasini: o da *Valsugana* de tipo decisivamente vicentino e o roveretano, de tipo veronês. Há ainda um percentual menor de imigrantes originários de *Vigolo-Vattaro* que preferimos destacar em nossos quadros por apresentar um dialeto de contato devido a sua localização; possui um dialeto de tipo trentino rural, mas com fortes influências da *Val Lagarina* e da *Valsugana*, ou seja, com fortes influências vicentinas e veronesas.

Além da composição etnico-linguística inicial, um outro fator que nos leva a afirmar a existência dos dois grupos dialetais (valsuganoto e roveretano) em Nova Trento é que, no decorrer de mais de um século de história, essa composição étnica permaneceu mais ou menos idêntica. Chegamos a essa surpreendente conclusão através do levantamento dos nomes das famílias de todo o município, localidade por localidade. Atraves do estudo dos sobrenomes, pode-se deduzir a origem étnica da família.¹⁷⁵ é o resultado a que chegamos

175 Esse método pode apresentar alguns contras, como por exemplo o de levar em consideração somente o sobrenome do «chefe» da família, geralmente o marido, e o de não considerar para contagem o número de filhos solteiros; mas, por outro lado, permite chegar a um percentual aproximado suficientemente fiel à realidade.

não apresenta grandes diferenças com os percentuais da composição étnica inicial. Muito pelo contrário, os dados enfatizam uma continuidade étnica do corpo social neotrentino que poderíamos definir extraordinária, sublinhando uma impermeabilização das divisas da comunidade que continuou ao longo de mais de um século, como se confere no quadro a seguir:

Italiano		Luso-bras.		Outros		?*	
1887-95	1990	1887-9	1990	1887-95	1990	1887-95	1990
72,9%	73%	11%	11,1%	10,2%	13%	5,9%	2,1%

* de origem desconhecida

Os percentuais nos dois periodos não apresentam de fato diferenças significativas, sendo que o grupo de italianos permaneceu dominante no decorrer de 115 anos. Isso demonstra que, se entraram no município elementos de outras origens étnicas, saíram em igual proporção. O unico dado sobre o qual podemos fazer algumas observações é o que se refere ao pequeno aumento do percentual de elementos de outras ethias, ou seja, não italiana e não luso-brasileira («outros», na tabela). Esse aumento se justifica por dois motivos: primeiro, porque a estatística atual inclui a localidade de Claraíba, confinante com a cidade de Brusque e que

serviu como expansão populacional desta, em grande parte de descendência germânica; segundo, está incluído também nesse percentual a presença de um número considerável de colonos poloneses que entraram nas terras neotrentinas em uma das últimas correntes imigratórias, em torno de 1892 (que provavelmente não consta nas listas apresentadas por Grosselli, uma vez que se referem a datas inferiores a esta). Influi ainda no aumento nos números atuais a criação do núcleo colonial Esteves Júnior, em 1912, no limite oeste do município.¹⁷⁶ Esse núcleo foi ocupado por colonos poloneses e alemães, sendo que então a sua área compreendia as localidades de Pinheiral e Conquista. Certamente a área de Pinheiral não consta nos 13% apresentados acima, pois não pertence mais à Nova Trento, mas constam todas as famílias das localidades de Conquista, Cancelas, Três Barras, Trombudo, Kníss e Veado, expansões do antigo núcleo Esteves Junior.

Mas o pequeno aumento de alemães e poloneses seguramente não influenciou na configuração dos dialetos italianos em Nova Trento, pois tais grupos não se miscigenaram com os elementos de outras etnias, mas formaram suas próprias comunidades, homogêneas e isoladas.

176 W. F. Piazza, op. cit. pp.26-27 .

Resta-nos saber, porém, se do número acima de italo-brasileiros que existe atualmente em Nova Trento continua predominante o grupo trentino, e em quais proporções. Analisando-se assim o nome das famílias do município, temos o seguinte quadro contrastivo:¹⁷⁷

Trentinos		Vênetos		Lombardos		Outros	
antes	hoje	antes	hoje	antes	hoje	antes	hoje
75,2	73,4	10,3	12,1	7,7	6,7	6,9	5,2

Como demonstra o quadro, não ha nenhuma diferença significativa entre a composição étnica inicial (1887-1895) e a atual. O grupo trentino continua com a mesma predominância, e não so entre os italo-brasileiros: medindo o percentual de trentinos sobre o número total de habitantes do município (1.969 famílias), eles representam 53,6%, ao lado de 54,9% inicialmente. Deve-se acrescentar ainda um percentual de 2,6% no número atual, que diz respeito a um grupo «ambíguo», referente a algumas famílias como Casagrande e Ferrari que podem ser tanto trentinas quanto de outras regiões da Itália.

¹⁷⁷ Os números do quadro são expressos em percentuais sobre o número total de 1438 famílias de origem italiana presentes em Nova Trento.

Como última análise da distribuição atual, temos que verificar no grupo dominante qual a localidade trentina, por sua vez, que continua em maior proporção na composição étnica do município. Esse fator é preponderante na escolha dialetal da comunidade:

<i>Valsugana</i>		<i>Rovereto</i>		<i>Vigolo</i>		Outros		TR.Amb
antes	hoje	antes	hoje	antes	hoje	antes	hoje	hoje
42,5	37,9	38,7	36,1	7,5	4,5	11,3	9,3	12,2

As mudanças na composição étnica de Nova Trento entre 1887-95 e 1990 parecem insignificantes. O único dado mais ou menos significativo é o que se refere ao percentual de valsuganotos, que apresenta uma queda na composição atual. Observamos, porém, que foi acrescentado neste quadro um item novo «TR.Amb» (Trentinos ambíguos), que inclui especialmente sobrenomes muito comuns no município - entre eles Battisti - que podem ser originários tanto da *Valsugana* quanto da *Val Lagarina*, ou seja, da área em torno de *Rovereto*. Este dado, se definido, influenciará nos percentuais de valsuganotos e de roveretanos, mas

reafirmará ainda mais a predominância desses dois grupos.¹⁷⁸

Como a composição étnica permaneceu semelhante à inicial no decorrer de todo esse período, confirmando sempre a predominância dos dois grupos acima, pode-se pensar na hipótese de que também o dialeto desses grupos tenha permanecido. De fato, através da observação participante na comunidade pudemos em parte confirmar tal hipótese. Analisando o dialeto de uma localidade e o falado em outra, percebe-se que não houve um nivelamento total entre os subdialetos trentinos ali presentes. É obvio que após mais de um século em contato (matrimônios, vizinhanças, amizades) as diferenças não são tão nitidas como na região do Trentino, onde os confins linguísticos são bem melhor determinados. Mas é possível perceber certas diferenças em Nova Trento entre o dialeto de uma localidade com predominância, por exemplo, de valsuganotos e outra com predominância de roveretanos, especialmente no que diz respeito à entonação e ao vocabulário.

178 Pela pesquisa de Grosselli chegaram no território de Nova Trento, nos tempos da colônia, famílias Battisti que provinham da Valsugana e também da Val Lagarina (povoado de Calliano). Somente uma demorada análise dos registros anagrâficos, que não fizemos, poderia nos dar certeza da origem das atuais famílias Battisti. Assim, também, o discurso vale para poucas outras famílias que foram incluídas na categoria "trentinos ambiguos" (os Tomasi, por exemplo, que chegaram em Nova Trento seja dos arredores de Trento que da zona de Rovereto)

Além dos percentuais mais ou menos semelhantes das várias etnias, há ainda outro fato que nos parece bastante significativo, não só para explicar a conservação do dialeto, mas também para fortalecer a hipótese da permanência dos dois grupos dialetais distintos. Trata-se da ocupação territorial do município que desde o início respeitou, de certa forma, a origem etno-linguística dos imigrantes, ao contrário do sistema de ocupação no nordeste do Rio Grande do Sul, como já acenamos anteriormente (item 3). Enquanto no RS a forma de ocupação de terras e de povoamento foi organizada em esquemas rígidos de linhas, não respeitando nenhum fator de caráter étnico ou linguístico, em Nova Trento processou-se de forma mais livre: à medida que os grupos de imigrantes chegavam, eles próprios escolhiam o lote a ser ocupado - é claro, dentro da área pré-determinada. Dessa maneira, em sua escolha, procuravam ficar perto de parentes ou amigos, ou pessoas vindas da mesma localidade ou mesmo país. E observando a distribuição atual do município, percebe-se que muitas comunidades são ainda marcadas pela presença homogênea de um único grupo étnico. Temos assim localidades como Vasca, Ferreira Viana, Ribeirão Frederico, Vigolani, Alto Alferes e Tirol que apresentam atualmente uma composição étnica

essencialmente de origem italiana e outras como Trombudo, Três Barras, Aguti, Ribeirão Veado e Valsugana que são formadas basicamente por descendentes de alemães e poloneses. Já o elemento brasileiro encontra-se diluído em várias comunidades, sendo em número significativo nas localidades de Espiraído, São Valentim, Alto Pitanga, Conquista, Capivaras e Indaiá. Há ainda no município localidades bastante mistas como o centro urbano, Trinta Réis, Ribeirão São João, Lombardia.

Todas as considerações acima foram feitas porque partimos da hipótese de que, se uma localidade X recebeu inicialmente grande parte de imigrantes de origem K e, depois de mais de um século continua com predominância de descendentes de imigrantes da mesma origem K , é provável que nessa localidade seja ainda falada a língua de base K . É claro que existem fatores contra essa suposição, pois em um período assim longo muita coisa sofre alteração. Tem-se que ter presente os movimentos migratórios internos do município, os intercruzamentos dialetais, as evoluções linguísticas, o processo de perda do dialeto e o crescente domínio da língua nacional. Mas, repito, como hipótese de trabalho esse raciocínio pode ser válido neste momento. Para tanto, fizemos duas tabelas mostrando a composição étnico-regional de

cada comunidade, confrontando a ocupação do início da colonização com a atual. Haverá sem dúvida o problema de que algumas das linhas inicialmente criadas não existam mais hoje ou que não correspondam totalmente com aquelas de igual nome, e ainda o caso de que várias outras linhas foram criadas em época mais recente. Mas em grande parte do município há a correspondência, permitindo a comparação entre os dois períodos, e dando a possibilidade mais adiante, através da pesquisa de campo, de confirmar ou não a hipótese acima feita.

Tabela I: Ocupação de cada linha colonial 1875-37

OBS: São considerados somente os % significativos.

LINHA	Nº	TRENTINOS				ITALIANOS			BRAS	OU	?
		VA	RO	VV	OU	VE	LOM	OU			
Besenello	82	14,6	58,4			7,3					
Alto Braço	52	28,8	11,5						38,5		
Krecker	9								88,9		
Baixo Salto	48	58,3	6,2				10,4				
Alto Salto	27					22,2	37	11,1		3,7	18,5
R. Espraçado	20	15	60	15							
Morro Onça	41	31,7	9,7		26,8						
R. São João	16	12,5	25						37,5		
Trinta Réis	12	8,3	25				8,3	8,3	25	16,6	

cont.

LINHA	Nº	TRENTINOS				ITALIANOS			BRAS	OU	?
		VA	RO	VV	OU	VE	LOM	OU			
Vargem Peq.	16	6,3				75					12,5
Rib.N.Tren.	25		52	8	12			12			
R.Frederico	30	46,7	23,3	6,6					10		
Rib. Chico	6	66,6			16,6						16,6
Rib. Bilú	10	90						10			
Rib.Alferes	70	28,6	25,7	22,9		10					
Rib. Tirol	17	94,1								5,9	
Rib. Indayá	25	8	8		24	4	28		8		12
Espra.Peq.	19	21	10,5						63,2		
Rib. Motta	5		20			20					60
Estrada NT	41	7,3	4,8							80,5	
Lombar.Peq.	16	31,2	6,2		18,7		31,2				
Lombar.Gra.	28	35,7	3,6	10,7	14,9			7,1	7,1	3,6	
Rib. Fiuza	7								14,3	85,7	
Centro Urb.	57	7	14		10,5				22,9	38,6	

Observações

-Deve-se acrescentar ainda na tabela o núcleo Esteves Junior que, apesar de não termos dados exatos, foi formado basicamente por imigrantes alemães e poloneses;

-A linha Alto Braço corresponde hoje a São Valentim e Rio Bonito; a linha Kreckner foi

desativada; Ribeirão Espraiado situa-se hoje entre Cascata e Morro da Onça; Ribeirão Nova Trento corresponde à Cascata; Ribeirão Chico corresponde as áreas atuais de Baixo Salto e Ribeirão Mesquita; Ribeirão Bilú à Mato Queimado; Ribeirão Alferes à Vigolani; Espraiado Pequeno ao atual Espraiado; Ribeirão Motta foi desativado; Estrada de Nova Trento equivale à Claraíba; o Centro urbano inclui a praça central e demais ruas vizinhas (ver mapa p. ...);

-O item da tabela «outro» se refere especialmente à alemães e poloneses, e «?» a sobrenomes que não conseguimos definir com certeza a origem.

Da tabela I, algumas considerações podem já serem feitas:

-como núcleos de etnia predominantemente trentino-roveretana tínhamos as linhas de Sesenello, Ribeirão Espraiado e Ribeirão Nova Trento;

-como núcleos falantes do trentino-valsuganoto as linhas: Baixo Salto, Ribeirão Chico, Ribeirão Bilú e Ribeirão Tirol;

-como núcleos trentinos-misto (VA + RO + VV e TR central) eram as linhas Morro da Onça, Ribeirão Frederico e Ribeirão Alferes;

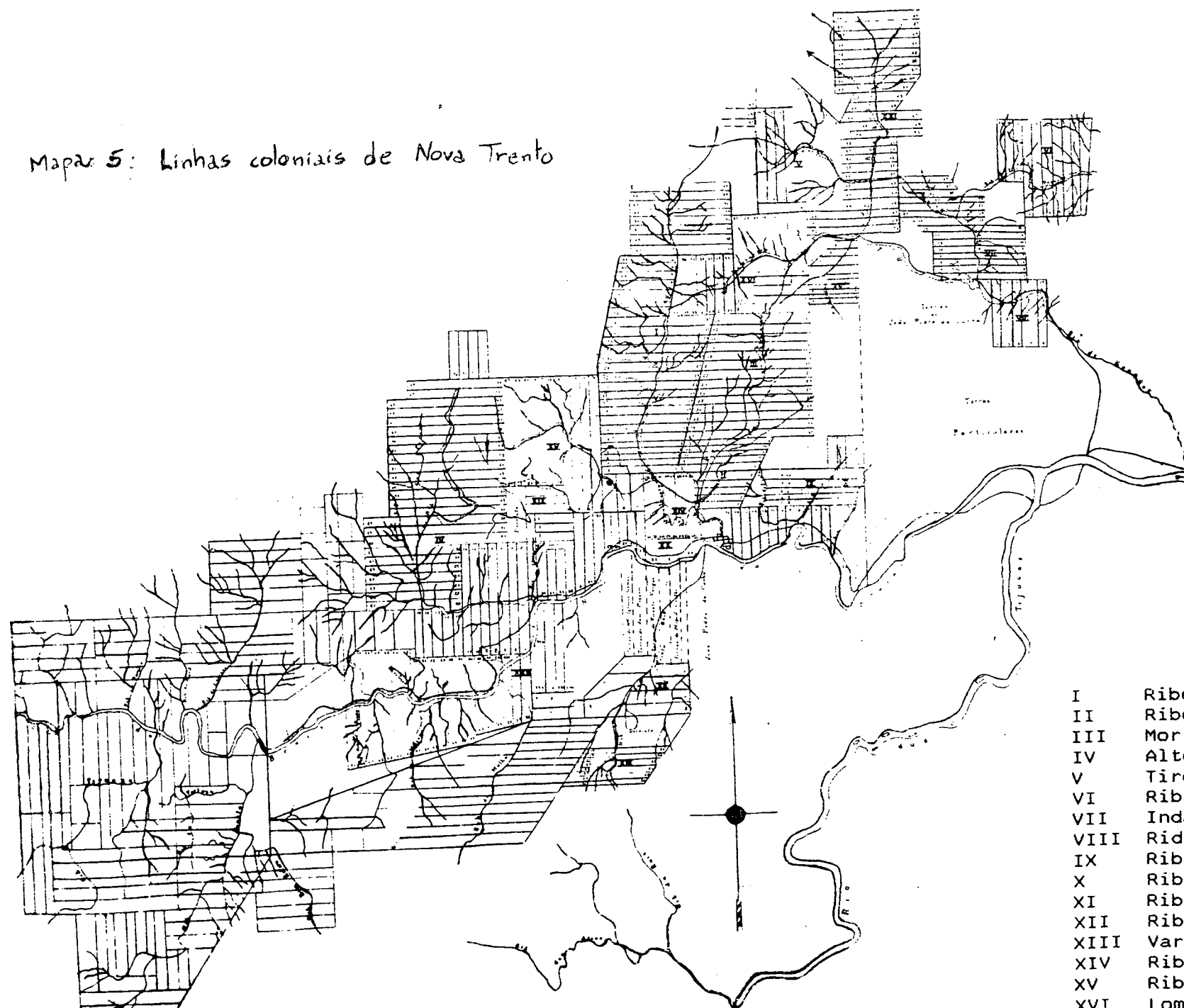
-como núcleos mistos (Trentinos, italianos, brasileiros, outros) estavam as linhas: Alto Braço, Ribeirão São João (esta com elevado nº de brasileiros), Ribeirão Trinta Réis, Ribeirão Indaya (com alto nº de lombardos), Ribeirão Motta, Lombardia Pequena (também com alto nº de lombardos), Lombardia Grande e o Centro Urbano com demais ruas;

-como núcleos de etnia predominantemente luso-brasileira: Espreado Pequeno e Kreckler;

-nucleos de etnia predominantemente alemã (ou outra): linha estrada de Nova Trento e Ribeirão Fiuza;

-havia ainda a linha Vargem Pequena com predominância do grupo vêneto e Alto Salto com significativo percentual de lombardos.

Mapa 5: Linhas coloniais de Nova Trento



Fonte: W. Piazza.
Nova Trento, p. 21

- I Ribeirão do Alferes
- II Ribeirão do Espirado
- III Morro da Onça
- IV Alto Salto
- V Tirol
- VI Rib. Espirado Pequeno
- VII Indayá
- VIII Rid. do Kreckler
- IX Rib. São João
- X Rib. Bilú
- XI Ribeirão do Fiusa
- XII Rib. Trinta Réis
- XIII Varsea Pequena
- XIV Rib. Nova Trento
- XV Rib. Frederico
- XVI Lombardia
- XVII Rib. Grande da Lombardia
- XVIII Rib. do Mota
- XIX Rib. do Chico
- XX Besenello
- XXI Estrada de Nova Trento
- XXII Alto Braço

*Tabela II: Composição étnica atual das localidades

de Nova Trento

Localidade	Nº	TRENTINOS					ITALIANOS			BRA	OUT
		VA	RO	VV	OU	AMB	VE	LOM	OU		
Espraiado	45	44,4						11,1		40	
Trombudo	37									10,8	83,8
Rib. Veado	16									12,5	87,5
Vasca	36	38,9	22,2				19,4				
S. Valentim	59	16,9	50,8							22	
Rib. Bonito	42	23,8	9,5		7,1					14,3	38
Al. Pitanga	21				14,3	23,8				42,8	9,5
Saudade Gr	22	18,1				50			22,7		
Saud. Pequ.	16	12,5	50	12,5						12,5	6,3
Bom Retiro	13	92,3							7,7		
Lageado	12	16,6	25			25				25	
Serraval	19	36,8			21		10,5			15,8	15,8
Aguti	30		3,3						10	3,3	83,3
Al. Lageado	29	41,4				17,2		13,8		20,7	
Conquista	23									39,1	56,5
Reginaldo	12							25		16,6	41,7
Lombardias	41	9,8			36,6	9,8			14,6		26,8
Pitanga	24	20,8				45,8				8,3	8,3
Bai. Salto	48	37,5	12,5				18,7		6,3	10,4	8,3
Alto Salto S. Caetano	34	29,4			8,8		5,8	20,6		14,7	11,8

cont.

Localidade	Nº	TRENTINOS					ITALIANOS			BRA	OUT
		VA	RO	VV	OU	AMB	VE	LOM	OU		
Poço Bonit	31									16,1	83,9
Capivaras Oito Casas	30									26,7	70
Fer. Viana	9		44,4				33,3		11,1	11,1	
Rib.Freder	33	54,5	15,1	18,2					3	3	3
Valsugana	33	15,1	18,2							6	51,5
Indaiá	53				15			30,2	30,2	15	
Vigolani	74	33,8	14,9	39,2	4					5,4	
Al.Alferes	21	61,9		14,3			23,8				
Morro Onça	36	25	38,9					8,3		8,3	
Rib.S.João	43	7	16,3	2,3	4,6		9,3	4,6	2,3	14	27,9
Trin. Réis	169	21,3	17,8		8,3	4,7	25,4	7,1		6,5	5,3
Tirol	39	79,4					2,6	2,6	12,8	2,6	
Claraiba	43	23,2	4,6						4,6	13,9	46,5
Besenello R. Fpolis	113	18,6	44,2		3,5	3,5	8,8		3,5	10,6	3,5
Ponta Fina Rib.Velha	121	14	49,6			7,4	7,4	3,3		7,4	5,8
R. Brusque M.Paulina	147	19,7	19,7		7,5	19		5,4		9,5	7,5
Centro e out.ruas*	395	13,4	24,8		5	8,6	16,2	6	2,8	10,6	7

*O centro urbano contém as ruas centrais, Rua Felipe Schmidt, Rua João Bayer Sobrinho e Rua do Salto.

Desta segunda tabela observamos:

-são comunidades de composição étnica basicamente trentina-valsuganota: Bom Retiro, Alto Alferes e Tirol;

-são comunidades de composição étnica misto trentina: Vasca, Vigolani, Centro urbano, Rua Madre Paulina e Rua Brusque (Cascata); mista trentina com predominância de roveretanos: Morro da Onça, São Valentim, Saudade Pequena, Besenello, Ponta Fina Sul e Norte; e mista trentina com predominância de valsuganotos: Ribeirão Frederico;

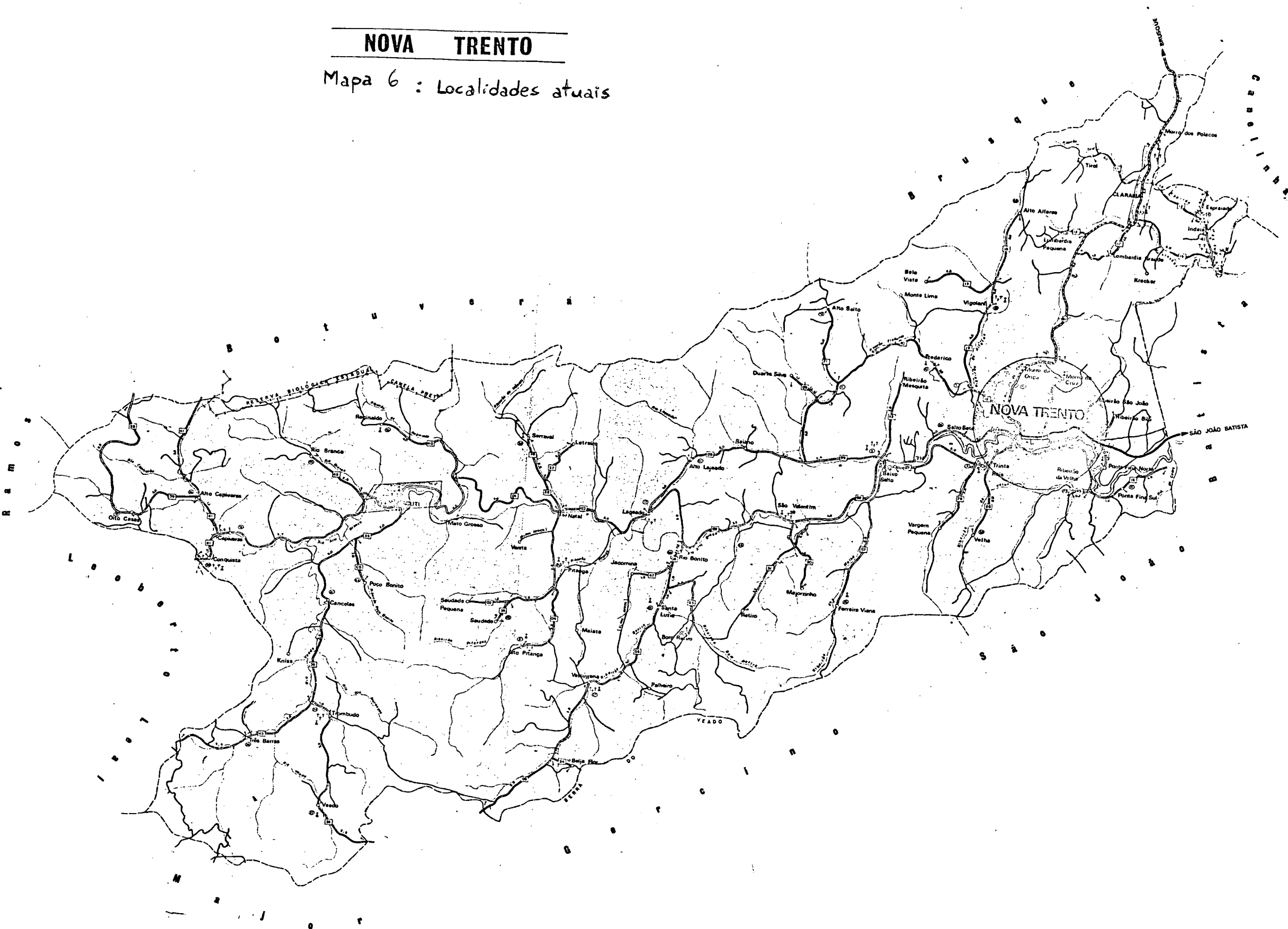
-são comunidades de composição mista (Italianos, brasileiros, outros): Espraiado, Ribeirão Bonito, Saudade Grande, Lageado, Serraval, Alto Lageado, Lombardia, Pitanga (embora com elevado percentual de trentinos), Salto (com alto percentual de VA), Alto Salto e São Caetano (com um significativo número de lombardos), Ferreira Viana (especialmente RO e VE), Indaiá (com grande número de lombardos), Ribeirão São João (dito Mato Queimado), Trinta Réis;

-são localidades de etnia predominantemente luso-brasileira: Alto Pitanga (também Conquista e Espraiado tem elevado número de brasileiros: a primeira misto com alemães e poloneses e a segunda, com valsuganotos);

NOVA TRENTO

Mapa 6 : Localidades atuais

Mapa 6 : Localidades atuais



-Por fim, são localidades com predominância de descendentes de poloneses e alemães: Trombudo, Ribeirão Veado, Conquista (com alto número de brasileiros), Reginaldo (embora com certo número de lombardos), Poço Bonito, Baixo Capivaras, Alto Capivaras, Oito Casas, Valsugana, Aguti, Claraíba (este com certo numero de valsuganotos).

Retornando, agora, à nossa colocação anterior de que se uma localidade X foi formada basicamente por imigrantes Y e depois de mais de um século continua na sua composição étnica com predominância absoluta de descendentes desses imigrantes, e provável que tal comunidade tenha conservado o dialeto de Y (não levamos em consideração neste momento nenhum fator de caráter econômico-social), podemos traçar as seguintes hipóteses resultantes da comparação das duas tabelas:

a) São comunidades em que certamente se fala hoje um dialeto trentino (por terem conservado uma composição étnica exclusivamente trentina): Besenello, Ponta Fina e Morro da Onça (esta inclui as ex-linhas Morro da Onça e Rib. Espreado); Salto (que inclui as linhas iniciais de Baixo Salto e Ribeirão Chico), Tirol e Ribeirão Frederico, Vigolani (linha Ribeirão Alferes).

Destas, as três primeiras são de base roveretana, as três seguintes de base valsuganota e a última fala um trentino misto.

b) São comunidades com certa probabilidade de conservação de um dialeto de base trentina (Comunidades com composição mista, embora a predominância tenha sido sempre de trentinos): Cascata, Saudade Pequena, Bom Retiro, Alto Alferes (expansão dos colonos da linha Rib. Alferes) e Vasca.

c) São comunidades com probabilidade baixíssima de uso de um dialeto de tipo trentino (por estarem os trentinos hoje muito misturados com elementos de outras etnias): Ferreira Viana, Salto, Pitanga, Alto Lageado, Serraval, Lageado, Saudade Grande, Espraiado (corresponde à linha Espraiado Pequeno), São Valentim (inclui a linha Alto Braço, desde o início mista com brasileiros).

d) São comunidades em que se fala somente o português (devido a composição étnica extremamente mista entre elementos italianos, poloneses, alemães e brasileiros): Alto Pitanga, Lombardia (inclui as linhas Kreckler, Lombardia Grande e Lombardia Pequena), Ribeirão Bonito, Alto Salto e São Caetano, Ribeirão São João, Trinta Reis, Centro urbano, Claraíba (linha Estrada de Nova Trento). E ainda podem aqui ser incluídas as comunidades de

Conquista, Reginaldo (embora esta conte hoje com algumas famílias lombardas vindas recentemente de Botuverá) e Valsugana (mista de elementos brasileiros, poloneses e alemães).

e) são localidades em que possivelmente se poderá encontrar grupos de famílias de fala dialetal lombarda: Alto Salto/São Caetano e Indaiá; e de fala vêneta: Alto Alferes.

f) e, finalmente, comunidades que conservam traços culturais e dialetais alemães ou poloneses (a maioria delas são expansão do núcleo colonial Esteves Júnior): Trombudo (inclui as localidades de Cancelas, três Barras e Kniss), Poço Bonito, Ribeirão Veado, Baixo Capivaras, Alto Capivaras, Oito Casas e Aguti.

Como hipótese de trabalho essas colocações são aceitáveis. Resta saber, porém, se na realidade são válidas. A formação étnica de uma comunidade, bem como a distribuição e composição atuais, são importantes na escolha do padrão linguístico, mas não determinantes. Grupos etnicamente dominantes podem se traduzir no grupo linguisticamente dominante. Contudo, vários fatores, mesmo em comunidades cuja composição étnica permaneceu semelhante durante anos e anos, podem ter influenciado na perda e/ou mudança do dialeto inicial. Entre eles, os intercruzamentos de

dialetos através do matrimônio ou amizades, a abertura da comunidade com outras de origem diversa e, especialmente, a crescente e constante influência da língua nacional e consequente diminuição das funções e do espaço da língua de origem.

Para responder a questão acima, ou seja, até que ponto o grupo étnico (no nosso estudo o trentino) determinou a escolha da língua em cada comunidade, realizamos uma pesquisa de campo que nos forneceu um número expressivo de dados sobre a situação do bilinguismo no município. Trata-se de um questionário elaborado com base em William Mackey¹⁷⁹, embora levamos em consideração somente duas das questões propostas em seus questionários e relacionadas à sua definição de bilinguismo¹⁸⁰: o grau e a função. Questionários semelhantes, sempre inspirados em Mackey, já foram utilizados em estudos de comunidades bilingues de Santa Catarina por M. E. Steiner¹⁸¹. Este método permite uma ideia

179 W. Mackey: "The description of bilingualism" in J. A. Fishman, *Readings in the sociology of language*, The Hague, Mouton, 1968.

180 Por «bilinguismo» Mackey entende o uso de duas ou mais línguas por um indivíduo. Ele chama a atenção para esse ponto de que o bilinguismo é propriedade do indivíduo, e não do grupo, como o é a língua. O conceito de bilinguismo é ainda, para Mackey, relativo, envolvendo questões de grau, função, alternância e interferência. Para esta parte do nosso estudo, de caráter quantitativo, levamos em consideração somente os itens «grau e função».

181 M. E. Steiner, op. cit., 233 p.

geral da situação de bilinguismo de determinada localidade, através da descrição do desempenho linguístico de dois diferentes grupos de faixa etária: dos alunos - o questionário é realizado nas escolas - e de seus pais. Steiner aplicou os seus questionários em 3 escolas da zona urbana de Jaraguá do Sul, já que o seu objetivo era o de verificar o fenômeno do bilinguismo nessa área em fase de industrialização. Como o nosso objetivo é diverso - estudo de todas as comunidades de Nova Trento, localizando as áreas bilingues português/italiana e, especificamente, trentinas - aplicamos os questionários em todas as escolas do interior do município, 39 ao todo, abrangendo uma amostra de 203 alunos. Além destes, mais 86 questionários foram respondidos na escola da sede do município ou seja, no Colégio Estadual Francisco Mazzola, que revelou dados interessantes sobre o fenômeno bilingue na zona urbana. No total, foram aplicados 289 questionários, abrangendo 40 escolas e uma área de 95% do município¹⁸². Como as questões da pesquisa se referem à dados quantitativos sobre o grau e função do bilinguismo italiano/português.

182 Em três escolas do interior de Nova Trento não foi possível a aplicação dos questionários, a saber: E. I. Alto Lageado, E. I. Mun. Rio Bonito e E. I. Mun. Serraval. Mas na verdade não temos confirmação das hipóteses somente nas localidades de Alto Lageado e Serraval, pois para Rio Bonito temos as respostas da E. I. Ribeirão Bonito, que se localiza na mesma área.

o número baixo de questionários em relação ao alto número de escolas se justifica, pois somente o responderam os alunos que tinham ao menos um dos pais de descendência italiana. Assim, por exemplo, 10 das escolas indagadas devolveram os questionários em branco, indicando que na escola, como na comunidade em questão, não existiam famílias de origem italiana - que não deixa de ser outro dado que nos confirmará certas colocações feitas anteriormente a respeito da composição étnica x escolha do código linguístico.

O questionário aplicado em Nova Trento é formado por 37 questões, de respostas com índices numéricos, divididos, na fase de análise, em 4 blocos:

1º *referente aos dados pessoais* (nome, série, sexo e religião), além do sobrenome do pai e da mãe quando solteira, para identificação da origem étnica da criança; eliminamos posteriormente, porém, a questão relativa à religião, pois as comunidades apresentaram-se bastante homogêneas neste item: a maioria da população do município é de religião católica. A questão relativa ao sexo também não foi considerada: os 289 alunos que responderam aos questionários, 146 do sexo masculino e 143 do feminino, não apresentaram

diferenças significativas no desempenho linguístico entre um grupo e outro.

2º *relativo ao comportamento linguístico dos pais*, considerados separadamente nas quatro habilidades: ler, escrever, entender e falar. Na fase de análise, foram também eliminados os dois primeiros desempenhos, pois confirmou-se que o dialeto está presente somente no nível da oralidade.

3º diz respeito ao *desempenho bilingue do aluno nas diferentes situações de uso do dialeto*: situações sociais na família e na comunidade (escola, grupo de amigos, comércio) e e em funções individuais¹⁸³ como rezar, fazer conta de cabeça, cantar, pensar.

4º questões relativas ao *estudo da língua italiana gramatical* e às *atitudes* em relação ao dialeto.

183 Ditas funções internas, segundo Mackey in Fishman, op. cit.

CAPÍTULO II: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

1.0 Bilinguismo dos pais

Antes de apresentarmos os resultados referentes a cada escola, relacionaremos os resultados gerais de todos os questionários, o que nos elucidará mais alguns aspectos da configuração linguística do município, especialmente quanto ao uso do dialeto italiano (com o adjetivo italiano, em Nova Trento, entende-se sempre o grupo trentino). A única divisão que consideraremos é entre os resultados das escolas ditas do «interior», ou seja, aquelas fora do centro urbano, mesmo se há alguns poucos quilômetros, e a escola do centro urbano, já que há uma significativa diferença entre o uso do dialeto em um e outro ambiente, inclusive nas localidades relativamente próximas ao centro como Besenello, Ponta Fina e Vigolani.

Quadro 1: ascendência dos pais

Área	Nº alunos	Nº alunos com pais de origem italiana	Nº alunos com mães de origem italiana	Nº alunos c/ pai e mãe de origem ital.
interior	203	163 80,3%	151 74,4%	122 60%
centro	86	69 80,2%	67 77,9%	50 58%
total	289	227 78,5%	215 74,4%	166 57,5%

Examinando o quadro, vemos que o percentual dos alunos que possuem ambos os pais de origem italiana não é tão alto quanto imaginávamos. A coesão étnica é, se não determinante, importante no fechamento das redes no ambiente familiar, principalmente no que diz respeito à continuação linguística por parte dos filhos. A constatação de que somente pouco mais da metade dos casamentos é formada por *italiano+italiano* nos leva a pensar em uma considerável diminuição do uso do dialeto da geração dos pais a do filhos. A tradição que existia no início da formação do município de se realizar casamentos entre pessoas da mesma etnia (que significava, quase sempre, de mesma religião, fator então importante ao imigrante) se traduzia, com maior probabilidade, na manutenção do dialeto em família.

Quadro 2: Bilinguismo dos pais

Área	Nº alunos	Entender		Falar	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe
rural	203	174 85,7%	167 82,3%	153 75,4%	143 70,4%
urbana	86	75 87,2	76 88,3	63 73,2	64 74,4%

Nenhuma diferença significativa na utilização do dialeto entre homens e mulheres. Dados interessantes teremos, porém, na comparação entre os quadros 1 e 2: se em torno de 59,5% dos casais são de origem italiana, em torno de 85% deles entende o dialeto e em torno de 73% o falam, ou seja, mesmo se um dos cônjuges não é de origem italiana, o dialeto é falado por ambos em família. Isto modifica um pouco a nossa constatação anterior, pois revela que a língua de origem é ainda bastante cultivada entre a geração dos pais, sendo que inclusive a pessoa que vem de fora ou que pertence a outra origem étnica procura adaptar-se à comunidade de etnia dominante.

Vejamos agora esses mesmos dados em cada localidade ou escola individualmente. As escolas indagadas são:

1	Escola Isolada Pitanga	Pitanga
2	E. I. Morro da Onça	Morro da Onça
3	E. Reunida Prof. Inês S. Lobão	Ponta Fina Norte
4	E. I. Espraiado	Espraiado
5	E. I. Baixo Salto II	Baixo Salto
6	E. I. Bom Retiro	Bom Retiro
7	E. I. Valsugana	Valsugana
8	E. I. Oito Casas	Oito Casas
9	E. I. Ribeirão Veado	Trombudo
10	E. I. Conquista	Conquista
11	E. I. Alto Salto	Alto Salto
12	E. I. Ribeirão Frederico	Rib. Frederico
13	E. I. Ferreira Viana	Ferreira Viana
14	E. I. Ribeirão da Velha	Rib. da Velha
15	E. I. Aguti	Aguti
16	E. R. João Bayer Sobrinho	Claraíba
17	E. I. São Valentim	São Valentim
18	E. I. Lageado	Lageado
19	E. I. Alto Pitanga	Alto Pitanga
20	E. I. Alto Capivara	Alto Capivara
21	E. I. Espraiado II	Espr. (Claraíba)
22	E. R. Prof. João Valle	Trinta Réis
23	E. I. Indaiá	Indaiá(Claraíba)
24	E. Ponta Fina Sul	Ponta Fina Sul
25	E. I. Ribeirão São João	Rib. São João
26	E. I. Vigolani	Vigolani
27	E. R. Pe. José da Poian	Baixo Salto

28	E.I.Municipal Saudade Grande	Saudade Grande
29	E. I. Alto Alferes	Alto Alferes
30	E. I. M. Rio Branco	Rio Branco
31	E. I. Baixo Capivara	Baixo Capivara
32	E. I. Lombardia	Lombardia
33	E. Alto São Valentim	Alto S. Valentim
34	E. I. Alto Frederico	Alto Frederico
35	E. I. M. Alto Lageado	Alto Lageado
36	E. I. M. Rio Bonito	Rib. Bonito
37	E. I. M. Serraval	Serraval
38	E. I. M. Cancelas	Cancelas
39	E. I. M. Poço Bonito	Poço Bonito
40	E. I. M. Reginaldo	Reginaldo
41	E. I. M. Veado	Veado
42	E. I. Ribeirão Bonito	Rib. Bonito
43	Col. Est. Francisco Mazzola	Centro urbano NT

Tabela III: *Bilinguismo dos pais*¹⁸⁴

Escola	Alunos	Descendência italiana		Entender		Falar	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1	14	12	09	09	12	07	11
2	10	08	08	10	10	08	09
3	10	08	08	10	09	09	08
4	10	08	09	07	09	07	08
5	7	06	05	07	07	07	07
6	3	03	02	03	01	03	01
7	-	-	-	-	-	-	-
8	-	-	-	-	-	-	-
9	-	-	-	-	-	-	-
10	-	-	-	-	-	-	-
11	1	-	01	01	01	01	-
12	8	07	07	08	07	08	06
13	2	02	02	02	02	02	02
14	3	03	03	03	03	03	03
15	1	01	01	01	01	-	-
16	18	11	13	15	13	11	11
17	9	06	08	07	09	05	06
18	4	03	03	04	03	04	03
19	4	04	02	04	02	04	02

184 O número das escolas corresponde ao número da relação anterior; o número dos alunos se refere somente aos alunos que tem ao menos um dos genitores de descendência italiana (dos 203 questionários, foram eliminados 6 pois nem o pai, nem a mãe eram de origem italiana). Assim, os números baixos em algumas escolas significa que existem pouquíssimos descendentes de italianos na comunidade em que ela se localiza e o sinal - quer dizer que tal comunidade é formada por descendentes de etnia não italiana, geralmente polonesa e alemã.

Escola	Alunos	Descendência italiana		Entender		Falar	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
20	-	-	-	-	-	-	-
21	7	05	05	06	06	06	06
22	12	09	10	11	12	10	10
23	8	07	05	08	05	07	05
24	9	07	08	08	07	07	07
25	8	03	05	04	05	03	04
26	9	09	08	09	09	09	08
27	7	05	03	05	05	05	05
28	9	06	04	03	03	02	03
29	6	06	05	06	06	06	05
30	1	01	-	01	-	01	-
31	-	-	-	-	-	-	-
32	7	07	07	07	06	07	06
33	7	06	05	06	05	02	02
34	7	07	03	07	07	07	03
35	-	-	-	-	-	-	-
36	-	-	-	-	-	-	-
37	-	-	-	-	-	-	-
38	-	-	-	-	-	-	-
29	-	-	-	-	-	-	-
40	-	-	-	-	-	-	-
41	-	-	-	-	-	-	-
42	3	03	02	02	02	02	02
43	86	69	67	75	76	63	64

Para a análise da tabela acima, dividimos as escolas em três grupos:

1º grupo: fazem parte as escolas de número 1, 2, 3, 4, 5, 12, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 33 e 34. Nas comunidades em que se encontram estas escolas predomina o elemento étnico italiano. Observa-se, como já foi colocado anteriormente, que em muitas famílias destas localidades, mesmo havendo somente um dos cônjuges descendente de italianos, muitos destes casais apresentam as habilidades no dialeto de falar e entender. Veja-se, por exemplo, a escola nº5, de Baixo Salto: embora somente 85,7% dos pais e 71,4% das mães dos alunos são de descendência italiana, 100% dos pais e 100% das mães fala e entende o dialeto. Esta configuração tende a mostrar que o dialeto está bastante presente nos ambientes familiares e sociais desse lugar onde, para fins de inserimento no grupo, todos os falantes tendem a adotar a língua da maioria. Este caso não ocorre por exemplo nas localidades de Saudade Grande e São Valentim (escolas 28 e 33 respectivamente) onde se mostra evidente que o dialeto não é língua usada nas relações familiares ou sociais: em uma média de 6 casais de origem italiana, somente 2 mostram habilidades linguísticas no dialeto. Destacam-se ainda neste grupo as escolas Ribeirão Frederico,

Vigolani e Alto Alferes (números 12, 26 e 29 respectivamente), por apresentarem um número elevado de ambos os pais de descendência italiana. Este fato faz pensar em um maior conservadorismo do dialeto nestas comunidades.

2º grupo: fazem parte as escolas de numero 6, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 25, 30 e 42. São escolas cujos alunos são de etnias bastante mistas e onde o elemento italo-brasileiro é bem reduzido. Aqui não ocorre o fenômeno apresentado em muitas escolas do grupo anterior: o elemento de origem não italiana não entende nem fala o dialeto, mesmo nos casos em que o seu parceiro apresenta tais habilidades (exceção na comunidade de Alto Salto, escola nº 11). Parece-nos uma constatação lógica: em um ambiente em meio à descendentes de alemães, de poloneses e de brasileiros, o italo-brasileiro não encontra estímulos ao uso do dialeto italiano que, se era falado na geração anterior, não o é mais nesta nova família.

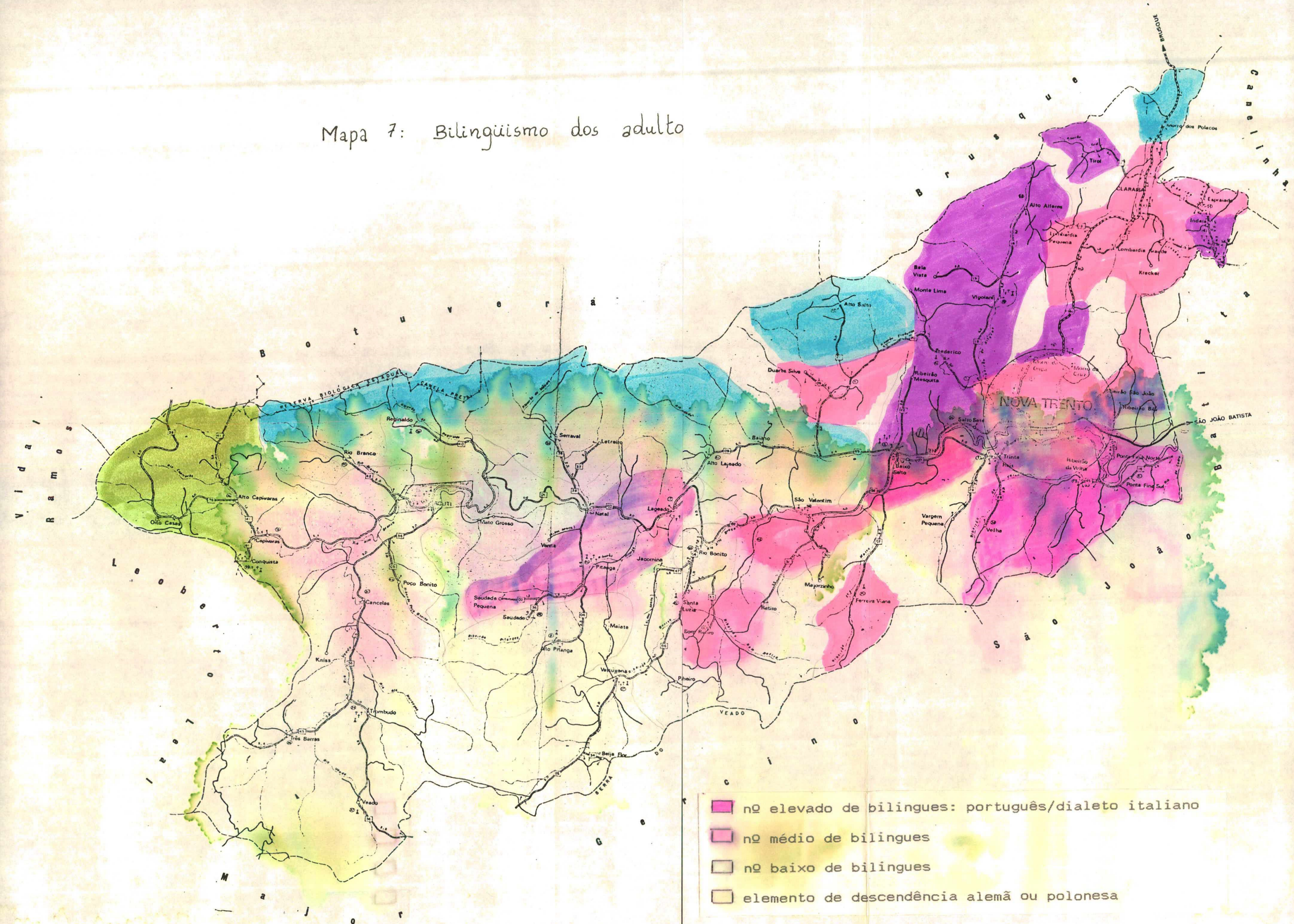
3º grupo: compreende as escolas 7, 8, 9, 10, 20, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41. Refere-se às escolas que não possuem elementos de origem italiana e onde o elemento étnico predominante é, segundo indicações dos professores, o polonês e o alemão.

Estas considerações sobre o bilinguismo dos pais confirmam muitas daquelas localidades

enumeradas nas páginas 135-136 como possíveis localidades em que se fala um dialeto italiano e, juntos, esses dados revelam a configuração linguística da geração dos pais em todo o município de Nova Trento, como se verá no mapa a seguir. Antes, porém cabe ainda uma observação, relativa ao elemento étnico luso-brasileiro. Este, ao contrário do elemento polonês ou alemão, não se concentra em uma área específica, mas encontra-se misturado nas várias localidades. Parece se traduzir no elemento de mais fácil assimilação com o trentino, tomando por empréstimo, inclusive, o seu dialeto (é muito comum no município ver descendentes de luso-brasileiros falantes do dialeto trentino; fenômeno porém difícil de ser visto entre os de outras origens). Observando, a título de ilustração, a composição étnica dos casamentos dos pais dos 197 alunos interrogados no interior, vemos que, depois da escolha do parceiro de mesma origem, vem a escolha por aquele de origem brasileira:

italiano + italiano	116	58,9%
italiano + alemão	19	9,6%
italiano + polonês	11	5,6%
italiano + brasileiro	49	24,9%
italiano + outro	2	1%

Mapa 7: Bilingüismo dos adulto



2.2 Bilinguismo dos alunos

A língua doméstica das crianças de origem italiana no interior do município de Nova Trento é constituída, de modo geral, por uma variante do português popular (ou «caipira») com profundas marcas dialetais ou pelo dialeto bastante modificado pelo português. Dialeto caracterizado, tanto no grau de uso quanto na fluência, por significativas diferenças daquele falado pelos pais.

Quadro 3: Uso do dialeto na família na zona rural

Ouve pessoas falando em dialeto italiano?			Você fala em dialeto com			
			o pai	a mãe	irmãos	avós
Quase sempre	106	52,2	18 8,5%	19 9,4%	14 6,5%	19 9,4%
às vezes	93	45,8	46 22,5%	41 20,2%	25 12,3%	26 12,8%
nunca	4	2	139 68,5%	143 70,4%	164 80,8%	158 77,8%

Em contato com o sistema linguístico de seus pais, que já é em muitos aspectos influenciado pelo português, seguido por um ambiente cada vez mais em ritmo de «abrasileiramento», cada geração nova se mostra mais distante da cultura dialetal italiana e campesina, caminhando em algumas áreas rapidamente ao monolinguismo português. Basta dizer que em

torno de 92% das crianças acima afirmaram ter como língua materna o português, mesmo quando os dois genitores são de origem italiana e falantes do dialeto em casa. Este dado sozinho nos leva já a pensar no português como a língua dominante no repertório linguístico da maioria das crianças do interior. Com efeito, somente 8,9% e 9,4% falam quase sempre em dialeto com o pai e com a mãe, e 32,2% e 20,2% usam o dialeto às vezes com os pais. Percentual baixo se levarmos em consideração que 60% delas tem ambos os pais de origem italiana e que em média de 72,4% deles fala o dialeto. Contudo, se por um lado esses números confirmam a nossa hipótese de perda do dialeto de geração em geração, por outro lado queremos acrescentar que é interessantíssimo constatar que, passados 115 anos da colonização, ainda 8 crianças em cada 100 tem o dialeto como língua materna e que em torno de 20-30% usa com frequência o dialeto na família.

O uso da língua dentro da família é fator decisivo para a sua conservação. "Não há elemento que una e relacione mais os homens do que a língua que tem em comum, a saber a língua materna em comum.¹⁸⁵ Schaden¹⁸⁶, analisando a aculturação linguística numa comunidade fechada alemã, constata

185 Schaden in M. E. Steiner, op. cit. p. 61.

186 Idem, pp. 59-60-61.

o perigo de desaparecimento do dialeto mesmo no círculo familiar. O mesmo parece estar acontecendo nas localidades rurais de Nova Trento. Poucas são as famílias que cultivam o uso do dialeto em casa com os filhos.

Retornando ao quadro, verificamos que somente 6,9% das 203 crianças afirmou falar regularmente em dialeto com os irmãos - percentual que confirma a diminuição de uso nas novas gerações - enquanto que aumenta para 9,4 o percentual das que se comunicam sempre em dialeto com os avós, frequência esta análoga em relação aos pais. Parece que a figura dos avós é consideravelmente importante no sentido de forçar a criança ao uso do dialeto. Em alguns casos, como veremos mais adiante, mesmo crianças que não falam italiano¹⁸⁷ com os pais, o fazem sempre ou às vezes com o avô ou com a avó, mesmo porque muitos da geração destes não conseguem se expressar com fluência em português.

187 Com o adjetivo italiano, nestes casos, entende-se o dialeto italiano e, especialmente, o(s) dialeto(s) trentino(s) falado(s) em Nova Trento.

*Quadro 4: Uso do dialeto na comunidade rural*¹⁸⁸

Você fala em dialeto italiano									
Freq.	c/ o professor		com os colegas		na venda		c/ os vizinhos		
Quase sempre	1	0,5%	10	4,9%	5	2,5%	10	4,9%	
às vezes	10	4,9%	28	13,8%	12	5,9%	20	9,8%	
nunca	192	94,6%	165	81,3%	186	91,6%	163	80,3%	

Observando o quadro, nota-se que em todos os casos apresentados correspondentes a situações sociais, o dialeto é usado pelas crianças ainda com menor frequência que no ambiente familiar. Nota-se, ainda, a presença do professor como a figura que mais reprime o uso do dialeto, por ser o representante na comunidade em que trabalha do saber e da língua nacional, língua de prestígio.

Quadro 5: O dialeto nas funções individuais

Freq.	Rezar		Cantar		Fazer contas		Pensar		Xingar	
Quase sempre	-	-	2	1%	1	0,5%	6	2,9%	18	8,9%
às vezes	2	1%	37	18,2%	6	3%	31	15,5%	44	21,7%
nunca	201	99%	164	80,8%	196	96,5%	166	81,8%	140	69%

¹⁸⁸ Quando a frequência total de cada coluna não corresponde a 203, ou seja, a 100%, significa que alguns alunos não responderam a tal questão.

Este quadro vem confirmar que o italiano não é, em absoluto, língua de uso frequente nas crianças das áreas rurais de Nova Trento, mesmo nos casos de ambos os pais serem bilingues. Os atos de rezar (não em termos de oração formal, mas de "falar com Deus"), fazer conta e pensar - expressão de atividades interiores - tendem a revelar qual é a língua dominante no falante bilingue. E, como se viu, nos nossos informantes é o português. O percentual, porém, de 14,8% de respostas afirmativas ao «pensar às vezes em italiano» é um dado interessante e um pouco ambíguo (pensar é uma das atividades linguística mais profundas e mais reveladoras da língua dominante), que rediscutiremos mais adiante, verificando a quais comunidades se relaciona tal percentual.

Já o alto número dos que comumente cantam em italiano é facilmente explicável pelo fato de existir na cidade e no interior vários corais que cultivam os cantos dos imigrantes. Considera-se ainda que muitas das festas são também alegradas por música folclórica italiana.

Numero significativo é o que se refere à atividade de xingar ou blasfemar em dialeto. Poderia-se pensar na hipótese colocada por

Mackey¹⁸⁹ de que o indivíduo recorre à língua materna ou dominante nos momentos em que se encontra diante de um estado emocional alterado. Mas essa hipótese não parece ter fundamentos diante das respostas negativas nas outras atividades internas ou diante do fato de que é o português a língua materna da maioria desses informantes. Mais provável é que o palavrão e a blasfêmia façam parte do costume italiano, que encontra a sua máxima expressão no dialeto . Além do mais, em todas as comunidades de imigração camponesa italiana cultivava-se uma certa «tradição» da blasfêmia, sendo que é muito comum ver pessoas que, mesmo não conhecendo nada do dialeto, blasfemam nessa língua. Fala-se ainda da blasfêmia como sinal de religiosidade popular nessa cultura.¹⁹⁰ "A blasfêmia é um elemento do complexo religioso da cultura agrária «de origem». Revela a crença de que a natureza reflete a vontade dos entes sobrenaturais e que as suas perturbações podem ser conjugadas por apelos dramáticos, em forma de desafios à divindade. Ao mesmo tempo pode ser exorcizada pelo arrependimento e pelo sacramento da

189 Mackey in M. E. Steiner, op. cit.

190 Sobre a blasfêmia e o palavrão na cultura camponesa italiana ver: T. de Azevedo: *Italianos e gauchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*, Cátedra, Rio de Janeiro, 1982, pp. 206 a 208 e R. M. Grosselli: *Dove cresce l'Araucaria. Dal Primiero a Novo Tyrol*, Provincia Autônoma de Trento, Trento, 1989, pp.288 a 290.

penitência. E até comporta correções e substitutivos igualmente religiosos como a contração das locuções ímpias em abreviaturas que não representam mais o ente sobrenatural.(...) O caráter paradoxalmente religioso da blasfêmia está na evidência de que o blasfemador crê nos entes que impreca e apela aos mesmos para obter determinados efeitos. É ao mesmo tempo uma descarga de energia agressiva e uma expressão de desabafo contra os constrangimentos impostos por uma ética social rigorista".¹⁹¹ Lembramos ainda que os palavrões contra Deus, contra Nossa Senhora e os Santos existem abundantemente, muito mais do que em outras linguas, no italiano e nos seus vários dialetos. E parece que em linguas como o espanhol e o português a blasfêmia não encontra tanto espaço. Assim, a «resistência» ao uso da blasfêmia e dos palavrões italianos ao se falar o português, mais que um processo geral de conservação da fala dialetal, é sinônimo de resistência cultural.

Quadro 6: O estudo da lingua gramatical italiana

	você lê em italiano?		escreve em italiano?		tem acesso a livros?		estuda ou estudou italiano?	
sim	10	4,9%	2	1%	22	10,8%	3	1,5%
não	193	95,1%	201	99%	181	89,2%	200	98,5%

191 T. de Azevedo, op. cit. pp. 207-208.

Este quadro confirma que o italiano (quer se refira ao dialeto quer à língua literária) em Nova Trento existe somente no nível da oralidade. No interior a língua italiana literária não demonstra ter nenhum interesse. Apesar de 10,8% das famílias terem acesso a livros e revistas italianas (especialmente através do *Circolo Trentino* que distribui jornais e outros tipos de informações aos descendentes de imigrantes), somente a metade procura lê-los. Temos, contudo, que considerar aqui a dificuldade de compreensão devido as diferenças entre a língua gramatical e o dialeto.

Quadro 7: Atitudes e opiniões em relação ao dialeto

	gostaria de aprender o italiano? *		os pais incentivam o uso do dialeto?		acha que o dialeto continuara a ser falado na região?	
sim	178	87,7%	155	78,4%	196	98,5%
não	25	12,3%	48	23,6%	7	3,4%

*Refere-se ao *dialeto* italiano.

Os resultados acima, ao contrario dos anteriores, mostram um grande interesse, seja por parte dos pais que dos alunos, na aprendizagem do dialeto. Contudo, relacionando estes percentuais com aqueles do quadro 3, uma pergunta se coloca: se há interesse em ambas as partes em continuar a tradição linguística dialetal, por que é tão baixo o número de crianças que usam o dialeto em família?

E, por extensão, por que cada vez menos os pais se dirigem aos filhos em dialeto? A resposta a esta questão, que fica em aberto, pode influenciar na validade da opinião das 96,5% das crianças que acham que o dialeto continuará a ser falado no município. Nossa opinião é um pouco diversa e os resultados destas entrevistas também demonstram um caminho diferente ao dialeto. Contudo, esse percentual altíssimo de falantes que acreditam na continuidade de uso do dialeto vem exprimir, talvez incoscientemente, um desejo dessas crianças ou de seus pais. Desejo de continuidade da cultura de origem, como denotação de um notável atracamento às próprias raízes e compreensão de que o desaparecimento da língua leva a um profundo corte de tais raízes. Mas os resultados desta pesquisa, como estivemos acompanhando, apresentam outro resultado.

O dialeto italiano em Nova Trento se encontra em várias fases de aculturação, dependendo da localidade. Por aculturação entende-se um processo lento mas gradativo de mudança das tradições. Um processo quase sempre inconsciente de transformação¹⁹², que se efetua com a incorporação definitiva do indivíduo no grupo e com a perda da

192 E. Reuter "The American Race Problem. Study of the Negro" in E. Willems, op. cit. p.125.

«lealdade»¹⁹³ étnica. Os resultados apresentados nos quadros anteriores mostram a realidade linguística dos pequenos descendentes de imigrantes italianos do município como um todo; resultados válidos somente até certo ponto, se pensarmos na complexa variedade linguística existente nesse pequena área geográfica. Vejamos assim os resultados apresentados por cada escola referentes ao uso do dialeto na família e na comunidade, a fim de ilustrar os diversos níveis de aculturação do dialeto no município, verificando-se ainda até que ponto em cada comunidade a composição étnica levou à escolha da língua na geração atual das crianças.

Tabela IV: Bilinguismo nas diversas comunidades

<i>legenda</i>	A - sempre
	B - às vezes
	C - nunca
	nº - numero correspondente à escola (p.145-6)
	Nº - numero de alunos ou questionários

193 Para conceitos de lealdade linguística ver A. Lenard, op. cit.

nº/Nº		Uso do dialeto na família				Uso do dialeto na comunidade			
		pai	mãe	irmãos	avós	professor	colega	venda	vizinho
1/14	A	1	1	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	1	1	-	1	-	-
	C	13	13	13	13	14	13	14	13
2/10	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	4	4	4	2	1	2	-	2
	C	6	6	6	8	9	8	10	8
3/10	A	1	1	-	1	-	-	-	-
	B	1	1	-	-	-	-	1	-
	C	8	8	10	9	10	10	9	10
4/10	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	4	3	4	4	-	1	2	3
	C	6	7	6	6	10	9	8	7
5/7	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	3	3	2	1	-	3	-	1
	C	4	4	5	6	7	4	7	6
6/3	A	1	1	1	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	3	-	-	1	-
	C	2	2	2	-	3	3	2	3
7/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
8/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
9/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
10/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
11/1	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	1	1	1	1	1	1	1	1
12/8	A	1	1	-	-	-	-	-	-
	B	3	3	4	3	-	4	2	4
	C	4	4	4	5	8	4	6	4

cont.

nº/Nº		Uso do dialeto na família				Uso do dialeto na comunidade			
		pai	mãe	irmãos	avós	professor	colega	venda	vizinho
13/2	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	2	2	2	2	2	2	2	2
14/3	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	3	3	1	1	-	-	-	1
	C	-	-	2	2	3	3	3	2
15/1	A	1	1	1	1	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	1	1	1
	C	-	-	-	-	1	-	-	-
16/18	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	18	18	18	18	18	18	18	18
17/9	A	1	1	-	2	-	-	1	2
	B	3	2	-	1	-	4	1	1
	C	5	6	9	6	9	5	7	6
18/4	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	3	3	-	-	2	4	-	4
	C	1	1	4	4	2	-	4	-
19/4	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	4	4	4	4	4	4	4	4
20/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
21/7	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	2	3	2	-	-	-	-	1
	C	5	4	5	7	7	7	7	6
22/12	A	1	2	2	1	-	-	-	-
	B	3	3	-	1	-	-	-	1
	C	8	7	10	10	12	12	12	11
23/8	A	-	-	-	2	-	-	-	-
	B	5	5	-	-	1	1	-	4
	C	3	3	8	6	7	7	8	4

cont.

nº/Nº		Uso do dialeto na família				Uso do dialeto na comunidade			
		pai	mãe	irmãos	avós	professor	colega	venda	vizinho
24/9	A	1	1	1	1	-	-	1	-
	B	2	3	-	2	-	-	-	-
	C	6	5	8	6	9	9	8	9
25/8	A	2	2	2	2	-	1	1	1
	B	-	1	-	-	2	1	-	1
	C	6	5	6	6	6	6	7	6
26/9	A	3	4	2	4	-	2	1	2
	B	5	4	5	4	2	3	2	3
	C	1	1	2	1	7	4	6	4
27/7	A	2	3	1	2	1	2	1	2
	B	2	1	3	2	2	2	1	1
	C	3	3	3	3	4	3	5	4
28/9	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	1	1	1	-	1	1	-	-
	C	8	8	8	9	8	8	9	9
29/6	A	2	2	2	3	-	3	-	2
	B	1	1	-	1	-	-	2	1
	C	3	3	4	2	6	3	4	3
30/1	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	1	1	1	-	-	-	1	1
	C	-	-	-	1	1	1	-	-
31/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
32/7	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	1	-	-	-	-
33/7	C	7	7	7	6	7	7	7	7
	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
34/7	C	7	7	7	7	7	7	7	7
	A	1	-	-	1	-	-	-	-
	B	2	-	-	1	1	2	-	2
34/7	C	4	7	7	5	6	5	7	6

cont.

nº/Nº		Uso do dialeto na família				Uso do dialeto na comunidade			
		pai	mãe	irmãos	avós	professor	colega	venda	vizinho
35/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
36/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
37/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
38/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
39/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
40/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
41/0	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	-	-	-	-	-	-	-	-
42/3	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	B	-	-	-	-	-	-	-	-
	C	3	3	3	3	3	3	3	3

Os resultados de cada escola representam uma amostra que revela o grau de uso do dialeto em cada comunidade de Nova Trento. Verificamos aqui, de maneira detalhada, todos os fenômenos apontados anteriormente.

No que se refere ao uso do dialeto em família, são poucas as comunidades em que este se apresenta como língua dominante nas relações pais-filhos:

a) Segundo a tabela, existem famílias em que as crianças se comunicam **essencialmente** em dialeto com os **pais** nas comunidades de: Pitanga (numa proporção de 1/14), Ponta Fina Norte (1/10), Bom Retiro (1/3), Ribeirão Frederico (1/8), São Valentim (1/9), Trinta Réis (1,5/12), Ponta Fina Sul (1/9), Ribeirão São João (2/8), Vigolo (3,5/9), Baixo Salto (2,5/7), Alto Alferes (2/6), e Alto Frederico (0,5/8). Crianças que se comunicam essencialmente em dialeto com os **irmãos**, embora em menor proporção que com os pais, encontramos nas localidades de Alto Alferes, Baixo Salto, Vigolo (ou Vigolani), Ribeirão São João, Ponta Fina Sul, Trinta Réis e Bom Retiro. E, ainda, crianças que falam sempre em dialeto com os **avós**: Ponta Fina Norte e Sul, São Valentim, Trinta Réis, Indaiá, Rib. São João, Vigolo, Baixo Salto, Alto Alferes e Rib. Frederico. Observa-se aqui em particular a presença do avô ou avó como incentivadora ao uso do dialeto. Assim, certas comunidades como Indaiá, Alto Alferes e São Valentim, mostram crianças que, mesmo não falando em dialeto com os pais ou em qualquer outra situação, falam com os avós. Isto

pode estar ligado ao fato de que existem muitos idosos no interior de Nova Trento que quase não entendem o português, como pudemos comprovar em nossas entrevistas.

b) Como localidades em que as crianças são bilíngues mas com predominância do português, ou seja, que falam somente às vezes em dialeto com os pais temos: Morro da Onça (4/10), Ponta Fina Norte (1/10), Espraiado (3,5/10), Baixo Salto (representado pela E. I. Baixo Salto II) (3/7), Ribeirão Frederico (3/8), Ribeirão da Velha (3/3), São Valentim (2,5/9), Lageado (3/4), Espraiado (2,5/7), Trinta Réis (3/12), Indaiá (5,5/8), Ponta Fina Sul (2,5/9), Vigolo (4,5/9), Baixo Salto (representado pela E. R. Pe. José da Poian) (1,5/7), Saudade Grande (1/9), Alto Alferes (1/6), e Alto Frederico (1/7). Que falam às vezes em dialeto italiano com os irmãos e com os avós, encontramos crianças em : Pitanga, Morro da Onça, Espraiado, Baixo Salto, Bom Retiro (só com os avós), Rib. Frederico, Rib. da Velha, São Valentim, Espraiado, Trinta Réis, Ponta Fina Sul, Vigolo, Saudade Grande, Alto Alferes, Lombardia e Alto Frederico (nestes dois últimos casos somente com os avós).

c) São localidades em que as crianças, mesmo filhas de falantes bilíngues, são monolíngues em

português: Ribeirão Bonito, Alto Salto e São Caetano, Ferreira Viana, Claraíba (que inclui alunos da localidade de Tirol), Alto Pitanga, Lombardia e Alto São Valentim.

d) Temos que acrescentar ainda um último grupo formado por duas escolas, de Aguti e de Rio Branco, que contam com apenas uma criança de origem italiana mas falante do dialeto, e o restante das escolas, que não apresentam crianças de descendência italiana: Valsugana, Jito Casas, Rib. Veado, Conquista, Alto Capivara, Baixo Capivara, Alto Lageado, Rio Bonito, Serraval, Cancelas, Poço Bonito, Reginaldo e Veado.

Levando-se em consideração, agora, as respostas «sempre» e «às vezes» em proporção ao número de crianças que responderam ao questionário (considerando somente os números superiores a 5, ou seja, as escolas que apresentaram um alto número de crianças de origem italiana), destacam-se como localidades de maior grau de bilinguismo português/italiano no ambiente familiar, em ordem decrescente: Vigolo, Alto Alferes, Baixo Salto, Ribeirão Frederico e Indaiá, com um percentual acima de 50% de crianças bilingues ou semi-bilingues, seguidas por São Valentim, Morro da Onça, Espraiado, Trinta Réis, Ponta Fina Sul, Ponta Fina Norte, Saudade Pequena, Saudade Grande e

Ribeirão São João, com um percentual de 10 a 49% do total das crianças como bilingues ou semi-bilingues.

Quanto ao uso do dialeto na comunidade, a proporção de crianças bilingues é ainda menor que esta acima apresentada. Somente nas localidades de Ponta Fina Sul, Ponta Fina Norte, São Valentim, Rib. São João, Vigolo, Baixo Salto e Alto Alferes registramos em nossa amostra alunos que falam **quase sempre** em dialeto em situações informais como, por exemplo, com colegas, com vizinhos e na venda ou armazém; e que utilizam **às vezes** o dialeto nessas situações são crianças de Morro da Onça, Espraiado, Baixo Salto, Ribeirão Frederico, São Valentim, Lageado, Indaiá, Rib. São João, Vigolo e Alto Alferes.

Os resultados que vimos até aqui representam sempre, segundo as respostas dos alunos em nossa pesquisa, a configuração bilingue das crianças no interior de Nova Trento. Resta saber, agora, como se comportam linguisticamente as crianças de origem italiana do centro urbano, a fim de verificarmos o

grau de aculturação linguística desta última parte do município, além de iniciarmos a comparação entre as duas zonas - rural e urbana - que aprofundaremos na parte seguinte desta análise. Para tanto, foram analisados 86 questionários, preenchidos por alunos de 4 séries do Colégio Estadual Francisco Mazzola. Os resultados são:

Quadro 8: Uso do dialeto no centro urbano

Freq.	Você fala em dialeto com							
	pai	mãe	irmãos	avós	prof	amigos	venda	vizinho
Quase sempre	6 7%	8 9,3%	5 5,8%	11 12,8%	-	3 3,5%	4 4,7%	11 12,8%
Às vezes	14 16,3%	17 19,8%	15 17,4%	18 20,9%	2 2,3%	19 22,1%	8 9,3%	12 14%
Nunca	66 76,7%	61 70,9%	66 76,7%	57 66,3%	84 97,7%	64 74,4%	74 86%	63 73,2%

Observando esse quadro referente à produção bilingue dos alunos que frequentam a escola do centro urbano, não notamos significativas diferenças com os resultados gerais do interior (ver quadros 3 e 4 nas páginas 136 e 138). Contudo, um fato deve ser levado em consideração: analisando cada um dos 86 questionários, constatamos que 37 dos alunos dessa amostra, ou seja, 45% do total, são de localidades do interior ou de outras mais próximas que apresentam alto grau de fluência no dialeto italiano. Mais do que isso: dos 25 alunos

que responderam afirmativamente (quase sempre e às vezes) as questões «*falar em dialeto na família e na comunidade*», 24 pertencem a essas comunidades, a saber: 2 de Vigolani, 2 de Besenello, 2 de Espiraído, 6 de Ponta Fina e Rio do Braço, 3 de São Valentim, 4 de Pitanga, 2 de Baixo Salto, 1 de Lageado e 1 de Serraval. Assim, se refizermos o quadro 8 excluindo os 37 alunos que pertencem às localidades acima elencadas, teremos uma visão mais real do comportamento linguístico das crianças e jovens do centro urbano.¹⁹⁴

Quadro 8.1: Uso do dialeto no centro urbano

Freq.	Você fala em dialeto com							
	pai	mãe	irmãos	avós	prof	amigos	venda	vizinho
Quase sempre	-	-	-	-	-	-	-	-
Às vezes	1 2%	1 2%	1 2%	5 10,2%	2 4,1%	1 2%	-	1 2%
Nunca	48 98%	48 98%	48 98%	44 89,8%	47 95,9%	48 98%	49 100%	48 98%

Com a amostra dos alunos do Colégio Francisco Mazzola reduzida a 49, temos agora o comportamento linguístico na área urbana: mesmo sendo seus pais

¹⁹⁴ Por outro lado, se acrescentarmos esses 37 alunos na amostra do interior, reafirmaremos o índice de crianças bilíngues nessa área.

bilingues¹⁹⁵, as crianças e jovens da cidade não usam mais o dialeto italiano, nem mesmo no ambiente familiar (a única situação em que um pequeno percentual dos alunos interrogados usa o dialeto às vezes é com o avô ou avó). O processo de aculturação parece já estar concluído aqui, sendo o português a única língua falada.

Quadro 9: O dialeto nas funções individuais

Freq.	Rezar	Cantar	Fazer contas	Pensar	Xingar
Quase sempre	- -	1 2%	- -	- -	3 6,1%
Às vezes	- -	16 32,7%	- -	1 2%	21 42,9%
nunca	49 100%	32 65,3%	49 100%	48 98%	25 51%

Quanto às funções individuais, nota-se também o predomínio quase que absoluto do português, exceto nas atividades de cantar e xingar. O cantar em dialeto se justifica pois, mais do que no interior, os jovens tem aqui oportunidade de participar em corais dialetais, sem falar na divulgação da musica popular italiana nestes últimos anos na cidade através de iniciativas particulares. Excluindo esta função, parece ser o

195 Mesmo retirando os pais dos 37 alunos do interiorr, é alto o número de pais que falam às vezes o dialeto no centro urbano.

palavrão a única forma que ainda instiga ao uso do dialeto entre os jovens da área urbana, muitas vezes inconscientemente.

Quadro 10: O estudo da língua gramatical italiana

	você lê em italiano?		escreve em italiano?		tem acesso a livros?		estuda ou estudou italiano?	
sim	22	44,9%	6	12,2%	33	67,3%	30	61,2%
não	27	55,1%	43	87,8%	16	32,7%	19	38,8%

Como se confirma no quadro acima, é a língua italiana que tem espaço na cidade, ao invés do dialeto. É mais alto que no interior o percentual dos alunos que tem acesso a livros ou revistas italianas, especialmente devido aos contatos mais frequentes com o *Circolo Trentino* ou com a própria Itália através de viagens ou correspondências. Também alto o percentual dos que lêem em italiano ou dos que estudam (ou já estudaram) a língua gramatical pois, além das iniciativas particulares, já houve no Francisco Mazzola tentativas de introdução da língua italiana como língua estrangeira optativa no curriculum escolar.

Quadro 11: Atitudes e opiniões em relação ao dialeto

	gostaria de aprender o italiano?		os pais incentivam o uso do dialeto?		acha que o dialeto continuará a ser falado na região?	
sim	41	83,3%	4	8,2%	40	81,6%
não	8	16,3%	45	91,8%	9	18,4%

Este quadro confirma o que vínhamos afirmando até aqui: ao contrário do interior, na cidade o dialeto não desperta tanto interesse entre as crianças. A questão «*Gostaria de aprender o italiano?*» teve, como na área rural, percentual bastante elevado de respostas afirmativas, mas com uma diferença significativa: enquanto no interior o *sim* dizia respeito à aprendizagem do dialeto, na cidade se refere à língua gramatical. O dialeto parece não demonstrar muito prestígio entre os jovens na cidade embora, por contraditório que possa parecer, 81,6% dos entrevistados de 3ª geração na cidade acham que o dialeto continuará a ser falado por muito tempo. Também aqui, como no interior, podemos falar de um possível desejo inconsciente de valorização e de preservação das raízes culturais.

Interessante também neste último quadro a atitude dos pais: enquanto 76,4% dos pais dos alunos da zona rural querem que os filhos aprendam

o dialeto, na urbana 91,8% dos pais não exprime nenhum tipo de incentivo a essa aprendizagem.

3.2 Uso do dialeto X Composição étnica

Tendo em mãos a composição étnica de cada comunidade do início da colonização aos dias atuais e os resultados dos questionários das escolas da área rural e urbana do município referentes ao uso do dialeto, podemos finalmente verificar até que ponto a composição étnica influenciou na escolha do código linguístico em Nova Trento e traçar o quadro definitivo das localidades em que predomina o bilinguismo. Cruzando, então, os dados acima chegamos a seguinte divisão¹⁹⁶:

a) Localidades com predomínio de descendentes de italiano e com altíssimo percentual de falantes bilingues entre as crianças: Vigolani, seguida por Baixo Salto, Ponta Fina (Norte e Sul), Morro da Onça, Ribeirão Frederico, Baixo São Valentim e Alto Alferes;

196 De algumas tifas não temos a confirmação do uso do dialeto ou até da composição étnica pois não possuem escolas e são habitadas por pouquíssimas pessoas, algumas vezes por uma só família.

b) Localidades com percentual alto e médio de descendentes de italianos e índice inferior de crianças bilingues: Besenello¹⁹⁷, Ribeirão São João, Bom Retiro, Trinta Réis¹⁹⁸, Indaia, Lageado, Saudade Pequena, Saudade Grande, Espreado e Pitanga;

c) Localidades com composição etnicamente mista ou com maioria de italo-brasileiros, mas com predominância do monolinguismo português entre as crianças: Centro urbano, Cascata, Ribeirão da Velha, Claraiba¹⁹⁹, Alto Salto e São Caetano, Ferrreira Viana, Alto Pitanga, Lombardia (inclui Lombardia Pequena e Lombardia Grande + Kreckler), Rio Bonito, Reginaldo, Alto Lageado, Serraval e Alto São Valentim;

d) Localidades com predominância do elemento étnico alemão ou polonês: Valsugana, Oito Casas, Ribeirão Veado, Conquista, Rio Branco, Alto Capivara, Baixo Capivara, Cancelas, Poço Bonito.

197 Apesar da maioria da população de Besenello ser formada por trentinos, especialmente roveretanos, encontra-se muito próxima ao centro urbano, fazendo quase já parte dele. Os adultos falam geralmente o dialeto, mas nas crianças e jovens o bilinguismo está desaparecendo.

198 Trinta Réis, apesar de se localizar também próximo ao centro urbano e de ter recebido nos últimos tempos famílias de várias origens étnicas como resultado de expansão do interior, apresentou segundo os questionários, várias crianças que ainda falam o dialeto italiano. Temos que levar em consideração, porém, que da sua escola fazem parte crianças das localidades de Vasca e Velha, mais isoladas e com alto percentual de trentinos.

199 Os questionários na escola de Claraiba incluem alunos de Tirol, originários essencialmente de Roncegno, Valsugana.

Reginaldo (embora apresente algumas famílias de origem lombarda vindas de Botuverá), Kniss, Três Barras, Trombudo e Aguti.

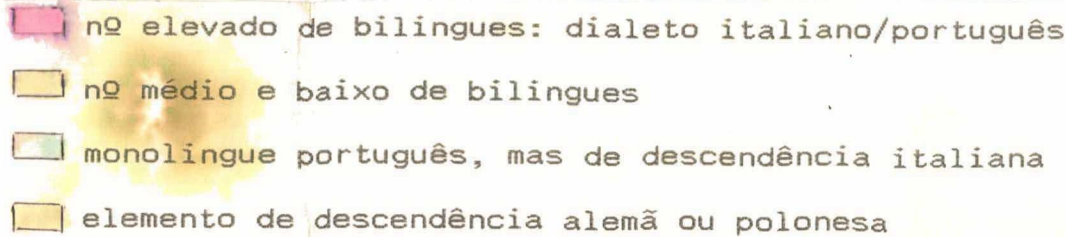
Antes de visualizarmos no mapa do município estas conclusões sobre o comportamento bilingue das crianças, cabem algumas observações finais. A primeira diz respeito ao tipo de dialeto italiano falado nas diversas áreas de Nova Trento. Dado a composição étnica apresentada, sem dúvida o dialeto falado na maioria das localidades é o trentino, de base roveretana ou valsuganota, ou uma koiné formada por esses dois dialetos. Isto com exceção de pouquíssimas localidades. Uma delas é Indaia que, apresentando nos questionários alto índice de falantes do dialeto italiano e uma composição étnica não-trentina (mais de 30% de seus habitantes são de origem lombarda), fomos analisar a área e, de fato, comprovamos a existência de um grupo de famílias que, como uma ilha linguística, conservam o dialeto bergamasco de origem. Outras ilhas dialetais não-trentinas foram localizadas em Alto Alferes e Alto Lageado: a primeira trata-se de um grupo de famílias que fala um dialeto de base também lombarda e a segunda, de um dialeto de fortes traços vênets.

Uma segunda observação se refere aos resultados gerais a que chegamos após este estudo.

Antes, pensávamos que o dialeto fosse falado nas áreas mais isoladas e mais distantes do centro urbano; ao contrário, verificamos que as localidades em que o dialeto se mostra mais vivo são exatamente as mais próximas ao centro. A surpresa é porém relativa se tomamos em consideração que as mesmas localidades são aquelas que têm a máxima concentração de descendentes de trentinos (ver tabela II, páginas 115-116).

Por fim, observamos mais uma vez a separação do elemento de origem étnica alemã e polonesa, enquanto que o brasileiro se encontra em meio aos italianos.

Mapa 8: Bilinguismo das crianças



CAPÍTULO III: A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

1. Introdução

Muitos linguistas compartilham da opinião que as comunidades bilíngues se constituem num estágio passageiro no caminho para o monolinguismo. Gumperz²⁰⁰, contudo, rebate essa afirmação dizendo que não existem bases teóricas que sustentem que uma comunidade linguística deva ser absolutamente monolíngue e a prova disso é a existência, por exemplo, das diversas comunidades bilíngues ou plurilíngues na América do Sul. Todavia, o bilinguismo dessas comunidades da América do Sul é geralmente instável e na maioria dos casos a língua de origem é, lentamente, substituída pela língua dominante.²⁰¹

200 J. Gumperz. "Types of Linguistic Communities" in G. Vicentini "Cambiamenti linguistici di una comunità italo-brasiliana» (Dati di una ricerca sociolinguistica). *Rassegna Italiana di Linguistica Applicata*. Bulzoni, Roma, anno V, nº 3, 1973, pp. 333-350.

201 G. Vicentini, idem, ibidem.

Também Nova Trento, embora apresente uma configuração bilingue vária e complexa, onde cada pequena comunidade se encontra em uma diferente etapa de aculturação linguística, acreditamos que caminhe para essa mesma direção: bilinguismo ao monolinguismo português. Mas essa afirmação deve ainda ser comprovada. Para tanto, estudaremos duas comunidades que apresentaram no estudo anterior posições bem diversas na escala de aculturação: a comunidade linguística de Vigolani (ou Vigolo), que se apresentou como a mais conservadora do dialeto inclusive entre as crianças, e a comunidade do centro, que caminha com grande velocidade rumo ao monolinguismo. A primeira, pelas suas características, chamaremos «área rural», embora se localize perto do centro, e a segunda, «área urbana», embora não represente um grande centro industrializado ou populacional. Procuraremos verificar o que determina o bilinguismo ou a mudança do código rumo ao monolinguismo nas duas diferentes realidades.

Um modo bastante objetivo de se precisar essa situação de retenção ou extinção de uma língua ou dialeto é feito através do estabelecimento da configuração de *domínios discursivos*²⁰². «Domínio»,

202 F. Tarallo & T. Alkmin, op. cit., p.75.

no sentido de Fishman²⁰³, são esferas de atividades institucionalmente dadas ou ocasiões em que uma língua (dialeto, variante, etc.) é habitualmente empregada em vez da outra. Exemplos de domínios podem ser a família, o bairro, a escola, onde cada um é caracterizado em certa medida pelo seu conjunto específico de relações de papéis como pais-crianças, vizinho-vizinho, professor-aluno, etc.

Outra maneira de se obter dados referentes ao grau de bilinguismo nas diferentes comunidades é através do estudo das *funções* de cada língua. Em uma situação bilingue, como por exemplo a das duas comunidades em questão, cada língua assume diferentes funções nos diferentes ambientes, cada uma delas passa por um condicionamento social e as duas, em geral, são usadas em diferentes situações. O grau desse condicionamento é responsável pela instabilidade ou pela durabilidade da comunidade bilingue.²⁰⁴

O estudo das funções das línguas está intimamente ligado ao dos domínios discursivos. Lyons²⁰⁵ coloca, de fato, que há uma diferenciação funcional na escolha de uso de uma ou de outra

203 Fishman 1966, p.428 cit. Pride in Lyons, p.282

204 A. Callado. *Dimensões do Bilinguismo nas comunidades de origem germânica no Estado de Santa Catarina*. Tese mestrado, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1984, p. 20.

205 Lyons in Steiner, op. cit. p.55.

língua, «dividindo o uso das mesmas em domínios determinados pelo aspecto de local, participantes e assunto». Nessa direção é que se desenvolve esta etapa da pesquisa, analisando-se a escolha que cada falante faz da língua portuguesa ou do dialeto italiano nas duas comunidades citadas quando interage com diferentes interlocutores, em diferentes lugares, sobre diferentes tópicos. Partindo-se da alternância entre essas diversas variantes, tenta-se predizer qual a língua de maior uso e qual a função de cada uma.

O estudo baseia-se na observação e análise de atos concretos da comunicação no interno das duas comunidades bilingues (Vigolani e Centro ou zona rural e zona urbana), verificando-se o uso frequente ou reversivo de uma ou de outra língua em diversas situações. A análise desse fenômeno de troca de código mostrará que a escolha do dialeto ou da língua-padrão não é feita pela decisão²⁰⁶ arbitrária do falante, mas depende de vários fatores sociais como:²⁰⁷

206 *Língua-padrão* se refere à língua portuguesa ou «brasileira», como preferimos chamar. Mas na verdade, a nenhuma das duas línguas faladas em Nova Trento caberia a denominação «padrão», uma vez que o dialeto italiano ali falado é muitas vezes uma mistura (dialetos trentinos + português + neologismos) e o português é uma variante regional com base no português caipira com fortes influências dialetais, especialmente no campo fonético e lexical.

207 Os fatores são citados in A. Callado, op. cit. pp. 21-22.

Fator pessoal: Pessoas que participam do ato comunicativo e relação que existe entre elas. Entra em consideração: grau de intimidade ou parentesco, status social, profissão, amizade, bem como idade e sexo;

Fator de localização: o lugar onde se processa o ato da fala pode determinar a escolha da língua. Ex: Igreja, comércio, rua, escola, casa;

Fator tema: Às vezes é o assunto que determina a língua a ser utilizada. Existem temas onde o locutor tem mais experiência em uma língua ou a considera mais expressiva, etc. Ex: contar piadas, discutir política;

Fator do canal de transmissão: Uso oral ou escrito da língua em questão.

Desses fatores, procura-se verificar quais realmente condicionam a escolha da língua em uma situação bilingue, quais não são significativos, quais são decisivos.²⁰⁸

208 Vários autores já se preocuparam com os fatores que podem provocar a mudança de código dentro de uma comunidade bilingue. Entre eles Fishman (1971) e Dorian (1981) na área da sociolinguística; Willems, numa linha direcionada mais para a sociologia; Shaden (1954), dentro da etnologia; outros trabalhos importantes dentro da sociolinguística no estudo da mudança do código são os de Blom e Gumperz (1972), de Susan Gal (1979), de Gumperz (1982) e de Bortoni-Riccardo (1985), que procuram explicar o processo de desaparecimento ou de manutenção da língua através da análise das «redes de comunicação» a que os falantes estão expostos. Também em Santa Catarina vários trabalhos, especialmente a nível de tese de mestrado, foram desenvolvidos com o objetivo de analisar uma determinada comunidade bilingue, verificando-se os fatores sociais de escolha de uso de uma ou de outra língua. Temos, assim, Zanella: *A mortalidade linguística do dialeto*

Para uma fotografia mais ampla da situação sociolinguística de Nova Trento, levaremos em consideração, além da variável «rural x urbano», a variável «geração», que mostrará os fatores de escolha de código nos diferentes grupos de idade nas duas áreas diversas. Como resultado final, localizaremos dentro da escala *monolinguismo italiano- bilinguismo- monolinguismo português* em qual etapa se encontra atualmente seis diferentes grupos: a 1ª, a 2ª e a 3ª geração da área urbana e a 1ª, a 2ª e a 3ª geração da área rural. Este procedimento nos permitirá uma visão ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica do processo de mudança de código. Isolando características linguísticas de diferentes grupos de idade, obtem-se um índice de mutação linguística, ou seja, a partir dos processos sincrônicos da variação é possível verificar o processo (diacrônico) de mudança nos padrões de escolha da língua.²⁰⁹

A amostra para a aplicação dos questionários em Nova Trento foi composta por 10 famílias, 5 da

italiano no município de Taíó (dentro da linha de Dorian); Steiner: *O bilinguismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul* (mais voltada ao estudo de redes de comunicação proposto por Gumperz e Gal); Zimmermann: *Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa* na comunidade de Loeffelscheidt, município de Águas Mornas; Lenard: *Lealdade linguística em Rodeio* (a sua análise de lealdade linguística tem por base a linha de Rubin, que estuda a conservação do guarani no Paraguay).

209 S. Gal in M. E. Steiner, op . cit. p. 72.

área urbana e 5 da área rural (Vigolani). Em cada família, foram interrogadas 3 pessoas, correspondendo as 3 gerações diversas : a primeira que se refere ao avô ou a avó (acima dos 65 anos de idade), a segunda que diz respeito ao pai ou mãe (dos 30 aos 55 anos) e a terceira que se refere ao filho ou filha (dos 10 aos 25 anos).

Os questionários foram elaborados com base nos estudos já realizados em comunidades bilingues (ver nota 209), selecionando as perguntas, acrescentando algumas e adaptando outras, segundo a situação sócio-cultural e linguística de Nova Trento. O questionário, ao final, apresentou a seguinte composição:

a) *Dados pessoais*: Nome do informante, local de nascimento, cidades em que morou, idade, sexo, profissão, instrução, mobilidade geográfica, língua materna, origem dos antecessores;

b) *Situação linguística familiar*: Divide-se em duas partes. A primeira, diz respeito aos antecessores linguísticos, ou seja, a(s) língua(s) falada(s) pelos seus pais, pois este fator condiciona o comportamento linguístico dos outros membros da família e, conseqüentemente, do informante em questão. A segunda parte, se refere a situação linguística inicial e atual do informante. Trata-se de um quadro comparativo com indagações

sobre qual a língua usada no período da infância e no período adulto. Estas duas etapas nos darão uma primeira idéia do processo de mudança linguística no arco de cinco gerações, já que cada uma das três gerações responderá questões relacionadas a si próprio, aos pais e aos avós. Mostrará ainda os períodos de maior mudança linguística nas duas áreas.

c) *Funções*: considerando as principais áreas de contato, verificar-se-á qual a língua escolhida pelo informante nas diversas situações, ou seja, com a mudança dos interlocutores, mudança de ambiente, de papéis sociais²¹⁰, de assunto ou, ainda, em funções internas.

d) *Exposição aos meios de comunicação de massa*: o tempo/diário de exposição aos meios de comunicação tem direta relação com a transmissão da língua padrão.

e) *Atitudes e opiniões*: Diferenças de atitudes e de opiniões em relação ao dialeto ou a língua padrão nas duas áreas e nas diferentes gerações.

210 A mudança da língua relacionada a mudança de papéis sociais, ou seja, nas diversas relações de trabalho entre superior, semelhante e dependente, apesar de comum em questionários deste tipo, foi eliminada em nossas questões pois, sendo todos os informantes ou aposentados, ou agricultores, ou estudantes ou domésticas, não havia possibilidade de análise dessa situação.

2. Apresentação e análise dos dados:

2.1 Dados pessoais

F	G	LOCAL	NOME	IDADE	S	PROF	INST ²¹¹	NASCIM	RESID	LM	L2
1	1a	Besen.	A.C.	89	M	apos.	-	NT	Sempre	D	10
	2a	Besen.	W.C.	52	M	pedr.	4	NT	Sempre	D	6
	3a	Besen.	S.C.	16	F	estu.	9...	NT	Sempre	P	12
2	1a	NT	L.S.	80	F	apos.	1	Tigipió	78	D	10
	2a	NT	O.S.	43	M	pedr.	4	NT	Sempre	P	20
	3a	NT	L.S.	11	F	estu.	5...	NT	Sempre	P	-
3	1a	NT	E.T.	81	F	apos.	-	Tigipió	58	D	10
	2a	NT	M.F.	45	F	balc.	4	NT	Sempre	D	7
	3a	NT	N.F.	20	F	balc.	11	NT	Sempre	P	-
4	1a	R.Velha	M.G.	85	F	apos.	-	B.Salto	12	D	10
	2a	R.Velha	B.D.	49	F	dome.	4	B.Salto	22	D	8
	3a	R.Velha	A.D.	10	F	estu.	4...	NT	Sempre	P	-
5	1a	NT	L.V.	85	M	apos.	4	Pitanga	60	D	8
	2a	NT	M.B.	52	F	dome.	4	Pitanga	34	D	7
	3a	NT	S.B.	23	F	dome.	11	NT	Sempre	P	-
1	1a	Vígolo	P.D.B.	73	M	apos.	-	Vígolo	Sempre	D	14
	2a	Vígolo	I.D.B.	47	F	dome.	4	Vígolo	Sempre	D	7
	3a	Vígolo	A.B.C.	23	M	serr.	6	Vígolo	Sempre	P	8
2	1a	Vígolo	F.N.	70	M	apos.	4	Vígolo	Sempre	D	7
	2a	Vígolo	A.N.	33	F	dome.	3	Molha	18 anos	D	8
	3a	Vígolo	J.N.	12	F	babá	4	Vígolo	Sempre	P	5
3	1a	Vígolo	I.M.	73	F	apos.	-	Freder.	50 anos	D	*
	2a	Vígolo	L.D.	49	F	dome.	4	Vígolo	Sempre	D	7
	3a	Vígolo	E.B.	11	F	estu.	5...	Vígolo	Sempre	P	6
4	1a	Vígolo	R.P.	73	M	apos.	-	Vígolo	Sempre	D	20
	2a	Vígolo	L.P.	49	F	roça	2	Vígolo	Sempre	D	8
	3a	Vígolo	J.P.	21	M	pedr.	4	Vígolo	Sempre	D	7
5	1a	Vígolo	F.W.	76	M	apos.	-	Vígolo	Sempre	D	50
	2a	Vígolo	I.W.	31	F	dome.	5	Vígolo	Sempre	D	7
	3a	Vígolo	A.M.	09	F	estu.	3...	Vígolo	Sempre	P	**

211 Instrução: em anos.

legenda:

F	- Família
G	- Geração
S	- Sexo
LM	- Língua materna
L2	- 2ª língua aprendida ²¹²
D	- Dialeto italiano
P	- Português

* O informante I.M. tem competência oral somente no dialeto. Em português, fala poucas palavras e a compreensão de frases inteiras se dá com muita dificuldade.

** O informante A.M. domina o dialeto somente a nível de compreensão, utilizando-se em todas as áreas somente o português.

Conforme os dados do quadro acima, assim é composta nossa amostra: 10 famílias, 3 diferentes grupos de idade ou geração em cada família, 30 questionários, dos quais 15 na área urbana e arredores e 15 na área rural representada pela localidade de Vígolo ou Vigolani. Apesar de não levarmos em consideração na nossa análise a variável sexo, procuramos na pesquisa manter um certo equilíbrio entre o número de homens e mulheres; também a variável profissão não será considerada, pois a maioria dos informantes trabalham em casa, na própria lavoura ou são estudantes, não permitindo assim a análise da relação linguística entre superiores e dependentes.

Idade: O primeiro grupo de idade, referente a geração dos "nonos" (= avós), varia entre os 70 e

²¹² O número que seque o dado L2 corresponde a idade aproximada de aprendizagem, ou seja, de domínio oral da segunda língua, seja ela o dialeto, seja o português.

89 anos; o segundo grupo, da geração dos pais, abrange a faixa etária dos 31 aos 52 anos; e o terceiro grupo, da geração dos filhos, varia entre os 9 e os 23 anos.

Origem dos informantes: Todos os informantes possuem pais e avós de origem étnica italiana e, precisamente, trentina (exceção para dois informantes que possuem um dos avós vênéticos). Este dado nos leva à hipótese de que todos, potencialmente, teriam as mesmas facilidades de uso do dialeto trentino.

Língua materna: A língua materna²¹³ do indivíduo é geralmente a que tem maior dominância. A respeito, diz Weinreich²¹⁴, que essa distinção de ter sido aprendida como primeira é tão fundamental que a língua materna é geralmente considerada dominante já por definição. No estágio inicial de bilinguismo a língua materna é seguramente a língua de maior competência; e embora, mais tarde, muitos bilingues em certas circunstâncias adquirem maior

213 Por língua materna entende-se "a língua normalmente falada em casa pelo indivíduo durante a sua infância, embora não necessariamente falada por ele hoje" - UNESCO, 1959, cit J. Heye: "Considerações metodológicas sobre o estudo de bilinguismo" in *Anais do II Encontro de Bilinguismo e Variação Linguística da Região Sul*, UFSC, 1983, pp. 2-15.

214 U. Weinreich: *Languages in Contact: Findings and Problems*. The Hague, Mouton, 1964 (Trad. it. aos cuidados de G. R. Cardona: "Lingue in Contatto". Boringhieri, Torino, 1974). É este o estudo mais clássico sobre línguas em contato. Weinreich examina os fatores individuais e sociais que existem em uma situação de contato linguístico, demonstrando a sistematicidade dos mecanismos de interferência nos campos fonético, fonológico e lexical.

competência na 2ª língua, a língua primeira é sempre presente na estrutura profunda daquela.

Verificando-se a situação de nossos informantes no tocante a primeira língua aprendida, percebemos uma nítida diferença entre os vários grupos de idade: a 1ª e a 2ª geração de ambas as áreas teve o dialeto como língua materna (exceção um informante da 2ª geração/urbana). O português é aprendido na área urbana por volta dos 10 anos pela 1ª geração, caindo para a média dos 7 anos na 2ª, pois esta passou a frequentar a escola primária. Já no caso do interior, a 1ª geração aprende o português bem mais tarde. Os casos são vários: um informante em torno dos 14 anos, outro aos 20, outro aos 50 e um deles é ainda hoje quase monolíngue no dialeto; somente um informante aprendeu cedo, aos 7 anos, pois foi o único que frequentou a escola primária. Para os de 2ª geração, ocorre a mesma média da cidade, 7 anos, correspondendo a idade de entrada na escola.

Já no grupo de 3ª geração, a situação é bem outra. As crianças da cidade tiveram todas o português como língua materna e nenhuma delas apresenta domínio no dialeto. Somente o informante S.C. da família nº 1 mostra certa competência a nível de compreensão oral no dialeto. Observe-se, porém, que se trata de um informante da localidade

de Besenello, que embora seja considerada hoje parte do centro urbano, por muito tempo teve uma história particular, conservando mais viva a presença da língua trentina de origem. Quanto as crianças de Vigolani, 20% tem o dialeto como língua materna. Contudo, ao contrário do que ocorre no centro, todas as que aprenderam primeiro o português adquirem cedo, em torno dos 6 aos 8 anos, habilidades linguísticas no dialeto. Habilidades estas adquiridas sempre de forma indireta, ou seja, ouvindo os pais falando entre si ou com os amigos. A velha convicção - que provavelmente se enraizou na época de 30, com as campanhas de nacionalização - de que falar dialeto italiano em casa dificultava a aprendizagem na escola ainda vigora. Tal convicção contribuiu para que muitos dos italo-brasileiros não falassem em dialeto com os filhos, como também contribuiu a dar maior status ao português. O colono falava em português com os filhos, convencido que isso lhes traria benefícios na escola e na sociedade.²¹⁵

Escolarização: A escola é um dos principais fatores que leva à interferência do português no dialeto e, em muitos casos, o início da escolarização é sentida também como o início da perda da língua minoritária por estar intimamente

215 V. Frosi in Meo Zilio (org.) *Presenza, cultura...*, p.222.

ligada à aprendizagem da língua padrão. Observando a tabela anterior verifica-se, de fato, que os informantes de 1ª geração que não frequentaram a escola aprenderam o português bem mais tarde que os informantes de 2ª geração, que cursaram 4 anos de instrução primária. Estes apontaram, inclusive, a idade de 7 anos como o início da aquisição do "brasileiro", idade que corresponde exatamente ao ingresso na escola.

Também neste aspecto é na 3ª geração que se visualiza a oposição rural/urbano, com um significativo aumento de escolarização das crianças do centro. Nesta área, todos os informantes continuaram os seus estudos após o curso primário (a maioria dos indivíduos na cidade finaliza os estudos com o 11º grau completo, ou seja, após 11 anos, embora alguns ainda desistam após 8 anos e outros continuam com um curso universitário). Já no interior, o número de anos escolares apresenta uma média inferior: 4 anos. Depois, tendo que se deslocar para a cidade para poder continuar os estudos, as dificuldades aumentam e a criança tende a abandonar a escola, apesar da obrigatoriedade dos 8 anos por lei. A distância não deveria ser, porém, um problema para uma localidade como Vigolo, mas como indica a tabela, 60% das

crianças entrevistadas pararam de estudar após os 4 ou 6 primeiros anos.

Apesar deste dado e das anomalias do ensino no interior, a escola revela-se aí um forte impulso de uniformização linguística nas crianças. Ela provoca o "inibismo (sic) dialetal"²¹⁶ e contribui ao crescente exclusivismo de uso do português. Mesmo quando o professor é consciente e aceita a realidade cultural do dialeto, indiretamente transmite ao alfabetizando somente conceitos e padrões estruturais do português, favorecendo o abandono gradual da língua usada em família. Os informantes de 2ª geração não enfrentaram este problema pois, ao entrarem na escola, já tinham adquirido automatismos tão fluentes no dialeto que a aprendizagem do português não se refletia tanto sobre a língua materna. Havendo já internalizado a regra de funcionamento do dialeto as interferências da língua padrão eram mínimas. As crianças de hoje, porém, que segundo nossas pesquisas aprenderam em casa primeiro o português e mais tarde o dialeto, ao entrarem na escola ainda não tem definidos os automatismos psicológicos e linguísticos do dialeto. Na época da alfabetização, aliás, não só as regras deste não estão totalmente automatizadas,

216 Sobre o conceito de "inibismo dialetal" ver F. Zanella, op. cit.

mas também as do português, sendo que a estrutura de uma língua interfere na da outra. E com a crescente aprendizagem sistematizada da língua padrão, a criança começa a eliminar os hábitos linguísticos que já havia adquirido no dialeto, em troca da aquisição dos novos hábitos da outra língua ditada pela escola.^{m217}

Junto ao processo de inibismo dialetal, o aumento da escolarização atribui ao português um status mais elevado que o do dialeto, como a língua de maior valor e de maior prestígio. O professor é quase sempre visto pela criança como a autoridade máxima, como o modelo - de cultura, de comportamento, de língua. E a maioria dos professores das escolas do interior do município é monolíngue do português.

Mobilidade geográfica: Reorganizando alguns dados da tabela anterior temos:

- nasceram na localidade em questão: 73,3%
- nasceram no município, mas em outra localidade: 20%
- nasceram em municípios vizinhos de colonização italiana: 6,7%

217 "...na escola, os hábitos linguísticos da criança, sua tendência a «refletir» sobre a língua, sua maneira pessoal de construir as mensagens são bruscamente transtornados por regras que ela deve aprender mais ou menos mecanicamente e que se superpõem brutalmente a estereótipos fixados" cit. T.Slama-Cazacu: "Psicolinguística Aplicada ao Ensino de Línguas" in Zanella, op. cit. p. 38.

Esse dado comprova o que colocamos anteriormente: todos os nossos informantes, além da origem familiar italiana, nasceram e habitaram somente em comunidades tipicamente da mesma origem. Embora não presente na tabela, constava do questionário uma outra questão referente a mobilidade geográfica - "Você frequentou ou frequenta outras cidades?" - cujas respostas foram: na área rural, 26,7% dos informantes respondeu *nenhuma*, 66,7% *algumas* e 6,6% *muitas*. Já na área urbana, as respostas foram respectivamente 6,6%, 60% e 33,3%. A maior mobilidade, como se esperava, ocorre na zona urbana, dado que contribui para acelerar o processo de aculturação. Na realidade, porém, esse dado não parece ser tão importante, uma vez que na área urbana não é necessário sair do município para se falar com monolíngues portugueses. A área urbana, por si só, já oferece maior facilidade de contato e de integração com falantes do português, obrigando, inclusive, os que vivem nas zonas rurais a usarem o "brasileiro" quando vem ao centro fazer compras, por exemplo.

Na outra área do município, mais do que a mobilidade geográfica, é o êxodo rural o fator que contribui para a diminuição dos falantes do dialeto nos focos centralizados de colonização italiana.

Quadro 1: Mobilidade geográfica em Nova Trento

Ano	1970		1980		1989		Taxa de crescimento anual em %	
	Área						1970-80	1980-89
Urbana	3.335	33,23	3.610	39,61	3.695	44,41	0,80	0,26
Rural	6.700	66,77	5.503	60,39	4.625	55,59	-1,95	-1,91
Total	10.035	100	9.113	100	8.320	100	-0,96	-1,01

* Fonte: Fundação IBGE, Censo demográfico de SC- 1970 e 1980 e Estimativas SEPLAN/SC-1989.²¹⁸

No comportamento da distribuição populacional de Nova Trento 1970-1980-1989, notam-se duas tendências: grande redução da população rural e baixo crescimento da população urbana. As melhores oportunidades de empregos e salários nos centros maiores, as incertezas quanto à política agrícola e a impossibilidade de continuar os estudos no município leva a população do interior, bem como a do meio urbano, a procurar outras cidades vizinhas. Essas longas saídas para trabalho ou estudo favorecem o abandono da língua falada em casa.

²¹⁸ PIDSE Nova Trento, Fpolis, 1990, p.11.

2.2 Situação linguístico-familiar

a) Antecedentes linguísticos

Os resultados da tabela abaixo se referem ao uso ou não do dialeto na família dos informantes antes de seu casamento (ou seja, na família de seus pais). Procura demonstrar qual a língua de maior uso do pai do informante, da sua mãe, dos pais quando falam entre si e dos pais com os filhos em geral.

Quadro 2: antecedentes linguísticos

Área	G	o pai			a mãe			entre eles			c/ os filhos		
		P	PI	I	P	PI	I	P	PI	I	P	PI	I
rural	1ª			100			100			100			100
	2ª			100			100			100			100
	3ª		80	20		60	40		20	80	20	20	60
urb.	1ª			100			100			100			100
	2ª		60	40		60	40			100	40	40	20
	3ª		100			100		20	80		80	20	

* Resultados expressos em percentuais

P= Predominantemente português

PI=Português e italiano em igual proporção

I= Predominantemente dialeto italiano

Na família do grupo de 1ª geração, ou seja, naquele formado por pessoas que tem atualmente em torno de 75-80 anos (nascidas por volta de 1910-20) não aparecem diferenças entre a produção linguística no interior e na cidade; os pais de todos os informantes deste grupo usavam somente o

dialeto italiano no ambiente familiar. Esta constatação era já esperada pois os pais dos informantes de 1ª geração ou são filhos diretos de descendentes italianos ou nasceram eles próprios na Itália. Além do mais, o processo de urbanização na juventude deles, bem como o contato com os meios de comunicação de massa, estava longe de ser sequer um sonho em Nova Trento e as campanhas de nacionalização não tinham ainda mostrado nenhum sinal.

Diferenças entre as áreas do interior e a da cidade começam a aparecer nas respostas dos informantes de 2ª geração. Enquanto a geração dos avós usa somente o dialeto no interior, na cidade começa-se a perceber a entrada gradativa do português: 60% dos pais e mães dos informantes deste grupo (que diz respeito a produção linguística dos informantes do 1º, já que se trata de seus pais) utilizam ambas as línguas nas situações gerais; salto maior em relação ao português ocorre nas relações com os seus filhos, onde 40% dos pais se dirigem a eles somente em português, apesar de falarem o dialeto entre si. Este "salto" está sem dúvida relacionado às campanhas de nacionalização que nessa época implantaram a obrigatoriedade da língua nacional nas escolas e nos lugares públicos (campanhas que

não tiveram ressonância nas comunidades mais isoladas e homogeneamente italianas como Vigolani). Em segundo lugar, na infância dos informantes de 2ª geração, em torno dos anos de 1945-1965, os meios de comunicação de massa começavam a entrar com força e o pequeno centro dava um passo ao seu processo de urbanização, aumentando paulatinamente as oportunidades de contato com a língua padrão. Esse processo não ocorre na mesma época na zona rural, sendo que 100% dos "nonos" falava somente em dialeto com os filhos. A energia elétrica nas zonas rurais de Nova Trento foi instalada muito tarde. Em localidades próximas como o Salto a eletricidade foi implantada em 1977; na maioria das outras foi ampliada somente em 1980 e em comunidades mais distantes como Valsugana, em 1990.²¹⁹

É mais uma vez, porém, nas respostas da 3ª geração que aparecem as grandes diferenças, seja no sentido vertical (entre as várias gerações), seja no horizontal (rural x urbano). Se nas relações bisavós-avós-pais houve uma diminuição crescente mas pequena do uso do dialeto, na passagem à geração dos filhos essa diminuição é bem mais acentuada, tanto no interior, quanto na cidade. Não é necessário muita explicação: em ambas as áreas as

219 Atualmente existem ainda 130 famílias sem energia elétrica, espalhadas por várias tifas em todo o município. Informações: Cooperativa de Eletrificação e Prefeitura Municipal.

crianças tem hoje grande contato com a língua brasileira: escola, amigos, televisão, livros, viagens. De fato, e especialmente na área urbana, observa-se uma queda muito maior do uso do dialeto - pode-se falar, inclusive, de perda quase que total da língua - onde, além do constante contato com o português, os pais, mesmo sendo a maioria deles bilíngues, poucos são os que falam em dialeto com os filhos. Todas essas mudanças verificadas no decorrer dos anos se refletiu na produção linguística das crianças no período atual.

b) Situação linguística inicial x atual dos informantes

Analisando a questão "Qual a língua usada com maior frequência nas várias situações do seu dia-a-dia?", obtemos o seguinte resultado:

Quadro 3: Língua de maior frequência

Área	G	Port	Port/Ital	Ital	Ital/Port
rural	1ª			40%	60%
	2ª		20%	20%	60%
	3ª	20%	20%	20%	40%
urbana	1ª				100%
	2ª	40%	40%		20%
	3ª	100%			

Port: essencialmente o português

Port/Ital: bilingue, com predominância do Português

Ital: essencialmente o dialeto italiano

Ital/Port: bilingue, com predominância do dialeto

Como mostra a tabela, os vários grupos nas duas diferentes áreas apresentam-se em fases diversas na escala de aculturação linguística:

-a 1ª geração de Vígolo apresenta um bilinguismo mais ou menos estável, com predominância do dialeto italiano;

-a 1ª geração urbana e a 2ª geração rural mostram-se em uma fase um pouco mais adiantada da aculturação linguística, apresentando um bilinguismo mais ou menos equilibrado entre o uso do dialeto e da língua nacional;

-a 2ª geração da cidade apresenta já bem definida a sua rápida direção rumo ao monolinguísmo português;

-a 3ª geração do interior se encontra em uma fase não homogeneamente definida, apresentando, na amostra, informantes bilíngues com predominância seja do dialeto seja do português, e outros informantes que usam basicamente o dialeto e outros ainda, basicamente o português;

-por fim, na 3ª geração da cidade, o monolinguísmo português apresenta-se já como uma realidade.

Os itens acima nos dão uma primeira idéia da situação atual de uso do dialeto nos vários grupos de idade em Nova Trento. Nos quadros a seguir

veremos mais detalhadamente essas conclusões, analisando diacronicamente o processo de mudança do código em cada grupo. Tratam-se de duas tabelas, a primeira sobre a língua de maior uso pelo informante durante a sua infância nas mais diversas situações e a segunda, sobre a língua de maior uso atualmente em idênticas situações:

Quadro 4 : Quando criança, você falava em dialeto...

Situações	Área rural						Área urbana					
	1ª geração			2ª geração			1ª geração			2ª geração		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
com o pai	100			100			100			60	20	20
com a mãe	100			100			100			60	20	20
irmãos +velhos	100			100			100			40	40	20
irmãos +novos	100			100			100			20	60	20
com avós	100			100			100			100		
com amigos	100			100			100			40	20	40
colegas/escola	40			80	20			40			20	80
com professor	20		20			100			40			100
com vizinhos	100			100			100			20	40	40
com o padre	100					100	80	20			20	80
na confissão	100					100	80	20				100
c/autoridades	60	20				100	40	40	20			100
comércio/bar	80	20		60	20	20	40	60			60	40
na cidade	100			20	40	40	20	60	20		60	20
c/desconhecido	20	60				100			100			100

Frequência: A sempre B às vezes C nunca

* Números expressos em percentuais

Quadro 5: Na fase adulta você continua falando em dialeto...

Situações	Área rural						Área urbana					
	1ª geração			2ª geração			1ª geração			2ª geração		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
com o pai	100			100			100			40	40	20
com a mãe	100			100			100			40	40	20
irmãos +velhos	100			80	20		100				60	40
irmãos +novos	100			80	20		100				40	60
com avós	100			100			100			60	40	
com amigos	100			80	20		60	40			60	40
com vizinhos	100			60	40		40	60			40	60
com o padre	20	40	40			100		20	80			100
na confissão	10		80			100			100			100
c/autoridades	20	40	40		20	80		40	60		20	80
comércio/bar	20	40	40		60	40		20	80			100
na cidade	20	60	20		40	60		20	80			100
c/desconhecido		20	80			100			100			100

Nos dois quadros acima podemos verificar o ritmo de evolução do uso do dialeto nas duas fases de vida dos informantes: na infância e na fase adulta. Por evolução entendemos aqui a crescente perda do dialeto em favor do português.

Observando primeiramente o quadro nº 4, referente à fase infantil, temos:

1ª geração interior x 1ª geração cidade: Nas relações com os familiares ou com outras pessoas próximas como amigos e vizinhos não há nenhuma diferença, pois ambos os grupos se utilizam somente do dialeto. É nas relações mais "formais" que começam a se distanciar. Confirma-se, assim, a

família como o núcleo mais conservador da língua de origem.

1ª geração interior x 2ª geração interior: No âmbito familiar também nenhuma mudança. Diferença significativa na Igreja (conversas informais com o sacerdote e nas confissões). Mas essa mudança radical de 100% sempre para 100% nunca entende-se fácil se se pensar que até mais ou menos 1940 estavam em Nova Trento os padres jesuítas, que eram italianos. Com autoridades e outras pessoas estranhas, a 2ª geração passa a usar preferencialmente o português. Os informantes do grupo de 1ª geração responderam que se dirigiam em dialeto com as autoridades pois, conhecendo pouco o português, tinham vergonha de falar em tal língua.

2ª geração interior x 2ª geração cidade: enquanto no interior as relações com os familiares se processam todas em dialeto, na cidade encontra-se em fase de definição, de passagem ao português. A única relação que continua aqui sendo feita totalmente em dialeto é com os avós. No âmbito social, as relações em ambos os grupos acontecem preferivelmente em português, exceto nas relações com os colegas na escola; nesta situação, ao contrário do interior, na cidade se processa quase que só em português, uma vez que as pressões de

nacionalização do ensino e da língua se fizeram muito mais fortes nesta área.

1ª geração cidade x 2ª geração cidade:

Enquanto na zona rural no ambiente familiar não houve nenhuma mudança na passagem de uma geração à outra, na urbana deu-se uma nítida abertura da fase de monolinguismo italiano a uma entrada cada vez maior do português, sendo que nas relações sociais o direcionamento ao monolinguismo português na 2ª geração é já um fato.

Comparando agora os dados do quadro nº 4 com os resultados do nº 5, verificamos que as mudanças mais significativas na passagem de um período ao outro foram:

na zona rural: As relações familiares continuaram sendo feitas em dialeto. Há uma pequena abertura ao português na 2ª geração no relacionamento com os irmãos, onde em torno de 20% utiliza-se de ambas as línguas, dependendo da situação ou do lugar. Também na relação com amigos e vizinhos a 2ª geração começa a introduzir o português na fase adulta. Mas é sempre nas relações sociais que ocorrem as mudanças maiores: a 1ª geração, enquanto na fase infantil usava quase que exclusivamente o dialeto italiano, atualmente a maioria utiliza as duas línguas e alguns somente o

português. Na 2ª geração, confirma-se o que já ocorria na infância.

na zona urbana: na 1ª geração há uma pequena abertura ao português na relação com os amigos e vizinhos na passagem à fase adulta, fenômeno que não se processa no interior.²²⁰ Na 1ª geração ocorre ainda uma outra mudança, mais significativa, nas relações sociais: enquanto na infância estas se processavam em ambas as línguas, tendendo ao uso maior do dialeto, na segunda fase passam a ser feitas quase que exclusivamente em português. A mesma observação é válida para a 2ª geração, só que com menor grau de mudança, uma vez que na fase da infância já se fazia presente essa tendência ao monolinguismo português nas relações sociais. E no ambiente familiar, enquanto 60% se comunicava só em dialeto com os pais e 20 a 40% com os irmãos, esse percentual cai na fase adulta para 40% nas conversas com os pais e a zero nas relações com os irmãos.

220 Para precisar melhor, no interior ocorre essa mesma abertura sim, mas na 2ª geração, o que equivale dizer que, em relação a área urbana, a rural se encontra em uma fase anterior na escala do processo de aculturação linguística.

2.3 Funções

Nos resultados demonstrados até agora, pudemos verificar alguns fatos constantes que revelam, no geral, três tendências: a evolução (perda) do dialeto ao português com o passar das gerações; a nítida oposição entre o uso do dialeto na zona urbana e na zona rural; e o maior conservadorismo do dialeto no ambiente familiar.²²¹ Mas essas tendências não são nem definitivas, nem absolutas, sendo que às vezes se modificam de acordo com certas variantes sociais. Dentro do ambiente familiar, por exemplo, um mesmo indivíduo usa uma ou outra língua dependendo do interlocutor, do grau de intimidade entre os dois, do fator idade, sexo, lugar em que se encontram, etc.

As variantes que compõem o questionário relacionadas ao item *funções* e que serão representadas no quadro abaixo objetivam, assim, dar uma visão mais precisa sobre o comportamento linguístico de cada informante, sobre a escolha da

²²¹ Essa mesma tendência já foi comprovada em muitas pesquisas em regiões de colonização ou em regiões em que se faz uso da língua oficial e de um dialeto. A respeito, G. Marcato, em um estudo sociológico num ambiente campesino no norte da Itália, declara em relação ao uso da língua oficial na família: "O ambiente familiar não é capaz de favorecer o uso do italiano (ou, no nosso caso, do português), ao contrário, parece conseguir bloquear tal uso (...) Para que um código novo possa substituir aquele tradicional, é preciso que se reconheça a sua necessidade e eficiência e, no interior das relações familiares, isso não parece se verificar. in Marcato e outros: "Modellamento sociale e linguistico. Il dialetto nella realtà contadina d'oggi" in SLI 10/1: *Aspetti Sociolinguistici dell'Italia Contemporanea*. Bulzoni, Roma, p.313.

língua que cada um faz nas várias situações cotidianas. Verificar-se-á quais os fatores que levam ao uso do dialeto ou do português, nos três diferentes grupos no centro urbano e em Vígolo, representante da zona rural.

Quadro 6: Funções - Redes de comunicação 1ª e 2ª gerações

Situações	Área rural						Área urbana					
	1ª geração			2ª geração			1ª geração			2ª geração		
	P	P/I	I	P	P/I	I	P	P/I	I	P	P/I	I
NA FAMÍLIA												
esposo/a			100		20	80	0		100	20	80	
filhos + velhos			100	20	20	60		20	80	100		
filhos + novos			100	20	40	40	60	20	20	100		
genros/noras	20	60	20	40		20	40	40	20	80		
netos		80	20	40			60	40		40		
NO COMÉRCIO												
comerciante	40	20	40	60	20	20	80	20		100		
cônjuge			100	20	40	40	20	40	40	80	20	
filhos			100	40	40	20	20	60	20	100		
amigo			100		40	60		60	40	100		
COM AMIGOS												
conversas			100		20	80		40	60	20	80	
contando piadas		40	60	20	40	40		40	60	80	20	
disc. política			100		20	80		40	60	60	20	
COM AUTORIDADES												
prefeito		40	60	60		40	20	80		80	20	
polícia	80	20		100			100			100		
médico	80	20		100			100			100		
farmácia	80		20	100			100			100		
banco	80		20	100			100			100		
dir./prof.escola	80		20	100			100			100		
SIT. INTERNAS												
xing./palavrões			100	20		80			100	20	40	40
contas de cabeça			100	60		40			100	80		20
pensando sozinho			100	20	40	40			100	80	20	
rezando sozinho			100	40	40	20	20	20	60	100		

Levando-se em consideração a variante rural x urbana, a mais significativa neste quadro, verificamos:

1ª geração interior x 1ª geração cidade: Se na tabela nº 5 a escolha da língua nas relações familiares nestes dois grupos tendia exclusivamente ao dialeto, aqui, com a ampliação da família e introdução de membros mais jovens (filhos e netos), começa-se a mostrar uma mudança dessa tendência em ambas as áreas: quanto mais jovens os interlocutores, mais os "nonos" usam o português (veja-se, por exemplo, a relação com os filhos mais velhos em comparação com aquela com os filhos mais jovens na cidade). Em Vígolo também se observa essa mudança, porém em menor grau que no centro.

Nas outras situações, confirma-se o que já havíamos notado anteriormente, com a escolha do código semelhante em ambos os grupos: português nas relações formais; dialeto nas informais com os amigos, como também nas atividades ditas internas.

2ª geração interior x 2ª geração cidade: Confirmam-se também aqui algumas das observações já adiantadas. De modo geral, as escolhas linguísticas da 2ª geração em Vígolo se processam de uma maneira equilibrada entre o dialeto e o brasileiro, com um

leve predomínio deste (com exceção das relações com autoridades, onde o diálogo se processa essencialmente em português). Na cidade, por sua vez, neste grupo de 2ª geração já se percebe a forte tendência ao monolinguismo português (que se concretizará em seus filhos); entre as situações em que sobrevive o uso do dialeto estão: relação com o cônjuge no ambiente familiar e conversas informais com velhos amigos.

Quadro 7: Funções - Redes de comunicação 3ª geração

Situações	3ª geração					
	Área rural			Área urbana		
	Port	Por/Ita	Ital	Port	Por/Ita	Ital
NA FAMÍLIA						
pai		80	20	100		
mãe		80	20	80	20	
irmão + velho	40	40	20	100		
irmão + novo	60	20	20	100		
avós		40	60	60	40	
AMIGOS						
colegas escola	40	60		100		
conversas infor.	40	60		100		
contando piadas	60	40		100		
discutindo	20	60	20	100		
OUTROS						
professor	80	20		100		
servente escola	60	40		100		
autoridades	100			100		
vizinhos		80	20	100		
ATIV. INTERNAS						
xingar/palavrões		40	60	60	40	
contas de cabeça	60		40	100		
pensando	60		40	100		
rezando sozinho	100			100		

Entre os membros da 3ª geração, ao contrário dos resultados da tabela anterior, existe uma nítida diferença entre o uso do dialeto em Vigolo e na cidade. Nas crianças do centro o monolinguismo português é um fato que se pode já constatar, seja no âmbito formal, seja no informal com a família e amigos ou nas atitudes internas. Em apenas duas situações do cotidiano é ainda possível encontrar algumas crianças que usam às vezes o dialeto: em conversas com o avô e dizendo palavrões.

Na zona rural a situação é bem outra: nas relações com os pais, avós e vizinhos (relações informais com pessoas adultas) a escolha da língua tende ao dialeto, sempre ou às vezes. Já nas relações com os amigos e irmãos, ou seja, com falantes da mesma idade, aparecem sinais fortes de uma passagem maior ao uso do português. A coesão étnica desempenha importante papel na preservação da língua do grupo, mas as forças padronizadoras dos meios de comunicação e da educação formal na nova geração começam a atribuir novos valores aos códigos linguísticos, colocando às vezes o falante em situação de dilema em relação a identificação com o idioma falado no interior de seu próprio grupo. Mas a fase completa de monolinguismo

português parece estar ainda distante em muitas crianças de Vígolo, uma vez que nas atitudes internas como fazer conta de cabeça ou pensar é o dialeto que predomina. Veja-se ainda: nas relações com pais e vizinhos estas crianças usam o dialeto em proporção semelhante ao português. Tal índice demonstra que não só na família, mas também na comunidade o dialeto é presente. Em um ambiente como Vígolo, caracterizado por uma notável homogeneidade étnica, a vizinhança repropõe, com nuances diversas, a situação familiar. Cria-se um particular "modelamento linguístico", no qual o dialeto se impõe como código suficiente e necessário para satisfazer todas as necessidades comunicativas da realidade em que opera. Isto não implica no desinteresse pela língua standard, também necessária, embora com funções acessórias e, na maioria das vezes, fora do ambiente cotidiano.²²²

A descrição das variantes sociais subjacentes à escolha linguística têm sido um modelo bastante utilizado no estudo de situações bilíngues. Parte do princípio de que o uso de uma ou de outra língua é feito em relação a fatores situacionais como tópico, interlocutor e local da interação. Além destes, fatores como prestígio, sentimentos de

²²² Marcato et alii, op. cit. p. 314.

lealdade linguística²²³, relações interpessoais vinculadas a poder ou intimidade são igualmente significativos na escolha do código²²⁴. Mas não é tão simples quanto parece pois, como sustenta Fishman²²⁵, por mais importantes que sejam tais fatores para o usuário da língua, tendem a significar diferentes coisas para diferentes pessoas em diferentes ambientes e, por isso, não podem ser verificados com facilidade.

As questões apresentadas nas tabelas anteriores procuram abranger a maioria dos fatores citados: partindo da mudança das variantes, tenta prever a escolha do código dentro dos 3 diferentes grupos de idades nas duas diferentes áreas sócio-geográficas. Apesar de ser difícil precisar ou generalizar os resultados a um grupo maior - pelos problemas que coloca Fishman - é possível sempre tirar algumas conclusões e, como mínimo, constatar certas tendências e determinar as direções do bilinguismo em cada grupo.

Como demonstram as tabelas 6 e 7, as variantes situacionais mostraram, de fato, haver relação com o uso de uma ou outra língua. De modo geral, verifica-se uma certa tendência de mudança

223 Para conceitos e estudo sobre "lealdade linguística" ver a já citada tese de Lenard.

224 Pride in Lyons, p. 282.

225 Fishman, idem, ibidem.

de código decorrente da troca de ambiente. Veja-se, por exemplo, os itens relacionados as situações no "comércio": alguns informantes da 2ª geração/interior e da 1ª geração/cidade, falantes essencialmente do dialeto com o cônjuge, fora do ambiente familiar tenderam a usar, com esse mesmo interlocutor, a língua portuguesa. Troca de código que não se observou com a mudança do tópico: o mesmo número de informantes que fala em dialeto ou em português em conversas informais com os amigos, não muda de código ao se tratar de outro assunto como, por exemplo, discutindo sobre política. Ao que se mostra, na situação de Nova Trento o tópico não parece ter importância na definição da língua a ser usada. Ocorre uma leve troca de código no assunto "contar piadas", que não modifica, contudo, a observação anterior, uma vez que piada é algo que geralmente se conta na língua em que se ouviu, "pra não perder a graça" - como nos informou um dos entrevistados.²²⁶

Comparando, contudo, os resultados dos vários itens das duas tabelas, constatamos que, mais do que a mudança do tópico ou do ambiente, é a relação entre os interlocutores - ou "estilo do discurso", segundo Halliday²²⁷ - o fator mais relevante que

226 Informante A.N., 2ª geração.

227 Para Halliday, a escolha entre o uso da língua padrão e do dialeto depende de 3 fatores, a saber: a) o campo do discurso

condiciona a escolha do código na situação bilingue nas duas localidades em questão. Nota-se que o uso do dialeto, seja no interior, seja na cidade, na 1ª e 2ª gerações - e em parte na 3ª - está diretamente ligado à relação locutor/interlocutor e ao grau de identificação entre eles. O dialeto é usado com maior frequência primeiro nas relações com os pais e avós e depois com pessoas de mesma idade como o cônjuge ou amigos (exceto na 3ª geração, onde as relações com pessoas de mesma idade se processam somente em português). Nos contatos informais com pessoas do próprio grupo, o falante é levado a usar o código aprendido no interno desse mesmo grupo no processo de socialização. A língua é bem mais espontânea pois não há necessidade de fugir da própria norma. Além do mais, fugir da norma significaria, neste caso, isolamento, significaria ser visto com diferença.

Quanto às relações formais, que impõem um esquema de comportamento bem definidos no interno de formas explícitas socialmente pré-estabelecidas, nota-se que não há escolha do código por parte do falante: a comunicação se processa exclusivamente em português. Isto porque as "autoridades"

(assunto); b) o modo do discurso (meio de atividade linguística); c) o estilo do discurso (relação entre os participantes) in Halliday, "Os usuários e os usos da língua" cit. in Halliday e outros: *As ciências linguísticas e o Ensino de línguas*, Vozes, Petrópolis, p. 114-8.

(professor, padre, médico, delegado, prefeito, etc), ou sejam, as pessoas externas ao próprio grupo, ou são do centro urbano ou de fora do município e, portanto, não falantes do dialeto (exceção em Nova Trento para o prefeito municipal que, além de ser descendente de trentinos, usa o dialeto nas situações informais). Além deste fato, deve-se levar em consideração que, para muitos, principalmente habitantes do interior, o português simboliza, às vezes inconscientemente, a língua de prestígio, língua do poder e, portanto, língua do professor, do político, do médico, do padre. Mais do que diferença de status ou de classe social, parece haver em Nova Trento uma diferença de "profissionalidade", onde o colono, o trabalhador da roça, sente certa inferioridade em relação às outras profissões. Já nos primeiros tempos da colonização de Nova Trento os imigrantes haviam assumido uma atitude de reserva e de suspeita em relação às instituições políticas e judiciárias, uma vez que os dirigentes e delegados eram quase sempre pessoas de fora e as dificuldades linguísticas davam ao colono um sentimento de inferioridade²²⁸ que aumentava ainda mais a distância sócio-cultural entre eles. E observando a tabela, são realmente essas estruturas, junto com

228 E. Willems, op. cit. p. 307 e 368.

a escola e a igreja, as que exercem hoje a maior pressão ao uso da língua nacional, da língua funcionalmente superior. A formalidade ou a informalidade nas relações entre locutor e interlocutor, a partir do momento em que impõem esquemas de comportamento bem definidos, influenciam na escolha do código.²²⁹

Além das relações entre os interlocutores - que levam em consideração o grau de intimidade - mostrou-se relevante na escolha do código linguístico em Nova Trento a mudança da área rural à urbana. Não se trata apenas da área geográfica em si, mas de tudo o que ela comporta: maior contato com a língua padrão, aumento da escolarização, abertura às influências externas, menor conservadorismo cultural, menor consciência de lealdade linguística. Percebe-se claramente nos resultados apresentados a diferença entre as duas áreas na utilização do dialeto e do português, especialmente no grupo da 3ª geração que na cidade, ao contrário do mesmo grupo em Vígolo, revela-se já monolíngue português.

229 "O camponês, no momento em que redifine o seu papel, empenhando-se a superar a realidade sócio-econômica e política que o marginalizou por longo tempo, precisa ser capaz de utilizar o código institucionalizado, que o permita incidir com maior eficácia na sociedade. Não é a língua para exprimir novos conteúdos que lhe falta, mas a língua para estabelecer uma relação mais complexa e heterogênea, para projetar-se fora do próprio ambiente em situações de igualdade". Marcato et alii, p. 326.

Junto com a área sócio-geográfica, outro fator fundamental que provoca em Nova Trento a mudança do código é o grupo de idade ou a mudança de geração. Comparando as três gerações nas duas áreas estudadas percebemos, no geral, a seguinte evolução: a 2ª geração do interior apresentou, quanto a utilização do dialeto e do português, resultados semelhantes à 1ª geração da cidade. Vale dizer, que entre a área urbana e a de Vígolo, a diferença de aculturação linguística é de uma fase, ocupando ambos os grupos o item c dentro da evolução do quadro abaixo:

fase a:	monolinguismo italiano
fase b:	bilinguismo c/ predomínio do italiano
fase c:	bilinguismo balanceado
fase d:	bilinguismo c/predomínio do português
fase e:	monolinguismo português

Sendo esta colocação verdadeira, pode-se pensar na hipótese de uma mesma correlação entre os outros grupos; pode-se prever, então, que a manifestação linguística da 2ª geração /cidade seja semelhante àquela da 3ª geração/interior. Mas observando os resultados das duas últimas tabelas, não pudemos constatar essa lógica: enquanto a geração dos jovens e crianças (3ª geração) de Vígolo se encontra na fase d do quadro, a 2ª geração da cidade está numa fase um pouco mais adiantada da aculturação, diríamos entre as fases d

e e. Isso nos leva a conclusão de que o processo de aculturação dialetal na cidade aumentou de velocidade nos últimos 30 anos em comparação ao interior ou a sua própria evolução anterior. Conclusão facilmente explicável se pensarmos que na cidade, hoje, as pessoas têm muito mais contato com a língua portuguesa do que há alguns anos atrás, especialmente devido o aumento dos anos de escolarização^{ss230} e do contato com os meios de comunicação de massa.

2.4 Exposição aos meios de comunicação

No que se refere a este item, de nossos questionários extraímos alguns números interessantes: trata-se do tempo médio de exposição diária dos entrevistados à televisão. No interior, a 1ª geração apresentou uma média de 30 min/diários de exposição à TV, a 2ª geração de 1:24 min e a 3ª de 1:30 min; já na cidade, essa média aumenta para 48 min na 1ª geração, 1:54 min na 2ª e 2:24 min na 3ª. Também no que se refere a exposição à leitura de livros, revistas ou jornais obtivemos alguns dados: no interior, os três grupos afirmaram não

230 Sobre o tema "escolarização" ver páginas 193-6.

ter nenhum contato com jornais; quanto à leitura de revistas ou livros, a 2ª e a 3ª geração responderam ler com pouca frequência. Já na cidade, com exceção da 1ª geração que não tem contatos com a leitura, a maioria dos informantes de 2ª e de 3ª geração respondeu ter muito mais contato com a palavra escrita, especialmente através de livros e revistas (os jornais são pouco lidos também na cidade). Conforme esses dados, nota-se claramente que é a 2ª e a 3ª geração da área urbana que está em maior contato com a língua portuguesa através dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão.

Voltando aos resultados das tabelas 6 e 7, há uma outra questão a ser analisada, referente às atividades ditas internas da língua. Tais funções tendem a comprovar qual a língua dominante no indivíduo bilingue. Preferimos, porém, excluir o item "dizer palavrões" das perguntas referentes a tais atividades internas²³¹ pois o palavrão, mais que expressão interna, é expressão de uma cultura.²³² Apesar disso, alguns informantes acrescentaram que o dialeto é muito mais "expressivo" na hora de xingar. Parece que o "fazer contas mentalmente" também não possa indicar com

231 Por atividades internas entende-se aquelas referentes à expressão do interior: sentimentos, sonhos, pensamento.

232 Sobre o uso do palavrão e da blasfêmia ver páginas 158-9.

certeza a língua de domínio pois, como postula Mackey²³³, em alguns casos certas pessoas fazem os cálculos mentais na língua em que aprenderam a fazê-los. Resta-nos, assim, somente os itens "pensando sozinho" e "rezando em particular". São poucas as informações mas, relacionadas aos resultados vistos até agora, confirmam muitas das direções já apontadas. De fato, nestas duas atividades, expressam-se basicamente em dialeto: a 1ª e 2ª gerações do interior e a 1ª da cidade; a 3ª do interior tende ao aumento de uso do português, mas ainda apresenta crianças (em torno de 20%) que pensam em dialeto; por fim, nos grupos de 2ª e de 3ª geração da cidade o predomínio é absolutamente do português.

2.5 Atitudes e opiniões

Como última etapa do questionário sociolinguístico, incluímos algumas questões relativas às atitudes e opiniões do falante em relação às duas línguas em questão. Segundo J. Heye²³⁴, as atitudes são "sentimentos e

233 Mackey in Steiner, op. cit. p.88.

234 Jurgen Heye in A. Lenard, op. cit. p. 219.

manifestações subjetivas do indivíduo, tanto em relação à sua língua materna como para outras línguas em contato. As atitudes linguísticas podem ou não ser manifestadas abertamente. No caso de contato entre a língua do imigrante e a língua nacional, encontramos um estreito relacionamento entre as atitudes e a conservação da língua, isto é, os valores subjetivos atribuídos a uma (língua) influenciarão a direção e a extensão da outra".

Numa primeira etapa, os entrevistados foram solicitados a avaliar o seu desempenho em ambas as línguas, respondendo as questões "Qual a língua que você considera mais fácil" e "Em qual língua você se expressa melhor". Vejamos os resultados:

no interior: Dos falantes de 1ª geração, 100% considera que se expressa melhor em dialeto; para todos, é esta a língua mais fácil. Na 2ª geração, 80% considera-se com maior desempenho no dialeto e 20% no português. Já na 3ª geração, todos consideram-se mais proficientes no português.

na cidade: Na 1ª geração, apesar de 20% considerar o português mais fácil de se aprender, 100% declara ter maior proficiência no dialeto. Já na 2ª geração, ao contrário do que ocorre na área de Vígolo, somente 20% considera mais fácil o português e 100% acha que se expressa melhor no português. Na 3ª geração, as opiniões são iguais às

do interior: todas as crianças entrevistadas consideram mais fácil o português, língua em que apresentam maior habilidade.

Nas duas questões seguintes "Qual a língua que prefere usar com as crianças" e "qual a língua que prefere usar com as pessoas do local" confirmamos muito do que já foi colocado nas etapas anteriores do trabalho:

no interior: 100% da 1ª geração prefere falar em dialeto com os adultos do local, mas esse percentual baixa para 80% quando o interlocutor é criança. Na 2ª geração, 80% acha melhor usar o dialeto com os adultos mas, tratando-se com crianças, a queda é visivelmente grande: 20%. Já na 3ª geração, 80% prefere o dialeto ao se dirigir a pessoas adultas e, com falantes de sua idade, somente 20%. Cabe um parênteses nesse resultado: é bastante alto o número de jovens que mostrou preferência ao dialeto em conversas com pessoas da localidade, quando 100% deles afirma ser mais proficiente em português. Isto nos leva a pensar na "teoria da acomodação", formulada por Giles²³⁵. O postulado básico de sua teoria diz que as pessoas são motivadas a "acomodar" sua fala como meio de

235 H. Giles cit Takako Nawa: "Bilinguismo e mudança de código. Uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília" in F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Pontes, Col. Linguagem-crítica, Campinas, 1989, pp. 199-216.

expressar valores, atitudes e intenções diante dos ouvintes. Conscientemente ou não, os falantes usam, segundo Giles, estratégias discursivas em função dos ouvintes, isto é, procuram mostrar que são membros do mesmo grupo étnico. Através dessa acomodação, o falante, no processo de interação social, tenta através da escolha do código linguístico simbolizar a sua identificação. Através da língua cria-se um clima de "proximidade" ou de "afastamento" em relação ao seu interlocutor.²³⁶

na cidade: Na 1ª geração, 100% dos falantes prefere usar o dialeto com pessoas do local, cujo percentual cai para 20% quando se trata de interlocutor criança. Na 2ª geração, 40% prefere o dialeto com o grupo dos adultos, mas somente o português com as crianças. Já na 3ª geração, a preferência é de 100% pelo português em ambas as questões. Nesta área, as preferências são maiores, sem dúvida, pelo português pois, além da "acomodação" ao grupo - que aqui possui características diversas daquele do interior - existe o maior contato com situações formais que, em todo o município, parece exigir o uso da língua standard.

Além destas, outras três questões foram integradas ao questionário. Duas delas foram

236 T. Nawa, *idem*, p. 204.

aplicadas somente à 2ª geração, pois se referem às atitudes dos pais em relação aos filhos jovens. Além disso, é esta geração intermediária a maior responsável pela continuidade ou não do dialeto. No estado atual de aculturação linguística em Nova Trento, o ambiente familiar é importantíssimo no favorecimento do dialeto. E cabe principalmente à geração dos pais a responsabilidade de transmitir ou não à seus filhos a sua herança cultural. Na questão "Você gostaria que seu filho aprendesse o dialeto", as respostas foram 100% afirmativas no interior e 80% na cidade. O informante que assinalou negativo aqui acrescenta que seria necessário "ensinar primeiro melhor o português pra depois pensar em outra língua". E na questão seguinte "Você ensina ao seu filho o dialeto", as respostas afirmativas foram bem inferiores: na cidade, somente 20% dos pais declarou tentativas de ensiná-lo aos filhos e em Vígolo, 60%, sendo que das respostas negativas, a metade acrescentou que não é necessário ensinar o italino pois os filhos o aprendem naturalmente.

A terceira questão desta etapa - última do questionário - diz respeito a uma estimativa do falante sobre o tempo de sobrevivência do dialeto na sua comunidade. Com a pergunta "Você acha que o dialeto vai continuar a ser falado na região",

responderam afirmativamente: 86% em Vígolo e 40% no centro urbano. É alto o índice de falantes na cidade (60%) que são da opinião de que o dialeto, apesar da descendência étnica do município, vai desaparecer dentro de alguns anos. A crença nessa opinião pode ser mais uma das causas de aceleração do desaparecimento da língua nessa área. A transformação nos processos aceitos de uma sociedade "produz-se unicamente quando as pessoas concordam na desiderabilidade da mudança (...). (Nos aspectos) em que a endoculturação age ao nível consciente, abre a porta à mudança, permitindo o exame de várias possibilidades diversas e o condicionamento a novos métodos de pensamento e de comportamento".²³⁷

Já na área de Vígolo, a opinião geral é bem outra. As pessoas não só acreditam na sobrevivência do uso do dialeto, como também, muito mais que na cidade, contribuem para tal continuidade ao falarem nessa língua na família, na comunidade e, principalmente, com as crianças. Parece que em Vígolo o sentimento de lealdade étnica é bem mais forte do que nas outras áreas também homogeneamente trentinas do município. A consciência de preservação da identidade cultural é viva não só no

²³⁷ Herskovitz in A. Lenard, op. cit. p. 224.

nome da localidade e nos sobrenomes das famílias, mas também nas tradições e na língua.

No início da colonização do município, o uso do dialeto no meio camponês não se tratava de uma escolha, nem de expressão de uma "ideologia nacionalista". Era sim uma necessidade, pois permitia ao imigrante a comunhão com seu grupo. É somente muitos anos após a colonização, quando a própria língua não era mais sentida como necessidade, que a sua conservação começou a se tornar um objetivo consciente. A respeito, comenta Fishman sobre a imigração europeia aos Estados Unidos:²³⁸ "Enquanto o nacionalismo alcançava o seu cume na história ocidental (...), nos imigrantes um sentimento étnico de caráter tradicional, particularista e não ideológico era a regra geral (...). Foi somente depois da imigração que a conservação do grupo se tornou um alvo consciente (...), que a lealdade linguística e a conservação da língua se tornaram aspectos conscientes para muitos".

Apesar da grande força standardizadora exercida pela escola e pelos meios de comunicação de massa, a língua sobrevive nas várias gerações em algumas comunidades do interior de Nova Trento, principalmente em Vigolani, como um meio -

²³⁸ Fishman in Steiner, op. cit. p.143.

consciente ou não - de ligação com o grupo étnico. Como Steiner²³⁹ observou em Jaraguá do Sul com o uso do alemão, também na realidade linguística de Nova Trento concordamos que o uso do dialeto representa o símbolo mais forte de identidade grupal, reforçando a atitude de resistência contra o predomínio da língua culturalmente dominante. "A identidade étnica - diz Steiner - é responsável pela coesão do grupo e pelo cultivo da língua e das tradições herdadas dos antepassados. Parece-nos, portanto, que enquanto a identidade étnica se mantiver viva no seio dos descendentes (...), poderá ser mantido o bilinguismo". Em uma comunidade como Vigolani, apesar de os jovens ítalo-brasileiros preferirem em muitas das situações falar em português, todos sentem orgulho de ser descendentes de italianos. Na cidade e nas situações mais formais eles preferem usar o brasileiro, talvez por medo de serem ridicularizados. Mas bem diverso é o comportamento deles quando visita a cidade um italiano. Então o ítalo-brasileiro, inclusive os jovens, quer falar com "o italiano", querem mostrar que sabem falar o seu dialeto. Como coloca Frosi²⁴⁰, nessa situação a barreira (sentimento de ordem psico-social) que

239 Steiner, tese de mestrado, op. cit.

240 V. Frosi in Meo Zilio, *Presenza, cultura...* op. cit. p. 231.

blocava o seu falar dialetal desaparece, deixando nele apenas os vestígios do português. "Quando se pergunta a um ítalo-brasileiro das comunidades rurais se ele é brasileiro, imediatamente responde: "*Mi son talian di qua*"(...). Esta afirmação que ele faz ingenuamente é privada de fanatismo (ou de nacionalismo, como colocamos anteriormente). Ele, honestamente, exprime a sua «italianità», a sua identidade com o italiano, se bem que, sem que ele saiba, essa sua italianidade está já comprometida, em certos aspectos, pela sua aculturação no contexto brasileiro".

Essa atitude positiva em relação à língua de origem leva o falante a se esforçar para a sua manutenção. É claro que a carga emocional não é decisiva na estabilidade ou instabilidade do fenómeno bilingue. Além dela é necessário que a prática linguística do dialeto se torne parte de um sistema organizado de idéias e sentimentos funcionalmente suficientes dentro da comunidade, que o dialeto seja capaz de abarcar todas as funções linguísticas em todas as situações entre os indivíduos.

Identidade e funcionalidade, assim associadas, dão grande probabilidade de manutenção ao dialeto, pois sistemas extensos tendem a

sobreviver.²⁴¹ E em Vígolo, segundo os resultados apresentados em nossa pesquisa, o dialeto parece abranger estes dois aspectos. A língua dialetal se revela ali como um valor aceitável porque objeto de experiência direta na família, de participação na comunidade, implícito na totalidade das relações cotidianas; é interiorizada a tal ponto que é considerada parte integrante da própria personalidade. Esse grupo pode ser considerado homogeneamente bilingue, mesmo se em certas situações, segundo o ambiente, o interlocutor e a formalidade do discurso, possa prevalecer o português. Há ainda o fato de que, como vimos, na 3ª geração começa a aparecer uma abertura bem clara à introdução da língua standard. Não podemos deixar de considerar esse fato: a cada geração, o dialeto sofre perdas e influências, seja pelo contato constante com o português, seja pela falta de uma ação de reforço e de normativismo, já que se trata apenas de tradição oral. Contudo, há um outro fato que nos deixa mais otimistas quanto ao futuro do dialeto em uma comunidade como Vígolo. As crianças afirmaram que não aprenderam o dialeto como língua materna, mas que o aprenderam ouvindo na família e na comunidade no decorrer dos anos. E analisando os

241 Kroeber in *Contatos linguísticos de Weinreich*. Trad. A. Lenard, p. 6, datilografado.

dados de nossos informantes de 3ª geração, verificamos que o uso do dialeto é bem mais frequente nos informantes acima dos 20 anos que naqueles de 9 ou 11. Esse dado nos leva a pensar que, quanto maior o contato do indivíduo com a comunidade, tanto maior a sua competência linguística; mais do que na tendência de abandono de uma das línguas, como é o caso da área urbana, a mudança deve ser entendida aqui como aumento da situação de bilinguismo.

Na área urbana, como colocamos, a situação é bem diversa. Embora a consciência de preservação da herança cultural seja presente - talvez mais presente que no interior²⁴² - falta o outro aspecto necessário à sobrevivência da língua: a funcionalidade. O dialeto cobre nesta área somente algumas esferas da vida cotidiana, na relação do falante de 1ª e de 2ª geração com o próprio partner e com alguns amigos do mesmo grupo etário. Quanto aos falantes de 3ª geração, a resistência à

242 Nos últimos anos tem aumentado na cidade de Nova Trento o interesse pela cultura italiana, principalmente após a criação do *Circolo Trentino*, que mantém uma constante relação entre Nova Trento e Trento. Através desta instituição, foi criada uma pequena mas variada biblioteca, com constante envio de livros por parte da Província Autônoma de Trento; foram revitalizados corais folclóricos italianos, o interesse pela culinária típica, pelas danças e outras manifestações tradicionais ou culturais como a anual Festa do Vinho. Além disso, promovido pela Província trentina, ocorrem anualmente viagens, de estudo ou de turismo, de jovens trentino-brasileiros à Itália. Acrescenta-se também à influência do Circolo o aumento de pessoas interessadas no estudo da língua e da cultura italiana nos últimos tempos.

aculturação já não existe mais. As crianças já adotaram completamente a língua portuguesa como língua única e o dialeto é muitas vezes visto como "língua do interior" ou "língua dos nonos". Também aqui se encaixa a Teoria da "Acomodação" de Giles: os falantes se integram à comunidade, ajustando a fala ao seu meio. E como o centro da cidade devido especialmente ao maior contato com a língua padrão caminha ao abandono do dialeto e consequente valorização do português, as novas gerações tomam a mesma direção. O sistema linguístico dialetal está em declínio na área urbana, onde na escolha do código prevalece a "orientação para o prestígio", enquanto que no interior permanece a "orientação para a identidade"²⁴³. Contudo, podemos ainda dizer que mesmo aqui o quadro do futuro da língua trentina não é completamente trágico, no sentido que muitos jovens ainda têm a possibilidade de escolher entre os dois sistemas linguísticos de seus pais. A questão é que se não o fizer a geração nova atual, essa possibilidade de escolha poderá deixar de existir.

243 Essas direções são definidas por Labov, cit. Bortoni, in Tarallo: *Fotografias sociolinguísticas*, op. cit. p.171.

CAPÍTULO IV: O VOCABULÁRIO DIALETAL DE NOVA TRENTO

1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos os resultados da segunda parte do questionário aplicado em Nova Trento à mesma amostra de informantes. Trata-se de listas de palavras referentes a vários campos semânticos (corpo humano, vestuário, animais domésticos, verduras e frutas, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho e membros da família), cujo objetivo principal é o de medir - em termos de número de acertos - a competência linguística de cada grupo de informantes no campo dos vocábulos dialetais. Os resultados desta etapa serão posteriormente relacionados com os da parte sociolinguística, confirmando ou não certas conclusões dadas até o momento. Esta correlação pode ser feita pois partimos do princípio de que a competência em uma língua depende de seu uso:

quanto mais situações de uso do dialeto dispuser o falante, tanto maior será a sua competência nesta língua (que poderá ser verificada através do percentual de acertos dos vocábulos). Ao lado desta estatística, poderemos observar o quanto certas palavras, após 115 anos de distância geográfica ou de qualquer tipo de modelo de norma escrita, continuam fiéis ao dialeto de origem e ainda quais as palavras que já desapareceram e foram substituídas por outras da língua padrão ou quais resistem inclusive no vocabulário do informante que não fala o dialeto.

Numa segunda etapa, procuraremos verificar através das listas de vocábulos qual o tipo de dialeto falado nas duas áreas de Nova Trento (centro urbano e Vígolo), detectando possíveis vestígios dos principais grupos dialetais que ali chegaram e que continuam atualmente predominantes, ou seja, o valsuganoto e o roveretano. Como ambas as áreas apresentam uma composição mista entre esses grupos (ver tabelas nº II, páginas 130-2), queremos verificar se os dialetos ali falados inicialmente se uniram e formaram uma só língua ou se continuam sustentando as pequenas diferenças regionais.

2. Fluência do dialeto italiano

Esta etapa, como foi acima colocado, mostrará através do número de acertos dos vocábulos a competência dialetal dos informantes neste campo linguístico. Escolhemos o nível lexical pois em casos de língua em contato, o primeiro reflexo de falta de domínio ou de interferência em uma língua se faz notar no vocabulário.²⁴⁴ A técnica utilizada foi a de nominar objetos ou outros itens na forma dialetal do falante. Para tanto, a fim de não influenciar o informante com a língua padrão, não nos servimos do método da tradução, mas de desenhos (para os objetos) e, quando não possível, de frases explicativas. Foram questionados 205 vocábulos, fazendo sempre atenção para não incluir na lista palavras iguais em dialeto e português (como boca, barba, sala ou camisa) ou outras referentes a objetos, animais ou frutas existentes somente em uma das duas realidades (como xuxu, aipim, mamão) ou ainda não usadas no século passado (como terno e pijama). Essas palavras foram eliminadas exatamente porque não permitiam a comparação entre

244 Que a interferência se dê primeiro no nível lexical parece lógico, no sentido que o imigrante, chegando no novo ambiente, teve que nominar o que não existia no seu ambiente nativo. A interferência fônica ocorre somente depois de certo período de contato e a estrutural é a mais demorada, uma vez que a sintaxe faz parte da estrutura profunda do sistema.

o dialeto de Nova Trento e o de Trento, já que o nosso método de verificação de acertos tem por base uma comparação do vocabulário nas duas áreas. Para tanto, as mesmas baterias de palavras aplicadas nos vários grupos de Nova Trento foram reaplicadas em Trento, em três diferentes localidades: em *Besenello* (dialeto do tipo roveretano), em *Telve* (dialeto do tipo valsuganoto) e em *Vigolo-Vattaro* (dialeto vigolano).²⁴⁵ A escolha destas três localidades leva em consideração a representância étnica neotrentina no centro urbano (incluindo Besenello) e em Vigolani. Procuramos aqui entrevistar informantes mais ou menos idosos, a fim de ter uma amostra do dialeto mais próxima daquele falado na época da imigração, uma vez que nos falantes jovens se faz sentir já influências da língua oficial italiana ou do dialeto da cidade de Trento.²⁴⁶

Por questão de espaço, transcreveremos as respostas integrais somente dos entrevistados das

245 Para a área Roveretana, entrevistamos Carlo Piffer, 76, de Besenello; para Vigolo_Vattaro, entrevista com Elda Bailoni, 61 anos e para a área de Valsugana, Margherita Fedele, residente em Telve, 60 anos. Entrevistas feitas em julho de 1991, registradas.

246 Além das entrevistas e confirmações com outros falantes do lugar, servimo-nos também de vocabulários dialetais de cada região para eventuais dúvidas. Entre eles, *Dizionario Valsuganotto* de Angelico Prati, Istituto per la collaborazione Culturale, Firenze, 1977; *Vocabolario Vernacolo-italiano pei distretti Roveretano e Trentino*, de Giambattista Azzolini (1777-1853), Província Autônoma de Trento, 1976; *Dizionario Trentino-Italiano*, de Lionello Groff, Monaudi, Trento, 1982; *Vocabolario Trentino-Italiano*, de Vittore Ricci, Forni, Trento, 1904.

três localidades de Trento, comentando após cada grupo de palavras os possíveis resultados diversos nas áreas de Nova Trento e, ao final, faremos a estatística dos vocábulos corretos²⁴⁷, verificando assim a fluência linguística de cada informante neste campo.

3. Lista e análise dos vocábulos

Advertências: Para a transcrição fonética usaremos os seguintes símbolos:

/e/ e /o/ : vogal fechada

/é/ e /ó/ : e e o abertas

/s/ : sibilante alveolar surda, inclusive no início de vocábulo (como na palavra portuguesa «saia» e "pássaro" ou na italiana "sole").

/z/ : sibilante alveolar sonora (tem o som do z português, como em "casa").

/dz/ e /ts/ : este fonema não existe em português. Porém no dialeto trentino é muito comum; trata-se da africada surda ou sonora (é semelhantes aos fonemas italianos /ts/ ou /dz/.

247 Por "correto" entendemos iguais ou semelhantes aos vocábulos colhidos nas entrevistas nas três localidades trentinas.

como em "zio" e "tazza", porém a ponta da língua não toca nos alveolos, mas sim na parte anterior e baixa da boca). No dialeto de Nova Trento, esse fonema quase não existe, sendo substituído pelo som de /s/ ou /z/ português.

/ʃ/ : sibilante palatal surda (como o ch português em "chamar" ou como o sc italiano em "sciare").

/ʒ/ : sibilante palatal sonora. Existe só no português (como g ou j em "gente" e "jarra");

/g/ : oclusivo velar sonoro (como em "gato")

/k/ : oclusivo velar surdo (como em "kilo");

/tʃ/ : africada palatal surda quando diante de /e/ e de /i/ (como no t carioca diante de "tia" ou como o c italiano em "cielo").

/dʒ/ : africada palatal sonora (como o d carioca diante de i "dia" ou como o g italiano em "giorno").

/ɲ/ : nasal palatal (como o nh português ou o gn italiano em "ninho" e "ragno").

/ʎ/ : lateral palatal (como lh português ou gl italiano em "calha" e "famiglia").

3.1 O CORPO HUMANO

<i>Rovereto</i>	<i>Vigolo Vattaro</i>	<i>Valsugana</i>	<i>Português*</i>
kól	kól	kólo	pescoço
gola	gola	gola	garganta
stomek/stomeg	stomeg	stomego	peito
tete	tete/maméle	tete	seios
spala	spala	spala	ombro
skena	skena	skena	costas
pansa	pansa	pansa	barriga
boton dela pansa	boton dela gudasa	boton dela pansa	umbigo
gombet	gombet	gombio	cotovelo
bras	bras	braso	braço
kulate	kulate	kulate	nádegas
galon	galon/sventole	galon	coxa
džinótʃo	džinótʃo	denótʃo	joelho
gamba	gamba	gamba/laka	perna
tésta	tésta	tésta	cabeça
kavei	kavei	kavei	cabelos
tselege	dzerege	dzendze	sombrancelha
ótʃo	ótʃo	ótʃo	olho
naz	naz	nazo	nariz
bafi	bafi	bafi	bigodes
barbitsól	barbós	barbatsolo	queixo
lavro/lavri	laor/lauri	laoro/laori	lábios
dent/denti	dent/denti	dente/denti	dente
lengoa	lengua	lengua	língua
retʃa	retʃa	retʃa	orelha
pols	pols	polso	pulço
de/dei	de/dei	deo/dei	dedo/dedos
ondʒa	ondʒa	ondʒa	unha
man	man	man	mão
la nozeta	nozeta	la kavitʃa	tornozelo
el pé	el pé	el pé	pé
kalkaiʔ	kalkaiʔ	kalkaʔo	calcanhar

* Os vocábulos portugueses não são transcritos foneticamente.

Considerando o dialeto de Nova Trento em uma forma concreta através das listas de vocábulos aqui apresentadas, podemos perceber várias manifestações de mudança linguística, seja em um único grupo de idade, seja de uma geração à outra. Mudan-

ças que expressam, além da perda do dialeto ou da criatividade intrínseca a cada língua, necessidades sempre mutáveis e conflitantes dos seus usuários que estão permanentemente em atividade, mudando a própria língua. "A língua real e histórica é dinâmica porque a atividade linguística não é falar e entender uma língua, mas falar e entender algo novo por meio de uma língua".²⁴⁸ Assim, uma inovação em determinada língua ou um empréstimo ou adoção de um termo, não devem ser vistos como um "erro", como uma forma "incorreta", pois podem se tratar de criações sistemáticas necessárias ou simplesmente de um fenômeno intrínseco ao modo de existir das línguas que, sendo dinâmicas e vivas, mudam, transformam-se.

Partindo sempre do princípio de que uma língua minoritária em contato com uma outra dominante vai aos poucos se transformando em decorrência as pressões desta e da nossa hipótese de que o dialeto do antigo imigrante vai nas novas gerações sendo substituído pela língua padrão, analisando somente as respostas de nossos informantes nas listas de vocábulos, percebemos já várias manifestações dessa mudança. Entre as mais comuns estão os casos de vocábulos em

248 E. Coseriu: *Sincronia, diacronia e História. O problema da mudança linguística*. Coleção Linguagem, Presença, São Paulo, 1979, p. 94.

desaparecimento e conseqüente substituição por outros da nova língua, não por necessidade, mas devido ao esquecimento ou ao seu pouco uso.

Das palavras em desaparecimento na passagem de uma geração à outra, neste grupo referente as partes do corpo humano, temos: *la nozeta*, *il barbatzolo/barbitzol*, *le tselege*, *il galon* e *il gombio/gombet*, que estão aos poucos sendo substituídas respectivamente por *il tornozelo*, *il kejo*, *le sombranse Ae*, *la koja* e *il kotovelo*. Tais

vocábulos, inicialmente fruto do esquecimento de um falante, passam com o tempo a pertencer a um grupo sempre maior, até chegarem a sua completa substituição, passando a fazer parte do vocabulário dialetal da região e, como tal, submissos as regras da sua nova gramática. Assim, no plural, temos *i tornozei*, *i queji*, *le coje*...

Em desaparecimento, porém somente na 3ª geração/interior ou a partir da 2ª/cidade, temos *il kalkaiη*, *le spale* e *la skena*, sendo gradativamente substituídos por *il kalkaηar*/ *i kalkaηari*, *i ombri* e *le kóste*.

Contudo, se por um lado notamos esse fenômeno com algumas palavras, outras, por outro lado, se comportam de maneira exatamente contrária. Assim, na mesma lista, encontramos também os vocábulos do

dialeto de maior difusão e, em consequência, de maior resistência e conservação, sendo do conhecimento inclusive dos indivíduos que não falam o dialeto, como é o caso da 3ª geração urbana. Entre essas palavras estão: *pansa*, *tésta*, *retsa*, *kavei*, *ótzo* e, em menor proporção, *kulata* e *tete*.

Um vocábulo dialetal que merece atenção em Nova Trento é o referente ao português *umbigo*. Nenhum dos nossos informantes respondeu *boton dela gudasa* ou *boton dela pansa* como consta na lista acima, mas registrou-se uma variação entre *bunigolo*, *bonigolo*, *bígolo*, *bonígol*, *bigo*, *ombigol*, *ombrígol*, *embigol*, *umbrigolo* e outros semelhantes que, inicialmente, pensávamos se tratasse de uma tentativa de tradução da palavra portuguesa *umbigo*. Consultando os dicionários dialetais trentinos, porém, encontramos em Prati o termo valsuganoto *bonigolo*. Também em Azzolini, sobre o antigo falar de Rovereto e Trento, encontramos *ombrígol*. Entre nossos informantes trentinos não se conhecia, contudo, nenhum termo semelhante a estes, sendo usados os acima indicados, certamente inspirados em *boton de la comare* do dialeto de Trento. Trata-se provavelmente de um vocábulo antigo²⁴⁹ (sendo mais

249 É normal que em dois estados diferentes de uma língua se encontrem "arcaísmos" ou termos antigos, como preferimos chamar. O adjetivo "arcaico" não é bem empregado nestes casos pois, enquanto tais termos existirem e funcionarem em uma das duas fases, serão considerados sempre elementos atuais.

conhecido nas zonas camponesas) e que em Nova Trento resiste como recordação do dialeto de um século atrás. De fato, muitos trentinos vindos a Nova Trento ou a Rodeio, ou a qualquer outra zona de imigração do estado, surpreendem-se ao sentir falar uma "língua de antigamente", a língua falada por seus avós. Nestes casos, ao invés de inovarem e aprenderem a língua da nova comunidade, os grupos imigrantes permanecem conservadores pois, sendo para muitas comunidade a língua o único ou quase único bem cultural, a defesa da tradição idiomática coincide com a defesa da sua própria individualidade.²⁵⁰

É claro que também aqui as palavras sofrem evoluções ou modificações devido a diminuição de seu uso e, especialmente, à falta de estudos sistemáticos da norma escrita (Não se aprende o dialeto na escola, mas através da tradição oral de pai para filho). Mas na maioria dos casos o fato de ignorar a norma não afeta a funcionalidade e a intercompreensão. Exemplo notável é a variação acima atribuída ao termo correspondente a *umbigo*. Outro vocábulo que apresentou uma grande variação foi o correspondente ao português *queixo*: *barbisól*, *barbusél*, *barbusi*, *barbisol*, *barbasól*, *barbisólo*, *barbisa*.

250 E. Coseriu, op. cit. p. 105.

3.2 ROUPAS, CALÇADOS, ACESSÓRIOS

<i>Rovereto</i>	<i>Vigolo Vattaro</i>	<i>Valsugana</i>	<i>Português</i>
brage	brage	brage	calças
dzak	maieta soto	fanéla	camiseta
maia	maia/golf	maia	blusa
dzaketa/plus	plus/dzaka	zaketa	paletó
gravata	gravata	gravata	gravata
spalari	spalari	le tirake	suspençórios
kapél	kapél	kapélo	chapéu
bareta	bareta	bareta	boné
ombréla	ombréla	ombréla	guarda-chuva
dzintura	dzintura	la dzintura	cinto
mudande	mudande	le mudande	cuecas
fatsol	fatsol da naz	el fatsolo	lencinho
kaltsóti/skarparóti	kaltsóti	kaltsóti/kaltseti	meias
skarpe	skarpe	le skarpe	sapatos
tsavate	dzavate	dzopéle/dzavate	chinelos
stivai	stivai	stivale/stivai	botas
sgalmere/dalmere	-----	drambe/dalbere*	v.nota 251
dzókol	dzókol	dzókolo	tamanco
vestí	telara	abito/vestito	vestido
vésta soto	vésta soto	la soto vésta	anágua
rédzipéto	bustina	bustim	sutiã
la vésta	vésta	vésta	saia
mudande	mudande	mudande	calcinhas
guanti	guanti	guanti/manópoli	luvas
bratsalet	bratsalet	bratsaleto	pulceira
anél/vera	anél/vera	anélo/vera	anél/aliança
retjini	retjini	retjini	brincos
kolana	kadenéla	katena/kainéla	colar
grumbial**	gru?al	grembiale***	avental

* Prati, sobre o falar da Valsugana, assinala ainda "dambare" e "galbara";

** Azzolini fala de "grombial" e "gromial";

*** Prati fala de "gur?ale"; assinala ainda "grumbiale" em Borgo e "gru?ale" em Pieve Tesino.

Também neste campo semântico, como nos seguintes, constataremos fenômenos semelhantes aos vistos acima, porém com um ingrediente diverso: a

251 No Brasil, nas áreas de colonização italiana, não existe mais esta espécie de calçado. Trata-se de um sapatão de homem, feito pelo próprio colono, com pedaços de couro velho ou com restos de outros calçados. O que o caracteriza é a sola feita de madeira.

maioria das palavras que sofreram evolução aqui ou que foram substituídas por correspondentes portuguesas resultam do pouco uso do objeto na nova terra ou atualmente, e outras são adotadas diretamente do brasileiro por se tratarem de criações deste século.

Assim, palavras como *tirake*, *bareta*, *fanéla* (ou *la maieta soto*), *dzókol* e *sgalmere*, por se tratarem de coisas pouquíssimo usadas em Nova Trento, especialmente no meio camponês, apresentaram na entrevista um número de acertos bastante baixo, sendo que a maioria dos informantes respondeu, respectivamente, *i suspensóri*, *il bunéo*, *la kamizeta* (pois, sendo o clima da nova terra quase sempre quente não é mais de costume usar debaixo da camisa essa espécie de camiseta sem mangas; eis porque perdeu-se inclusive a palavra), e *i tamanki*; *sgalmeri* poucos conheciam, não só a palavra, mas também essa espécie de calçado. De fato, só os informantes da 1ª geração se recordavam de uma "bota com sola de lenha", sendo que do nome somente dois se lembraram. Já outros objetos como a pulseira e as luvas mostraram-se em uma fase mais avançada de aculturação (Todos os informantes responderam *la pulsera* e *le luve*), exatamente porque (exceto nos últimos anos) não faziam absolutamente parte do uso camponês do

imigrante, cujas roupas levavam em consideração não a beleza e a ornamentação, mas a economia e a funcionalidade. Outros, ainda, embora existentes e usados em ambas as realidades, mostram também uma preferência ao vocábulo português. Assim, ao invés das palavras *stivai*, *vésta*, *maia*, *kalsóti*, *tsavate* ou *tsopéle* e *mudande* (masculina), a partir da 2ª geração, seja da cidade ou do interior, adotou-se já definitivamente *le bóte*, *la saia*, *la bluza*, *le meie*, *i sinéi*, *le kuéke* ou ainda *le zórbe* (em alusão a uma famosa marca brasileira) e *i sutioni* ou *i sution*.

A adoção deste último termo se deu porque tal peça íntima não era inicialmente usada pelas camponesas imigrantes, mas se vestia uma espécie de corpete com mangas, muito estreito, que "enfaixava" os seios, chamado *bustina/o*²⁵², termo antigo e já fora de uso inclusive na área trentina. Apesar de dois dos informantes trentinos terem respondido *bustina* e *bustin*, acrescentaram logo que se tratava de uma palavra antiga e que atualmente se usa *redzipéto*, como no italiano. Também em Nova Trento, com a entrada na comunidade do "sutiã" em sua nova forma há mais ou menos 50 anos atrás, entrou também no dialeto a nova palavra. Somente uma informante

252 R. M. Grosselli: *Dove cresce l'Araucaria. Dal Primiero a Nova Tyrol. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane, parte III*. Provincia Autonoma di Trento, 1989, p. 265.

se recordava do nome *bostina* e duas outras se lembravam da peça na sua antiga forma, mas a chamaram de *korpeto* e de *korpiŋo*.

Merecem atenção ainda dois vocábulos por apresentarem fenômenos diferentes: trata-se de "calcinha" e de "colar". O primeiro, ao invés da forma dialetal *le mudande*, todos os informantes, sem exceção, responderam *le bragete*. Neste caso não se trata de uma adoção, mas de uma lógica tradução do português: se "calças" se transformam no dialeto em *brage*, porque "calcinhas" não poderia se transformar em *bragete*? Além disso, temos que levar em consideração que por algum tempo as mulheres ou não usavam essa peça íntima²⁵³ ou usavam uma outra, de forma bastante diversa da atual, comprida até quase os joelhos.

Quanto ao termo dialetal usado em Nova Trento referente ao ornato "colar", trata-se novamente de um arcaísmo. Enquanto na Valsugana, na região roveretana ou na grande parte do trentino se diz normalmente *kolana*, em Nova Trento muitos dos informantes, especialmente da 1ª geração, responderam: *i korai*. Também aqui pensávamos

253 As mulheres camponesas italianas, especialmente as mais velhas, não usavam nada debaixo da saia. Conta-se que elas urinavam pela estrada em pé, simplesmente abrindo as pernas. Somente no início do século essa peça passou a fazer parte do guarda-roupa feminino, mas eram longas, cobrindo as coxas in R. M. Grosselli: *Dove cresce l'Araucaria*, idem, ibidem.

inicialmente se tratar de uma adaptação do português já que, indagados, nenhum dos informantes trentinos conheciam tal palavra. Folheando, porém, o dicionário de Prati sobre o falar valsuganoto, encontramos²⁵⁴ uma gravura que reproduzia uma senhora com "i recini" (brincos), "lo strangolin" (fita de veludo preto que as moças colocavam no pescoço em dias de festa) e "i corai" (um colar trabalhado com botões grossos de "coral", ou seja, de pérolas). As mulheres camponesas italianas, por tradição, colocavam sempre uma jóia, ainda que pequena, obtida um tempo somente como presente de casamento ou de noivado²⁵⁵. Ainda hoje geralmente elas usam um brinco, um anel ou um colar.²⁵⁶ Este último, confeccionado hoje em ouro ou prata, é conhecido no dialeto entre as senhoras mais idosas pelo nome *korai*, como extensão do antigo nome daquele feito com pérolas.

Ao contrário do que vimos sobre o desaparecimento dos vocábulos, notamos também neste campo semântico aqueles de maior resistência, conhecidos inclusive entre os falantes monolíngues do português de 3ª geração. São: *ombréla*, *skarpe*, *brage* e *kapél*.

254 Prati, op. cit. p. 143.

255 R. M. Grosselli, *Dove cresce...* op. cit. p. 267.

256 A pulseira parece não ser tão comum quanto os brincos e o anel, tanto é que nem mesmo o nome *bratjaletto* ou outro do dialeto permaneceu.

De particular há ainda a palavra "*avental*" que no dialeto apresentou inúmeras formas, entre elas: *gumbiala*, *grumial*, *gumial*, *gromial*, *grumbial*, *gumbial*, *grumbiale*, *gombial*, *gumbiale* e *grembial*, que correspondem em parte à variedade existente no próprio trentino, em parte à criatividade de uma língua que não possui escrita como o é o dialeto de Nova Trento, aprendido em todos os casos de maneira informal.

3.3 INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Rovereto	Vigolo Vattaro	Valsugana	Português
falz/fér da segar	falz	la faltse	foice
la vanga	vanga	la vanga	pá direita
bail	badil	baile	pá torta
la forka	forka	la forka	forcado ²⁵⁷
rastél	restél	restélo	ancinho ²⁵⁸
dzapa/dzapet	dzapin	dzapamanéra/sartgo	enxada
manarót	manarót	manaróto	machado
manarotél	manarót	manarotin	machadinha
el pik	pik	piko	picareta
katsóla	katsóla	katsóla	pá pedreiro
piof, piov	piovo	versor	arado
la baréla	baréla	baréla	carro de mão

257 *Forca*: grande garfo, com três ou quatro dentes e com o cabo longo; serve para juntar capim.

258 *Rastelo*, neste caso, refere-se ao instrumento agrícola, destinado a juntar folhas secas ou palhas. É formado por um cabo longo dotado de uma travessa dentada, geralmente de ferro. Em português existe a palavra *rastelo*, mas se refere ao instrumento formado por uma fileira de ferro pela qual se passa o linho a fim de se lhe tirar a estofa ou, ainda, uma grade com dentes de pau, com a qual se aplaina a terra arada.

sguatsaórt	sgûatsaórt	sguatsaórto	regador
slita	slita	slita	v. nota ²⁵⁹
la serla	serla	serla	foicinha
fókol	podarol	ronkon/kortelasin	podadeira
podarol/fokolet	podina	ronkolina/podarólo	v. nota ²⁶⁰
la sega	sega	sega	serrote
la dzérta	bazilon	bigólo	v. nota ²⁶¹
spatsadora	spatsadora	spatsaora, skoa	vassoura
tjódo/ tjóld	tjóldo	el tjó/ i tjói	prego
fórbes	fórbes	la fórbeze	tesoura
guida	guida	la guida	parafuso
martél	martél	martélo	martelo
piantola	piantola	piantola	v. nota ²⁶²
tanaia	tanaia	tenaia	alicate

Este grupo de palavras referentes aos instrumentos agrícolas foi o que apresentou o número mais elevado de acertos pois a maioria dos entrevistados, ou são agricultores (é o caso dos habitantes de Vigolo), ou já o foram (é o caso de grande parte dos habitantes do centro urbano, cujas famílias vieram do interior).

Das palavras do dialeto que estão em fase de desaparecimento, anotamos: *el pik*, *la katsóla*, *el versor* (ou *piof*) e *la piantola*, sendo substituídas

259 *Slita*: carro sem rodas, puxado geralmente pelo homem, para carregar capim, madeira, etc. Muito comum no Trentino para transportar o feno de inverno, pois desliza com facilidade na neve. Com o modelo trentino, os imigrantes construíam a *slita* principalmente para tirar lenha do mato morro abaixo. Ainda hoje no meio rural é possível encontrar essa espécie de carro, cujo nome permaneceu também igual.

260 Podadeira pequena, com a ponta encurvada. Uma espécie de foicinha, porém muito menor.

261 Haste de madeira, arqueada, com ganchos nas duas pontas aos quais se penduram baldes ou cestos. É colocada sobre os ombros e serve, geralmente, para transportar água. Tem a forma de uma canga.

262 Pequena bigorna com ponta que, enfiada no terreno, serve para bater a foice, a enxada ou outros instrumentos de corte.

por *la pikareta*, *la pa de pedrero*, *l'arado*; quanto à *piantola*, esquecido o termo dialetal e não encontrando um correspondente em português, grande parte dos informantes respondeu através de uma construção frasal: *el fér de bater sapa* (=o ferro de bater enxada). Além destes, outros vocábulos em desaparecimento são: *la guida* (onde 95% dos informantes respondeu *el parafuzo*), *el bigol* e *la slita*, conhecidos somente na 1ª geração e por alguns da 2ª. Estes dois últimos tem porém uma explicação do desaparecimento, no sentido que os próprios instrumentos não estão mais sendo usados nas novas gerações. O *bigol* desapareceu já faz muitos anos, pois grande parte da população possui ou água encanada que chega até a casa, ou um poço bastante próximo. Quanto à *slita*, constrói-se hoje uma espécie de carro mais ou menos semelhante, com rodas muito baixas ou sem rodas (uma espécie de tronco bifurcado), geralmente puxado por bois, chamado comumente por «zorra». Da mesma forma, vocábulos como *podarol* e *fókol* (ou *kortelatsin* ou *fokolet*) são conhecidos somente entre os informantes de mais idade pois se referem a instrumentos antigos, muitos trazidos diretamente da Itália e que hoje, ou são de pouco uso, ou foram substituídos por outros instrumentos de fabricação brasileira que possuem formatos diferentes.

A única palavra que não apresentou nenhum acerto foi a *squatsaórt*, onde todos os informantes responderam igual ao português *regador*, embora em todos os casos com o "r" inicial simples. Mas também aqui provavelmente não se trata de abandono do vocábulo, pois esse instrumento não existia entre os agricultores no século passado, onde se usavam outros métodos para regar o quintal como, por exemplo, buscar a água com baldes ou latas no rio.

Observando também aqui o fenômeno contrário, ou seja, o da conservação de certas palavras, as que apresentaram maior número de acertos foram: *la spasaora* (geralmente com a introdução de um "i" epentético: *ispasaora*), *la sapa*, *la fôrbeze*, *el rastelo*, *la forka* e *la serla*. Estes três últimos termos são falados inclusive por monolíngues de 3ª geração da cidade em frases do português, sem ter consciência de que se tratam de vocábulos do dialeto.

3.4 ANIMAIS DOMÉSTICOS, AVES, INSETOS

Rovereto	Vigolo Vattaro	Valsugana	Português
vedél	vedél	vedélo/vedelóto	beserro
bó	bó	bó	boi
kaval	kaval	kavalo	cavalo
kavala/fatora	kavala	kavala	égua
azen	azen	muso	burro
gat	gat	gato	gato
kain	kain	kan	cachorro
pegora	pegora	piegora	ovelha
kavera/kaura	kaura	kaora/kaura	cabra
rugant/mast o	rugant	pórko/mast ²⁶³ so	porco
kunél	kunél	kuníd ²⁶³ zo	coelho
sors/pantegalm	sorzo/paltegam	el sorde	rato
tjóka	tjóka	la tjóka	gal. choca
poiat	poiat	poiato	pinto
galina	galina	la galina	galinha
gal	gal	el galo	galo
af	ava/ave	vespa/ave	abelha
farfala/striótola ²⁶⁴	farfala/pavela	farfala/paved ³⁰	borboleta
slintsala ²⁶⁵	slintsana	dzindzala	pernelongo
rain	rai?	ra?	aranha
el bis	en bis	la bisa	cobra
bisérdola	panelate	bisórdola	lagartixa
rósk/tsavat	róspo/tsavaton	róspo	sapo
tsiveta	tsiveta	tsiveta	coruja
ozelet/ozél	ozelet	uzelet	passarinho
békasóke	pikio (it)	békale? ⁷⁰ /békasóko	pica-pau

Como nos campos semânticos anteriores, também aqui temos várias palavras do dialeto que estão perdendo o uso, sendo substituídas por correspondentes do português. São elas:

La kavala é já de pouco emprego. Somente 6 dos informantes de Vigolo a usaram; nenhum da cidade. O termo preferido é emprestado do português

263 Prati assinala *konidzo* em Borgo, *konitzo* em Strigno e *kunélo* em Roncegno.

264 Azzolini fala de *pavea*.

265 Além desta forma, Azzolini cita a presença em algumas áreas do roveretano de *sdinzala* e de *zinzala*.

la égua. O mesmo se diz de *ava*, com poucos acertos entre os informantes jovens.

Também em rápido ritmo de entrada no léxico do dialeto estão os empréstimos portugueses *el pikapau*, *el rat*, *el pernelongo*: o primeiro termo somente os informantes mais idosos responderam *békasóke*; o segundo, mais difuso, foi denominado *el sors* somente por uma família da cidade e *paltegam* por um informante de Vígolo; quanto ao terceiro, o termo dialetal, dividido em duas formas em Vígolo - *dzindzala* e *slintsana* - é completamente desconhecido na cidade.

Em fase ainda mais adiantada de desaparecimento estão os vocábulos *azen* (ou *muso*), *tsiveta* e *kunél* (ou *kunidzo*). Todos os três apresentaram somente um ou dois acertos "mais ou menos" aproximados ao original: *el muzo* e *el mul*, *la sidzeta*, *el koneŷo* e *el koetjo*. Todos os outros informantes responderam igual ao português ou com algumas adaptações como *el buro* e *la korudza*. Já o termo dialetal correspondente ao português "lagartixa" foi totalmente esquecido.

Ao contrário do que se viu, os vocábulos dialetais de maior conservação neste grupo são: *el róspo*, *la tŷóka* (dito por muitos *la jóka*), *la kaora*, *el poiato*, *l'uzelet*, *el vedél*, *el gat* e *la galina*.

3.5 FRUTAS, VERDURAS

Rovereto	Vigolo Vattaro	Valsugana	Português
narans	narans	naranso	laranja
ananas(it)	ananas	ananas	abacaxi
ua	ua	ua	uva
limon	limon	limom	limão
pom	pom	pomo	maçã
fraga	fragola	fraola	morango
per	per	pero	pera
anguria(it)	anguria	anguria	melancia
pérsek	pérseg	pérsego/pérsegi	pêssego
rava rosa	karata rosa	rava rosa/rayo	beterraba
rava dzalda	rava dzalda	rava dzala ²⁶⁶	cenoura
ai	ai	aio	alho
tsigola	tsigola	tsiola ²⁶⁷	cebola
bazana verde	bazana	ttega	feijão de vagem
dzuk	dzuk	la dzuka	abóbora
patate	patate	patate	batatinhas
dzaldo	formentas	sorgo	milho
panótja/sd ₃ ad ₃ ótol	sigótol	muzegóto	soca de milho
pomidóro	pomidóro	pomidóro	tomate
fasoi	fasoi	fasólo/fasoi	feijão
peveroni	peveroni	peveroni	pimentão
melantsana(it)	melantsana	melantsana	berinjela
salata	salata	salata	alface
brókol	brókol	brókolo	couve-flor
kapus	kapus	kapuso	repolho
ravanél	ravanél	ravanélo	rabanete
nozéle americane	nozéle americane	bad ₃ id ₃ i	amendoins
lat	lat	late	leite
vim	vin	vim	vinho
sɤapa	sɤapa	sɤapa	cachaça
formai	formai	formai	queijo
rizo	ris	rizo	arroz
bira	bira	bira	cerveja

Dos termos acima, estão perdendo a forma dialetal nas gerações mais novas: *anguria*, *pomidoro*, *bira* e *peverone*, sendo substituídos por *la melansia*, *el tomato*, *la serveza* e *el pimentone*.

266 Prati fala de *rava dala*.

267 Prati, além de *ziola* falado em Borgo, acrescenta *zeola* usado em Strigno.

Em fase mais adiantada de substituição está a palavra *pom*, com somente um acerto na nossa amostra. A maioria dos falantes da cidade utiliza já *el mason*, uma adaptação do português "maçã".

Também o termo português "milho" está sendo introduzido no vocabulário dialetal de alguns informantes de 2ª geração e já se faz realidade nos de 3ª. Quanto ao "*sabugo*" do milho, a forma portuguesa aparece somente na 3ª geração da cidade, sendo utilizado pelos outros informantes uma variação de *mozogóto*, *muzegót*, *mozegót*, *muzigót*, *panótša*.

Alguns dos nomes acima tomaram já definitivamente a forma portuguesa no dialeto de Nova Trento por questão lógica: tratam-se de alimentos que não eram conhecidos entre os imigrantes na época da imigração. Assim, palavras do dialeto trentino como *ananas*, *fraga* (*fragola*, *fraola*), *rava rosa*, *rava dzalda*, *melantsana* e *nozéle amerikane* não são conhecidas em Nova Trento. Aqui se usam vocábulos emprestados do português²⁶⁸, um pouco adaptados ao dialeto : *el bakaši*, *el morango*, *le sinore*, *la beterrava*; quanto ao vocábulo

268 Da mesma forma como no dialeto trentino se usam palavras do próprio italiano para nominar esses alimentos que passaram a aparecer na mesa do camponês recentemente. Veja a semelhança das palavras apresentadas na lista com as do italiano gramatical: *ananas*, *fragola*, *rapa rosa*, *karóta* (exceção), *melandzana* e *nozéle amerikane*.

"amendoim", este não foi introduzido diretamente, mas sofreu uma evolução interessante: *amendoim* > *mandoin* > *mandolin* até chegar à forma *mandulini*, utilizada hoje pela maioria dos falantes. Nessa mesma linha, o termo *ſapa* é empregado por poucos, pois a bebida alcoólica brasileira por excelência, a cachaça, é feita com componentes diferentes daquela italiana, o que leva à adoção no dialeto de Nova Trento do novo termo *katſasa*.

Merecem atenção ainda as formas correspondentes ao termo dialetal *patate* empregadas pelos nossos informantes de Nova Trento. Alguns responderam igual, *patate*, mas a maioria *patatiŕe* ou *patate noſtrane*. A primeira forma trata-se sem dúvida de uma tradução da portuguesa "batatinha" e a segunda provavelmente de uma criação do dialeto neotrentino (*noſtrane* quer dizer "nossa") a fim de diferenciar as batatas inglesas comuns no Brasil daquelas da velha pátria. Outras tentativas de tradução são respostas como *ſigola de téſta*, com cinco ocorrências, que é um misto entre *ſigola* e "cebola de cabeça" e *fazoí de vaſe*, com quatro ocorrências, também um misto entre *fazoí bazani* e "feijão de vagem". Mas não termina aqui a aventura desta palavra, sendo que outros seis informantes responderam *fazoí de rama*. Esta trata-se talvez de

uma criação do dialeto de Nova Trento, originária dos vários formatos de feijão ainda em vagem ali existentes: curto, médio, estreito, comprido, etc (*rama* significa "ramo").

Quanto às palavras dialetais de maior difusão e resistência neste grupo assinalamos: *naransa* (na variação *laransa* e *narans*), *pérsegi*, *rizo*, *sigola*, *fazoi* e *formai*, sendo os últimos quatro de conhecimento inclusive dos informantes de 3ª geração/cidade.

3.6 COZINHA, CASA

Rovereto	Vigolo Vattaro	Valsugana	Português
la tʒéla	tʒéla	ramina	panela
padéla	padéla	padéla	frigideira
l'orél	l'orél	l'orélo	funil
la bótsa	bótsa	bótsa	garrafa
skolarol	skolapasta	kolapasta	coador de macarrão
gratarola	gratarola	gratarola	ralador
taier/tabiél	taier/tabiél	taiero	tábua ²⁶⁹
meskola	meskola	meskola	v.nota ²⁷⁰
bikera	bitʒera	la tatsa/bitʒera	copo
kikera	kikera	kikera	xícara
piat	piat	piato	prato
dzupiera	skudéla	skudéla	supeira
kanarola	menarola	rúdolo	rolo
kasa/manéstro	menéstro/kasót	menéstro	concha
kortél	kortél	kortélo	faca

269 Tábua de madeira sobre a qual se cortam os alimentos ou se deposita a polenta recém tirada do fogo.

270 Grande espátula de madeira que serve para remexer a polenta.

piron	piron	pirom	garfo
kutgar	kutgar	kutgaro	colher
paról	paról/lavez	parólo/bronzó*	caldeirão
kolinót	v.nota ²⁷¹	kolim	coador café
krasidél	tjelet/krasidél	setso, krasidél	balde
lavaman, skudéla	lavaman	bréntéla, skudéla	bacia
setjer	setgar	setjer	pia
taola	taola	taola	mesa
skansia	skansia/kredentsa	skafa/kredentsa	guarda-louça
karega	karega	karega	cadeira
spédzo	spédzo	spétso	espelho
lét	lét	léto	cama
la kula	kuna/letin	letim/kuna	berço
kamera	kamera	kamera	quarto
kozina	kozina	kozina	cozinha

Tendo sempre como parâmetro de comparação a lista acima, quatro respostas diferentes surgiram entre os nossos informantes: *la marmíta*, *la garafa*, *la koladera* e *el saket*. A primeira foi o nome que a maioria dos informantes atribuiu ao correspondente português "panela". Nenhum dos informantes neotrentinos conhecia *ramina* ou *tgela* e nenhum dos trentinos conhecia *marmíta*. Inicialmente parecia-nos estranha essa resposta, mas depois, consultando o dicionário de Tissot²⁷², sobre o dialeto de Primiero, encontramos essa palavra como sinônimo de uma "grande panela". Também em Prati, apesar de nosso informante valsuganoto não conhecer esse termo, encontramos *marmíta* como sinônimo de uma grande panela de ferro. Trata-se provavelmente de uma palavra de pouquíssimo uso como o é esse

271 O informante não conhece o nome pois não existe mais o coador de café.

272 L. Tissot. *Dizionario Primierotto*. Provincia Autônoma de Trento, 1976.

próprio recipiente, utilizado somente quando se tem que preparar comida para um grande número de pessoas, para uma comunidade. Mas no dialeto de Nova Trento, embora as panelas atuais se apresentem em uma medida menor do que aquelas antigas, o nome *marmitta* permaneceu e se estendeu para qualquer panela, de qualquer tamanho.

Quanto ao segundo termo, *la garafa*, utilizado por todos os informantes sem exceção, ou trata-se de um empréstimo do português "garrafa", ou provém da antiga palavra *caraffa* que existia em vários dialetos trentinos e que hoje quase ninguém mais a conhece²⁷³ (o objeto em si se tratava de um recipiente de vidro para a água ou para o vinho, com a barriga um pouco mais larga das garrafas normais e geralmente com cabo e bico). Se esta segunda hipótese é a correta, temos mais um exemplo do grande conservadorismo do dialeto de Nova Trento, que se utiliza de vocábulos que para o linguista ou para um falante trentino poderiam ser chamados de arcaísmos.

Já o termo *koladera* (ou ainda *skoladera* e *skoadera*) ao invés de *skolapasta* é o resultado de um "arranjo" do dialeto de Nova Trento, ou seja, de

273 O único dicionário que cita "*caraffa*" é o de Azzolini, sobre o antigo falar de Trento e Rovereto, mas como uma palavra em extinção.

uma mistura entre o verbo dialetal *kolare* (=coar) e o sufixo português *eira*.

Saket trata-se de uma outra criação do dialeto neotrentino, derivada da forma do coador de café no Brasil, forma de um "saquinho" (=saket).

Além destas criações, das palavras dialetais acima que parecem estar desaparecendo devido a introdução sempre mais frequente de correspondentes portuguesas são: *krasidél* (ou *tjelet* ou *setjo*), *skudéla*, *setjar*, *kamera* e *skansia*, *skafa* ou *kredentsa*, sendo substituídas por *el baldo*, *la basina*²⁷⁴, *la pia*, *el kuarto* e *el guarda komida*. Este último termo foi também chamado por alguns informantes de *I'armar* e ainda de *el guarda ordepi* (*Ordepi*=louças). Em uma fase mais adiantada, podem já se considerar pertencentes ao dialeto de Nova Trento os empréstimos portugueses *la faka* e *el rolo*, pois somente um informante demonstrou recordar-se mais ou menos do antecedente dialetal ao responder *el kurtel* e *el rodo*. Este último termo, aliás, encontrou várias formas nas respostas dos informantes de Nova Trento. Além do já referido *rolo*, apareceram várias frases que tentaram explicar em dialeto de qual instrumento se tratava:

274 A forma *basina* usada em Nova Trento, apesar de termos considerada aqui como evolução da portuguesa "bacia", pode também ser originária de *batsina*, do dialeto trentino, embora este termo se refira a um outro utensílio (uma espécie de fôrma para cozinhar tostas). A dúvida permanece.

"estirador de makaron", "rolo de taiadéle", "rolo de makerone", "len de stirar le taiadéle" e "kuel ke tira le taiadéle". Tem-se que considerar também que poucas famílias tem hoje a tradição de fazer a massa em casa, o que leva ao não uso desse instrumento e ao conseqüente esquecimento da palavra.

Quanto aos vocábulos de maior resistência, assinalamos neste grupo: *tabiél*, *meskola*, *karega*, *menéstro*, *taula*, *léto*, *kikera* e *biker*.²⁷⁵

3.7 FAMÍLIA

Rovereto	Vigolo Vattaro	Valsugana	Português
óm	on	ómo	homem
dóna	dóna	femena	mulher
pópo	pópo	pópo ²⁷⁶	neném
putelót	matelót	tozeto/tozeta	menino/a
putél	matél	tozo/toza/fiólo	moço/a
vétso	vétso	vétso	velho
zoven	zoven	doven	joven
d ₃ eméi ²⁷⁷	zemoi	demélo, deméi	gêmeos
pare	pare/papá	popá	pai
mare	mare	mama ²⁷⁸	mãe

²⁷⁵ Nota-se que o termo *el biker*, no dialeto de Nova Trento, mudou de gênero, provavelmente por influência do correspondente português que é masculino ou ainda por influência de dialetos de outras localidades do Trentino que utilizam as duas formas, como por exemplo no de Cembra: *el bitser/la bikiera*.

²⁷⁶ Segundo Prati, *pópo* ou *pópa* usado hoje no dialeto valsuganoto, no sentido de criança pequena/neném, é um trentinismo introduzido nos últimos anos. A palavra indígena é *tosato/tosata*.

²⁷⁷ Azzolini acrescenta ainda a forma menos usada *binel/binéla*.

²⁷⁸ Segundo Prati, *mama* e *popá* são termos recentes. A prova é o fato que essas duas formas não são usadas, ou o são pouco, por

fiol,fiola	fiol,fiola	fiolo,fiola	filho/a
zio	zio	el barba, zio	tio
zia	zia	la amia/ zia ²⁷⁹	tia
kozim/kozina	kozim/ko ina	kudzim/kudzina	primo/prima
nono	nono	nóno	avô
nóna	nóna	nóna	avó
neodo	neô	nevodo	neto
nésa	neoda	nevoda ²⁸⁰	neta
miser	miser	me misier	sogro
madóna	madóna	me madóna	sogra
nóra	nora	me nóra	nora
zendro	zendro	genero,dendre	genro
fratéł	fradél	fradélo	irmão
soréla	soréla	soréla	irmã
gwas	gudas	santolo	padrinho
gwas	gudasa	santola	madrinha
spozá/maridá ²⁸¹	spozá	maridá	casado
skapol	da spozar	da maridar	solteiro
vedof	vedov	vedovo	viúvo

Este campo semântico, junto com aquele referente aos instrumentos de agricultura, foi o que apresentou maior número de acertos. As únicas palavras que apresentam perigo de desaparecimento em curto espaço de tempo são as correspondentes aos termos portugueses: "padrinho, sogro, neto e

quem fala, ou onde se fala, um dialeto mais puro. Formas mais antigas são *pare* e *mare*. Não se sabe porém o que o autor entende neste caso por "antigo" pois, em seis casos, ocorreram *mama* e *pupá* nas respostas de informantes de 3ª geração em Nova Trento, inclusive entre aqueles de descendência valsuganota, o que vale dizer que esses dois termos eram comuns na metade do século passado.

279 *Amia* é uma forma já em desuso, como também *barba*, in Prati.

280 Também aqui Prati assinala *nevoda* como termo recente.

Inicialmente, para a neta, dizia-se *nesa*.

281 Existe um provérbio dialetal roveretano que diz "*A maridarse bisogna mudar us, mudar mus, mudar vez, mudar lavez*". É um provérbio que as camponesas diziam às suas filhas quando se casavam, saindo da própria família. Trata-se de uma simpática advertência da qual, segundo as mães, dependia a felicidade de quem se casava: ao se casar, dizia, convém mudar de teto, mudar cara, se necessário para uniformizar-se com aquela da nova família, e mudar alimentação, e modo de ser vestir e de viver, para seguir o sistema da família do marido, in Azzolini, op. cit.

primo", e respectivos femininos. *Santolo* e *santola* aparecem somente nos informantes de 1ª geração de Vigolo e em 60% daqueles de 1ª geração/cidade e 2ª de Vigolo; *miser* e *madóna* ocorre só na 1ª geração de ambas as áreas; *neodo* e *neoda* somente em três informantes de 1ª geração de Vigolo; e *kuzim* ocorre na maioria dos informantes mais idosos do interior e na metade daqueles da cidade. Em todos os outros casos, as formas adotadas são *el padriño* (ou ainda *el dindo, dindiño*), *el sogro* e *la sógra*, *el néto* e *la néta*, *el primo* e *la prima*.

Em muitos casos ocorreram ainda o emprego de *el zenro*, *el viúvo* e *el soltero* ao invés das formas dialetais *zendro* (*3enero*), *vedof* (*vedovo*) e *skapol* (*da maridar, da sposar*).

Já os vocábulos de maior acerto, inclusive na cidade, foram: *l'óm*, *la dóna*, *el pópo*, *lo zio*, *el nóno*, *maridá*, *fiol*, *pare* (em alguns casos *pupá*), *mare*, *vétjo*.

Merecem atenção ainda dois vocábulos que demonstram mais uma vez o caráter "arcaico" e conservador do dialeto de Nova Trento, cuja única referência é aquela da memória da língua falada pelos bisavós. Tratam-se dos termos *barba/amia* e *biméi* (gêmeos). Os primeiros, que Prati tinha assinalado como vozes em desuso, ocorreram em um informante de 2ª geração da cidade; o segundo (no

dialeto roveretano seria *bínéi*), assinalado por Azzolini, trata-se também de um termo antigo, e foi usado por um informante de 1ª geração de Vigolo.

3.8 DIAS DA SEMANA, MESES DO ANO, NÚMEROS

<i>Rovereto</i>	<i>Vigolo Vattaro</i>	<i>Valsugana</i>	<i>Português</i>
luni	luni	luni	segunda-feira
marti	marti	marti	terça-feira
mérkol	mérkol	mérkoli	quarta-feira
zóbia	zobia	dóbia	quinta-feira
vendro	vendro	vendri	sexta-feira
sabo	sabo	sabo	sábado
domenega	endomenega	domenega ²⁸²	domingo
d3enar	d3enar	d3enaro	janeiro
febrar	feurar	febraro ²⁸³	fevereiro
mars	mars	marso	março
april	april	aprile	abril
mad3io	mad3io	mad3io	maio
d3u7o	d3u7o	d3u7o	junho
luio	luio	luio	julho
agost	agost	agosto	agosto
setembre	setembre	setembre	setembro
otobre	otobre	otobre	outubro
novembre	novembre	novembre	novembro
disembre	disembre	disembre	dezembro
uno	uno	uno	um
do	doi	doi	dois
tre	trei	tre	três
kuatro	kuatro	kuatro	quatro
sinkue	sinkue	sinkue	cinco
sei	sei	sie	seis
séte	séte	séte	sete
óto	óto	óto	oito
nove	nove	nove	nove
deze	deze	dieze	dez
ondeze	undeze	undeze	onze
dodeze	dodeze	dodeze	doze

282 Também *dominika*.

283 Em Grigno, *febrero*. in Prati.

tredeze	tredeze	tredeze	treze
kuatórdeze	kuatórdeze	kuatórdeze	catorze
kuindeze	kuindeze	kuindeze	quinze
sedeze	sedeze	sedeze	dezesseis
dezeséte	dezeséte	dit ⁵ iaséte	dezessete
desdóto	desdóto	disdóto	dezoito
desnove	desnove	disnove	dezenove
vinte	vinti	vinti	vinte
trénta	trénta	trénta	trinta
kuaranta	kuaranta	kuaranta	quarenta
sinkuanta	sinkuanta	sinkuanta	cinquenta
sesanta	sesanta	sesanta	sessenta
setanta	setanta	setanta	setenta
otanta	otanta	otanta	oitenta
novanta	novanta	novanta	noventa
siento	sento	sento	cem
sinkuesiento	sinkuesento	sinkuesento	quinhentos
mile	mili	mili	mil

No que se refere aos dias da semana, não se verificou nenhum problema. Inclusive a metade dos informantes de 3ª geração da cidade os sabem a memória.

Quanto aos meses do ano, apresentaram respostas diferentes daquelas acima os meses "julho, abril e dezembro" onde, ao invés dos termos dialetais, está-se passando ao uso de formas entre o dialeto e o português como é o caso de *luho* e *dizembre* ou *dezembre*, ou ainda ora igual ao dialeto, ora igual ao português como é o caso da inconstância de *abril* e *april*.

Enfim, no que se refere aos números, nota-se no dialeto de Nova Trento a crescente introdução de *dizasei* e de *ki?ento* no lugar das formas *sedeze* e *sinkuesento*.

4. Percentuais de acertos

Até aqui vimos quais os vocábulos que se comportam diferentemente no dialeto de Nova Trento, tentando buscar uma explicação ou a causa. Chegou o momento, porém, de verificar a nossa hipótese inicial de que o dialeto vai se perdendo com o passar das gerações, especialmente na área urbana. Quanto à frequência de uso do dialeto já verificamos anteriormente na pesquisa sociolinguística a nítida diminuição com a mudança de um grupo ao outro: a 1ª geração interior apresentou-se em uma fase forte de bilinguismo com predomínio do dialeto; a 2ª geração interior e a 1ª da cidade em uma fase de bilinguismo equilibrado entre o uso de ambas as línguas; a 3ª interior e a 2ª cidade em fase de bilinguismo com predomínio do português, principalmente nesta última; e a 3ª geração cidade em fase completa de monolinguismo português. Resta saber neste momento se a frequência de uso do dialeto corresponde com a fluência ou grau de conhecimento da língua em cada grupo. Partimos do princípio de que quanto maior a frequência de uso, tanto maior a fluência da língua

ou, vice-versa, quanto menor a frequência, menor a fluência. Isso nos leva a pensar de início que o número de acertos de vocábulos será altíssimo na 1ª e 2ª geração do interior e na 1ª da cidade, baixo na 3ª do interior e menor ainda na 2ª da cidade, e baixíssimo na 3ª desta área.

A tabela foi organizada da seguinte maneira²⁸⁴: a primeira linha se refere ao campo semântico questionado, a segunda ao número total de vocábulos de cada campo semântico, que corresponde ao número máximo possível de acertos e a terceira corresponde às gerações; são diferenciadas ainda com os números de 1 a 5 (1ª linha vertical) as famílias. Isso nos permite identificar cada informante, confrontando as suas respostas com os dados pessoais da página 189. Cabe ainda saber que o primeiro bloco se refere ao número de acertos dos informantes de Vígolo e o segundo àqueles da cidade.²⁸⁵

284 Não fazem parte da tabela a contagem de acertos dos vocábulos referentes aos números, meses do ano e dias da semana, pois, tratando-se de elementos que se aprendem a memória - sabendo-se um, sabem-se todos - não medem, na nossa opinião, a competência dialetal.

285 A tabela vai assim lida: Na família I, no grupo de 32 palavras referentes as partes do corpo humano, o informante de primeira geração acertou 32, o de segunda 29 e o de terceira, 25. E, dessa maneira, sucessivamente.

	Corpo	Roupas	Instru.	Animais	Frutas	Cozinha	Família
T	32	29	26	26	33	30	29
F	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª
1	31 29 25	25 17 12	25 19 18	21 19 18	24 22 20	27 26 21	29 20 20
2	32 29 26	26 16 15	26 18 19	24 18 17	25 24 18	30 24 22	28 18 19
3	32 29 28	21 20 11	23 23 21	24 23 17	25 24 18	30 27 22	27 25 22
4	32 30 28	21 18 15	24 21 21	22 23 20	25 24 20	30 28 23	26 26 18
5	32 29 29	15 16 12	26 22 19	23 17 19	27 22 19	30 20 22	29 26 16
1	30 24 12	22 18 04	26 22 06	22 20 06	25 22 06	28 22 13	27 25 14
2	31 27 02	21 20 00	24 21 02	21 21 02	27 24 01	28 27 00	27 25 03
3	30 22 02	20 18 03	21 19 03	20 16 05	22 20 05	28 26 06	24 20 08
4	29 22 03	18 17 01	17 18 01	17 16 03	23 18 03	22 21 03	24 19 04
5	32 27 03	27 20 02	24 20 01	21 17 02	23 22 01	25 23 05	27 22 07

Resumindo os resultados acima, ou seja, somando os números de cada informante dos vários grupos e dos vários campos semânticos, temos o seguinte resultado: do total possível de acertos de 1025 vocábulos, os informantes de Vigolo acertaram 917 na 1ª geração, 795 na 2ª e 697 na 3ª. Já na cidade, os resultados foram 853, 741 e 139, respectivamente. Em percentuais, os acertos em cada grupo foram:

Área	1ª geração	2ª geração	3ª geração
interior	89,5%	77,6%	68%
cidade	83,2%	72,3%	13,6%

Duas últimas conclusões relacionadas aos resultados vistos anteriormante podem ser feitas a partir desse quadro:

1º) Confirma-se a nossa hipótese inicial de que a competência dialetal está diminuindo com o passar das gerações, especialmente nas novas gerações da cidade. Medindo o percentual de perda de vocabulário na passagem de um grupo a outro, temos: em Vígolo, uma queda de 11,9% na passagem da 1ª à 2ª geração e de 9,6% na passagem da 2ª à 3ª; quanto a situação da cidade, temos uma perda de 10,9% da 1ª à 2ª geração e, da 2ª à 3ª uma queda elevadíssima de 58,7%. Estes números sozinhos nos levam já a prever o futuro do dialeto de Nova Trento: se os percentuais acima são válidos para todo o grupo e não só para a nossa amostra, e um idêntico percentual de diminuição seja válido, sempre como hipótese de trabalho, para as próximas gerações podemos prever que, em Vígolo, o dialeto resistirá por muito e muito tempo, enquanto que na cidade, dentro de duas gerações, poderá se considerar definitivamente enterrado.

2ª) Relacionando estes resultados com aqueles da pesquisa sociolinguística, confirmamos a nossa hipótese de que a fluência está ligada à frequência de uso em quatro grupos: na 1ª e 2ª gerações do interior e na 1ª da cidade onde a alta frequência

de uso nas mais variadas situações cotidianas leva a uma maior conservação do léxico e consequentemente a uma boa fluência dialetal; a mesma hipótese é ainda confirmada na 3ª geração da cidade onde, em um sentido contrário, o uso exclusivo do português levou a uma aprendizagem e retenção muito baixa do vocabulário dialetal. De 1025 palavras, cinco informantes juntos acertaram somente 143, número que seria ainda menor se excluíssemos o informante da família nº 1, que é de Besenello, onde os jovens tem mais contato com o dialeto (somente este informante acertou quase a metade do total).

A mesma hipótese não foi, porém, confirmada em dois grupos: na 3ª geração do interior e na 2ª da cidade. Ambos apresentaram um percentual bastante elevado de acertos (68% e 72,3%) para quem usa o dialeto em tão poucas situações, como demonstraram no questionário sociolinguístico. Estudando o caso de cada grupo podemos, contudo, procurar uma explicação.

As crianças de Vígolo, mesmo se hoje tem maior contato com o português (escola, amigos, televisão, viagens, situações sociais, etc) estão inseridas em um ambiente particular, onde a cultura dialetal italiana é muito mais forte que aquela brasileira, seja no modo de vida e nos valores,

seja na língua. Assim, queiram ou não falar o dialeto, estão sempre em constante contato com ele, não só no ambiente familiar mas também no social (vizinhos, rua, bares, festas populares, etc), o que leva à aquisição informal e inconsciente do vocabulário dialetal.

Quanto aos informantes de 2ª geração da cidade, cabe lembrar somente um fato para se entender o alto percentual de acertos: a maioria deles teve o dialeto como língua materna, tendo os primeiros contatos com o português somente na escola, em torno dos 7 ou 8 anos de idade. Além disso, os indivíduos que hoje tem em torno de 40-50 anos, em toda a juventude deles tinham muito mais contato com o dialeto do que com o português. E quando a língua portuguesa passou a entrar maciçamente nas casas com o *boom* dos meios de comunicação e crescente substituição da língua familiar pela língua da televisão, essa geração já tinha bastante interiorizada a gramática e o léxico do dialeto. Assim, mesmo se hoje são poucas as oportunidades reais de uso dessa língua (com o partner e com antigos amigos), ele continua presente na estrutura profunda da língua destes falantes, talvez muito mais que o próprio português. Tendo já interiorizado o dialeto, as menores oportunidades de uso desta língua que a

cidade lhes oferece em relação a uma comunidade como Vígolo, não influenciaram tanto na competência dialetal destes informantes, mas sim na de seus filhos, que na família passaram a ter a língua padrão como referência e pouquíssimas situações em que possam ouvir o dialeto. Tanto é verdade que o percentual de acertos das crianças da cidade demonstrou uma queda de 58,7% em relação aos seus pais, quando a média de perda de vocabulário de uma geração à outra nos outros grupos gira em torno dos 10%.

5. Últimas considerações

Seguindo este nosso método de observação da produção dos vocábulos nos três diferentes grupos de idade pudemos, na maioria dos casos, comprovar o fenômeno da mudança. Porque para se verificar que um objeto muda é necessário observá-lo ao menos em dois momentos diferentes. Sendo a mudança um processo, considerá-la na sincronia seria, na expressão de Coseriu, uma "*contradictio in adiecto*".²⁸⁶ E com os números acima percebe-se

286 E. Coseriu, op. cit. p. 22.

realmente a diminuição de acertos de uma geração à outra.

Um fato interessante que sucede é que os próprios falantes possuem às vezes consciência dessa mudança na diacronia ou de empréstimos que o dialeto faz do português. Temos vários casos em que o informante responde em uma determinada forma e depois acrescenta que antigamente seus pais ou avós usavam um outro vocábulo. Vejamos alguns desses exemplos:

- «*el parafuzo*, mas antigamente se dizia *la guida*» (informante de 2ª geração, família II, cidade);

- «*asogero*, esti ani el era el *bekér*» (idem);

- «*arado*, ma el me póro padre dizea *versor*» (2ª geração, IV, Vígolo);

- «*primo*; esti ani se dizea *el kuzim*, ma adés non i costuma nanca pú» (2ª geração, IV, Vígolo);

- «*zórbe* ou *mudande*. Adés dizemo *zórbe*, *mudande* se dizea antigamente» (2ª geração, II, Vígolo);

- «*kama* e *léto*. É *léto* per talian mas nós chamemo di *kama*» (idem).

- «*miho*, ma el me pare el dizea *sorgo* e me mare *zaldo*» (1ª geração, IV, Vígolo).

Temos que colocar porém que a perda do dialeto, ainda que não possa ser comprovada como

tal do ponto de vista estritamente sincrônico, às vezes se refletiu em um único informante, ou seja, em um único estado da língua. São os chamados casos de «mudança em ato». Mesmo Coseriu, na sua afirmação de que só se pode comprovar a mudança na diacronia, aceita o fato de que elas podem se manifestar (embora não podendo ser comprovadas como tal) também na sincronia em certas formas «esporádicas», nos ditos «erros correntes» (do ponto de vista cultural) ou na presença, no mesmo modo de falar, de variantes facultativas (do ponto de vista funcional).²⁸⁷ "As variantes de realizações representam a manifestação da mudança na sincronia. Tudo o que ocorre como exceção ou possibilidade é um reflexo do diacrônico no sincrônico, seja como constituição de um modo novo ou como persistência de um modo antigo".²⁸⁸ Em nossa entrevista, encontramos inúmeros exemplos de "mudança em ato" do dialeto ao português: "*pomi e masoni*" (1ª geração, família II, cidade); "*la kóbra* ou *la bisá*" (2ª, III, cidade); "*bersu* ou *kuna*, ma mi digo pú *bersu*" (3ª, IV, Vígolo); "*stival o le bóte*, mas uso mais *bóte*" (3ª, II, Vígolo).

A mudança do dialeto à língua padrão, que é uma realidade no município de Nova Trento (falo

287 Idem, p. 104.

288 Idem, p. 108.

especialmente do centro urbano), não ocorre de um dia ao outro, mas trata-se de um processo bastante lento e longo, embora existam alguns exemplos, como vimos, em que nos deparamos com casos de evolução em ato e outros em que o próprio informante percebe que palavras do dialeto estão sendo substituídas por outras correspondentes da língua brasileira. Mas estes são casos esporádicos. Na maioria das vezes a mudança passa despercebida. Dessa forma, muitos empréstimos ou interferências do português no dialeto, se inicialmente ocorridos por acidente em um só locutor mas depois tendo se estendidos na fala frequente do grupo, naturalmente se estabilizaram e se tornaram comuns na fala dialetal, sem que o falante tomasse consciência desse fato. Quando um falante do dialeto usa uma palavra da língua portuguesa não como um empréstimo, mas porque ele a ouviu empregada por outros falantes, este elemento, inicialmente emprestado, passa a ser considerado como integrante do próprio dialeto. Assim, quando um indivíduo, falando dialeto, usa em suas frases palavras como *le bóte*, *el me sogro*, *el bule*, *l'avion*, *el kutuvelo*, *la kurud₃a*, *la faka*, *el mason* e muitas outras que ocorrem já na fala comum dialetal em Nova Trento, se para o linguista se trata de um efeito de interferência, de perda do dialeto, de

empréstimos, etc, para quem usa a língua pode não ser nada disso.²⁸⁹ E esse processo de interferência inconsciente não ocorre somente do português ao dialeto, mas também vice-versa. Não queremos aqui fazer um estudo do português falado em Nova Trento, mas enumeramos somente algumas palavras (substantivos, adjetivos, verbos) que os falantes neotrentinos, tanto os bilingues como os não-bilingues, empregam ao falarem em português, com a certeza de que se tratam de palavras desse sistema linguístico quando, na verdade, pertencem ao sistema lexical do dialeto e se tratam, no pensar do analista, de empréstimos. São os casos de vocábulos como: *rastél* (ancinho), *espisega* (coceira), *tabiél*, *meskola*, *menéstro*, *menéstra* (sopa de feijão), *isgiti* (excremento de galinhas), *kariola* (carrinho-de-mão), *serla* (foicinha), *nono* (avô), *gratar* (coçar), *esgisar* (esmagar), *esbragado* (desarrumado).

Através das listas de vocábulos pudemos ainda confirmar que o dialeto falado em Nova Trento é realmente do tipo roveretano e valsuganoto. Qual

289 Muitos vocábulos considerados inicialmente "erros" ou empréstimos do português são já transcritos como palavras pertencentes ao dialeto dos imigrantes inclusive no *Dicionário vêneto-riograndense*, de Alberto Vitor Stawinski, publicado pela EDUCS/ESTEF em 1987. Ali encontramos registradas palavras como: *casamento*, *tamanco*, *bacate*, *abacassi*, *almofada*, *calsoni*, *costa*, *fregheis*, *macarôn*, *quintal*, *rua*, *bariga*, *barato*, *saboneta*, *tropa*, *faca*, *dúzia*, *briga*, *bagna*, *barigudo*, *caciassa*, *serpente*, *garafa* e muitas outras presas do português.

dos dois predomina ou em que maneira convivem juntos é difícil de determinar. Sabe-se que não há uma unificação, nem uma escolha consciente de uma ou de outra forma.

Em alguns casos, o termo utilizado por certo falante corresponde àquele do lugar de origem de sua família. Assim, por exemplo, os vocábulos dialetais correspondentes aos portugueses "joelho e menino" é *gombet* e *putél* no dialeto roveretano e *gombio* e *tozeto* no valsuganoto. Analisando as respostas dos informantes da cidade, as famílias I e II, cujo sobrenome é originário da área de Rovereto, usaram as duas primeiras formas enquanto que as famílias III e V, originárias da Valsugana, utilizaram-se das duas últimas. Essa perfeita coincidência ocorre ainda com outros vocábulos e, nesse sentido, assinalamos o grande conservadorismo da família nº V da cidade, de origem valsuganota, que em 95% dos vocábulos mostrou-se coerente com a sua origem étnica.

Mas essa correspondência, no geral, não é uma regra. Em muitos casos, independentemente da origem étnica familiar, é apenas uma das duas formas que se adota definitivamente em determinada área, senão em todo o município. Assim, as formas *tirake*, *gombio* e *versor*, todas valsuganotas, são as que prevalecem em Vigolo ao invés das formas

roveretanas *spalari*, *gombet* e *piof*. Mas também palavras roveretanas se impuseram como é o caso do predomínio, em muitos casos absoluto, de formas como *rósko* (na cidade e em Vígolo), *zaldo* (na cidade), *tʒódo* (cidade e Vígolo), *putél* (em Vígolo). E em muitos outros casos, ainda, usa-se na mesma área indiferentemente tanto uma quanto a outra forma, como sucede em Vígolo com as palavras *laori* e *lavri*; *pavéla* e *farfala*; *sorgo* e *zaldo*; *putelót* e *tozeto*. É muito comum, inclusive, encontrar as duas formas na mesma família como é o caso da família nº II de Vígolo onde, na passagem de uma geração à outra, encontramos: *sorgo* > *zaldo* > *miko* ou *zinótʒo* > *dinótʒo* > *zinótʒo*. Além desta evolução com o passar das gerações, que pode levar em consideração não só a origem étnica do informante mas também a do seu partner, ocorreram outros casos em que um único informante assinalou indiferentemente as duas formas. Um exemplo é o informante de 1ª geração da família V de Vígolo que para "borboleta" e "pernilongo" respondeu respectivamente *paveio* ou *farfaia* e *slinsana* ou *zinzala*. Em outros casos nota-se ainda em alguns informantes uma certa confusão entre o emprego de uma ou de outra forma. Assim, um informante (2ª geração, família I, Vígolo) usou a forma valsuganota *tʒó* no singular, mas a roveretana

tjodi para o plural. Da mesma forma ocorreu com outro informante (19, IV, cidade) que usou *guasa* para o feminino e *santolo* para o masculino. Por fim, há o caso ainda dos informantes que tem consciência da existência de formas diversas para um mesmo vocábulo. Exemplo interessante é um informante de 2ª geração (família IV, Vígolo) que declara: *«noi kive jamemo miho; el me pare el dizea sorgo e me mare zaldo»*.

Apesar de todos esses casos e da falta de uniformização entre o uso de uma ou de outra forma lexical, observando o emprego de todos os vocábulos, de um modo geral temos a impressão de que o dialeto predominante, pelo menos no que se refere ao vocabulário, seja o valsuganoto em Vígolo e o roveretano na cidade. Se esta observação é verdadeira, pode-se afirmar então que ainda hoje, após mais de um século de distância, a origem étnica ainda influencia na escolha da língua (46% das famílias trentinas do centro urbano são originárias da área de Rovereto e 37% das de Vígolo são valsuganotas). Mas, para o momento, devido ao tamanho de nossa amostra, essa observação permanece como uma impressão, como uma outra tese a ser defendida.

CAPÍTULO V: LÍNGUA E ESCOLA

Estigmatização do dialeto

Implicações pedagógicas

O caráter "misturado" da língua dos descendentes de imigrantes (seja quando falam o dialeto, seja quando falam a língua padrão) se verifica, embora até o momento tenhamos falado somente de léxico, em todos os outros níveis linguísticos: o fonológico, o sintático e o semântico. Junto com os empréstimos, as interferências mais comuns e mais fáceis de serem detectadas são as fonéticas. Reconhece-se facilmente quando um ítalo-brasileiro abre a boca: quando fala dialeto, geralmente não produz, por exemplo, o fonema /ts/ ou /dz/ de certas palavras como "zocolo" ou "zerla", substituindo-os pelos sibilantes portugueses /s/ ou /z/, e oscila no emprego da vibrante múltipla no início de vocábulos e no uso de nasais, ambas inexistentes no dialeto; por outro lado, quando fala o português, oscila

também no emprego do /r/ múltiplo (diz caro ao invés de carro), tem dificuldades na realização do ditongo nasal /ãw/ (geralmente pronuncia /on/: avion), não vocaliza a consoante lateral final de sílaba como faz normalmente o brasileiro (diz "fralda" ao invés de "frawda"), como também tende a não reduzir para /i/ e /u/ as vogais finas /e/ e /o/. Um pouco menos visíveis, mas existentes, são as interinfluências sintáticas, ou seja, na organização das frases, e também semânticas (como por exemplo a confusão entre os verbos "levar" e "trazer", já que no dialeto ambas as ações são cobertas por um único verbo: "portar").

Esse caráter "misturado" da língua do imigrante, seja quando fala o dialeto de origem, seja quando fala a língua padrão, tem sido visto no geral de uma maneira muito negativa.²⁹⁰ Mesmo em uma cidade como Nova Trento onde a maioria da população é de origem trentina, o dialeto falado

290 Essa depreciação é percebida já nos termos que comumente se usam, inclusive por certos linguistas, para descrever os empréstimos de uma língua à outra: "contaminazione" (Leoni 1963, 215), "deformazione" (Rando 1967, 116), "parole più o meno storpiate" (Franceschi 1970, 184), "confusions of idiom" (Ryan 1973, 511), "ibrido o pasticcio linguistico" (Blengino 1977, 409). Também negativas são certas explicações como falta de cultura ou falta de consciência linguística do falante: "privi come generalmente sono di cultura e di coscienza linguistica" (Meo Zilio 1958, 425), "scarsa cultura" e "incoscienza fusione delle due lingue" (Rando 1967, 116). cit G. Rovere in Giorgio Paduan (org.) *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte II: Paesi di lingua inglese. Prime inchieste e documenti, Giunta Regionale Regione Veneto, Venezia, s/d, pp. 151-174.

pelo imigrante é muitas vezes inferiorizado e o seu português ridicularizado, inclusive pelos próprios educadores. Em termos práticos, na escola, se uma criança bilingue sente já certas dificuldades devido às interferências, a atitude incorreta dos professores ou colegas em relação à sua língua tende a agravar esses problemas. Não nos referimos somente á questões estritamente linguísticas, mas a um fato evidente e extra-linguístico que é o da *estigmatização* da criança que vem do interior do município e vai estudar no centro, por fazer uso de uma língua dita "acaipirada", "de colono". Esse julgamento, a princípio atribuído às diferenças linguísticas que a criança bilingue apresenta em relação à criança monolíngue da cidade, geralmente se estende também às diferenças comportamentais entre os grupos de zona rural e urbana, refletindo-se duplamente no processo e nos resultados escolares.

A timidez ou a mudez súbita do aluno apresentada nos primeiros anos escolares em muitos casos origina-se exatamente como consequência dessa estigmatização linguística. Muitos professores já observaram que certas crianças, extrovertidas nas brincadeiras do recreio, negam-se a falar durante as atividades de sala de aula simplesmente porque algumas de suas manifestações linguísticas lhes

trouxeram consequências desagradáveis no seu grupo, como comentários de reprovação ou risos. E o problema se agrava ainda mais porque, além das atitudes dos colegas, existe, às vezes, uma incompreensão por parte dos próprios educadores. Permito-me, para exemplificação, transcrever parte de uma entrevista com um professor-alfabetizador da escola do centro de Nova Trento, que demonstra claramente como é recebida muitas vezes a língua das crianças bilíngues do interior²⁹¹:

«...O que eu percebo é o seguinte: quando vêm crianças de fora, que eu te falei que a gente recebe crianças de fora, não é, de outras cidades, a gente percebe que é bem mais fácil ensinar o português, ou seja, alfabetizar. (...) Recebo crianças do interior... eles fazem transferências e aí eles procuram o colégio pra freqüentar a primeira série. Então a gente aí é que percebe, né, a maior dificuldade. (...) Eles são mais tímidos, eles tem dificuldade de se expressar...medo. Talvez por causa da timidez. Até inclusive a gente tem que *descer* mais em relação à nossa criança daqui, você tem que *descer* mais com a criança que vem da periferia, que vem do interior, né? Elas às vezes dizem certas expressões que a nossa criança aqui da cidade não está acostumada a ouvir. E eles então

291 Entrevista registrada com EC, 39 anos, em outubro/90.

chacoteiam, eles chacotam, eles riem. (...) A criança normalmente vem falando esse português que todo mundo fala. Sei lá, eu acho que a gente aqui, a gente fala *errado* o português. Agora como eu quero te passar esse errado é que é difícil. Às vezes é até influência do dialeto, talvez um pouco *acaipirado*, eu não sei trazido por quem. Mas o que eu percebo é essa criança que vem da periferia e depois passa pras outras daqui, né? Porque as outras passam até a falar assim. Sem querer eles soltam tal palavra (...).²⁹²

O mito do dialeto visto como corrupção da língua nacional, apesar das novas teorias e procedimentos pedagógicos diante de situações de línguas em contato - seja na área da Pedagogia, da Psicologia, da Linguística Aplicada, etc - tem ainda que ser erradicado em nossos meios escolares. Faz-se ainda hoje necessário dizer que não existem línguas superiores ou inferiores ou dialetos mais expressivos que outros. Estes, como outros julgamentos do tipo "feio" e "errado" são convenções sociais e, como tal, em si mesmas destituídas de sentido.²⁹³

292 Grifos nossos.

293 Halliday: "Os usuários e os Usos da Língua" in Halliday et alii. *As ciências linguísticas e o Ensino de línguas*. Vozes, Petrópolis, 1974, pp. 98-135.

É claro que em uma realidade bilingue como a de Nova Trento o fenômeno de interação de uma língua na outra ("interlanguage") existe e, se de um lado não deve ser estigmatizado pela escola, por outro lado não pode passar despercebido pelo educador. A dificuldade do aluno bilingue é uma realidade e, como tal, cabe ao professor auxiliá-lo. Mas não é com leis repressivas e inibidoras, como riscar de vermelho a redação do aluno ou chamar a atenção quando ele fala, que se efetua sem conflitos a assimilação de um grupo étnico. "Muitas vezes sistemas violentos para apressar o que seria um processo natural obtêm efeitos contrários. Outras só alcançam os objetivos ao preço de uma perda de valores que não são substituídos por novos."²⁹⁴ O que fazer, então?

Uma das soluções seria a de o professor dominar as duas línguas a fim de, consciente das dificuldades e das possíveis interferências, intervir de forma justa. Mas como nem sempre é possível encontrar professores bilingues, uma solução mais simples e com semelhante efeito é a proposta pela "Linguística Contrastiva", ou seja, a de fazer um estudo comparativo sistemático entre as duas línguas em questão a fim de se ter

294 A. Lenard: *À margem do dialeto trentino falado em Santa Catarina*. Jornal O Estado, Florianópolis, 31/08/1975, p. 12.

conhecimento dos possíveis casos de interferências do dialeto na língua padrão. Isso auxiliará o professor a detectar as dificuldades que poderão surgir entre os falantes bilíngues e a entender e solucionar esses problemas advindos do contato linguístico. Conhecendo a origem do problema, o educador terá subsídios para propor estratégias sócio-pedagógicas para a resolução de certas dificuldades na alfabetização, na produção de textos ou em qualquer outra atividade que tenha relação com o fator língua/dialeto.

Muitos estudos tem sido desenvolvidos a partir dos anos 60 no campo do bilinguismo e, mais especificamente, da Análise Contrastiva ou Interferências Linguísticas, sendo que um dos grandes pesquisadores nesta área é Robert Lado.²⁹⁵ Segundo Lado, uma comparação entre as duas línguas permite fazer hipóteses sobre os pontos críticos de aprendizagem ou prever possíveis "erros" que o aluno poderá cometer. Os resultados de uma análise contrastiva serão considerados como uma lista de problemas hipotéticos até que sejam validados ou não como dificuldades através da fala real dos alunos. Em conhecimento desses resultados, o

295 R. Lado: *Linguistics Across Cultures*. Ann Arbor. The Michigan University Press, 1957. Tradução portuguesa: Vozes, 1971. (E não se pode ignorar também a obra clássica "Language in Contact" de Weinreich).

professor estará mais capacitado a identificar as causas de certos problemas linguísticos, como também preliminarmente preparado a desenvolver estratégias para que o aluno os supere.²⁹⁶

Qualquer professor de Nova Trento, em particular aqueles das escolas do interior, se estiverem mais ou menos conscientes dessa situação e se prestarem um pouco de atenção à produção linguística de seus alunos, perceberão os problemas advindos da interferência do dialeto, principalmente nas aulas de português e redação. A nível fonético, como já colocamos, é fácil perceber, especialmente a dificuldade com as nasais e com o /r/ simples e múltiplo. Mas com um pouco mais de atenção, também na estrutura lexical e sintática se verificam interferências do dialeto, inclusive na escrita.

Em anexo, trazemos várias redações de crianças de 1ª a 4ª séries de duas escolas do interior de Nova Trento (uma de Vígolo e a outra do Trinta Réis), que exemplificam várias interferências dialetais no português escrito. Confere-se assim, por exemplo, nas primeiras cinco redações a ocorrência dos mesmos problemas fonéticos que ocorrem a nível oral como a

296 P. Vandresen: "Linguística Contrastiva e ensino de línguas estrangeiras" in P. Vandresen e H. Bohn: *Tópicos de Linguística Aplicada*. UFSC, Florianópolis, 1988.

dificuldade no emprego de /r/ simples ao invés do múltiplo (nas palavras "carinho", "morem", "macarão" e "churasco") nas redações 1, 2 e 3, ou então nas redações 4 e 5 a oscilação no uso das nasais /ão/ ou /am/ ("tubaram" e "ficarão" ao invés de "tubarão" e "ficaram" na redação 4 e a dúvida entre "então" e "entam", onde o aluno da redação 5 usa uma vez um, outra vez o outro, além do emprego de "dam" e de "precisão"). Embora seja pequena a nossa amostra de redações, conseguimos verificar também interferências a nível lexical. A mais evidente é a da redação nº 6, com o uso de "corona de madeira" ao invés de "rosário de madeira". Ainda nessa redação vemos a palavra "corolado", que pode ter ocorrido ou como uma simples troca dos fonemas, ou, o que é mais provável, como interferência do vocábulo dialetal "colorato". Também nas redações 7 e 8 encontramos pequenas interferências como o emprego de "beterava" e de "bianca", respectivamente. Quanto ao nível sintático, ocorrem também alguns casos interessantes, como aqueles das redações 9, 10 e 11. A frase "quando...um tigre me viu ele me correu atrás" (redação 9) é reflexo evidente da estrutura dialetal "el ma vist el ma corresto drio": tanto o uso do duplo sujeito como a anteposição do pronome "ma" (me) são típicos do dialeto trentino. Outro exemplo é a frase "Não

tenho mais nada de contar" da redação 10, que traduz literalmente a regência dialetal "non go pu nient da dir", sendo que no português o verbo "dizer" nesta frase requer a preposição "pra". Por fim, temos ainda a redação 11 com a frase "quando *que* é o dia dele"..., que também reflete a sintaxe do dialeto falado em Nova Trento "quando *que* lé el so di".

As redações rapidamente comentadas acima servem neste momento apenas para ilustrar o quanto o dialeto está presente na estrutura do português em certas localidades de Nova Trento: de 30 pequenos textos, 11 apresentaram interferências evidentes do dialeto. Isso no português escrito que, mesmo em se tratando de redações de crianças, é sempre mais elaborado que a língua falada. No nível oral, logicamente, as interferências são muito mais constantes e mais evidentes.

A problemática genérica de línguas em contato e de suas interferências nos mais variados níveis e graus precisa ser estudada para oferecer soluções que possam ser postas em prática nas escolas, para maior sucesso na aprendizagem do português em áreas bilíngues. As constantes interferências do dialeto no português, como as que ocorreram nas redações em anexo, muitas vezes são transformadas em causas da discriminação da fala da criança bilingue que vem

da área rural e que tenta se inserir num grupo diferente. Consequentemente, essa discriminação por parte dos colegas ou do professor, pode favorecer o baixo rendimento do aluno, aumentar sua timidez na sala de aula e, em casos mais extremos, levar à evasão escolar.

Com os resultados obtidos de uma análise contrastiva entre a língua padrão portuguesa e o dialeto trentino de Nova Trento, o professor terá, antes mesmo de iniciar o processo de ensino/aprendizagem, as hipóteses das prováveis dificuldades dos alunos e estará mais preparado para detectá-las. Após esta primeira etapa, terá maiores subsídios para propiciar o treinamento da regra através de exercícios apropriados. Por exemplo: os casos relacionados aos fonemas nasais e vibrantes. Não adianta nada o professor gritar, riscar de vermelho ou chamar a atenção dizendo "é com um erre, é com dois erres", como ocorre na maioria dos casos, como no depoimento a seguir:

«Por exemplo, tem uma palavra "terra" e a criança não diz. Essa semana passada, eu estava ensaiando até um canto com uma determinada turma ali do colégio e a menina dizia "tera", eu dizia "terra" e ela dizia "tera"... Mas que barbaridade!

Então...a mãe, pai, é lógico, são de origem italiana». ²⁹⁷

Muitos educadores não estão ainda preparados para trabalhar com tais situações. Interferências fonéticas desse tipo, como coloca Lado, são "pontos cegos na percepção", sendo que o falante de uma língua, escutando outra, não ouve na realidade as unidades fônicas da língua estrangeira, ou seja, da segunda língua aprendida, mas escuta as de sua própria língua. Certas diferenças fonêmicas da segunda língua passarão sistematicamente despercebidas por ele se não houver nenhuma diferença fonêmica similar em sua língua materna. Nestes casos, o aluno necessita da ajuda especial do professor para distingui-las na fala. A melhor maneira de tentar resolver problemas como o das vibrantes é através de exercícios com pares mínimos, levando o aluno a perceber as diferenças através da comparação de pares semelhantes como "carro" e "caro", primeiro em palavras isoladas, depois em frases do tipo: "Comprei um carro caro". E isso exige muito treino, inicialmente oral (repetição pelo professor, repetição pelo aluno, uso de laboratório linguístico, etc), depois relacionando os sons aos símbolos gráficos. Igual procedimento deve ser feito em relação às nasais.

297 Entrevista com EC, cit.

Quanto às interferências lexicais, também não se resolve riscando a palavra. Tem-se que fazer o aluno entender que a palavra que ele usou, por exemplo "corona", é correta quando ele fala em dialeto, e que no português existe uma outra forma correspondente. O mesmo se aplica às interferências sintáticas. O aluno tem o direito de saber os *porquês* da "caneta vermelha" ou das notas baixas em redação. Entender o seu "erro", além de receber um treinamento específico para superar as dificuldades, é o caminho mais curto à internalização da forma justa.

Na dificuldade de um estudo contrastivo entre as duas línguas, geralmente por falta de conhecimento do dialeto, resta ao professor, em uma realidade bilíngue como a de várias localidades do interior de Nova Trento, somente apresentar uma atitude mais positiva em relação ao dialeto. Uma criança que é levada a se envergonhar de sua língua sofre uma ofensa que pode marcá-la por toda vida, incutindo-lhe julgamentos desfavoráveis em relação à língua falada no ambiente familiar e, em alguns casos, abandono do dialeto e adoção consciente da língua padrão, a língua do professor, da escola, a "mais correta e mais bonita".

Se a criança bilíngue tem que aprender alguma coisa, não é o desprezo à língua de seus pais ou os

"defeitos" que ela reflete no português, mas sim uma atitude social mais positiva em relação ao seu próprio dialeto.

%%

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. Euroamericani: La popolazione di origine italiana in Brasile, Fondazioni Giovanni Agnelli, Torino, vol.III, 1987
- AZEVEDO, T. de Italianos e gaúchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul, Cátedra, Rio de Janeiro, 1982
- AZZOLINI, G. Vocabolario Vernacolo-italiano pei distretti Roveretano e Trentino (1777-1853), Provincia Autonoma di Trento, Trento, 1976
- BATTISTI, C. Lingua e dialetti nel Trentino, Trento, 1910
- BATTISTI, C. Studi di storia linguistica e nazionale del Trentino, Le Monnier, Firenze, 1922
- BOITEUX, H. C. Nova Trento, s/ed, Rio de Janeiro, 1929
- BOITEUX, L. A. Primeira página de colonização italiana em S. Catarina, Florianópolis, 1927
- BONATTI, M. Acculturazione linguistica. Il dialetto delle colonie trentine in Brasile, Museu degli Usi e Costumi della Gente Trentina - San Michele all'Adige, Manfrini, Trento, 1978
- BONI, L. A. de (org) A Presença Italiana no Brasil, vol II, EST/Fundazione Giovanni Agnelli, Porto Alegre/Torino, 1990
- BOSO, I. M. Análise Contrastiva Português/Italiano. Dificuldades do Aluno Brasileiro na Aprendizagem do Italiano, UFSC/CNPq, Fpolis, 1989 (datilografado)
- CALLADO, A. Dimensões do Bilinguismo nas comunidades de origem germânica no Estado de Santa Catarina, tese de mestrado, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1984
- CARNEIRO, J. F. Imigração e Colonização no Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, Rio de Janeiro, 1850
- COSERIU, E. Sincronia, diacronia e História. O problema da mudança linguística, Coleção Linguagem, Presença, São Paulo, 1979

- CYBEO: *"Nuova Trento. Stato di Santa Catarina (Brasile)"* in L'Italica Gens, ano I, Roma, fevereiro de 1910
- DEVOTO, G. & GIACOMELLI, G. I dialetti delle Regioni d'Italia, Sansoni Università, Firenze, 1973
- DORIAN, N. C. Language Death, University of Pensylvania Press, Philadelphia, 1981
- FIORI, N. A. Aspectos da Evolução do Ensino Público, Edeme, Florianópolis, 1975
- FISHMAN, J. A. La sociologia del linguaggio, Roma, 1975
- FRANDESCATO, G. Dalla dialettologia alla sociolinguistica. Cento anni di studi, 1974
- FRANCESCHI, T. & CAMMELLI, A. Dialetti italiani dell'800 nel Brasile d'oggi, Cultura, Firenze, 1977
- FRANZINA, A. La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX, Marsilio, Padova, 1976
- FROSI, V. & MIORANZA, C. Dialetos italianos: um perfil linguístico dos italo-brasileiros no nordeste do Rio Grande do Sul, EDCS, Caxias do Sul, 1983
- FROSI, V. & MIORANZA C. Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul, Movimento, Caxias do Sul, 1975
- GAL, S. Language shift: social determinants of linguistic change in Bilingual Austria, Academic Press, New York, 1979
- GANARINI, A. *"Questionário sobre assuntos da colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro em 12/05/1883"* in Correspondência dos arcebispos e vigários com a Pres. da Província 1878/1883, Arquivo Público do Estado de SC, Florianópolis
- GANARINI, A. Notizie di Brusque e Nuova Trento ossia delle colonie Itajaí e Príncipe Don Pedro nella provincia di S. Cattarina, G. B. Monaudi, Trento, 1880
- GROFF, L. Dizionario Trentino-italiano, Monaudi, Trento, 1982
- GROSSELLI, R. M. Vincere o Morire. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte I: Santa Catarina 1875-1900. Província Autônoma di Trento, Trento, 1986 (Tradução portuguesa de C. Mioranza e S. Luques: *Vencer ou Morrer. Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras*, UFSC, Florianópolis, 1987..

- GROSSELLI, R. M. Dove cresce l'araucaria. Dal Primiero a Novo Tyrol. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte III: Paraná 1874-1940, Prov. Autônoma di Trento, Trento, 1989
- GROSSELLI, R. M. Da schiavi Bianchi a coloni. Un progetto per le fazendas. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte IV: São Paulo 1875-1914, Prov. Autônoma di Trento, Trento, 1991
- GUMPERZ, J. Types of Linguistic Communities. Anthropological Linguistic, 1972
- GUMPERZ, J. Discourse strategies, Cambridge University Press, Nova York, 1982
- HALLIDAY, M. A. K. *"Os usuários e os usos da língua"* in HALLIDAY e outros: As ciências linguísticas e o Ensino de línguas, Vozes, Petrópolis, 1974
- HEILMANN, L. Aspetti, problemi e compiti della linguistica trentina, s/ed, Bologna, 1962
- BUARQUE de HOLANDA FERREIRA, A. Novo dicionário Aurélio, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989
- KROEBER in *"Contatos linguísticos de Weinreich"*, tradução de A. Lenard, UFSC, Florianópolis (datilografado)
- LANGACKER, R. W. A linguagem e sua estrutura, Vozes, Rio de Janeiro, 1972
- LABOV, W. Sociolinguistic Patterns, Philadelphia, 1972
- LADO, R. Introdução à Linguística Aplicada: Linguística Aplicada para professores de línguas (Linguistics Across Cultures, 1957), Vozes, Petrópolis, 1972
- LENARD, A. Lealdade Linguística em Rodeio, (dissertação de mestardo) UFSC, Fpolis, 1976
- LENARD, A. *"À margem do dialeto trentino falado em Santa Catarina"*, Jornal O Estado, Florianópolis, 31/08/1975
- LYONS, J. (org.) Novos horizontes em linguística, Cultrix, São Paulo, 1976
- LO CASCIO, V. (org.) L'Italiano in America Latina, Felice le Monnier, Firenze, 1987
- MACKEY, W. *"The description of bilingualism"* in FISHMAN, J. Readings in the sociology of language, The Hague, Mouton, 1968

- MANFRÓI, O. A colonização italiana no Rio Grande do Sul. Implicações Econômicas, Políticas e Culturais, GRAFOSUL/IEL/DAC/SEC, Porto Alegre, 1975
- MARCATO, G. URSINI, F. & POLITI, A. Modellamento sociale e linguistico. Il dialetto nella realtà contadina d'oggi, SLI 10/I, Aspetti Sociolinguistici dell'Italia Contemporanea, Bulzoni, Roma, 1977, vol. I
- MARTINET, A. Conceitos Fundamentais da Linguística, Presença, Lisboa, 1976
- MATTOS, J. A. Colonização do Estado de Santa Catarina. Dados históricos e estatísticos (1640-1916), Tip. O Dia, Florianópolis, 1917
- MEO ZILIO, G. (org.) Presenza. Cultura. Lingua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo. Parte I: America Latina. Prime inchieste e documenti, Centro Interuniversitario de Studi Veneti/Regione Veneto, 1987
- MONTEIRO, J. Nacionalização do ensino. Uma contribuição à História da Educação, UFSC, Florianópolis, 1984
- MORTARA, G. *"Línguas estrangeiras e aborígenes faladas no lar no estado de Santa Catarina"* in Revista Brasileira dos Municípios, 3, nº 11, Rio de Janeiro, 1950
- PADUAN, G. (org.) Presenza. cultura. lingua e tradizioni dei veneti nel mondo. Parte II: Paesi di lingua inglese. Prime inchieste e documenti, Giunta Regionale Regione Veneto, Venezia, s/d
- PIAZZA, W. F. A colonização de Santa Catarina, BRDES, Fpolis, 1982
- PIAZZA, W. F. Atlas histórico do estado de Santa Catarina, Secretaria da Educação, Florianópolis, 1970
- PIAZZA, W. F. Nova Trento, s/ed, Florianópolis, 1950
- PRATI, A. Dizionario Valsuganotto, Istituto per la collaborazione Culturale, Firenze, 1977
- RICCI, V. Vocabolario Trentino-italiano, Forni, Trento, 1904
- ROSOLI, G. in Studi Emigrazioni, nº 66, Centro Studi Emigrazione, Roma, 1982
- SAUSSURE, F. Curso de linguística geral, Cultrix, São Paulo, 1975
- SCHADEN, E. *"Aculturação linguística numa comunidade rural"* in Jornal de Filologia, I, Saraiva, São Paulo, 1953

- SORI, E. L'emigrazione italiana dall'Unità alla seconda guerra mondiale, Il Mulino, Milano, 1979
- STEINER, M. E. E. O Bilinguismo em áreas urbanas de colonização alemã: Um estudo em Jaraquá do Sul, tese de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1988
- TARALLO F. & ALKMIN T. Falares crioulos. Línguas em contato, Ática, São Paulo, 1987
- TARALLO, F. (org.) Fotografias sociolinguísticas, coleção Língua-gem-crítica, Pontes, Campinas, 1989
- TISSOT, L. Dizionario Primierotto, Provincia Autonoma di Trento, Trento, 1976
- TOMASINI, G. "I dialetti trentini" in Convegno per la preparazione della carta dei dialetti italiani, Samperi, Messina, 1965
- TOMASINI, G. Profilo linguistico della regione tridentina, Arti Grafiche Saturnia, Trento, 1960
- TRENTO, A. Là dov'è la raccolta del caffè. L'emigrazione italiana in Brasile 1875-1940, Antenore, Padova, 1984
- VANDRESEN, P. & BOHN H. Tópicos de Linguística Aplicada, UFSC, Florianópolis, 1988
- VANDRESEN, P. "A escola em comunidades Bilingues" in Mensagem Pedagógica, Revista da Secretaria da Educação/SC, ano V, nº 6, Florianópolis, 1971
- VANDRESEN, P. "Contatti linguistici in Brasile-Tedesco, Italiano e Portoghese" in Paralela 3: Atti del 4º incontro italo austriaco dei linguisti, GNV, Vienna, 15-18 settembre, 1986.
- VICENTINI, G. "Cambiamenti linguistici di una comunità italo-brasiliana (Dati di una ricerca sociolinguistica)" in Rassegna Italiana di Linguistica Applicata, Centro di Linguistica Applicata, nº 3, anno V, Bulzoni, Roma, 1973
- WEINREICH, U. Lingue in Contatto, tradução italiana aos cuidados de G. R. Cardona, Boringhieri, Torino, 1974
- WILLEMS, E. A aculturação dos Alemães no Brasil, Brasileira, São Paulo, 1980
- ZANELLA, F. A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió, dissertação de mestrado, UFSC, Fpolis, 1985
- ZIMMERMANN, I. Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa, dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1981

Convenhos, Anais, Revistas, Relatórios, Leis

Anais do II Encontro de Bilinguismo e variação Linguística da Região Sul, UFSC, Florianópolis, 1983

Archivio Comunale di Meano: Envelope 336, vários 1870-1879, datado 26/09/77

Atti del Convegno sui dialetti del Trentino, Fratelli Bronzetti/Centro Studi Turistici della città di Trento, Trento, 1969

Convegno per la preparazione della carta dei dialetti Italiani 16-17 maggio 1964, Samperi, Messina, 1965

Decreto-lei nº 88 de 31 de março de 1938 in Coleção de Decretos-leis de 1938, Imprensa Oficial, 1938

Decreto-lei nº 124 de 18 de junho de 1938 in Coleção de Decretos-leis de 1938, Imprensa Oficial, 1938

Decreto-lei nº 301 de 24 de fevereiro de 1939 in Coleção de Decretos-leis de 1939, Imprensa Oficial, 1939

Il Popolo Trentino, Trento, 29/06/1889

Imigração Italiana: Estudos. Anais do I e II Forum de Estudos ítalo-brasileiros. UCS/EST, Caxias do Sul, 1979

Imigração Italiana: Estudos. Conferências e debates apresentados durante o 1º e 2º Forum de Estudos ítalo-Brasileiros - 1975 e 1976, Instituto Superior Brasileiro Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP), UCS-EST, Caxias do Sul, 1979

Inspetoria de Instrução Pública: Regulamento Geral da Instrução Pública, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1914

Italica Gens. Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici. Associazione Nazionale pei Missionari Cattolici Italiana, anno I, nº 1, febbraio 1910

La Voce Cattolica, Trento, 14/02/1878

La Voce Cattolica, Trento, 10/08/1878

La Voce Cattolica, Trento, 07/07/1905

Notizie della Provincia Romana, Roma, 1925

PIDSE: Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico - Santa Catarina-Nova Trento, SEPLAN/SEICT/CEAG-SC, Florianópolis, 1990

Publicação interna do 1º Encontro sobre Bilinguismo no sul do Brasil - 19 e 20 de agosto de 1982, UFRGS, 1982

Rassegna Italiana di Linguistica Applicata, Bulzoni, Roma, anno V, nº 3, 1973

Registros do Tombo, Nova Trento, 1880-1915

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província de SC na 1ª sessão da 26a. legislatura pelo Presidente Francisco José da Rocha em 21/07/1886, Typ. Conservador, Desterro, 1886

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de SC na 2ª sessão da sua 26a. legislatura pelo Pres. F. J. da Rocha em 11/10/1887, Typ. União, 1888

Relatório Apresentado pelo 2º vice-presidente de SC Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão ao Presidente André Cordeiro de Araujo Lima em 03/01/1870, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis

Entrevistas registradas

Em Trento, no período de julho de 1991:

- Carlo Piffer, 76 anos, Besenello (região roveretana);
- Elda Bailoni, 61, Vigolo-Vattaro;
- Margherita Fedele, 60, Telve (Valsugana).

Em Nova Trento:

a) Professores, no período de novembro de 1990:

- Eunice Cadorim Bittencourt, 39, Nova Trento centro;
- Oswaldina Piazza, 61, Nova Trento centro;
- Raquel Poli de Souza, Nova Trento centro.

b) Informantes para pesquisa de campo, no período de outubro a dezembro de 1990:

a) Na área urbana:

Família I: Angelo Cipriani(89), Waldemiro Cipriani(52), Silvana Cipriani(16) (Besenello)

Família II: Luiza Cucco Sgrott(80), Oscar Sgrott(43), Lizandra Sgrott(11)

Família III: Etelvina Tomazoni(81), Mãe de Lourdes V. Feller(45), Naide Feller(20)

Família IV: Maria Dalri Gon(77), Benta Gon Darós(49), Ângela Darós(10) (Ribeirão da Velha)

Família V: Luiz Voltolini(85), Maria Voltolini Boso(52), Sonia Boso Dalri(23)

b) Em Vigolo:

Família I: Pedro Dalla Brida(73); Ivanilde Dalla Brida Bertoldi(47), Adilson Bertoldi Cassaniga(23)

Família II: Francisco Nicolodi(69), Alma Raiser Nicolodi(33), Josi Nicolodi(12)

Família II: Ida Minatti(73), Lucila Dalsasso(49), Eliani Bastiani(11)

Família IV: Rafael Pianezzer(73), Lurdes Vinotti Pianezzer(49), Jacir César Pianezzer(21)

Família V: Francisco Wisentainer(76), Ilda Wisentainer(31), Andrea Maria Minatti (09).

ANEXOS

Trinta e Três 12 de outubro de 1990

Escola Rorunda Prof. Francisco José Vall

Aluna: Marilha Terzindra Siqueira

Série 4ª

Redação



Meu Brinquedo Preferido



Meu Brinquedo preferido é o Bebêzinho e tenho um carinho para brincar dele. Eu cuido o Bebêzinho com carinho e empuro pra lá e para cá. Brinco com ele de mamãe e gosto de fazer de conta que estou fazendo comida.

Eu já levei ele para a escola e minhas amigas também gostei muito de brincar com o Bebêzinho e com as minhas amigas. Um dia eu fui brincar com minha amiga Andreia e levei o Bebêzinho eu e Andreia brincamos de mamãe e no final foi aquela confusão.

Aquele meu brinquedo é uma jóia.
que bom!
agora
brico
sempre

Andrea Piazza



J. ... 00

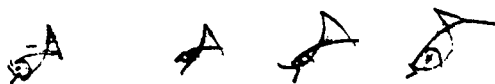
13

“ 1. 6. 57 ”

Historinha.

6 prise

6 peixe nada no lago e no rio e quando o rio está seco os peixes morrem e as aves vão na lagoa porqueto um valão perto da lagoa e as vezes quando os peixes estão na lagoa as tartarugas comem os peixes e para não comer as peixes eu sempre não peço para comer.



Escola Reunida Professor Francisco João
Tinta Reis 18 de outubro de 1990
Aluna: Pireli Dossi
Série: 3º

♥ Minha mãe ♥

Minha mãe tem cabelos pretos. Ela é muito bonita.

Ela gosta muito de mim.

O nome dela é Ermelinda ela não é muito draba.

Ela gosta de comer macarrão, galinha, polenta, churrasco, e gosta muito de tomar refrigerante.

Vigilante

Klererson monferdin - 4º

Composição: copie e continue esta história
em seu caderno

O Meu sonho

Dizendo eu fui me deitar às dez horas da
noite. Tirei um sonho muito engraçado.
Sabem qual foi?

Vou conta-lo a vocês.

Eu estava no alto de um morro quando

enquanto eu estava ali, vi que havia

uma ilha. De repente vi um navio partido

dirigindo-se a uma ilha. Desse barco

saíram uma pá, uma enxada e um

picapau e começaram a cavar.

Logo depois começaram a fazer um

canal que ia para o mar e que

era muito largo e profundo.

Logo depois começaram a fazer um

canal que ia para o mar e que

era muito largo e profundo.

Logo depois começaram a fazer um

canal que ia para o mar e que

era muito largo e profundo.

cont. Redação nº 4

des me viram a esconder e
correr atrás de mim. Eu fiquei
muito e comecei a chorar e
em volta do barquinho de velas
e me rodearam e eu comecei a
chorar. Eu fui para dentro e
depois voltei peguei a o nome
e fugi. Eles entraram no barquinho
mas eram muito pequenos. Barquinho
belismente aliado. Eles tiveram
que voltar para casa e modo
a casa e estava na estrada.
No caminho, apareceu um
tubarão, abria a boca e
avia uma moço de dezanete
anos presa entre as, e ela
brêia o tubarão e de
eu embora. Mas voltamos
para casa, e eu fiquei
com um barco de quente
anos e ficarão feliz
para sempre e eu também.
Estava muito mais na hora que eu fui me
acordar.

As aves

As aves precisam de nossa proteção, porque elas embelezam a natureza e dão o canto para nós. Então temos de tratá-las muito bem, e não matá-las, porque elas são feitas por Deus. E nós também somos feitos por Deus. Então vamos deixar as plantas para elas fazerem o seu ninho. E as aves são nossos amigos.

?

Vigolani

3.ª Série

Descrição:

O meu quarto

O meu quarto tem
um guarda-roupa.

Tem duas camas um
baú e é pintado de
verde e corado.

Tem lanchada tem
bancos pendurados.

Ele é bonito tem
uma coroa de madeira
bem grande. Tem
tapetes no chão e tem
quadros na parede.

Gracie silva

Nicolodi

4º - Diglo

Redação nº 7

Trinta Reis, 18 de Outubro de 1990
Escola. Reunido Prof. Francisco
João Valle
Aluna Odair
Série 3º

Redação:

Meu animal de Estimação

Eu tenho um coelhinho de
estimação.

Ele é branquinho e tem
uma manchinha preta

A comida preferida dele é
ração e cenoura e verdura,
repolho, alface e beterraba.

A brincadeira que eu e ele
mais gostamos é de bola

Eu venho eu e ele vamos
passar no jardim.

Escritor José Saramago

Redação

Meu Brinquedo Preferido

O meu Brinquedo Preferido
é e é uma casinha e
pilha

Eu ganhei do meu
Pai no Natal

O cor dela é branca
e ela acende as luzinhas
e ela carrega areia

Eu gosto muito dela
Eu sepi branco com
ela e eu brinco com
meu amigos

O meu sonho

Dabado eu fui, há muito tempo
bror de noite tive um sonho
muito engraçado sobre que
foi?

Eu estava no alto de um
morro quando... um tigre
me viu e me correu
atras e eu vi uma saca
de estano caída perto um
buraco pequeno e lá me
acostei porque estava
cansado. Eu disse para ficar
aquele?

podiam... mas eu não sou
meu amigo eu sou o tigre
que está a espera eu vou te
comer.

foi assim que acostei

Gum Fabiano Nicolodi
Vigolo 23 anos.

Francisco, 4º série
Delle Buda - 1990

Descrição - O meu quarto.

O meu quarto é grande e muito agradável.
Tem uma cama e uma cómoda. No meu quarto eu tenho
tudo o que preciso. Não tenho nada de mais.
Tenho um móvel. Tem um baú com dentro
os meus livros e tem também umas
máquinas de costura. Tem uns espelhos
grandes. Tem a pintura de branco tem
porta e janela. Tem um alafim grande
de Romão e marom. Tem um crucifixo
pendurado na parede. Tem uma luz de
ceu. O Xisto da iluminação todo o meu quarto.
Tem um registo de pratos que ganhou
da minha mãe. Tem um folheto de papel.
Não tenho mais nada de levar.

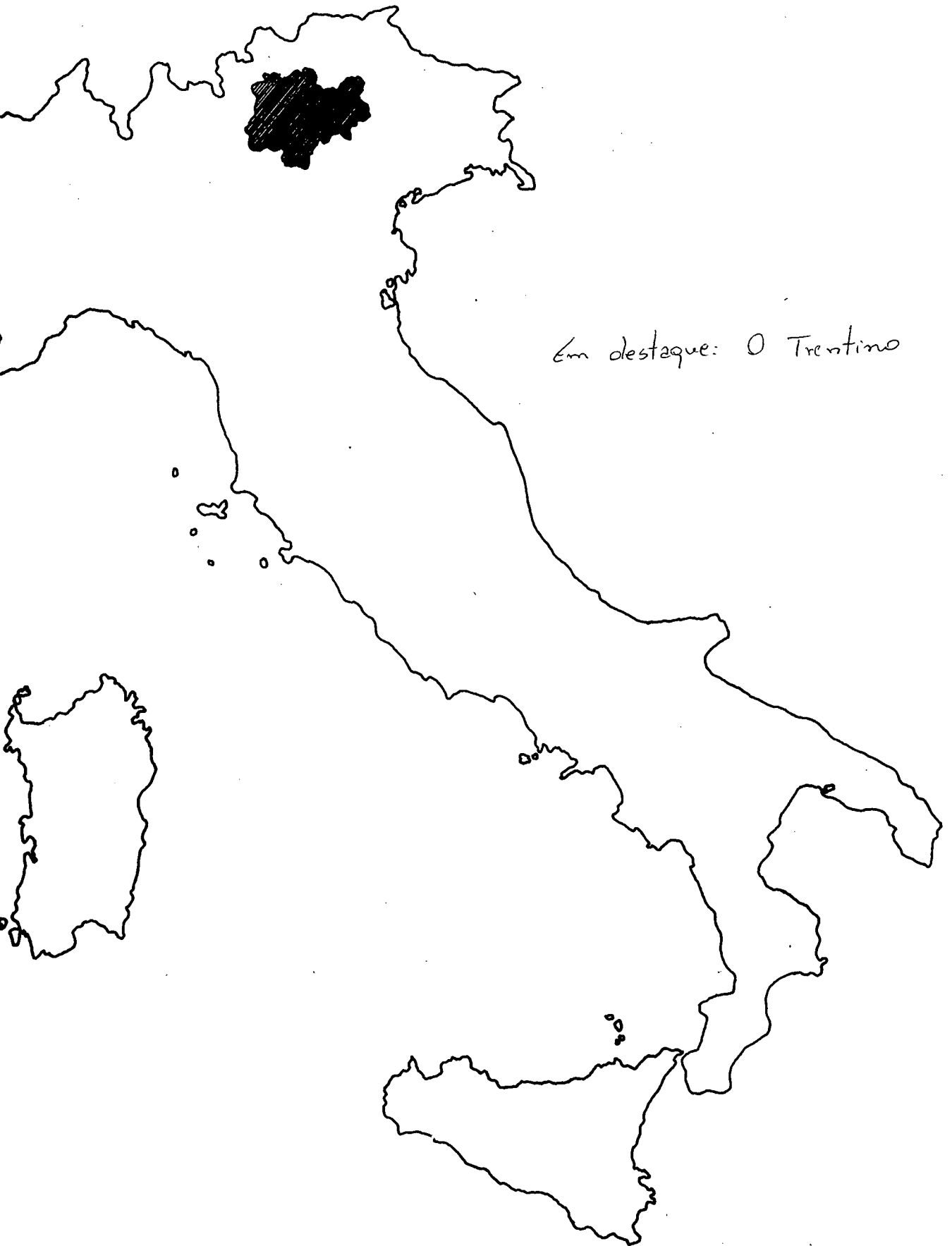
x

Escola Reunida Prof. Francisco João Vello
Trinta Reis, 18 de outubro de 1990.
Aluna - Ivana Maria Dacalvim - Série 3º

Redação

Meu Pai

Meu Pai tem olhos castanhos.
Ele gosta muito de mim.
Quando que é dia dele eu dou uma zero.
Meu Pai tem o cabelo preto.
Meu Pai trabalha para pedreiro.
Ele gosta de meus irmãos e da minha mãe.
Quando que é dia das crianças de tra-
para mim um brinquedo.
Ele é muito bonito.
Eu gosto muito de meu Pai.
Deus ajuda meu Pai.



Em destaque: O Trentino